

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE ECONOMIA E RELAÇÕES INTERNACIONAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

LUAN CORRÊA BRUM

**O PODER DAS IDEIAS E A CONSOLIDAÇÃO DOS INSTITUTOS LIBERAIS
PARCEIROS DA ATLAS NETWORK NO BRASIL: UMA ANÁLISE ACERCA DA
ASCENSÃO DE SEUS DIRIGENTES NO GOVERNO BOLSONARO**

UBERLÂNDIA - MG
2022

LUAN CORRÊA BRUM

**O PODER DAS IDEIAS E A CONSOLIDAÇÃO DOS INSTITUTOS LIBERAIS
PARCEIROS DA ATLAS NETWORK NO BRASIL: UMA ANÁLISE ACERCA DA
ASCENSÃO DE SEUS DIRIGENTES NO GOVERNO BOLSONARO**

Dissertação apresentada ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional

Linha de pesquisa: Economia Política Internacional

Orientador: Professor Dr. Filipe Almeida do Prado
Mendonça

Coorientadora: Professora Dr^a. Camila Feix Vidal

UBERLÂNDIA - MG
2022

LUAN CORRÊA BRUM

**O PODER DAS IDEIAS E A CONSOLIDAÇÃO DOS INSTITUTOS LIBERAIS
PARCEIROS DA ATLAS NETWORK NO BRASIL: UMA ANÁLISE ACERCA DA
ASCENSÃO DE SEUS DIRIGENTES NO GOVERNO BOLSONARO**

Dissertação apresentada ao Instituto de Economia e
Relações Internacionais da Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial para obtenção do
título de mestre em Relações Internacionais.

Área de concentração: Política Internacional

Linha de pesquisa: Economia Política Internacional

Uberlândia, 21 de fevereiro de 2022.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Filipe Almeida do Prado Mendonça (orientador)
Universidade Federal de Uberlândia (UFU)

Prof^ª. Dr^ª. Camila Feix Vidal (coorientadora)
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Prof^ª. Dr^ª. Tatiana Teixeira da Silva
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Prof. Dr. Pedro Lucas Dutra Salgado
Oxford Brookes University

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

B893 2022	<p>Brum, Luan Corrêa, 1996- O poder das ideias e a consolidação dos Institutos Liberais parceiros da Atlas Network no Brasil [recurso eletrônico] : Uma análise acerca da ascensão de seus dirigentes no governo Bolsonaro / Luan Corrêa Brum. - 2022.</p> <p>Orientador: Filipe Almeida do Prado Mendonça. Coorientadora: Camila Feix Vidal. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Relações Internacionais. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.143 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Relações Internacionais. I. Mendonça, Filipe Almeida do Prado, 1985-, (Orient.). II. Vidal, Camila Feix, 1980-, (Coorient.). III. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Relações Internacionais. IV. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 327</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
 Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1J - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
 Telefone: (34) 3239-4595 - www.ppgri.ie.ufu.br - secppgri@ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais - PPGRl				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, número 66, PPGRl				
Data:	21 de fevereiro de 2022	Hora de início:	16:30	Hora de encerramento:	18:47
Matrícula do Discente:	12012RIT014				
Nome do Discente:	Luan Corrêa Brum				
Título do Trabalho:	O poder das ideias e a consolidação dos institutos liberais parceiros da Atlas Network no Brasil: Uma análise acerca da ascensão de seus dirigentes no governo Bolsonaro.				
Área de concentração:	Política Internacional				
Linha de pesquisa:	Economia Política Internacional				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	INCT-INEU				

Reuniu-se por meio de tecnologia de webconferência do Instituto de Economia e Relações Internacionais, em sessão pública, da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, assim composta: Professores(as) Doutores(as): Tatiana Teixeira da Silva (IRID/UFRJ), Pedro Lucas Dutra Salgado (Oxford Brookes University), Filipe Almeida do Prado Mendonça (PPGRl/UFU, orientador) e Camila Feix Vidal (PPGRl-UFSC, coorientadora) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Filipe Almeida do Prado Mendonça - PPGRl/UFU, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovado.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Filipe Almeida do Prado Mendonça, Professor(a) do Magistério Superior**, em 21/02/2022, às 18:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Camila Feix Vidal, Usuário Externo**, em 22/02/2022, às 10:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Lucas Dutra Salgado, Usuário Externo**, em 22/02/2022, às 12:27, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Tatiana Teixeira, Usuário Externo**, em 03/03/2022, às 16:57, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3378644** e o código CRC **334EAFFD**.

Para os meus avós, Gessi e Carlos (*in memoriam*).

Disse adeus sem nem ao menos me despedir
De um jeito simples, simplesmente eternizaram-se antes mesmo de partir
Uma vida de luta enraizada no meu ser...

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha trajetória acadêmica tornei-me reflexo e refleti ao mesmo tempo o melhor das pessoas que compartilhei essa jornada. Uma jornada atravessada por uma multiplicidade de sonhos e vivências que me moldaram para o melhor que posso ser e que continuo tentando ser.

Em meio a medos e angústias potencializados por uma pandemia, encontrei em pessoas especiais e nos seus mais singelos ensinamentos a força necessária para seguir e encarar os dias mais difíceis e solitários. E nos cantos de tantos reencontros e aprendizados, tornei-me protagonista de uma linda história, da minha própria história, um sonhador que através do poder transformador da educação e de seus mestres hoje acredita ser possível tornar o mundo um lugar melhor. Contudo, não foram dias fáceis, nem mesmo batalhas sem lutas, porém, existo ao resistir e a educação é a arma da resistência de um sonhador.

E verdade seja dita, a mesma educação que quebra barreiras desconstrói fronteiras e nos aproxima em prol de uma vida melhor. Como já nos dizia Paulo Freire: “Educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. Pessoas mudam o mundo”. Ela (educação) é a nossa mais bela melodia, guiada e orquestrada por nossos mestres, que com maestria nos conduzem e nos preparam para os desafios da vida. E nesse sentido, reservo um agradecimento especial aos meus orientadores Filipe e Camila.

Meu caro amigo Filipe, você representou na minha trajetória acadêmica a certeza de estar no lugar certo ao lado de pessoas que chegam para somar e iluminar nosso caminho. Ao acreditar na ciência e no poder transformador da educação, você aproxima sonhos da realidade, transforma o distante no agora, e ao invés de “chutar a escada” constrói pontes em prol de um futuro melhor.

Minha querida amiga Camila, uma segunda mãe eternizada a partir do singelo ato de educar. Ao desconstruir barreiras erguidas no subconsciente de um simples garoto de cidade pequena, você me permitiu sonhar com a grandeza de quem aprendeu a voar, de quem aprendeu a trilhar seu próprio caminho e desse modo mudar a vida de seus pais. Sou eternamente grato, e com toda gratidão desse mundo espero um dia fazer por outras pessoas o que você fez na minha vida.

Agradeço ao programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia e a todo o seu corpo docente, em especial a todos aqueles professores que fizeram parte da minha trajetória acadêmica, e que sempre guardarei com muito carinho na minha vida.

Reservo um agradecimento especial à CAPES pelo financiamento ao longo do Mestrado e por possibilitar que eu me dedicasse exclusivamente a essa pesquisa.

Aos professores que compuseram a minha banca desde a qualificação Tatiana Teixeira e Pedro Salgado, pelos apontamentos, sugestões e contribuições a esse trabalho.

A meu querido amigo João Vitor Cepinho, por toda amizade e parceria nos melhores e até nos dias mais difíceis ao longo da minha trajetória.

A meu irmão Lucas Brum, uma das pessoas as quais mais admiro e me inspiro, sempre serei o seu irmão caçula, com a mais singela arte de copiar os seus gostos.

A Jahde Lopez, minha namorada, amiga e a melhor parceria que a vida poderia ter me destinado, sou eternamente grato por nossas aventuras, lembranças e recordações que levarei por toda a minha vida. O mundo é nosso palco meu amor e agora é nossa vez de dançar.

A minha sogra Yeda Lúcia, parceira de todas as horas, dona de moto clube e fonte de inspiração na vida de tantas mulheres.

A minha mãe Rosa Maria e ao meu pai Valério por todo apoio, incentivo, amor e por sempre terem acreditado no poder da educação, por terem abdicado de muitos dos seus sonhos por mim e por meu irmão. Das dificuldades vocês nos blindaram e fizeram da educação nossa melhor armadura. Essa conquista dedico a vocês.

A minha avó Gessi e meu avô Carlos, batalhadores que nos deixaram ao mesmo passo que eternizaram todo amor desse mundo através da criação de seus seis filhos e netos.

RESUMO

Em vista da inerente complexidade do movimento hegemônico de criação e manutenção do consentimento neoliberal na periferia e das estratégias utilizadas, este trabalho mobiliza contribuições da sociologia política de Antônio Gramsci e Pierre Bourdieu, assim como de seus proponentes no campo das Relações Internacionais (RI). Assim, o presente trabalho objetiva analisar os 16 institutos parceiros da Atlas no Brasil, focando no perfil de seus dirigentes e na forma como estes atuam na política brasileira. Desse modo, questiona-se em que medida a construção dessa rede de relações entre os dirigentes da Atlas e de seus congêneres no Brasil aponta para o surgimento de um espaço transnacional de práticas de exportação e importação de estratégias de dominação e quais seriam os seus reflexos na conjuntura nacional e na manutenção dos interesses de uma elite nacional e estadunidense. No que diz respeito ao objetivo geral, pretende-se analisar a atuação da Atlas e de seus institutos parceiros no Brasil, visando averiguar a forma como estes se organizam e se articulam, assim como possíveis intersecções entre os resultados alcançados entre estes grupos e seus dirigentes com os interesses da classe econômica dominante estadunidense. Para isso, se busca: a) examinar o perfil do conselho executivo da Atlas, principalmente dos dirigentes e membros dos seus institutos parceiros no Brasil e; b) compreender quais são os mecanismos, práticas e estratégias utilizadas por estes institutos para impactar no cenário político, econômico e social no Brasil. Em termos de hipótese, entende-se que a Atlas mediante a construção e manutenção de uma rede de alianças com seus institutos congêneres e dirigentes no Brasil, promove práticas de exportação de uma *razão de mundo neoliberal*. No que diz respeito às fontes utilizadas nesse trabalho, foi criada uma base de dados própria em relação a cada instituto e a cada categoria analisada nessa pesquisa, construída através da utilização de documentos disponíveis nos próprios sites dos institutos, da Atlas Network, de bibliografia especializada e de biografia fornecida por seus dirigentes. Contou-se ainda com o uso de softwares como NodeXL e Excel para construção de gráficos e tabelas que condensam resultados. Em termos de resultados, observou-se que a elite nacional vinculada aos institutos liberais se apropria da sustentação e suporte fornecido pela Atlas como forma de internacionalizar suas estratégias e fortalecer suas posições sociais, convertendo-as posteriormente na implementação de uma agenda neoliberal sob a égide do governo Bolsonaro.

Palavras-chave: Hegemonia; neoliberalismo; Atlas Network; Institutos Liberais; Governo Bolsonaro.

ABSTRACT

In view of the inherent complexity of the hegemonic movement of creation and maintenance of neoliberal consent in the periphery and the strategies used, this work mobilizes contributions from the political sociology of Antônio Gramsci and Pierre Bourdieu, as well as its proponents in the field of International Relations (IR). Thus, this work aims to analyze the 16 partner institutes of Atlas in Brazil, focusing on the profile of its leaders and how they act in Brazilian politics. In this way, it is questioned to what extent the construction of this network of relations between the leaders of Atlas and its counterparts in Brazil points to the emergence of a transnational space of export and import practices of domination strategies and what would be their reflexes in the conjuncture national and in maintaining the interests of a national and American elite. With regard the general objective, we intend to analyze the performance of Atlas and its partner institutes in Brazil, aiming to find out how they are organized and articulated, as well as possible intersections between the results achieved between these groups and their leaders. with the interests of the US ruling economic class. To this end, we seek to: a) examine the profile of the Atlas Executive Board, mainly of the directors and members of its partner institutes in Brazil and b) understand what the mechanisms are, practices and strategies used by these institutes to impact the political, economic and social scenario in Brazil. In terms of hypothesis, it is understood that Atlas, through the construction and maintenance of a network of alliances with its similar institutes and leaders in Brazil, promotes export practices of a *neoliberal world reason*. As regards the sources used in this work, a separate database has been set up for each institute and each category analyzed in this research, built through the using of documents available on the institutes' own websites, of the Atlas Network, specialized bibliography and biography provided by its directors. There was also the use of software such as NodeXL and Excel to construct graphs and tables that condense results. In terms of results, it was observed that the national elite linked to the liberal institutes appropriates the support and support provided by Atlas as a way to internationalize their strategies and strengthen their social positions, converting them later into implementing a neoliberal agenda under the aegis of the Bolsonaro government.

Keywords: Hegemony; neoliberalism; Atlas Network; Liberal Institutes; Bolsonaro Government.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vínculos com o movimento liberal.....	79
Figura 2 - Membros do conselho vinculados a doadores/doações da Atlas	79
Figura 3 - Estrutura-organizacional do NED.....	86
Figura 4 - Alocação de recurso público para o NED.....	87
Figura 5 - Lista de institutos parceiros da Atlas no Brasil (2021).....	131
Figura 6 - Vínculos apresentados com a SMP, Universidade de Chicago, Atlas e com redes liberais na América Latina.....	142
Figura 7 - O caso da família Ling.....	143
Figura 8 - Dirigentes e seus vínculos com o governo Bolsonaro	150
Figura 9 - Dirigentes com atuação na equipe econômica ou vínculos com a MP.....	154

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Número de indivíduos de outros think tanks neoliberais com filiação à Sociedade Mont Pelèrin	61
Tabela 2 - Membros do Atlas Network's Center for Latin America (2021)	69
Tabela 3 - Membros do conselho executivo da Atlas Network (2021)	77
Tabela 4 - Organizações latino-americanas associadas ao programa de Assessoria Legislativa na América Latina (1986-1994)	90
Tabela 5 - Organizações parceiras da Atlas que receberam financiamento do CIPE (em número de vezes que foram agraciadas) entre 2008 e 2017	94
Tabela 6 - Vínculos com o movimento liberal	110
Tabela 7 - Investimento da Rede Atlas no Brasil em 2020	132
Tabela 8 - Categorias analisadas por institutos liberais.....	135
Tabela 9 - Dirigentes e seus vínculos com o governo Bolsonaro.....	149
Tabela 10 - Lista de dirigentes de institutos liberais que participaram da reunião da MP da Liberdade Econômica	153

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Recursos recebidos pela Atlas (1998-2020).....	71
Gráfico 2 - Os vinte principais doadores da Atlas Network (1987-2017).....	73
Gráfico 3 - As vinte principais doações realizadas pela Atlas Network (1987-2017)	74
Gráfico 4 - Doações da Atlas por região (2008-2018)	75
Gráfico 5 - Entidades beneficiadas pela Atlas por região (2008-2018)	75
Gráfico 6 - Formação acadêmica	77
Gráfico 7 - Atuação profissional	78
Gráfico 8 - Orçamento do National Endowment for Democracy (1984-2020).....	88
Gráfico 9 - Orçamento do CIPE (2008-2020)	93
Gráfico 10 - Recursos destinados para a América Latina e Caribe (2008-2020).....	94
Gráfico 11 - Relação de think tanks liberais estrangeiros representados em cada edição do Fórum da Liberdade (1988-2018)	116
Gráfico 12 - Relação de países dos think tanks liberais representados	116
Gráfico 13 - Formação acadêmica.....	137
Gráfico 14 - Número de vínculos apresentados com universidades estrangeiras/estadunidenses	138
Gráfico 15 - Vínculos com universidades dos EUA.....	139
Gráfico 16 - Atuação profissional	140
Gráfico 17 - Vínculos com o movimento liberal	141
Gráfico 18 - Relação homens x mulheres por institutos liberais	145

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACILS - American Center for International Labor Solidarity
ANPES - Associação Nacional de Programação Econômica e Social
Atlas Network - Atlas Economic Research Foundation
Cedice-Libertad - Centro de Difusión del Conocimiento Económico
CEI - Competitive Enterprise Institute
CERES - Centro de Estudios de la Realidad Económica y Social
CIA - Agência Central de Inteligência
CIEEP - Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista
CIPE - Center for International Private Enterprise
CMLE – Centro Mackenzie de Liberdade Econômica
CONIL - Conselho Nacional dos Institutos Liberais
CPS - Center for Policy Studies
EPL – Estudantes pela Liberdade
EUA – Estados Unidos
FEE - Foundation for Economic Education
FIL - Fundación Internacional para la Libertad
FL – Fórum da Liberdade
FMI - Fundo Monetário Internacional
FUNDEB - Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica
GF – Guerra Fria
HACER - American Center For Economic Research
IA - Instituto Atlântico
IBEPES - Instituto Brasileiro de Estudos Econômicos e Sociais
IEA – Institute of Economic Affairs
IEE – Instituto de Estudos Empresariais
IFL – Instituto de Formação de Líderes
IHS - Institute for Humane Studies
ILA – Instituto Líderes do Amanhã
ILD - Instituto Libertad e Democracia
ILISP – Instituto Liberal de São Paulo

IL-RJ – Instituto Liberal do Rio de Janeiro
IL-RS – Instituto Liberdade
ILs – Institutos Liberais
IMB – Instituto Mises Brasil
IMIL – Instituto Millenium
INL - Istanbul Network for Liberty
IPES - Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais
IPN - International Policy Network
IRI - International Republican Institute
MBL – Movimento Brasil Livre
MEB - Movimento Endireita Brasil
MEC - Ministério da Educação
MMA - Ministério do Meio Ambiente
MRE - Ministério das Relações Exteriores
MTur - Ministério do Turismo
NDI - Democratic Institute for International Affairs
NED - National Endowment for Democracy
NFS - Network for a Free Society
OE – Observatório do Empreendedor
ONGs - Organizações Não-Governamentais
PGM – Primeira Guerra Mundial
PND - Plano Nacional de Desenvolvimento
PT – Partido dos Trabalhadores
RELIAL - Red Liberal de América Latina
RFPP - Red Federal de Políticas Públicas
RI – Relações Internacionais
SFL – Students for Liberty
SGM – Segunda Guerra Mundial
SI – Sistema Internacional
SMP – Sociedade Mont Pèlerin
TTs – Think tanks
URSS - União Soviética

USAID - United States Agency for International Development

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
Capítulo 1 - As ideias importam? Hegemonia, neoliberalismo e o papel dos think tanks na promoção do ideário neoliberal	33
1.1 A construção hegemônica	34
1.2 O poder das ideias na formação de um consenso neoliberal	43
1.3 Origens do neoliberalismo	47
1.4 O papel dos <i>think tanks</i> na promoção neoliberal	52
Capítulo 2 – Transnacionalização das redes neoliberais: As origens da Atlas Network e sua expansão ao longo dos anos	58
2.1 As origens da Atlas Network	59
2.2 Tornando o neoliberalismo uma “legislação possível”: Atlas Network e sua projeção para América Latina	65
2.3 Entendendo o circuito financeiro por trás da Atlas Network.....	71
2.4 Perfil dos membros do conselho executivo (2021).....	76
Capítulo 3 – Rastreamento a Rede Atlas no processo de terceirização da ingerência estadunidense na América Latina	81
3.1 Terceirização da política externa dos EUA e sua relação com a América Latina	82
3.2 Center for International Private Enterprise: Transmitindo recursos para os institutos parceiros da Atlas na América Latina	89
Capítulo 4 – Ofensiva neoliberal e a criação dos institutos liberais parceiros da Rede Atlas no Brasil.....	98
4.1 Surgimento dos primeiros institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil: IL-RJ e o IEE	101
4.1.1 Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ).....	106
4.1.2 Instituto de Estudos Empresariais (IEE)	112
4.2 A chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder (2003-2016): Do declínio à contra-ofensiva dos institutos liberais	120
Capítulo 5 - Mapeando os institutos liberais e a ascensão dos seus dirigentes no governo Bolsonaro.....	130
5.1 Mapeando os institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil	134
Formação acadêmica	137
Atuação profissional.....	139
Vínculos com o movimento liberal	141
Origem familiar	143
Gênero	144
5.2 Ascensão dos dirigentes de institutos liberais no governo Bolsonaro	147

CONSIDERAÇÕES FINAIS	156
REFERÊNCIAS	161
ANEXOS	179

INTRODUÇÃO

Como cientistas, pensamos que as ideias cuidam de si mesmas. Mas, a menos que você tenha pessoas com generosidade, grandes *campeões da liberdade* com grandes virtudes dispostos a devotar suas vidas para tornar essa ideia uma realidade em seus próprios territórios, às vezes ideias com reações são apenas ideias

(Alejandro Chafuen - ex-Presidente da Atlas Network, 2009) ¹².

Depois de trabalhar para o Students For Liberty e o setor privado, ele ingressou no Ministério da Economia e escreveu disposições sobre a política de livre mercado que foram assinadas pelo Presidente do Brasil. Esse é o impacto do nosso trabalho depois de pouco mais de uma década

(Wolf von Laer – CEO do Students for Liberty, referindo-se a Geanluca Lorenzon, 2019) ³.

A produção de ideias e sua capacidade de gerar consenso - caso do ideário neoliberal, se apresenta como parte imprescindível de qualquer estratégia ou operação hegemônica que vise, com o menor custo possível, fazer valer os interesses de sua classe econômica dominante sobre o restante da sociedade⁴. Por meio de um conjunto de lutas travadas no campo das ideias, o neoliberalismo vem fazendo, ao longo das últimas décadas, uso de diferentes formas e mecanismos, reconceituando debates políticos sob a disciplina do mercado, “estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 7) ⁵.

Ao invés de lançar luz acerca das condições desiguais, sejam aquelas manifestas na relação entre as nações do centro e da periferia, ou até mesmo de suas frações de classe, o neoliberalismo eterniza todo um sistema de exploração ancorado no interesse da classe hegemônica (ou dominante), tornando mediante um universo simbólico, a própria

¹ Tradução nossa.

² “Atlas origins”. Atlas Network (2009). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gKX1-bmu2a0&t=7s>> Acesso realizado em 27/11/2020.

³ Relatório anual do Students for Liberty 2019-2020. Disponível em: <<https://studentsforliberty.org/north-america/wp-content/uploads/sites/1/2020/08/SFL-FY20-Annual-Report-FINAL-WEB.pdf>> Acesso realizado em 27/11/2020.

⁴ Partindo das contribuições do marxismo clássico, entende-se que os indivíduos que compartilham posições estruturais semelhantes nas esferas produtivas e sociais (estrutura de classe), se tornam conscientes dos interesses que correspondem a estas posições. Consequentemente, o interesse da classe econômica dominante consiste na manutenção do status quo e, portanto, dos seus privilégios de classe, fazendo uso do neoliberalismo como um meio para esse fim.

⁵ O neoliberalismo é entendido aqui não apenas como uma ideologia, política econômica ou simplesmente um sistema normativo, mas sim como uma racionalidade que “produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 14).

estrutura de dominação menos perceptível no âmbito da sociedade civil (BOURDIEU, 2013). Dentro disso, torna-se pertinente examinar o papel desempenhado pelas ideias na fabricação e manutenção de um consenso neoliberal, em especial no caso da hegemonia estadunidense⁶ e sua relação com a América Latina.

Se no decorrer da Guerra Fria (GF), sobretudo na América Latina, os Estados Unidos faziam uso da força e de seus aparelhos repressivos – caso da Agência Central de Inteligência (CIA) e do Pentágono, como ferramenta de manutenção hegemônica sob a justificativa da ameaça comunista⁷ (ROBINSON, 1996; PETRAS; VELTMEYER, 2011)⁸; na contemporaneidade, o esforço de sustentação de seu domínio se dá mediante estratégias distintas, contando, especialmente com a criação de consenso por meio dos *aparelhos privados de hegemonia*⁹ (GRAMSCI, 2007). Tal estratégia, ao se apropriar de organizações da sociedade civil e da subserviência de uma elite local, materializa um tipo de *imperialismo informal* (PETRAS, 1997), tornando assim menos perceptível a própria dominação exercida pela classe econômica dominante estadunidense no âmbito da periferia. Nesse sentido, os processos de ingerência estadunidense com o fim da Guerra Fria na região continuam vigentes, porém, apresentam-se agora sob uma lógica mais indireta e menos visível se comparados àqueles que marcaram esse período.

As estratégias mudaram – antes mais visíveis sob a forma de coerção, hoje mais sorrateiras sob a forma de consenso – ainda assim, são estratégias de intervenção estrangeira de uma classe econômica hegemônica para manutenção de seus privilégios, só possível com o conluio dessas mesmas classes dominantes locais (VIDAL; BRUM, 2020).

Dentro deste quadro, tem-se observado ao longo dos últimos anos a ascensão e consolidação de uma série de institutos liberais pulverizados pela América Latina¹⁰, sendo a organização estadunidense *Atlas Economic Research Foundation* (Atlas Network) um

⁶ “Estado hegemônico” ou “hegemonia estadunidense” são tratados nesse estudo sob a luz da representação que essa instituição faz dos grupos que se constituem como hegemônicos domesticamente. Assim, o que se entende por “interesse nacional” nada mais é que o interesse privado de uma classe dominante.

⁷ Ameaça comunista foi a justificativa encontrada pelos Estados Unidos em conluio com os grupos dominantes na América Latina, para desestabilizar lideranças que se insurgiam a manutenção do status quo (PRASHAD, 2020).

⁸ Exemplo do golpe militar no Chile patrocinado pelos EUA contra o governo de Salvador Allende (PETRAS, VELTMEYER, 2011).

⁹ A sociedade civil para Gramsci (2007, p. 119) é formada por aparelhos privados de hegemonia, como associações políticas e sindicais, “deixados à iniciativa privada da classe dirigente” para educar pelo consenso.

¹⁰ O liberalismo é entendido aqui em sua acepção econômica, que se opõe conscientemente à maioria das formas de intervenção do Estado na economia, distinguindo assim, do liberalismo político prevalecente na América do Norte e equivalente a social-democracia europeia, que sustenta a intervenção e regulamentação estatal dos mercados, para fins de bem-estar social (GILL; LAW, 1988).

dos vínculos mais importantes de sustentação e assessoramento desse movimento. Se em 1991 a Rede Atlas contava com 31 institutos parceiros na América Latina (COCKETT, 1995), atualmente, essa organização já contabiliza um total de 104 institutos afiliados.

No exercício de difusão das ideias inerentes ao neoliberalismo, esses institutos aproximam dirigentes e intelectuais orgânicos¹¹ à uma elite empresarial, convertendo esse relacionamento em recursos que são canalizados na forma de treinamento, projetos, e desse modo, nas credenciais necessárias para a construção do consentimento nos principais espaços da sociedade. Estes espaços vão desde a mídia até a academia o que, por conseguinte, possibilitam que seus membros convertam a influência adquirida em uma agenda política neoliberal, que atenda aos interesses da mesma elite econômica financiadora de seus projetos. Assim, a classe econômica dominante se utiliza de estratégias de consentimento como forma de ampliar o alcance da agenda neoliberal, principalmente porque essa mantém seus privilégios e interesses privados, mesmo que para isso se aproprie da ideia de inevitabilidade e universalidade propiciados através dessa abordagem (BOURDIEU, 1998a). Como explica Milton Friedman, “o que esses institutos fazem é que eles tendem a influenciar a atitude do público em geral e eles tendem a mudar o que é politicamente lucrativo para os políticos fazerem” (FRIEDMAN in ATLAS, 1985).

Desse modo, o presente estudo visa contribuir nas Relações Internacionais (RI) uma abordagem que considere o papel desempenhado por estes aparelhos neoliberais hegemônicos e que nos ajude a assimilar o uso destes espaços enquanto mecanismos difusores de uma razão de mundo neoliberal (DARDOT, LAVAL, 2016). Assim, procura-se por meio desta pesquisa elucidar a centralidade do poder das ideias na criação de consentimento e o seu potencial para que muitas vezes a ideologia dominante seja vista no âmbito da periferia enquanto desejável e benéfica para o seu desenvolvimento, ou como destaca Bourdieu, naquelas situações em que “o imperialismo do universal se percebe como um imperialismo libertador” (BOURDIEU, 2003, p. 15).

Em vista da inerente complexidade desse movimento hegemônico de criação e manutenção do consentimento neoliberal na periferia e da diversidade de estratégias e ações político-ideológicas promovidas pelos institutos e seus dirigentes, optou-se nesse

¹¹ “São os intelectuais que decidem quais pontos de vista e opiniões devem chegar até nós, quais fatos são importantes o suficiente para nos serem contados e de que forma e de que ângulo eles devem ser apresentados” (HAYEK in SMITH, 2015).

estudo por utilizar das contribuições advindas da sociologia política, mais especificamente, dos conceitos edificados por Antônio Gramsci e Pierre Bourdieu. O uso de ambas as perspectivas sociológicas se fundamenta no fato destas transcenderem aquela noção de dominação centrada na estrutura e seus aspectos materiais, para lançar luz agora sob às condições ideológicas e simbólicas por trás dos processos que fazem do discurso neoliberal algo natural e muitas vezes de interesse geral, até mesmo dos dominados (seja de forma consciente ou inconsciente). Ademais, se utiliza aqui dos trabalhos de autores que objetivam promover a ótica sociológica desses pensadores supracitados, para a compreensão das relações internacionais, incorporando, desse modo, questões relativas à hegemonia, periferia, classes transnacionais e subordinação.

Como se observa ao longo dos últimos anos, cada vez mais surgem autores e trabalhos que visam compreender as RI sob a luz das lentes sociológicas de Gramsci e de Bourdieu. Um primeiro grupo destes autores, denominados nas Relações Internacionais como Neogramscianos, subdivide-se entre aqueles que partem de uma abordagem de Teoria Crítica para o estudo de conceitos como o da própria hegemonia ou até mesmo para repensar os conceitos de Gramsci na análise do internacional (Cox, 1981, 1993 e 2002; Gill, 1993 e 2005; Gill e Law, 1993; Morton, 2007), enquanto, por outro lado, tem-se uma série de autores dispendendo esforços para assimilar o papel desempenhado por uma classe dominante cada vez mais transnacional (Van Der Pijl, 2005; Sklair, 2009; Robinson e Sprague, 2018). Como argumenta Stephen Gill,

Há grupos de estudiosos trabalhando de maneiras que abordam algumas questões levantadas e colocadas em termos gramscianos em diferentes disciplinas, em um grande número de países. [...] O movimento em direção à extensão das ideias gramscianas ao estudo das RI, tem sido lento e recente, e envolve relativamente poucos estudos ambiciosos para definir as origens, o desenvolvimento e a dinâmica da emergente economia política global (GILL, 1993, p. 2-4).

Um segundo grupo de pesquisadores vem buscando empregar uma abordagem ancorada nas contribuições de Bourdieu para a compreensão de práticas e relações, assim como suas possíveis interações com a esfera internacional, fazendo uso de categorias como violência simbólica, campo de poder, espaço social e poder simbólico (Dezalay, 2004; Dezalay e Garth, 2002, 2011; Bigo, 2011; Bigo e Madsen, 2011; Leander, 2011; Vauchez, 2011; Adler-Nissen, 2013; Cohen, 2018). De acordo com Bigo e Madsen, “a sociologia de Bourdieu fornece um olhar diferente para o internacional que é altamente produtivo para transformar ainda mais os estudos internacionais” (BIGO e MADSEN,

2011, p. 219), o que, na perspectiva de Adler-Nissen, “nos permite explorar como as pessoas criam relações internacionais em suas atividades diárias” (ADLER-NISSEN, 2013, p. 01). A exemplo deste esforço, no livro “La internacionalización de las luchas por el poder: La competencia entre abogados y economistas por transformar los Estados latinoamericanos” (2002), Yves Dezalay e Bryant Garth fazem uso de conceitos como campo de poder para examinar a consolidação do saber econômico estadunidense importado pelas elites latino-americanas e seus reflexos para a transição do Estado neoliberal em países como Argentina, Brasil, Chile e México.

Admite-se aqui o desafio e o duplo exercício inerente ao uso de ambos os aportes sociológicos (Gramsci e Bourdieu) – tanto naquele em que se coloca em voga suas proximidades, como naquele em que se elucida os seus contrastes e afastamentos. No universo de suas proximidades, ambos se interessaram por questões associadas à dominação, sua reprodução e o papel dos intelectuais no combate às ideologias da classe dominante, ao mesmo passo que avançaram para além do materialismo histórico de Karl Marx, focando nas condições ideológicas e simbólicas para construção de seus conceitos de hegemonia e violência simbólica (BURAWOY, 2010). Além disso, ambos propuseram uma noção de Estado inteiramente conectado a sociedade civil, em torno da qual, existe uma constante luta por grupos e frações dominantes que objetivam dominar esse espaço, tanto no que se refere às suas capacidades coercitivas e de monopólio legítimo da violência física, como de seus aparatos ideológicos e simbólicos.

Já no campo das suas diferenças, são em certos conceitos, como de hegemonia em Gramsci e violência simbólica em Bourdieu, que residem alguns dos contrastes mais significativos entre ambos, principalmente no que concerne o grau de interiorização que se opera a dominação social. Se a hegemonia em Gramsci se fundamenta na produção do consentimento ativo dos indivíduos dominados, a violência simbólica é a forma pela qual Bourdieu repensa e elabora o conceito gramsciano de hegemonia (EAGLETON, 1996), residindo sua força no próprio desconhecimento da condição de dominação pela classe ou grupo dominado (BURAWOY, 2010). Ainda assim, ambos os conceitos tem uma função análoga, nos incitando a refletir sobre questões relativas à legitimidade, consentimento e a própria durabilidade da dominação de uma classe ou/e grupo sobre outro, e sobretudo no que se refere expansão deste domínio da estrutura econômica para outras dimensões da vida social.

É diante da complexidade em que se opera a dominação neoliberal e de seus mecanismos ideológicos utilizados na contemporaneidade que se entende ser necessário lançar luz sobre os conceitos de ambas as perspectivas sociológicas, visando identificar os principais aspectos e estratégias utilizadas para a efetivação do domínio de determinado grupo hegemônico sobre o restante da sociedade. Assim, mesmo diante de diferenças que giram em torno da própria profundidade em que se efetua às relações de dominação, entende-se que estas por si só não anulam o potencial de um estudo que visa compreender a operacionalidade da hegemonia neoliberal. Como destaca Michael Burawoy, “colocá-los em diálogo nos ajudará a desenvolver suas peculiaridades e pontos cegos, assim como esclarecer sua importância na compreensão da conjuntura política na qual vivemos” (BURAWOY, 2010, p. 57). Em última instância, trata-se de um esforço que busca desnudar o neoliberalismo enquanto uma racionalidade que transcende e penetra em diversas dimensões da vida social, e que sob o princípio de abstração torna apenas certos elementos da realidade enquanto elimina outros (LAVAL, 2020).

Entende-se que, por meio do referencial de uma sociologia crítica e de seus proponentes nas RI, se torna factível explorar as inter-relações intrínsecas entre as práticas desenvolvidas por grupos dominantes/dirigentes dentro de um determinado Estado e a forma como se relacionam e são transmitidas no sistema internacional (SI), cruzando linhas divisórias aparentemente “fixas” e contribuindo na construção de lealdades supranacionais entre os grupos (VAN DER PIJL, 1989, 2005). Assim como é indissociável o papel dos Estados Unidos na construção histórica da América Latina, do mesmo modo é bastante frágil um estudo acerca da subordinação latino-americana que não leve em consideração, para além da força material e coercitiva, a dimensão do consentimento e da capacidade ideológica¹² para a manutenção do modelo econômico neoliberal hegemônico.

Como destaca Gramsci, as próprias “forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais” (GRAMSCI, 1999, p. 238). Sendo assim, torna-se vital (re)pensar a dominação a partir de um exercício constante, que leve em consideração as diversas dimensões utilizadas para a conservação e reprodução do projeto hegemônico neoliberal, e

¹² Por capacidade ideológica se entende aquele conjunto de ideias – transmitidas pelos intelectuais orgânicos e por instituições sociais, que são utilizadas para persuadir a sociedade a pensar e se comportar de uma determinada forma, tornando a própria ideologia como uma concepção de mundo capaz de conduzir o sujeito à ação prática.

consequentemente dos interesses da classe econômica dominante estadunidense, principal beneficiada com a implementação dessa agenda.

Deste modo, de forma a compreender o papel dos Estados Unidos enquanto poder hegemônico, utiliza-se aqui da concepção de hegemonia desenvolvida por Gramsci, entendendo-a como um conjunto de funções de domínio e direção exercidas por uma determinada classe social dominante sobre o restante da sociedade, a qual se utilizaria de uma “combinação da força e do consenso” (GRAMSCI, 2007, p. 73). Reconhecendo, contudo, que em sua base, ou até mesmo precedendo a própria luta em torno da construção hegemônica, existem certas categorias e classificações circunscritas em um universo simbólico e ideológico, que corroboram para que certos privilégios sejam vistos enquanto naturais e benéficos pelo conjunto ou parte da sociedade, de modo que o próprio consenso não pode ser alcançado sem a integração de partes significativas das camadas marginalizadas da sociedade, que de outra forma teriam de ser reprimidas (PLEHWE, 2016).

Como observa Stephen Gill, “central para a manutenção da hegemonia é um sistema de regras baseado mais em aspectos consensuais do poder do que na coerção direta” (GILL, 2008, p. 14). Assim, a noção de consentimento passa a ocupar uma posição crucial na construção e reprodução da hegemonia estadunidense, repousando não apenas em uma distribuição particular dos meios materiais (coercitivos), mas também em um poder dirigente que unifica os diferentes interesses de sua fração de classe dominante (VAN DER PIJL, 1989).

No que diz respeito ao sistema internacional, o que se verifica é a manifestação da dominação de uma classe econômica estadunidense que encontra ressonância com outra classe econômica latino-americana, interessada em usufruir deste alinhamento para proteção de suas propriedades e privilégios frente a seus adversários de classe – “aqueles que pareciam ser aliados óbvios tiveram que ser alinhados” (PRASHAD, 2020)¹³. Ao fazer uso das condições desiguais e hierárquicas construídas frente aos países periféricos, essa mesma classe busca introduzir junto a outros grupos nacionais seus objetivos enquanto gerais e unificadores de uma vontade comum, mobilizando para isso um conjunto de valores comuns que vão desde a promoção da “democracia” à “direitos

¹³ Para uma leitura sobre o papel das elites locais sob a luz da intervenção estadunidense, ver Robinson, 1996; Schoultz, 2000 e 2018; Prashad, 2020.

humanos”. Dessa forma, a dominação da classe econômica estadunidense camufla-se em normas ou até mesmo em um ideal trans-histórico as suas particularidades, fazendo uso de uma espécie de “imperialismo cultural”, isto é, o “poder de universalizar os particularismos associados a uma tradição histórica singular, tornando-os irreconhecíveis como tais” (BOURDIEU; WACQUANT, 2002, p. 15).

Na contemporaneidade, a produção mundial é “reorganizada em novos circuitos transnacionais, ou globais, de acumulação, através dos quais os valores se movem instantaneamente” (ROBINSON, 2008, p. 25)¹⁴, permitindo à classe econômica dominante estadunidense compartilhar valores com outras classes dominantes em outros países, formando desse modo um tipo de *elite global* do poder. Essa conjuntura viabiliza que à classe hegemônica estadunidense assuma uma posição cada vez mais transnacional, disseminando suas visões de mundo e valores de uma forma muito mais interconectada, aproximando-se daquilo que Leslie Sklair definiu como sua “teoria do sistema global” (SKLAIR, 2009, p. 498)¹⁵.

Ao partir das contribuições de Robert Cox, entende-se que o domínio estadunidense não se limita a utilização da coerção através de seus recursos materiais, mas, de igual forma, do consenso e da articulação entre instituições sociais e da elaboração de ideologias voltadas à disseminação e obtenção de legitimidade de seu domínio e direção (COX, 1981; 1993). Nesse sentido, os EUA¹⁶ valem-se da institucionalização de estruturas e organismos hierárquicos de forma a promover a sua visão de mundo e a conservar as regras que sustentam o modo de produção dominante, o que permite preservar a ordem hegemônica prevalecente. De acordo com Robert Cox, “a hegemonia mundial é descrita como uma estrutura social, uma estrutura econômica e uma estrutura política; e não pode ser simplesmente uma dessas coisas, mas deve ser todas as três” (COX, 1993, p. 62). Desse modo, esse cenário nos aponta para uma dominação cada vez mais extensa e interconectada que almeja influenciar sob o maior número de países possíveis.

¹⁴ “Elites globais emergentes e capitalistas transnacionais se empenharam em dismantlar os distintos modelos associados ao capitalismo corporativo nacional e construir um novo regime global “flexível” de acumulação” (ROBINSON, 2008, p. 15).

¹⁵ “A teoria do sistema global aqui proposta é baseada no conceito de práticas transnacionais, práticas que ultrapassam as fronteiras do estado, mas não necessariamente se originam com agências ou atores estatais” (SKLAIR, 2009, p. 498).

¹⁶ Leia-se por EUA sua classe econômica dominante/dirigente.

Dentro deste quadro, o neoliberalismo, entendido enquanto uma razão de mundo (DARDOT e LAVAL, 2016), se traduz como uma importante face da estratégia de domínio e direção de uma classe hegemônica estadunidense cada vez mais transnacional, que se articula com grupos dominantes periféricos (caso da América Latina) que objetivam fortalecer suas posições sociais e salvaguardar os seus respectivos interesses e privilégios. Através dessa razão de mundo, muitas de suas ideias e valores passam a adquirir, por meio de sua manifestação e de seu poder, uma espécie de aparência de senso comum e de inevitabilidade histórica. A internacionalização e naturalização do neoliberalismo, entendido a partir de Pierre Dardot e Christian Laval como uma racionalidade, “tende a estruturar e organizar não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 15); e se configura como uma dimensão fundamental na pretensão da classe hegemônica estadunidense pela manutenção de seus interesses particulares. Como observa Achin Vanaik,

A expansão política dos Estados Unidos também pretende expandir o neoliberalismo. E expandir o neoliberalismo promove e ajuda a estabilizar o projeto de consolidação da hegemonia política estadunidense em todo o mundo mediante o recrutamento de grupos de adeptos que se beneficiam materialmente com tal expansão (VANAIK, 2010, p. 12).

Imerso nessa conjuntura, tem-se averiguado ao longo das últimas décadas um processo globalmente hegemônico de expansão e proliferação de *think tanks*, funcionando sob a forma de canais transnacionais que auxiliam e potencializam o marketing de ideias do neoliberalismo. Por meio destes espaços, se visualiza uma série de esforços que visam produzir e comercializar informações e políticas que possam penetrar no âmbito de empresas e sociedades, sendo seus projetos amplamente financiados por departamentos governamentais, corporações transnacionais e capitalistas privados, tornando desse modo, sua independência constantemente uma questão de disputa (SKLAIR, 2009).

A partir de uma espécie de “véu da neutralidade” (FISCHER; PLEHWE, 2013), estes grupos fornecem uma conexão entre a produção de conhecimento e poder, imprescindível para a fabricação de consentimento e penetração na política. Como já destacava Friedrich Hayek (1984) tais instituições possibilitam aplicar “os princípios do

livre mercado a problemas concretos de uma forma que seja inteligível para o público em geral”¹⁷. Para Salas-Porrás e Murray,

Os think tanks tornaram-se uma peça-chave na estrutura de poder nos níveis nacional, regional e global. Por seu papel intermediário, ocupam os espaços mais dinâmicos, onde interesses econômicos e políticos se sobrepõem e se entrelaçam por meio de uma intensa circulação de elites corporativas, culturais, intelectuais e políticas (SALAS-PORRAS e MURRAY, 2017, p. 13).

O exemplo abordado nessa pesquisa é o da estadunidense Atlas Network que, desde sua criação na década de 1980 por Antony Fisher (anteriormente aconselhado por Hayek), vem atuando enquanto um *cluster* de *think tanks*¹⁸, fornecendo apoio logístico e financeiro para a criação e a manutenção de institutos neoliberais “parceiros” espalhados pelo mundo. Em seminário realizado pela Atlas em 2002 na aldeia de Key Biscayne, localizada no estado da Flórida, Alejandro Chafuen, presidente da organização na época, destacou que a Atlas promove as liberdades individuais “ajudando a criar institutos e descobrindo o que chamamos de empreendedores intelectuais dispostos a apoiar a criação de programas educacionais em prol de uma sociedade livre” (CHAFUEN, 2002, p. 02). De acordo com informações contidas no seu site, a Atlas possui um total de 461 institutos parceiros em 97 países distribuídos pelo globo, enquanto a América Latina e Caribe compreende ao todo 104 institutos, sendo a terceira região com maior número de organizações parceiras, ficando atrás apenas dos “Estados Unidos” e da “Europa e Ásia Central” (Atlas, 2021). Como destaca Karin Fischer,

A Atlas opera como organização guarda-chuva. Por um lado, fornece a empreendedores de *think tanks* quantias significativas de dinheiro para início de projetos e conselhos, ao mesmo tempo em que os conecta com os doadores. Por outro lado, a rede integra os seus membros por intermédio de eventos conjuntos, como os Fóruns Regionais da Liberdade, bolsas de viagem e prêmios. Ao desenvolver uma academia de primeira e um curso de MBA para executivos, aumenta o caráter profissional das atividades do *think tank* e de seu pessoal em todo o mundo (FISCHER, 2018, p. 11).

Além disso, a Atlas e seus institutos congêneres fornecem um ambiente próspero para que distintas coalizões do neoliberalismo transmitam suas pautas na forma de um

¹⁷ Entrevista concedida por Friedrich Hayek em 1984 para James U. Blanchard III. Disponível em <<https://www.cato.org/policy-report/may/june-1984/exclusive-interview-fa-hayek>> Acesso realizado em 08/01/2021.

¹⁸ A noção de *think tank* adotada nessa pesquisa é oposta às abordagens marcadamente institucionalistas e mais tradicionais, que enfatizam o caráter não-governamental destes espaços tomando-os como “vozes independentes” (McGann, 2007) ou como uma comunidade de formuladores de políticas geralmente apartidários e sem fins lucrativos (Abelson, 2018). O enfoque aqui é sociológico, e consequentemente voltado a assimilar às ideias e os indivíduos que se utilizam destes espaços para difundirem seus interesses na forma de consenso na sociedade e na política.

verdadeiro “princípio de dominação legítima” (BOURDIEU, 2007), convertendo suas estratégias em políticas públicas ancoradas na disciplina do mercado e dos interesses de seus promotores. Para isso, se utiliza da concentração de conhecimento, informação e forte presença na mídia, assim como da elaboração de relatórios e propostas que são encaminhadas para legisladores visando influenciar a agenda política do país (SALAS-PORRAS e MURRAY, 2017).

Em termos de financiamento, embora a Atlas se apresente formalmente como uma organização privada, na prática observa-se que boa parte de seus recursos advém do Departamento de Estado dos Estados Unidos, mais especificamente de organismos como o *National Endowment for Democracy* (NED) e o *Center for International Private Enterprise* (CIPE). Tais organizações, mesmo sendo apresentadas enquanto não-governamentais, foram criadas pelo governo dos Estados Unidos e constam como um dos principais mecanismos de repasse de recursos públicos para a Atlas e seus institutos parceiros, partindo da premissa que se o dinheiro público for filtrado por um número suficiente de camadas burocráticas, transforma-se em financiamento “privado” (CONRY, 1993 apud GUILHOT, 2003).

Nesse sentido, a Atlas, sob a missão de promover um trabalho de “educação econômica”¹⁹ junto a seus institutos parceiros e dirigentes, vem atuando na América Latina de modo a influenciar na implementação de agendas econômicas ancoradas nos preceitos neoliberais, ao mesmo passo que busca promover uma deslegitimação daquelas políticas associadas à esquerda. A exemplo disso, desde 1998 o Cedice-Libertad (parceiro da Atlas na Venezuela), vem canalizando recursos advindos tanto do NED como do CIPE para promover estratégias que visam desestabilizar os governos de esquerda naquele país (GOLINGER, 2005). Em relação ao Brasil, há que se considerar o papel desempenhado pelo Movimento Brasil Livre (MBL) - braço informal do Estudante pela Liberdade (parceiro da Atlas) - nas mobilizações e atividades promovidas em prol do impeachment da então presidenta Dilma Rousseff (AHARONIAN; RANGEL, 2018; FANG, 2017), assim como de outros aparelhos hegemônicos neoliberais. A partir do trecho abaixo, retirado do relatório do *Atlas Network’s Center for Latin America*, fica nítida tamanha influência alcançada por seus institutos e dirigentes parceiros no Brasil,

¹⁹ De acordo com os formulários 990 da Atlas (imposto de renda), a instituição se caracteriza como uma organização sem fins lucrativos que busca “educar economicamente” indivíduos e sociedades dentro e fora dos Estados Unidos.

Jair Bolsonaro ganhou a presidência do Brasil usando uma fórmula populista clássica - e com retórica feia que não conquista fãs entre a comunidade liberal clássica. Para seu crédito, no entanto, sua equipe econômica tem sido excelente no avanço da reforma da previdência, desencadeando o crescimento econômico por meio da desregulamentação e privatizando a Eletrobras, a maior empresa de serviços públicos da América Latina. Parte do crédito vai para instituições como o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), que desenvolveu tantos especialistas no livre mercado que agora desempenham papéis influentes na sociedade brasileira; eles agora são complementados por outros líderes enérgicos de um movimento jovem pela liberdade no Brasil (Atlas Network's Center for Latin America, 2019, p. 04)²⁰.

Como resultado dos esforços da Atlas e de seus dirigentes ao longo dos últimos anos, tem-se atualmente no Brasil um total de 16 institutos “parceiros”, sendo eles: Instituto de Estudos Empresariais (RS), Instituto Liberdade (RS), Instituto Atlantos (RS), Instituto de Formação de Líderes (MG, SP e SC), Instituto Liberal (RJ), Instituto Liberal de São Paulo (SP), Instituto Mises Brasil (SP), Instituto Millenium (RJ), Instituto Líderes do Amanhã (ES), Livres (RJ), Centro Mackenzie de Liberdade Econômica (SP), Observatório do Empreendedor (SC), Estudantes pela Liberdade (SP) e o Instituto Livre para Escolher (PR) (Atlas, 2021).

Em termos de recorte espacial, optou-se por analisar os 16 institutos parceiros da Atlas no Brasil, enfocando principalmente no perfil de seus dirigentes e a forma como estes se relacionam com a política brasileira. A criação dos primeiros institutos parceiros da Atlas no Brasil – Instituto Liberal do Rio de Janeiro (1983) e o Instituto de Estudos Empresariais (1984)²¹, marcou o início da consolidação de uma série de aparelhos privados de hegemonia difusores do neoliberalismo no país, com maior proliferação nos anos de governo do Partido dos Trabalhadores (2003-2016). Se antes da ascensão do PT no governo existia apenas três institutos, ao final deste período a Atlas já contava com um total de dez institutos parceiros no país, desde aqueles fundados durante o período de redemocratização, como os que surgiram durante os governos de Luis Inácio Lula da Silva (2003-2011) e Dilma Rousseff (2011-2016), assim como no período que antecede a chegada de Jair Bolsonaro à presidência. De acordo com Fischer, os “combatentes da liberdade” afiliados à Atlas “tornaram-se os principais organizadores contra o Partido dos Trabalhadores (PT) e a presidência de Dilma Rousseff” (FISCHER, 2018: 09), o que

²⁰ Center For Latin America, Atlas Network – Annual Report 2019. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/misc/CLA-Annual-Report-2019-web.pdf>> Acesso realizado em 08/09/2019.

²¹ Ambos os institutos, entendidos como o primeiro momento de surgimento dos institutos liberais parceiros da Atlas Network no Brasil foram analisados no âmbito da monografia.

posteriormente, se manifestaria na ascensão de seus dirigentes e membros à cargos no governo e na equipe econômica do Jair Bolsonaro.

Nas palavras do ex-presidente da Atlas Network (1991-2017) e mentor da versão estadunidense Students for Liberty (SFL), o argentino radicado estadunidense, Alejandro Chafuen, ao se referir ao contexto de eclosão dos institutos liberais no Brasil destacou que - “surgiu uma abertura – uma crise – e uma demanda por mudanças, e nós tínhamos pessoas treinadas para pressionar por certas políticas” (CHAFUEN apud FANG, 2017). Em linhas gerais, Chafuen se refere ao cenário de crise provocadas tanto pela queda do preço das commodities quanto dos escândalos de corrupção associados ao PT. Já quando da chegada de Bolsonaro à presidência, Chafuen conclui que “o Brasil tem uma equipe dos sonhos em questão de livre mercado. [...] Tive o privilégio de colaborar anteriormente com *think tanks* associados a indivíduos talentosos que agora são ministros da economia, da educação e do meio ambiente”²². São os casos do Ministro da Economia Paulo Guedes, um dos fundadores do Instituto Millenium e do ex-Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles, fundador do Movimento Endireita Brasil (parceiro da Atlas no ano de 2012). Escrevendo durante o governo Trump, para Chafuen “a visão de Salles é muito parecida com a que existe na atual Casa Branca: a segurança da propriedade privada e a prosperidade podem andar de mãos dadas com um meio ambiente melhor [...] o progresso, entretanto, não deve ser sacrificado nos altares verdes das burocracias ambientais globais” (Ibidem).

A partir desta contextualização, questiona-se aqui de que forma a atuação da Atlas, a partir de seus institutos parceiros no Brasil, representa uma extensão dos interesses estadunidenses e de sua respectiva classe dominante econômica. Ou até mesmo, em que medida a construção dessa rede de relações entre os dirigentes da Atlas e de seus congêneres no Brasil aponta para o surgimento de um espaço transnacional de práticas de exportação e importação de estratégias de dominação, e quais seriam os seus reflexos na conjuntura nacional e na manutenção dos interesses de uma elite nacional e estadunidense.

²²“Como MP de Bolsonaro pode impulsionar o livre mercado” - Disponível em: <<https://forbes.com.br/negocios/2019/05/como-mp-de-bolsonaro-pode-impulsionar-o-livre-mercado/>> Acesso realizado em 24/09/2020.

“The New Brazil: Philosophical Divisions Should Not Hinder Bolsonaro's Free Society Agenda” - Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/alejandrochafuen/2019/02/19/the-new-brazil-philosophical-divisions-should-not-hinder-bolsonaros-agenda/?sh=f0f509c47ec6>> Acesso realizado em 24/09/2020.

No que diz respeito ao objetivo geral, pretende-se analisar a atuação da Atlas e de seus institutos parceiros no Brasil, visando averiguar a forma como estes se organizam e se articulam, assim como possíveis intersecções entre os resultados alcançados entre estes grupos e seus dirigentes com os interesses da classe econômica dominante estadunidense. Em termos de objetivos específicos se busca: a) examinar o perfil do conselho executivo da Atlas e principalmente dos dirigentes e membros dos seus institutos parceiros no Brasil, focando, desse modo, no conjunto de suas respectivas trajetórias sociais, tendo em vista que o capital social é extremamente importante para determinar quem será capaz de participar das redes transnacionais e ser o porta-voz de sua respectiva fração dominante, revertendo seu respectivo capital nos cenários públicos domésticos (DEZALAY e GARTH, 2002) e; b) compreender quais são os mecanismos, práticas e estratégias utilizadas por estes institutos para impactar no cenário político, econômico e social no Brasil.

Em termos de hipótese, entende-se que a Atlas, mediante a construção e manutenção de uma rede de alianças com seus institutos congêneres e dirigentes no Brasil, promove práticas de exportação de uma *razão de mundo neoliberal*. Utiliza-se, para tanto, de uma estratégia que reconceitua e altera os rumos políticos do país sob a égide da disciplina do mercado e dos interesses de uma classe econômica dominante estadunidense, que encontra apoio em uma elite nacional que pretende, através deste relacionamento, fortalecer suas posições sociais e, conseqüentemente, ter os seus interesses representados na política. A partir deste relacionamento, constroem-se conexões entre importadores, aqueles que importam e se apropriam dos preceitos neoliberais na periferia, e os exportadores, que usam de uma série de práticas transnacionais para exportar os valores neoliberais a partir do centro. Assim, entende-se a Atlas e seus institutos parceiros como mecanismos indiretos de conservação e reprodução da hegemonia de uma classe econômica dominante estadunidense no Brasil, que ao receber recursos advindos de Washington, desenvolvem uma ampla gama de práticas político-pedagógicas que impactam diretamente os rumos políticos no país em prol da institucionalização do neoliberalismo.

Por intermédio desta pesquisa, se pretende potencializar e contribuir para uma literatura ainda incipiente acerca dos institutos liberais que se encontram em campos de conhecimento como Ciências Sociais, História e Relações Internacionais (Gros, 2003; Casimiro, 2016, Baggio, 2016, Rocha, 2018, Friderichs, 2016, 2019; Faria, 2017; Faria e

Chaia, 2020, Araldi, 2020, dentre outros), acrescentando agora de uma análise que contemple conceitos como hegemonia, periferia, classes transnacionais e subordinação. Assim, ainda que imprescindível no âmbito deste trabalho, essa literatura não dá conta de explicar a atuação dos institutos liberais como um processo de características em escala internacional, no qual envolve interconexões não somente entre a Atlas, institutos liberais e seus dirigentes, mas também entre as classes dominantes em perspectiva transnacional.

Desse modo, o presente trabalho visa contribuir com uma literatura nacional sobre os institutos liberais que possa vislumbrar e auferir as nuances que circundam este complexo jogo de forças no seio da sociedade, assim como as suas vinculações com forças externas que se impõe sobre a região através de um discurso neoliberal fatalista que promove uma separação de suas premissas com o mundo das consequências. Trata-se de, como já nos alertava Bourdieu (1998), “mostrar como a circulação das ideias é lastreada por uma circulação de poder”, de modo que certas “ligações ocultas entre pessoas que habitualmente trabalham isoladas aparecem à luz do dia, mesmo que sejam vistas duas a duas nos falsos debates da televisão” (BOURDIEU, 1998a, p. 45). Nesse sentido, buscase expor a rede de relações que vinculam e aproximam indivíduos com disposições e trajetórias similares, que encontram nos institutos liberais, espaços fundamentais para a difusão de suas concepções de mundo e a consecução de seus interesses na sociedade.

Uma das preocupações que se tem nesse trabalho, refere-se no desenvolver de uma metodologia que confronte a teoria e a prática, ao trazer conceitos para exemplos empíricos (MORTON, 2007) tornando estes inseparáveis não apenas entre si, mas de igual forma do problema que se pretende investigar. Assim, parte-se da noção desenvolvida por Bourdieu e Wacquant de que “a teoria sem pesquisa empírica é vazia; a pesquisa empírica sem teoria é cega” (BOURDIEU e WACQUANT, 1992, p. 162). Dessa maneira, como ferramentas metodológicas em nossa análise, se buscará examinar a partir de certos parâmetros o perfil dos institutos parceiros da Atlas no Brasil partindo de informações relacionadas aos seus quadros (membros, diretorias, especialistas, associados, entre outros) o que contribuirá para compreender qual o perfil do movimento neoliberal no país.

Alguns dos indicadores e categorias utilizadas nessa pesquisa serão: a formação acadêmica dos seus membros; atuação profissional; quais instituições nacionais e internacionais frequentaram; vínculos com o movimento liberal; gênero e a origem

familiar. Quanto à esta última categoria de análise, Pierre Bourdieu já destacava que, com relação à família,

Esse privilégio é, no concreto, uma das principais condições de acumulação e de transmissão de privilégios, econômicos, culturais, simbólicos. De fato, a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ela é um dos lugares por excelência de acumulação de capital (BOURDIEU, 1996, p. 131).

Além disso, uma das análises realizadas nesse estudo será referente ao quadro de mantenedores dos institutos liberais, isto é, dos seus apoiadores e financiadores tanto nacionais como internacionais, quando houver. Todavia, o exame realizado e as categorias levarão em consideração as próprias particularidades de cada instituto - em alguns casos, por exemplo, certo instituto poderá compreender uma determinada categoria de membros que outro instituto não comportará de igual forma.

No que diz respeito às fontes utilizadas nesse trabalho, foi criada uma base de dados própria em relação a cada instituto e a cada categoria analisada nessa pesquisa, construída através da utilização de documentos disponíveis nos próprios sites dos institutos, da Atlas Network, bibliografia especializada e de biografia fornecida por seus dirigentes. Contou-se ainda com o uso de softwares como NodeXL e Excel para construção de gráficos e tabelas que condensam resultados.

Em termos de estrutura, optou-se por organizar esse trabalho da seguinte forma: O primeiro capítulo centra-se em uma análise mais teórica, comprometida em articular o respectivo referencial para a compreensão da hegemonia estadunidense, neoliberalismo, definição e o papel desempenhado pelos *think tanks* na política, assim como na difusão dessa concepção de mundo. O segundo capítulo o contexto da criação da estadunidense Atlas Network, visando entender não apenas suas respectivas estratégias e expansão para a América Latina, mas de igual modo, o perfil de seu quadro de dirigentes. Já o terceiro capítulo expõe um quadro sobre as proximidades entre mecanismos (NED e CIPE) utilizados em torno da política externa estadunidense para a América Latina, e ainda o papel desempenhado pela Atlas Network e seus institutos parceiros.

O quarto capítulo, ao seu turno, nos aproxima do objeto central desse trabalho ao analisar o processo de consolidação do neoliberalismo e a ascensão dos primeiros institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil, bem como sua posterior proliferação durante o governo do Partido dos Trabalhadores (2003-2016). Por fim, no último capítulo

será examinado o contexto de criação, estrutura-organizacional, mecanismos utilizados e o perfil dos dirigentes dos institutos parceiros da Atlas no Brasil, buscando averiguar o real impacto de suas atuações na promoção de uma agenda política ancorada nos preceitos neoliberais e no próprio cenário político brasileiro.

Capítulo 1 - As ideias importam? Hegemonia, neoliberalismo e o papel dos think tanks na promoção do ideário neoliberal

O poder das ideias abstratas repousa em grande parte no próprio fato de que não são conscientemente sustentadas como teorias, mas tratadas pela maioria das pessoas como verdades evidentes por si mesmas que agem como pressuposições tácitas. [...] O estado de opinião que rege uma decisão sobre questões políticas é sempre o resultado de uma evolução lenta, que se estende por longos períodos e se estende em diversos níveis. Novas ideias começam entre poucos e vão se espalhando até se tornarem posse de uma maioria que pouco sabe de sua origem

(HAYEK, 1973, p. 70; 2011, p. 177).

O campo de Relações Internacionais é marcado por um domínio estadunidense, composto por perspectivas estadocêntricas que privilegiam de um lado o poder bélico (Realismo/Neorealismo), e de outro o papel das instituições internacionais (Liberalismo/Neoliberalismo). Tal condição é melhor assimilada quando analisado de perto o predomínio de epistemologias, teorias e metodologias advindas em sua maioria dos Estados Unidos, e que são utilizadas como modelos para determinar o que pode ser considerado como conhecimento legítimo ou não (Hoffman, 1977; Tickner, 2003; Acharya e Buzzan, 2010; Tickner e Inoue, 2016; Villa et al., 2017).

Através de pressupostos centrados na figura dos Estados e no uso de suas capacidades materiais - mobilizados no discorrer da GF em consonância com as prioridades dos EUA, se negligenciou o papel das ideias como parte significativa na criação de consenso e manutenção hegemônica. Consequentemente, essa forma restrita de enxergar o mundo vem servindo como subterfúgio para aqueles argumentos que buscam atestar o fim das práticas de ingerência dos EUA na América Latina, sempre que não evidenciado o uso de meios militares e de coerção por parte desse mesmo país²³. Não é porque as intervenções militares se tornaram menos recorrentes nos países latino-americanos, se comparado ao período da Guerra Fria, que as práticas de ingerência por parte dos Estados Unidos tenham deixado de existir (Robinson, 1996; Petras e Veltmeyer,

²³ Esse é o caso, inclusive, de Noam Chomsky, um dos intelectuais mais críticos acerca da política externa dos Estados Unidos, que em entrevista para Rafael Correa, ex-presidente do Equador, relatou ver uma descontinuidade nas práticas intervencionais desse país na América Latina. Entrevista disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=YFKKxWQz7R0>> Acesso em 17/08/2021.

2001). Como destaca Utsa Patnaik e Prabhat Patnaik, “a invisibilidade do imperialismo hoje significa que ele se tornou muito mais poderoso, não que tenha desaparecido” (PATNAIK, 2015).

Na contemporaneidade, as práticas de ingerência tornaram-se mais difusas e, desse modo, mais difíceis de serem evidenciadas. São estratégias baseadas no uso de aparelhos ideológicos capilarizados na sociedade civil, e que ao serem mobilizados pela classe hegemônica estadunidense em conluio com uma elite nacional, tornam menos perceptível sua condição de domínio no âmbito da periferia. Esse é o papel que os *think tanks* neoliberais afiliados da Atlas Network e seus dirigentes vem exercendo no Brasil, fazendo uso de estratégias de consentimento como forma de ampliar a agenda neoliberal, e conseqüentemente impactar a conjuntura nacional.

É diante da complexidade que se opera as práticas de dominação na contemporaneidade que esse estudo busca lançar luz acerca das lentes sociológicas de Gramsci e Bourdieu, visando assimilar questões relativas ao papel das ideias na fabricação de um consentimento neoliberal e na própria durabilidade do domínio de uma classe ou/e grupo sobre outro. Por meio deste esforço, se entende ser possível elucidar a extensão e a natureza dos mecanismos utilizados na justificação e legitimação das práticas neoliberais no Brasil, assim como as conexões que são mantidas por grupos nacionais (dirigentes dos ILs) com pessoas e organizações localizadas no Norte (Rede Atlas).

1.1 A construção hegemônica

A existência de hegemonia(s) na ordem mundial se apresenta como um modo dominante de integração (VAN DER PIJL, 2005) e uma das principais características dentro do tabuleiro internacional. Por meio desta, os Estados hegemônicos buscam adquirir maiores capacidades (poder bélico, para a lente Realista ou poder brando para a lente Neoliberal), em vista da própria manutenção e conservação de um equilíbrio militar-estratégico e geopolítico. Contudo, para além das interpretações que tratam das mudanças ou manutenção de poder na ordem mundial, enquanto cerceadas por processos de alternância em termos de capacidade militar e estratégica, as forças hegemônicas operam inseridas dentro de mudanças fundamentais nas relações sociais (COX, 1993).

A própria noção de Estado passa a ser concebida sob o prisma das suas conexões com a sociedade civil, inclinando-se constantemente a absorver aquelas mudanças e disputas incorridas em suas forças sociais domésticas e que podem, conseqüentemente,

se tornarem as bases do poder estatal e com isso moldar a ordem mundial (COX, 1981; BIELER, MORTON, 2004). No plano internacional, essa dinâmica se manifesta sob a forma de relações de dominação de grupos dominantes/dirigentes sobre outros hierarquicamente desprovidos de grandes capacidades materiais e ideológicas, e que ao se apropriarem dos instrumentos fornecidos pelo Estado e por uma suposta defesa do “interesse nacional”, buscam salvaguardar seus interesses particulares. Assim, ao fazer uso das condições desiguais e hierárquicas construídas frente aos países periféricos²⁴, essa mesma classe busca introduzir junto a outros grupos nacionais seus objetivos enquanto gerais e unificadores de uma vontade comum.

Para Gramsci,

Em certo sentido, a história de um determinado estado é a história das classes dominantes, também, em escala mundial, a história é a história dos estados hegemônicos. A história dos estados subalternos é explicada pela história dos estados hegemônicos (GRAMSCI, 1995, p. 356).

A partir dessa interpretação se concebe o Estado enquanto um lugar no qual os conflitos sociais acontecem e onde as hegemonias das classes sociais podem ser promovidas internacionalmente. Isso se reflete nos países periféricos, mediante a emulação dos principais aspectos econômicos e culturais associados a classe econômica hegemônica, e que são tomadas por outros grupos nacionais como se fossem benéficos para a superação da condição de subdesenvolvimento. Como destaca Robert Cox,

[...] Historicamente, para converter-se em hegemônico, um Estado teria que construir e defender uma ordem mundial que fosse universal em concepção, isto é, não uma ordem em que um Estado diretamente explora outros, mas uma ordem que a maioria dos Estados (ou pelo menos aqueles próximos da sua hegemonia) considere compatível com seus interesses (COX, 1993, p. 61).

A partir deste momento, conforma-se uma ordem sustentada mediante condições desiguais e hierarquizadas que estruturam as relações entre os países do centro hegemônico com os países da periferia, e que permitem com que esses países introduzam suas visões de mundo ao naturalizar uma espécie de imperialismo cultural sob as aparências de um imperialismo que “liberta” e que corrobora para o desenvolvimento da região (BOURDIEU, 2003). Assim, a condição de grande potência (hegemônica), encontra-se fundamentada na “possibilidade de imprimir a atividade estatal uma direção autônoma, que influa e repercuta sobre os outros Estados” (GRAMSCI, 2007, p. 55).

²⁴ Diferentes Estados passam a serem afetados de uma forma desigual, visto que os próprios recursos e benefícios são distribuídos no ordenamento internacional sob uma lógica assimétrica (VAN DER PIJL, 2005).

Cria-se, para tanto, um sistema de alianças com outros grupos dominantes de forma a introduzir seus objetivos enquanto interesse público (geral) e unificadores de uma vontade comum, mesmo estando alicerçada em interesses privados e estratégicos.

Incluso neste complexo jogo de forças e por trás das condições materiais e coercitivas intrínsecas a um poder hegemônico, existe toda uma dimensão ancorada na produção de consentimento e capacidade ideológica de dada classe dominante²⁵. Situando-se num contexto específico, fundamenta a própria relação de dominação entre os países do centro e periferia, favorecendo a conservação de relações desiguais e de dependência. Contudo, esse processo não se encontra imune ou desconexo dos interesses dessa respectiva classe dominante. Há uma estratégia que se apropria dos meios materiais e simbólicos para impor os seus interesses e particularidades na forma de normas (WACQUANT, 2003)²⁶. Nesse sentido, torna-se vital (re)pensar a dominação de uma classe econômica dominante para além de sua dimensão material e coercitiva, lançando luz agora sob os seus elementos ideológicos e simbólicos que contribuem para a manutenção e disseminação de seu projeto hegemônico.

O processo de manutenção de hegemonia envolve tanto a cumplicidade quanto uma postura ativa por parte de uma classe ou fração de classe dominante que colabora conscientemente ou inconscientemente, direta ou indiretamente, para a reprodução de uma dada estrutura social, integrando, para tanto, partes significativas das camadas marginalizadas da sociedade que de outra forma teriam de ser absorvidas mediante o uso de meios coercitivos e repressivos. Em boa medida, trata-se da noção de hegemonia desenvolvida por Gramsci, entendendo-a como um conjunto de funções de domínio e direção exercidas por uma determinada classe social dominante sobre o restante da sociedade, a qual se utilizaria de uma “combinação da força e do consenso” (GRAMSCI, 2007, p. 73). Reconhecendo, contudo, que em sua base, ou até mesmo precedendo a própria luta em torno da construção hegemônica, existem certas categorias e classificações circunscritas num universo simbólico e ideológico, que naturalizam o mundo em que vivemos, e favorecem ao mesmo tempo, para que certos privilégios sejam

²⁵ Ideologia não é simplesmente a forma da estrutura material, na verdade é uma dimensão ontológica que reproduz por meio de práticas sociais, a própria estrutura da sociedade (GRAMSCI, 1966).

²⁶ “A universalização dos interesses particulares é a estratégia de legitimação por excelência, que se impõe com uma urgência particular aos produtores culturais, levados sempre, por toda a sua tradição, a se considerarem portadores e porta-vozes do universal, como ‘funcionários da humanidade’” (BOURDIEU, 2003, p. 18).

vistos enquanto benéficos para o conjunto da sociedade²⁷. Tais categorias e classificações encontram-se relacionadas ao conjunto de lutas travadas no espaço social, entre as diferentes tomadas de posição de atores engajados em interesses específicos (BIGO, 2011)²⁸.

Existe aqui, um reconhecimento de que as relações e práticas de dominação, em diferentes graus e profundidade, envolvem tanto elementos de uma produção de consentimento ativo por parte dos indivíduos dominados (hegemonia em Gramsci), assim como uma força pela qual se sustenta no desconhecimento da própria condição de dominação por parte da classe ou grupo dominado (violência simbólica em Bourdieu). É diante disso, que se entende ser necessário introduzir a noção de violência simbólica (BOURDIEU, 1998b)²⁹ em consonância com às contribuições gramscianas, visando refletir sobre os diferentes níveis em que se opera a dominação de uma classe ou/e grupo sobre outro, e principalmente sobre a expansão deste domínio da estrutura econômica para outras dimensões da vida social. Tal situação leva os indivíduos dominados a interiorizar tal condição enquanto algo natural e intrínseco de sua posição social (LAVAL, 2020). Assim, por trás de toda uma distribuição desigual de bens materiais, existe uma produção ideológica e simbólica que corrobora ativamente para unificar os diferentes interesses de uma classe econômica dominante/dirigente sobre os outros demais grupos sociais. De acordo com Stephen Gill,

A hegemonia implica que a face coercitiva do poder retroceda e a face consensual se torne mais proeminente. Assim, a hegemonia de uma determinada classe, ou facção de uma classe, requer sucesso contínuo em persuadir outras classes e grupos da sociedade civil a aceitar sua liderança, bem como a maioria de seus valores-chave. A hegemonia é exercida por meio do desenvolvimento e da mobilização de uma formação político-econômico transclasse ou coalizão de forças em um bloco histórico (GILL, 2008, p. 92)

³⁰.

Parte integrante e fundamental na construção hegemônica e no seu aspecto dirigente é o papel desempenhado por intelectuais enquanto “*comissários* do grupo

²⁷ As categorias e classificações que sustentam dada ordem hegemônica, nos ajudam a entender a própria durabilidade da hegemonia frente a períodos de crise (ex: crença na superioridade do mercado e do individualismo).

²⁸ “A partir do momento em que há um espaço social, há luta, há luta de dominação, há um pólo dominante, há um pólo dominado, e a partir desse momento há verdades antagônicas” (BOURDIEU, 2003).

²⁹ Noções de dominação e violência simbólica nunca são a-históricas e devem ser identificadas e especificadas (BIGO, 2011).

³⁰ Noção de bloco histórico – maneira pela qual forças sociais líderes estabelecem uma relação sobre as forças sociais conflitantes, indicando desse modo, a integração de uma variedade de interesses de classe diferentes que são propagados por toda sociedade (BIELER e MORTON, 2004).

dominante” (GRAMSCI, 1989, p. 10-11), que ao agirem em consonância com os grupos sociais representados, ocupam um lugar de destaque na reprodução, transformação e até mesmo na manutenção de dada ordem social. Dessa forma, os intelectuais “formam-se em conexão com todos os grupos sociais, mas especialmente em conexão com os grupos sociais mais importantes, e sofrem elaborações mais amplas e complexas em ligação com o grupo social dominante” (GRAMSCI, 1989, p. 8-9)³¹. Incluso em seu exercício reside um esforço ilusório em se manterem afastados de quaisquer vinculações à grupos sociais (especialmente aqueles dominantes), visando com isso ocuparem uma posição como portadores de um interesse neutro e benéfico com reflexos imediatos tanto no campo ideológico, como no campo político. Como destaca Gramsci,

Cada grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, de um modo orgânico, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político (GRAMSCI, 1989, p. 3).

Em relação ao processamento da hegemonia, entende-se o âmbito nacional como importante, porém, subserviente, visto que existe todo um processo de emulação e expansão do bloco histórico hegemônico no âmbito internacional (MORTON, 2007; BIELER e MORTON, 2004). Já que uma vez consolidada internamente, a classe econômica dominante busca expandir sua hegemonia para além de uma ordem social específica, conectando forças sociais em diferentes países em torno de seus interesses e objetivos. Desse modo, a hegemonia envolve tanto a sua expansão no âmbito internacional, como também o nacional no qual a mesma se origina e toma forma.

A partir de lutas travadas entre classes e frações de classes das sociedades nacionais, conformam-se estratégias de importação-exportação (internalização x internacionalização) de normas e práticas pelas quais os respectivos grupos hegemônicos buscam impor o seu princípio dominante da dominação (COHEN, 2018). As estratégias de internacionalização, intrínsecas à expansão de um projeto hegemônico, correspondem em sua essência às hierarquias sociais nacionais, “na medida em que tais estratégias visam uma revalorização dos capitais de uma elite nacional, como forma de se reproduzir” (BIGO e MADSEN, 2011, p. 220) - podendo se manifestar na forma de recursos,

³¹ Os intelectuais desempenham uma função mediadora essencial na luta pela hegemonia entre as forças da classe social, atuando como “deputados” ou instrumentos de hegemonia, ou desempenhando um valioso papel de apoio às classes subalternas envolvidas na promoção da mudança social (GRAMSCI, 1971).

formações acadêmicas, contatos, legitimidade, técnicas e conhecimentos (DEZALAY e GARTH, 2002).

Portanto, o uso de estratégias de internacionalização por parte dos grupos dominantes nacionais funciona como um meio de reprodução e manutenção da própria estrutura do espaço social e das relações sociais estabelecidas domesticamente. Nesse sentido, o acesso ao âmbito internacional por parte de atores localizados em posições desiguais tende a beneficiar aqueles grupos que buscam pela acumulação e manutenção de seus privilégios, isto é, de seus capitais tanto econômico (ex: dinheiro de agências e fundações do governo dos EUA), cultural (ex: conhecimento e credenciais acadêmicas adquiridas a partir de universidades dos EUA) e social (ex: conexões sociais com pessoas e organizações localizadas em Norte).

De acordo com Bourdieu,

“As diferentes espécies de capital - cuja posse define o pertencimento à classe e cuja distribuição determina a posição nas relações de força constitutivas do *campo do poder* e, por conseguinte, das estratégias suscetíveis de serem adotadas nessas lutas (em outras épocas, "nascimento", "fortuna" e "talentos"; atualmente, capital econômico e capital escolar) - são, ao mesmo tempo, instrumentos de poder e pretextos de luta pelo poder, desigualmente poderosos de fato e desigualmente reconhecidos como princípios de autoridade ou sinais de distinção legítimos segundo os momentos e, evidentemente, segundo as frações: a definição da hierarquia entre as frações ou, o que dá no mesmo, a definição dos princípios de hierarquização legítimos, ou seja, dos instrumentos e dos pretextos de luta legítimos, e, em si mesma, um pretexto de lutas entre as frações” (BOURDIEU, 2007, p. 296).

Assim, o internacional e as relações de troca entre os grupos dominantes nacionais encontram-se em constante influência por um sistema de reprodução, que oferece a tais indivíduos uma maneira de assegurar e conservar sua própria posição no espaço social doméstico, do mesmo modo, sua posição na luta pelo poder estatal (DEZALAY e GARTH, 2002). Contudo, mesmo num relacionamento entre grupos dominantes (centro x periferia) - como será tratado nesse trabalho no caso do Brasil e dos EUA - suas posições nas relações de troca internacionais são distintas, estando a periferia nessa relação destinada a importação de valores exportados pelo centro³². Nesse sentido, se faz necessário compreender os exportadores e importadores, sob o prisma de que suas

³² Exemplo prático das atividades desenvolvidas pelos EUA durante a Guerra Fria – Programas financiados pela United States Agency for International Development (USAID) e pela Fundação Ford, que exerceram forte influência nas transformações vivenciadas na América Latina (DEZALAY e GARTH, 2002).

estratégias e práticas encontram-se situadas ou modeladas por suas posições nos cenários nacionais do Norte como do Sul (DEZALAY e GARTH, 2002). Como destaca Cox,

O conceito hegemônico de ordem mundial é fundado não apenas sobre a regulação do conflito interestatal, mas também sobre uma sociedade civil globalmente concebida, isto é, um modo de produção de extensão global que produz elos entre as classes sociais dos países abrangidos por ela (COX, 1993, p. 61).

Com isso, uma hegemonia a nível internacional tratar-se-ia de uma expansão natural daquela hegemonia conformada pela classe econômica dominante no âmbito interno, que ao se apropriar dos aparelhos de Estado, busca tornar suas instituições econômicas, sociais e culturais, padrões de emulação no exterior (COX, 1993). Logo, observa-se que as práticas de dominação exercidas por determinada classe hegemônica no âmbito nacional seriam transportadas e exportadas por intermédio do Estado no âmbito internacional, o qual se utilizaria de todo seu aparato coercitivo que assegura legalmente a disciplina dos grupos que não consentem (GRAMSCI, 1989). Dessa forma, o Estado atuaria no SI como um representante dos interesses daqueles agentes que ocupam as posições dominantes nos espaços nacionais³³.

A expansão da hegemonia doméstica por intermédio da figura Estado no âmbito internacional reflete os interesses de sua elite dominante que, ao converter sua posição social e econômica em capital político, busca ampliar o circuito de legitimação de seu domínio e direção sob a lógica de um campo transnacional que tenha capacidade de repercutir em outras demais sociedades. As atividades internacionais empreendidas por estes grupos em torno da construção de redes, conhecimentos e instituições, exemplifica como os atores nacionais apropriam-se de uma espécie de capital estrangeiro em prol de uma (re)valorização de suas posições e capitais (DEZALAY e GARTH, 2002).

Na contemporaneidade, tem-se observado em decorrência das práticas e esforços promovidos pela classe hegemônica estadunidense, uma maior proximidade entre as classes dominantes nos diferentes países, o que permite que essa mesma classe compartilhe seus valores de uma forma muito mais transnacional, formando, por conseguinte um tipo de *elite global* do poder (ROBINSON, 2008). A partir deste movimento, os interesses econômicos encontram-se cada vez mais conectados

³³ Os indivíduos que ocupam posições dominantes recorrem aos ganhos advindos do capital estatal de modo a fortalecer suas posições no próprio campo nacional (DEZALAY, 2004).

globalmente e não exclusivamente a sua origem local e nacional (SKLAIR, 2009) ³⁴. Desse modo, nota-se a construção de um espaço transnacional de instituições e práticas (BIGO; MADSEN, 2011; BIGO, 2011) que contribuem direta ou indiretamente para que a classe dominante estadunidense dissemine suas visões de mundo e seus valores de uma forma mais interconectada.

Uma estratégia que visa a internacionalização, pode ser um caminho para que indivíduos fortaleçam suas posições sociais e seus capitais, conquistando o domínio no campo do poder do Estado, ou uma forma de saída para grupos cujo poder está diminuindo localmente e que, muitas vezes, utilizam da construção de alianças transnacionais como um meio de recuperar seu prestígio (BIGO, 2011). Conforme se observa, estas estratégias de internacionalização acabam por corresponder na maioria das vezes às hierarquias e desigualdades nacionais na medida em que estes agentes optam pela revalorização de certos tipos de capitais, entendendo a posse destes como espécies de armas que corroboram no sentido de comandar as representações desse espaço, assim como as tomadas de posição em torno de conservar as suas posições dominantes (BOURDIEU, 1996). De acordo com Bigo e Madsen,

Esse espaço transnacional existe porque internacionalizar gera uma série de benefícios em nível nacional e porque os importadores também têm algo a ganhar. Os agentes que ocupam as posições dominantes nos espaços nacionais e transnacionais são muitas vezes, se não as mesmas pessoas, agentes muito semelhantes, recorrendo a uma multiplicidade de capital. (BIGO; MADSEN, 2011, p. 222).

No exercício de aplicação do conceito de hegemonia ao caso estadunidense, Cox assevera que, “ao aplicar o conceito de hegemonia à ordem mundial, torna-se importante determinar quando um período de hegemonia começa e quando termina” (COX, 1993, p. 60). Logo, observa-se que a atual hegemonia exercida pelos Estados Unidos veio a ser conformada no período que se segue ao final da Segunda Guerra Mundial (SGM), adquirindo com o passar dos tempos, novas formas de expansão, sempre buscando adequar suas estratégias de forma a satisfazer os seus objetivos. Durante o período da Guerra Fria, por exemplo, os EUA adotaram uma postura ainda mais assertiva no SI, desenvolvendo para tanto, o ajuste entre estruturas políticas, econômicas e militares. Como destaca Stephen Gill,

³⁴ “Apesar dos conflitos geográficos e setoriais reais, toda a classe capitalista transnacional compartilha um interesse fundamental na contínua acumulação de lucro privado” (SKLAIR, 2000, p. 21).

Central para isso era o compromisso entre a liberalização gradual da economia capitalista mundial e os imperativos intervencionistas da democracia social doméstica, e um compromisso militar geral para conter a disseminação do comunismo soviético. Essa congruência permitiu a institucionalização da hegemonia norte-americana e a cuidadosa construção e manutenção de regimes internacionais, incorporando princípios e valores favoráveis aos Estados Unidos (GILL, 2008, p. 91).

Ao partir das contribuições de Cox, entende-se que o domínio estadunidense não se limita a utilização da coerção através de seus recursos materiais, mas, de igual maneira, do consenso e da articulação entre instituições sociais e da elaboração de ideologias voltadas à disseminação e obtenção de legitimidade de seu domínio e direção (COX, 1981; 1993). Nesse sentido, os EUA valem-se da institucionalização de estruturas e organismos hierárquicos de forma a promover a sua visão de mundo e a conservar as regras que sustentam o modo de produção dominante, o que permite preservar a ordem hegemônica prevalecente. De acordo com Robert Cox, “a hegemonia mundial é descrita como uma estrutura social, uma estrutura econômica e uma estrutura política; e não pode ser simplesmente uma dessas coisas, mas deve ser todas as três” (COX, 1993, p. 62). O que nos aponta para uma dominação cada vez mais extensa e interconectada que almeja influenciar sob o maior número de países possíveis.

Incluso no processo de dominação estadunidense, o neoliberalismo apresenta-se enquanto uma realidade intrínseca da estratégia de domínio e direção de uma classe econômica hegemônica estadunidense cada vez mais transnacional que se articula com grupos dominantes periféricos em nome de seus interesses. Com o passar dos anos e mediante esforços de sua sociedade civil, fez da promoção do livre mercado e da reestruturação neoliberal uma parte significativa e singular da política externa dos EUA (ROBINSON, 2000), em especial no seu relacionamento com a América Latina. Assim, percebe-se que o próprio neoliberalismo alcançou seu status hegemônico em decorrência do próprio poder estadunidense frente a política mundial.

Como destaca Vanaik,

A expansão política dos Estados Unidos também pretende expandir o neoliberalismo. E expandir o neoliberalismo promove e ajuda a estabilizar o projeto de consolidação da hegemonia política estadunidense em todo o mundo mediante o recrutamento de grupos de adeptos que se beneficiam materialmente com tal expansão (VANAIK, 2010, p. 12).

Dessa forma, a internacionalização e naturalização do neoliberalismo, entendido a partir de Dardot e Laval como uma racionalidade que - “tende a estruturar e organizar

não apenas a ação dos governantes, mas até a própria conduta dos governados” (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 15), se configura como uma dimensão fundamental na pretensão da classe hegemônica estadunidense pela manutenção de seus interesses particulares.

1.2 O poder das ideias na formação de um consenso neoliberal

As ideias governam o mundo, porque são elas que determinam a
forma como a realidade é percebida

(Irving Kristol, 1975)³⁵.

A promoção das ideias neoliberais e sua capacidade em construir consenso vem desempenhando um papel significativo ao longo dos últimos anos, ao reconceituar debates políticos sob a disciplina do mercado e dos interesses de uma elite econômica dominante. Esse esforço, promovido por uma minoria detentora dos benefícios materiais dessa ideologia, visa impor a representação neoliberal de sociedade enquanto uma racionalidade econômica (LAVAL, 2020) que tenha a capacidade de penetrar em outras dimensões para além da economia, visto que “uma posição de classe enraizada apenas no poder econômico é insuficiente para alcançar uma posição hegemônica” (PLEHWE, 2016, p. 64). Desse modo, torna-se singular a necessidade de compreender o neoliberalismo em consonância com as relações de poder, de forma a revelar o conjunto de mecanismos aparentemente consensuais, utilizados para justificar as práticas neoliberais enquanto benéficas para os diferentes públicos.

Visto em sua dimensão internacional, o neoliberalismo contribuiu ao longo das últimas décadas para um processo de transnacionalização de uma classe econômica estadunidense transformada em um bloco dominante transnacional que favoreceu na própria restauração da disciplina do capital (NEUBAUER, 2012). Por intermédio deste bloco, conformou-se um processo desigual que visa legitimar na periferia o seu domínio e direção, fornecendo assim a base consensual para a promoção e implementação de reformas econômicas estruturais que atendam aos seus interesses hegemônicos. Do mesmo modo, a estruturação neoliberal consolidou o poder das diferentes elites nacionais integrando estas, mesmo que de forma desigual, em um circuito global de acumulação (ROBINSON, 2008). Nesse sentido, o neoliberalismo, entendido enquanto uma razão de mundo, encontra-se relacionado a uma formação social estadunidense específica que, por

³⁵ KRISTOL, Irving. On Conservatism and Capitalism. **Wall Street Journal**, September 11, 1975.

meio de um movimento de transnacionalização, pretende ser vista pelos diversos grupos na periferia como desejável e até mesmo benéfica para o seu desenvolvimento.

Incluso no universo do neoliberalismo existe toda uma estrutura simbólica oculta, que fundamenta a defesa de uma espécie de racionalidade em sua pura versão economicista que reduz os fenômenos sociais à sua dimensão econômica e que faz do livre mercado a sua instância moral superior (CARROLL, SAPINSKI, 2016). Por meio deste domínio, que exalta a crença da superioridade do mercado e silencia ao mesmo passo suas consequências sociais, existe um discurso dominante que des-historiciza e naturaliza o mundo em que vivemos, fazendo da competitividade e racionalidade dos indivíduos algo intrínseco da realidade. Tal proposição corrobora para um retorno e fortalecimento do individualismo delegando a um segundo plano preocupações acerca das solidariedades sociais e se opondo a quaisquer manifestações coletivistas da sociedade (HARVEY, 2011).

Ademais, muitas das ideias e valores intrínsecos à razão de mundo neoliberal adquirem, por meio de sua manifestação e de seu poder de convencimento, uma espécie de aparência de senso comum e de inevitabilidade histórica. O que, para Dardot e Laval, “produz certos tipos de relações sociais, certas maneiras de viver, certas subjetividades” (DARDOT, LAVAL, 2016). Por trás de todo ato econômico neoliberal perdura uma dimensão simbólica que, vinculando-se com sua capacidade de abstração, permite com que certos elementos da realidade se tornem visíveis e legítimos (ex: competitividade e eficiência) enquanto deslegitima todo um universo de suas consequências sociais (ex: desigualdade e pauperização das condições de trabalho).

Uma das razões, se não a principal razão, por trás da força do neoliberalismo reside no fato deste contar com o apoio de pessoas que aparentemente concordam umas com as outras (BOURDIEU, 1998a). Assim, o aspecto de consenso passa a ser visto enquanto indício de verdade, capaz de refletir sobre o restante da sociedade na forma de um discurso fatalista. Isto é, uma visão de mundo que é produzida, difundida e inculcada na maioria das pessoas e que faz com que essas repitam seus elementos de boa-fé, gerando efeitos muito profundos e duradouros. Trata-se de um processo que gera o consumo diário da ideologia neoliberal e que ressoa como coerente, indo além do mundo das elites, emulando os seus valores, inclusive para aqueles que sofrem de suas consequências sociais mais diretas (EAGLETON-PIERCE, 2016). Para Bourdieu, a força do discurso neoliberal reside no:

“Ouve-se dizer por toda a parte, o dia inteiro” — aí reside a força desse discurso dominante — que não há nada a opor à visão neoliberal, que ela consegue se apresentar como evidente, como desprovida de qualquer alternativa. Se ela comporta essa espécie de banalidade, é porque há todo um trabalho de doutrinação simbólica do qual participam passivamente os jornalistas as ou os simples cidadãos e, sobretudo, ativamente, um certo número de intelectuais (BOURDIEU, 1998a, p. 27).

Imerso na difusão do discurso neoliberal, ainda existe toda uma estratégia de eufemização que, ao exercer uma violência simbólica, torna eficaz a própria dominação de uma classe sobre outra permitindo que certas consequências de suas medidas sejam tornadas mais aceitáveis ou justificáveis³⁶. Por meio do uso de uma série de palavras como flexibilidade, maleabilidade e desregulamentação, se possibilita “fazer crer que a mensagem neoliberal é uma mensagem universalista de libertação” (BOURDIEU, 1998a, p. 28). Através deste discurso neoliberal, tendo em vista todo seu economicismo, almeja-se promover uma verdadeira separação da questão social da econômica, as suas ações das próprias consequências provocadas na sociedade³⁷.

No que diz respeito às medidas neoliberais, estas compreendem desde a eliminação dos controles de capital, desmantelamento de serviços sociais, privatizações em massa, tributação regressiva, desregulamentação do trabalho e das finanças, e até mesmo o enfraquecimento dos sindicatos. Por meio de um controle essencial do trabalho e da manutenção de um elevado grau de exploração, promove-se um quadro ideal para o processo de neoliberalização (HARVEY, 2011), visto que, uma maior flexibilidade das condições trabalhistas atua em prol do capital. Como destaca Harvey, “a formação ou a restauração do poder de classe ocorrem, como sempre, à custa dos trabalhadores” (HARVEY, 2011, p. 86).

Por trás de todas as defesas neoliberais existe um ímpeto pela promoção de um Estado-mínimo, que represente o retraimento do Estado e a sua submissão aos valores da economia e do mercado, opondo-se desse modo “a qualquer ação que entrave o jogo da concorrência entre interesses privados” (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 63). Através deste esforço neoliberal, reside uma recusa de toda regra que não a de um mercado autorregulador, que ao pregar a redução do Estado, promove um verdadeiro reinado das forças econômicas (LAVAL, 2020). Incluso a isso, tem-se toda uma conjuntura de crise

³⁶ Eufemização diz respeito a um processo em que se visa diminuir o peso de certas palavras, de modo a torná-las mais aceitáveis.

³⁷ Fatalismo neoliberal – “economicismo desresponsabiliza e desmobiliza, anulando o político e impondo toda uma série de fins indiscutíveis, crescimento máximo, competitividade, produtividade” (BOURDIEU, 1998a, p. 41).

de confiança no Estado e de depreciação da coisa pública que atribui ao mercado quase que uma profecia auto-realizante em torno de sua capacidade em promover eficiência e crescimento.

Contudo, na prática, não existe neoliberalismo fora do Estado, não existe a sobrevivência das forças do mercado frente a períodos de crise sem a ajuda desse espaço (ex: crise financeira de 2008), assim, o próprio mercado é infundável sem a existência e o suporte propiciado pelo aparato estatal. Como destaca Laval, “o neoliberalismo é impensável fora da instituição do Estado, o qual, como detentor do monopólio da violência simbólica, é o único em condição de impor a razão econômica a todos os domínios da sociedade” (LAVAL, 2020, p. 238). Por meio da capacidade do Estado e de suas instituições, as elites que o controlam buscam impor um novo princípio de construção de um mundo neoliberal enquanto algo legítimo e indiscutível, fazendo uso de todos os instrumentos do poder simbólico à sua disposição - fala autorizada, medidas regulatórias e conjunto de leis e comissões de especialistas.

Desse modo, o Estado se apresenta enquanto o próprio construtor de mercado, o que nos ajuda a entender o campo de lutas travadas em torno de seu domínio e de seus mecanismos que contribuem para o fortalecimento de um discurso que privilegia as condições econômicas em detrimento de suas consequências sociais. De acordo com Gonzalbo, os próprios neoliberais “afirmam que o Estado deve criar as condições para a existência e bom funcionamento do mercado, ou seja, não é necessário reduzi-lo, ou eliminá-lo, mas dar-lhe outra orientação” (GONZALBO, 2015, p.24). Assim, o neoliberalismo atua enquanto uma racionalidade que visa transformar o Estado em todas as suas manifestações na sociedade e adequar o seu funcionamento em benefício da manutenção do mercado e da sua própria expansão, tornando a concorrência como norma de conduta e de subjetivação (DARDOT, LAVAL, 2016).

Entretanto, a consolidação neoliberal enquanto um projeto hegemônico não se deu de forma espontânea ou desconexa de todo um contexto histórico, social e de lutas, do qual participaram ativamente uma série de intelectuais e *think tanks* (NEUBAUER, 2012). Por meio deste esforço, buscou-se organizar um novo bloco histórico, que fosse capaz de promover através de estratégias travadas por intelectuais no plano moral e ideológico uma (re)organização das forças sociais na sociedade civil, manifestando-se

enquanto um verdadeiro “momento da hegemonia” (MORTON, 2007) ³⁸. Desse modo, mesmo com todas as divergências dentro do ímpeto neoliberal, existia um interesse em comum que almejava frear o intervencionismo estatal predominante (DARDOT, LAVAL, 2016) ³⁹. A partir deste cenário, torna-se singular examinar o papel desempenhado pelos intelectuais, assim como os espaços e estratégias utilizadas para a construção hegemônica, de forma a compreender os próprios fundamentos organizacionais e normativos por trás do surgimento do neoliberalismo.

1.3 Origens do neoliberalismo

As origens do neoliberalismo situam-se na primeira metade do século XX, em um contexto marcado pela crise do liberalismo, preponderância do keynesianismo e das noções coletivistas de sociedade⁴⁰. Tal cenário aconteceu, mais especificamente, em decorrência das condições econômicas e sociais deflagradas com o final da Primeira Guerra Mundial (PGM) e com a crise de 1929 que colocaria boa parte das ideias liberais a margem das agendas políticas, se comparadas às noções que atestavam a urgência de um Estado mais intervencionista e promotor de bem-estar social (GONZALBO, 2015). Assim, diante de uma postura mais intervencionista por parte do Estado e das condições manifestas de uma crise econômica e de extrema pobreza (caso da Europa), ficaria claro o pouco espaço para ideias liberais que defendiam a noção de um mercado capaz de se autorregular. Segundo Dardot e Laval,

Se é verdade que a crise do liberalismo teve como sintoma um reformismo social cada vez mais pronunciado a partir do fim do século XIX, o neoliberalismo é uma resposta a esse sintoma, ou ainda, uma tentativa de entrar essa orientação às políticas redistributivas, assistenciais, planificadoras, reguladoras e protecionistas que se desenvolveram desde o fim do século XIX, uma orientação vista como uma degradação que conduzia diretamente ao coletivismo (DARDOT, LAVAL, 2016, p.69).

É diante de uma conjuntura de crise do liberalismo, capaz de gerar reflexões críticas entre os seus pensadores, e forte tendência por parte dos governos ocidentais em aplicar o modelo keynesiano, que inúmeros intelectuais, acadêmicos e pessoas práticas passam a se reunir em torno do objetivo de renovar e dar uma nova vida ao liberalismo

³⁸ A função social dos intelectuais envolveria a participação ativa na vida cotidiana como agentes nos campos econômico, político, social e cultural, atuando como construtor, organizador e 'persuasor permanente' na formação ou contestação da hegemonia (GRAMSCI, 1989).

³⁹ Existia uma convergência de não concordarem com o coletivismo e as práticas de proteção social, distribuição de renda e bem-estar social (DARDOT, LAVAL, 2016).

⁴⁰ Keynesianismo refere-se aqui a concepção de que por intermédio da atuação e das intervenções do Estado na economia, se faria possível alcançar um “estado de bem-estar” social.

(GONZALBO, 2015). Imersos neste propósito, acontece durante a década de 1930, na cidade de Paris, a organização do Colóquio Walter Lippmann⁴¹ (1938) que reuniu os mais seletos liberais da época em torno daquilo que mais se aproximou de uma internacional neoliberal e do objetivo imediato da criação de uma organização⁴². O encontro diferenciou-se por tamanha influência intelectual e em certos casos política de seus participantes, os quais impactariam diretamente na própria construção do neoliberalismo e, posteriormente, na sua promoção enquanto projeto político⁴³. Dentre os participantes, pode-se mencionar nomes como: Friedrich Hayek, Ludwig von Mises, Jacques Rueff, Raymond Aron, Wilhelm Röpke, que se trata de Alexander von Rüstow (DARDOT, LAVAL, 2016). Segundo Gonzalbo,

O encontro, que será conhecido a seguir como Colóquio Lippmann, buscou estabelecer uma nova agenda para o liberalismo. O motivo básico não admitia dúvidas, tratava-se da defesa do mercado, do mecanismo de preços como única forma eficiente de organização da economia, e a única compatível com a liberdade individual, mas também, com a mesma energia, tratava da defesa do Estado de Direito: leis estáveis, princípios gerais, inalteráveis e um sistema representativo (GONZALBO, 2015, p.21).

A partir do colóquio, criou-se o Centro Internacional de Estudos para a Renovação do Liberalismo, sendo concebido na época enquanto uma sociedade intelectual internacional que visava realizar sessões regulares sempre em países diferentes (DARDOT, LAVAL, 2016). Contudo, devido a ocorrência da Segunda Guerra Mundial e da ascensão da União Soviética (URSS), não foi possível consolidar as metas elencadas com a sua criação, tão pouco alavancar as ideias neoliberais com capacidade suficiente de penetrar nas políticas dos países ocidentais. Tal quadro, atestaria para uma continuidade, em termos de marginalização das ideias neoliberais frente a proeminência das políticas de bem-estar social.

Ao longo dos anos, e por consequência do próprio encontro promovido em Paris, inúmeros intelectuais neoliberais, caso de Milton Friedman e em maior medida Friedrich Hayek, seguiam almejando transformar o ideário neoliberal não apenas em um verdadeiro programa político, mas também em uma ideologia com capacidade de se tornar “posse de uma maioria que pouco sabe de sua origem” (HAYEK, 2011, p. 177). De acordo com

⁴¹ Walter Lippmann – Foi um jornalista estadunidense que havia escrito “The good society”, livro que denunciava o avanço das ideias e dos governos da época – o fascismo e o comunismo – como versões extremas do mesmo impulso coletivista (GROS, 2003).

⁴² O nome do colóquio se deu em decorrência do livro de Walter Lippmann, intitulado de “The Good Society” (GONZALBO, 2015).

⁴³ O nome neoliberalismo foi proposto pela primeira vez por Alexander Rüstow, sendo ele um dos pais da economia social de mercado, e um dos principais responsáveis pela economia da Alemanha Ocidental no pós-guerra.

Nik-Khah e Van Horn, o próprio Friedman “procurou encorajar o público a aceitar as ideias neoliberais, não capacitar seus membros a participarem de um discurso público robusto” (NIK-KHAH, VAN HORN, 2016, p. 33). Em linhas gerais, tratou-se de um esforço em angariar apoio dos mais diversos estratos da sociedade, tendo como fim, legitimar um programa político ancorado nas recomendações neoliberais.

Logo, por consequência destes esforços, o neoliberalismo alcançaria maiores foros de atenção, consubstanciando-se como uma visão de mundo cada vez mais internacionalizada e concisa em torno de um mesmo projeto. Para isso, determinados intelectuais desempenhariam de maneira singular o papel de promotores do ideário neoliberal, principalmente por intermédio da proliferação de seus textos e publicações. A exemplo disso, tem-se o livro de Friedrich Hayek – “O caminho da servidão”, descrito por Perry Anderson como, “um ataque apaixonado contra qualquer limitação dos mecanismos de mercado por parte do Estado” (ANDERSON, 1995, p. 09) e que logo alcançaria uma legião de seguidores.

Considerado um dos principais representantes da Escola Austríaca de Economia, fundada pelo economista e professor da Universidade Viena Carl Menger no século XX e continuada por Ludwig von Mises (professor de Hayek na mesma universidade), Hayek compartilhava da concepção epistemológica dessa escola de que o mercado é o único fator racional de ordenamento da sociedade e de sua organização econômica (GROS, 2003)⁴⁴. De acordo com Murray Rothbard, “os Austríacos centravam indefectivelmente sua análise no indivíduo, no agente, na medida em que este faz escolhas no mundo real com base em suas preferências e valores” (ROTHBARD, 1988, p. 13).

Na visão de Hayek, a guerra contra o intervencionismo estatal exigia uma batalha travada por meio das ideias, e do papel ativo exercido por aqueles que ele chamou de “revendedores de segunda mão”, encarregados de promover o ideário neoliberal de uma forma inteligível para o público em geral (DJELIC, 2014)⁴⁵. De acordo com Hayek,

Não se refere nem ao pensador original, nem ao acadêmico ou especialista em um determinado campo de pensamento. O intelectual típico não precisa

⁴⁴ Considerada um núcleo do pensamento neoliberal e fundamental para a sua consolidação, a Escola Austríaca conta entre seus principais intelectuais com os nomes de Carl Menger, Frédéric Bastiat, Ludwig von Mises, Murray Rothbard e Friedrich Hayek. Sendo que a base dessa escola reside em sua crítica à “economia clássica” de David Ricardo e John Stuart Mill e de seus desdobramentos marxistas (GROS, 2003).

⁴⁵ Os “revendedores de segunda mão” podem ser – “Jornalistas, professores, sacerdotes, palestrantes, publicistas, comentadores de rádio, escritores de ficção, cartunistas e artistas, todos que podem ser mestres na técnica de transmitir ideias, mas que, em geral, são amadores no que diz respeito à essência daquilo que querem transmitir” (HAYEK, 1949, p. 418).

possuir conhecimento especial ou nada em particular, nem mesmo precisa ser particularmente inteligente para exercer seu papel como intermediário na disseminação de ideias. O que o qualifica para essa tarefa é o grande espectro de assuntos sobre os quais pode falar ou escrever a respeito e uma postura ou hábitos que o permitam familiarizar-se com novas ideias mais cedo do que aqueles aos quais se dirige (HAYEK, 1949, p. 418).

Tal estratégia consiste, basicamente, em apresentar uma mensagem para as massas e outra para uma elite econômica (financiadora de seus projetos). Essa dinâmica favorece o próprio avanço de um consenso acerca do neoliberalismo. Por meio dos esforços sedimentados por Hayek e outros intelectuais, o neoliberalismo passaria a fazer parte do imaginário de uma ampla parcela da sociedade deixando de ocupar uma posição defensiva para se manifestar na forma de uma verdadeira contraofensiva materializada sob a imagem da Sociedade Mont Pèlerin.

A Sociedade Mont Pèlerin, criada em 1947 na Suíça e fruto dos esforços empreendidos por Hayek e do apoio financeiro maciço de uma elite econômica, aproximou um grupo de intelectuais orgânicos organizados em torno de um núcleo de ideias e da crença no mercado livre como a forma mais eficiente de organizar a vida social (PLEHWE, 2009). Sua organização constituiu-se enquanto um esforço consciente de intelectuais militantes que, contando com a adesão de empresários e jornalistas, buscou solidificar e disseminar as ideias fundamentais para o que atualmente se entende como o neoliberalismo, criando, para isso, um consenso em torno de seu projeto que fosse capaz de impactar imediatamente na opinião pública. De acordo com Perry Anderson,

Entre os célebres participantes estavam não somente adversários firmes do Estado de bem-estar europeu, mas também inimigos férreos do New Deal norte-americano. Na seleta assistência encontravam-se Milton Friedman, Karl Popper, Lionel Robbins, Ludwig Von Mises, Walter Eupken, Walter Lipman, Michael Polanyi, Salvador de Madariaga, entre outros. Aí se fundou a Sociedade de Mont Pèlerin, uma espécie de franco-maçonaria neoliberal, altamente dedicada e organizada, com reuniões internacionais a cada dois anos (ANDERSON, 1995, p. 09).

Em termos de atuação, dedicou-se na produção, intercâmbio e circulação de suas ideias a nível internacional, o que, no longo prazo, repercutiu como promotor de uma cultura neoliberal a qual seus membros se mantêm ideologicamente comprometidos, indo além da mera dimensão econômica e política. Para Dardot e Laval, “é por isso que devemos falar de sociedade neoliberal, e não apenas de política neoliberal ou economia neoliberal” (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 23). Assim, por meio de uma *contra-revolução*

intellectual engendrada através de uma rede internacional, conformar-se-iam as bases de um neoliberalismo sob a forma de um verdadeiro projeto hegemônico de sociedade⁴⁶.

Através das investidas edificadas por essa sociedade e por seus “intelectuais fundamentalistas de mercado” (NEUBAUER, 2012), o discurso neoliberal deixaria de circular apenas no meio acadêmico para adentar na esfera política, principalmente por meio do fornecimento de quadros-técnicos que, uma vez dentro, veiculavam suas ideias na forma de propostas, medidas ou recomendações, de modo que o produto do trabalho intelectual necessariamente desemboca em lutas sobre o campo de poder estatal (DEZALAY, GARTH, 2002). Logo, seus desdobramentos investiram-se num esforço em direção à substituição das ideias de bem-estar social por noções neoliberais circunscritas na “generalização da concorrência como norma de conduta e da empresa como modelo de subjetivação” (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 15). Desse modo, os intelectuais com passagem na Sociedade Mont Pèlerin atuaram enquanto promotores instrumentais para uma transição de um Estado de bem-estar social para um mais adepto ao livre mercado, substituindo aquelas ideias consideradas inadequadas para a promoção de uma sociedade ancorada sob a lógica do mercado e do individualismo.

Como destaca Ludwing von Mises⁴⁷:

Devemos substituir as ideias errôneas por outras melhores, devemos refutar as doutrinas que promovem a violência sindical. É nosso dever lutar contra o confisco da propriedade, o controle de preços, a inflação e contra tantos outros males que nos assolam. Ideias, e somente ideias, podem iluminar a escuridão. As boas ideias devem ser levadas às pessoas de tal modo que elas se convençam de que essas ideias são as corretas, e saibam quais são as errôneas (MISES, 2009, p. 101).

Em decorrência de seus esforços, a Sociedade Mont Pèlerin favoreceu ao longo dos anos no desenvolvimento de uma ampla rede de *think tanks*, podendo ser entendidos enquanto “aparelhos privados de hegemonia” (GRAMSCI, 2007), comprometidos em acessar áreas estratégicas em favor dos modos de pensamento neoliberais⁴⁸. O que de fato propiciou a criação de um clima de opinião em apoio ao neoliberalismo que, antes de ser visto como um programa ideológico de especialistas particularmente interessados e empresários individuais, passou a ser tomado como uma verdade quase natural e evidente (VAN DER PIJL, 2005). A partir daí, os *think tanks* neoliberais ocuparam uma posição

⁴⁶ Noção de *contra-revolução intelectual* foi comumente empregada pelos próprios liberais para descrever o empenho dos defensores do liberalismo econômico contra as premissas do keynesianismo.

⁴⁷ Professor de Hayek na Universidade de Viena, participante assíduo da Sociedade Mont Pèlerin e um dos expoentes da escola austríaca do neoliberalismo.

⁴⁸ Ao longo dos anos os *think tanks* se consolidaram enquanto verdadeiros “revendedores de segunda mão”, exercendo um papel intermediário na disseminação de ideias e influenciando a opinião pública.

intermediária, com capacidade de organizar um projeto capaz de penetrar na política sem ao menos perder o seu status intelectual de produtor de um conhecimento especializado e independente.

1.4 O papel dos *think tanks* na promoção neoliberal

A crescente influência exercida pelos *think tanks* (TTs) na mobilização da opinião pública e, conseqüentemente, nos processos de formulação de políticas e nos governos, tem sido ao longo dos anos tema central na agenda de diversos pesquisadores, com destaque para os trabalhos desenvolvidos por Inderjeet Parmar (2004), Tatiana Teixeira (2007) e Tom Medvetz (2008), dentre outros. Como destaca Tatiana Teixeira, “estudar os think tanks significou refletir sobre o valor das ideias, sobre o papel dos intelectuais e especialistas e sobre sua relação com a política e o poder” (TEIXEIRA, 2007, p. 31)⁴⁹.

Marcados pela imprecisão conceitual e pelas diferentes maneiras de serem abordados, os *think tanks* se configuram como um universo consideravelmente abrangente e de constante disputa por trás de sua definição. Alguns autores como James McGann (2007) e Diane Stone (2004) chegam a apontar esses espaços como relativamente autônomos, independentes da influência de partidos políticos e engajados tão somente na análise política. Já Donald Abelson (2006) chama a atenção para o universo demasiadamente amplo dos *think tanks*, comportando organizações que vão se distinguir desde suas áreas de especialização e orientação ideológica, alguns se configurando como independentes de partidos políticos, outros vinculados em maior medida a universidades ou a governos.

Em contraposição a essa visão mais tradicional e restrita, Medvetz entende que o caráter impreciso por trás da definição dos *think tanks* é algo intrínseco de sua própria natureza e em boa medida justificado sob o prisma de uma realidade social demasiadamente imprecisa. Partindo de conceitos edificados por Bourdieu, em especial sua noção de campo de poder e espaço social, Medvetz vai apontar que os *think tanks* mobilizam a partir de suas atividades os diferentes tipos de capitais, desde o acadêmico, econômico, político e midiático, ao mesmo tempo que objetivam conservar uma suposta “independência” em relação a esses mesmos espaços. Em sua visão, tornar-se um “think tank” é elevar-se acima da mera política baseada em interesses e reivindicar os dividendos

⁴⁹ Por meio de seu livro intitulado - “Os think tanks e sua influência na política externa dos EUA”, Tatiana Teixeira busca compreender a influência exercida pelos think tanks enquanto atores da Política Externa norte-americana, e de que forma estes se tornaram uma ferramenta fundamental dentro da estratégia dos neoconservadores no contexto do governo de George W. Bush, após o 11 de Setembro.

simbólicos que advêm da filiação entre os produtores de conhecimento especializado” (MEDVETZ, 2008, p. 03).

Por meio desta perspectiva, é possível assimilar a conexão existente entre a produção de conhecimento e poder, entendendo-a como uma dimensão fundamental para a fabricação de consentimento e penetração na política. Assim, em suas atividades diárias, os *think tanks* gozam de uma certa autoridade intelectual, que sob o véu de uma espécie de “neutralidade” e “independência”, visam penetrar na política através da contínua publicização e extensão de seus estudos e ações.

De acordo com Medvetz,

Deve ficar claro que, em sua busca de acesso político, credibilidade intelectual, receita operacional e visibilidade pública, as organizações que existem sob o título “think tank” estão orientadas para uma multiplicidade de universos sociais. A maioria depende muito de doações financeiras de fundações privadas, indivíduos ricos e corporações de negócios. Alguns mantêm filiações frouxas com universidades de pesquisa, partidos políticos, coalizões do Congresso e grupos de defesa (MEDVETZ, 2008, p. 04).

Os *think tanks* ajudam na própria identificação de certos denominadores comuns, que ao serem transformados em estratégias políticas e econômicas com certa base consensual de um grupo, tornam-se passíveis de refletir ou funcionar com um guia político em dado contexto ou época. Do mesmo modo, Parmar, em seu estudo acerca do papel desempenhado por *think tanks* de política externa, identificou estes enquanto inseridos em estruturas de poder que, a partir da posição social de seus membros e dirigentes, foram fundamentais para explicar o impacto e influência destes na formulação da política externa dos Estados Unidos e Reino Unido e sua cooperação no período que antecede e os seus desdobramentos no pós-Segunda Guerra Mundial⁵⁰. De acordo com Parmar, “a origem social, em qualquer sociedade, é um fator poderoso na determinação do comportamento social, econômico e político de um indivíduo” (PARMAR, 2004, p. 45), já que os membros e dirigentes vinculados aos *think tanks* fazem uso informal de suas amizades e conjunto de disposições sociais para finalidades políticas.

Ao seu turno, os *think tanks* neoliberais surgiram enquanto elementos fundamentais na estrutura intelectual consubstanciada desde a Sociedade Mont Pèlerin, contribuindo em grande medida para que o neoliberalismo viesse a passar de uma mera utopia marginal para uma ideologia dominante, cristalizada e estabilizada em todo mundo

⁵⁰ Para mais informações, consultar a obra do Inderjeet Parmar intitulada de: *Think tanks and power in foreign policy: a comparative study of the role and influence of the Council on Foreign Relations and the Royal Institute of International Affairs, 1939–45*.

(DJELIC, 2014). Ao contar com financiamento advindo de corporações, governos, fundações e instituições financeiras internacionais (em sua maioria do norte global), tornaram-se fontes bastante influentes e com potencial de afetar a opinião pública por meio da publicação de livros, artigos e relatórios (NEUBAUER, 2012). Torna-se, desse modo, imprescindível entender os *think tanks* sob a luz de suas conexões com grupos e frações de uma elite que se utilizam desse espaço para impactar em governos e influenciar seus dirigentes nos processos de decisão.

Como destaca Salas-Porrás e Murray,

Os think tanks tornaram-se uma peça-chave na estrutura de poder nos níveis nacional, regional e global. Por seu papel intermediário, ocupam os espaços mais dinâmicos, onde interesses econômicos e políticos se sobrepõem e se entrelaçam por meio de uma intensa circulação de elites corporativas, culturais, intelectuais e políticas (SALAS-PORRAS e MURRAY, 2017, p. 13).

Através de uma atuação ativa por parte dos *think tanks* neoliberais e uma maior proximidade de suas atividades no meio político, observou-se ao longo dos anos sua capacidade de formação de quadros de dirigentes e técnicos que logo fariam parte de governos elaborando projetos de leis, recomendações e aconselhando diretamente os decisores políticos. Em busca de uma penetração na política sob a defesa de reformas ancoradas nos preceitos do livre mercado, as forças neoliberais e seus *think tanks* buscaram formar coalizões e conexões com o movimento conservador. Esse esforço influenciou diretamente para a ascensão de governo de direita, solidários à liberdade apenas na esfera econômica, delegando à dimensão social a um verdadeiro autoritarismo dos bons costumes (COCKETT, 1999). Começando com a ditadura de Augusto Pinochet no Chile (1973-1990), e continuando com as iniciativas de Margaret Thatcher no Reino Unido (1979-1990) e de Ronald Reagan nos EUA (1981-1989), o neoliberalismo se consolidou na forma de um projeto hegemônico.

O Chile, sob a égide da ditadura de Pinochet, tornou-se o primeiro laboratório de implementação dos preceitos neoliberais contando com o assessoramento direto de intelectuais vinculados à Sociedade Mont Pèlerin, caso de Friedman e Hayek que enxergavam nesse país a oportunidade ideal de aplicação deste ideário na forma de um projeto político⁵¹. Tratou-se de um plano colocado em prática sob o financiamento da USAID e da Fundação Ford que, por intermédio do estabelecimento de um acordo entre

⁵¹ Depois de concentrar seus esforços no terreno científico, Friedman empreendeu sua luta na arena pública, criando uma aliança com forças conservadoras (DEZALAY, GARTH, 2002).

Universidad Católica de Chile e o departamento de economia da Universidade de Chicago, implementou o “Projeto Chile” visando promover o intercâmbio entre estudantes no âmbito de ensino e promoção do neoliberalismo (KLEIN, 2008). Por meio da formação de estudantes na escola neoliberal de Chicago, em sua maioria alunos de Milton Friedman, objetivou-se combater doutrinas coletivistas no âmbito da América Latina alçando, para tanto, estes indivíduos enquanto atores-chaves para o processo de neoliberalização.

Os “Chicago Boys”, como ficariam conhecidos, colocaram-se no centro do campo político e econômico no Chile, fazendo parte da própria equipe econômica de Pinochet e implementando toda uma cartilha neoliberal em favor das forças do mercado. Como destaca Anderson, “o Chile de Pinochet começou seus programas de maneira dura: desregulamentação, desemprego massivo, repressão sindical, redistribuição de renda em favor dos ricos, privatização de bens públicos” (ANDERSON, 1995, p. 09). Este conjunto de medidas encontrou no poder autoritário o respaldo necessário para a sua implementação e adequação do restante da sociedade no modelo neoliberal que, ao invés de promover o desenvolvimento social, contribuiu para a concentração de poder e riqueza – o que demonstra que a própria campanha ocidental pela liberdade e democracia permaneceu ancorada e marcada por contradições (PLEHWE, 2016). Como destacou o próprio Hayek ao se referir ao Chile de Pinochet – “pessoalmente, prefiro um ditador liberal a um governo democrático sem liberalismo” (HAYEK, 1981) ⁵².

A experiência neoliberal no Chile, sob tutela de um regime ditatorial, serviu como um modelo para a formulação de políticas no centro, tendo em vista a pretensão de salvaguardar os interesses de uma elite econômica (HARVEY, 2011). Tal processo de experimentação sedimentado na periferia anteciparia os desenvolvimentos colocados em prática posteriormente no Reino Unido e nos Estados Unidos. Mesmo sem poder contar com o respaldo de um poder autoritário para a sua implementação, tais países dispunham de toda uma base consensual orquestrada dentro de um processo histórico construído a partir dos esforços firmados por intelectuais do livre mercado e seus *think tanks*. Como destaca Dardot e Laval,

Se reduzíssemos o neoliberalismo à aplicação do programa econômico da Escola de Chicago pelos métodos da ditadura militar, enveredaríamos pelo

⁵² Trecho retirado de uma entrevista concedida por Hayek ao jornal El Mercurio do Chile, no ano de 1981. Disponível em: <<https://puntodevistaeconomico.com/2016/12/21/extracts-from-an-interview-with-friedrich-von-hayek-el-mercurio-chile-1981/>> Acesso realizado em 08/01/2021.

caminho errado. Convém não confundir estratégia geral com métodos particulares (DARDOT, LAVAL, 2016, p. 18).

A aplicação do neoliberalismo nos países do centro atestaria, para além dos métodos coercitivos, a existência de um esforço na fabricação de consentimento ancorado em um conjunto de ideias e categorias estabelecidas a partir de aparelhos da sociedade civil promotores do programa neoliberal. Por sua vez, suas vinculações com o conservadorismo se traduzem como atraentes para aquelas camadas da sociedade reacionárias frente as conquistas de um Estado de bem-estar social. A própria ascensão de Thatcher e Reagan e seus respectivos programas na década de 1980 não surgiram do nada em termos de pensamento político e econômico, mas contaram em sua base com capacidades desenvolvidas por *think tanks* e suas lideranças intelectuais que apontaram para uma direção neoliberal (PLEHWE, 2016).

Na Grã-Bretanha, o *Institute of Economic Affairs* (IEA) e seu fundador Antony Fisher (que mais tarde fundaria a Atlas Network) desempenharam um papel significativo para a difusão do neoliberalismo e sua difusão na opinião pública que se manifestaria, posteriormente, na vitória eleitoral de Thatcher. Frequentadora regular do IEA, e entusiasta do trabalho de Hayek, Thatcher foi eleita na Grã-Bretanha com o propósito de promover uma reforma na economia ancorada nos preceitos neoliberais (GONZALBO, 2015)⁵³. Em troca de correspondência com Hayek, a primeira-ministra britânica expôs as limitações em aplicar o modelo neoliberal aos moldes do Chile⁵⁴,

A mudança do socialismo de Allende para a economia capitalista de livre empresa dos anos 1980 é um exemplo marcante de reforma econômica com a qual podemos aprender muitas lições. [...] Contudo, tenho certeza que você vai concordar que, na Grã-Bretanha com nossas instituições democráticas e a necessidade de um alto grau de consentimento, algumas das medidas adotadas no Chile são bastante inaceitáveis (THATCHER, 1982)⁵⁵.

De forma análoga ao que ocorreu no Chile com os Chicago Boys, boa parte de sua equipe advinha de escolas ou fundações neoliberais, caso do próprio IEA, e que contribuiu diretamente para o fornecimento de técnicas e conhecimentos consubstanciados na forma de um programa político neoliberal. Através de suas atividades, o IEA buscava atuar

⁵³ A missão do IEA consiste em “melhorar a compreensão das instituições fundamentais de uma sociedade livre, analisando e expondo o papel dos mercados na solução de problemas econômicos e sociais” (Website IEA). Disponível em < <https://iea.org.uk/>> Acesso realizado em 01/07/2019.

⁵⁴ Hayek, amigo pessoal de Thatcher, foi um dos principais ideólogos das reformas implementadas na Grã-Bretanha, contribuindo para uma série de políticas, das privatizações ao combate aos sindicatos, passando pelas medidas de ajuste econômico e contenção da inflação (ONOFRE, 2018).

⁵⁵ Para mais informações, consultar em: < <https://www.margaretthatcher.org/document/117179>> Acesso realizado em 17/01/2021.

mediante uma espécie de “evangelização” neoliberal, focando e reunindo indivíduos (intelectuais, políticos, empresários e jornalistas) com o propósito de influenciar a opinião pública e penetrar na política (ROCHA, 2015). Como exemplo de tamanha influência, após sua vitória Thatcher enviou uma calorosa nota de agradecimento ao IEA e seu diretor Ralph Harris:

Deixe-me agradecer o que você fez pela causa da livre empresa ao longo de tantos anos. Foi principalmente o seu trabalho de fundação, que nos permitiu reconstruir a filosofia sobre a qual nosso Partido teve sucesso no passado. A dívida que temos com você é imensa e estou muito grata (THATCHER, 1979)⁵⁶.

A equipe de governo de Reagan também contava com uma série de pessoas práticas advindas de *think tanks* neoliberais, caso da Heritage Foundation, Cato Institute e do Center for Policy Studies (CPS), nomeado posteriormente como Manhattan Institute. Por meio destes mecanismos as lideranças desses grupos buscavam exercer sua influência corporativa no meio político almejando implementar reformas sob a lógica do mercado e da iniciativa privada. A exemplo disso, tem-se o caso de Bill Casey que, após fundar juntamente com Fisher o CPS, tornou-se o gerente de campanha de Ronald Reagan e o primeiro diretor da CIA sob a sua administração. De acordo com Djelic, “como gerente de campanha de Reagan, Casey mobilizou significativamente a Sociedade Mont Pèlerin, equipando o comitê com muitos membros da sociedade” (DJELIC, 2014, p. 11). Como resultado do impacto proporcionado pelas redes e intelectuais neoliberais, o Estado foi progressivamente se fundindo com os dirigentes das finanças e da economia (LAVAL, 2020) o que contribuiu para a adoção e disseminação de um discurso que defendia reformas estruturais e liberalizantes.

A conjuntura que se estabelece através de um processo histórico sedimentado pelos esforços promovidos por intelectuais neoliberais e seus *think tanks*, assim como seus impactos e reflexos na ascensão de Thatcher e Reagan, forneceriam as bases necessárias para que Antony Fisher decidisse fundar nos EUA, a *Atlas Economic Research Foundation* (1981), tendo em vista elevar o grau de proliferação do neoliberalismo. Desse modo, o surgimento da Atlas tornou-se um importante marcador simbólico para entender a institucionalização e proliferação das redes neoliberais para além de seus contextos de origem, demarcando um verdadeiro processo de transnacionalização.

⁵⁶ Nota de agradecimento escrita por Thatcher para Ralph Harris e o IEA. Disponível em: <<https://www.margaretthatcher.org/document/117145>> Acesso realizado em 17/01/2021.

Capítulo 2 – Transnacionalização das redes neoliberais: As origens da Atlas Network e sua expansão ao longo dos anos

Por acaso, li o livro de FA Hayek, O caminho da servidão, e pedi seu conselho. Ele me disse: “Fique fora da política e apresente seu caso aos intelectuais - isto é, aos professores e à mídia - porque eles, por sua vez, influenciam as pessoas”. [...] Aquele que torna o sentimento público realmente torna a legislação possível

(Antony Fisher em alusão aos conselhos recebidos de Hayek, 1985) ⁵⁷.

No longo prazo, é uma batalha de idéias, e é o intelectual - o jornalista, romancista, cineasta e assim por diante, que traduz e transmite as idéias dos estudiosos para o público mais amplo - que é criticamente importante. Ele é o filtro que decide o que ouvimos, quando ouvimos e como ouvimos

(John Blundell sobre os “insights estratégicos” de Hayek, 1990) ⁵⁸.

Ao longo da história, os interesses privados e agendas políticas invariavelmente se entrelaçam de uma forma ou de outra, manifestando-se sob diferentes maneiras na contemporaneidade desde sua extensão, natureza e mecanismos utilizados para esse emaranhamento (DJELIC, 2014). Através de uma dinâmica marcada pelas interações entre as elites econômicas e suas instituições, se busca acessar áreas estratégicas da vida social em prol da conversão da opinião pública aos modos de pensamento neoliberais⁵⁹. Em vista disso, são promovidas atividades de cunho político-pedagógicas sob a égide de mecanismos mais sutis e indiretos integrando agentes e instituições locais e nacionais que muitas vezes se encontram conectadas a redes transnacionais.

O surgimento da Atlas Network em 1981 nos Estados Unidos, sob comando de Antony Fisher, exemplifica muito bem a transnacionalização neoliberal travada mediante uma guerra de ideias (FISCHER, PLEHWE, 2013), assim como sua capacidade em promover, em diferentes contextos, os interesses de uma elite econômica no campo

⁵⁷ Os trechos citados foram retirados de um vídeo de apresentação e promoção da Atlas (1985). Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=nW8ukG8WdQg>> Acesso realizado em 20/11/2020.

O trecho pode ser encontrado também em <<https://www.atlasnetwork.org/news/article/antony-fisher-and-the-influence-of-intellectuals-on-modern-society>> Acesso realizado em 22/08/2020.

⁵⁸ Trecho retirado da palestra do presidente do Institute of Economic Affairs na época, John Blundell, – “Travando a guerra de ideias: Por que não há atalhos”, realizada na sede da Heritage Foundation no ano de 1990. Disponível em: <https://www.heritage.org/political-process/report/waging-the-war-ideas-why-there-are-no-shortcuts> Acesso realizado em 22/08/2020.

⁵⁹ “O que se chama de “opinião pública” está estreitamente ligado à hegemonia política, ou seja, é o ponto de contato entre a “sociedade civil” e a “sociedade política”, entre o consenso e a força” (GRAMSCI, 2007, p. 255).

político. Comprometida em difundir o pensamento neoliberal sobre o livre mercado e disseminá-lo entre as redes políticas nacionais ao redor do globo (CARROLL, SAPINSKI, 2016), a Atlas busca fomentar uma cultura neoliberal com potencial de manter os seus membros ideologicamente comprometidos.

Ao longo dos anos e com a expansão de suas atividades, a Atlas estruturou uma comunidade transnacional de *think tanks* neoliberais que atuam sob a égide do seu suporte e provimento de recursos objetivando maior proliferação e impacto dessa rede nas políticas nacionais. Por meio da Atlas, articula-se uma ampla gama de intelectuais, em sua maioria economistas, assim como “homens práticos” (aqueles que executam as ideias), indo desde elites corporativas, políticos, jornalistas que se encontram comprometidos com os princípios neoliberais, estando seus interesses cada vez mais vinculados globalmente, e não exclusivamente a sua origem local e nacional (SKLAIR, 2009).

Com o intuito de assimilar a posição atual das forças neoliberais nas batalhas políticas contemporâneas e a promoção das ideias atreladas a uma classe econômica dominante, pretende-se nesse capítulo examinar as origens da Atlas Network, elucidando os principais atores e acontecimentos que desembocam no seu surgimento na década de 80. Para isso, será apresentada uma espécie de radiografia que contempla sua estrutura-organizacional, expansão e relação com a América Latina, formas de financiamento e perfil dos membros de seu conselho executivo.

2.1 As origens da Atlas Network

Por trás das origens da Atlas, existe um movimento originado e construído ao longo do século XX na Inglaterra e nos Estados Unidos. Por meio deste movimento, de cunho político e intelectual e orquestrado principalmente por indivíduos como Friederich Hayek, Ludwig Von Mises e Milton Friedman, buscou-se conformar as bases de um projeto contra-hegemônico que fosse capaz de promover uma renovação do liberalismo em oposição a doutrinas coletivistas que reinavam na sociedade (GROS, 2003). Esse esforço consciente, promovido por um grupo de intelectuais orgânicos, aspirava efetivar o neoliberalismo e sua primazia no livre mercado enquanto um conjunto de ideias com capacidade de impactar a opinião pública, fomentando um clima favorável para sua difusão na sociedade.

No decorrer dos anos, os intelectuais desempenharam um papel singular de intermediários na difusão de ideias com o objetivo de impactar a opinião pública ainda que em favor dos interesses de uma minoria disposta a tornar um conjunto de proposições particulares de interesse público. Como visto no primeiro capítulo, Hayek, enquanto figura proeminente e fundacional do neoliberalismo, acreditava na capacidade intermediária dos intelectuais, entendendo ser necessário persuadi-los para transformar um conjunto de ideias ancoradas no livre mercado algo passível de se refletir na sociedade e na política. Em entrevista concedida a James U. Blanchard no ano de 1984, Hayek destaca que uma das principais maneiras de espalhar as ideias do livre mercado reside na seguinte recomendação:

Ajude as pessoas que podem fazer isso a persuadir os intelectuais. Há um esforço organizado nessa direção agora em andamento e se espalhando muito rapidamente. Acho que no passado foi um erro tentar atrair as massas em geral. As pessoas que dão opinião são os intelectuais. Eles têm dado opiniões erradas. Devemos convencê-los para que trabalhem na direção certa (HAYEK, 1984a)⁶⁰.

Na perspectiva de Hayek, o fundamento para impactar o campo político, reside exatamente no exercício, materializado na maior parte das vezes pelos intelectuais, de “formar a opinião pública” visando orientá-la a partir da crença na superioridade dos mercados e de suas soluções (HAYEK, 1949, p. 417). Desse modo, a política e a formulação de suas disposições teriam que se adaptar, tendo em vista o ambiente propício construído na opinião pública em favor dos pressupostos neoliberais (DJELIC, 2014).

Cristalizando esse conjunto de investidas, observa-se o papel desempenhado pela Sociedade Mont Pèlerin enquanto uma organização fundamental no objetivo de construir um ambiente que fosse favorável para a disseminação e consolidação do neoliberalismo (PLEHWE, 2017). A partir deste espaço, foi possível articular uma série de intelectuais orgânicos, aproximando-os, ao mesmo tempo, de uma elite econômica com recursos suficientes para financiar os seus projetos nos mais diversos âmbitos da vida social, transitando desde a academia, com a proliferação de suas obras, até a sua penetração no campo político, fomentando tanto a propaganda neoliberal como o aconselhamento à políticos em vários países (VAN DER PIJL, 2005). Conforme destaca Hayek,

A liderança de indivíduos ou grupos que podem dar respaldo financeiro a suas idéias é particularmente essencial no campo da cultura, das artes, da educação

⁶⁰ Entrevista de Hayek para James U. Blanchard no ano de 1984. Disponível em: <<https://www.cato.org/policy-report/may/june-1984/exclusive-interview-fa-hayek>> Acesso realizado em 08/01/2021

e pesquisa, na preservação das belezas naturais e dos tesouros históricos e, acima de tudo, na divulgação de novas idéias políticas, morais e religiosas (HAYEK, 1983, p. 141).

O conjunto de investidas colocadas em prática por Hayek e pela Sociedade Mont Pèlerin foram vitais para consubstanciar uma espécie de renascimento internacional do neoliberalismo (GROS, 2003) e que ao longo dos anos foi seguido por uma maior homogeneidade de seu pensamento e capacidade de penetrar em diversos outros países. Em certo sentido, tratou-se da criação de um pensamento coletivo, sedimentado e fortalecido por uma atividade intelectual com “um conjunto de referências estruturantes surpreendentemente homogêneas” (DJELIC, 2014, p.17) estimulando o imaginário de uma enorme parcela da população e refletindo sob a forma de uma renovação dos indivíduos vinculados a essa ideologia e suas instituições. Como destacou Hayek, em discurso proferido na Sociedade Mont Pelèrin no ano de 1984,

Em 1945, todos os liberais que pude encontrar eram velhos, embora naquela época por velhos eu me referisse geralmente a homens mais velhos do que eu, mas nem quarenta anos depois podemos contar com um grupo representando o liberalismo revivido, e - se assim posso dizer - o centro intelectual do mundo onde minha esperança estava amarrada (HAYEK, 1984b)⁶¹.

Através de uma ampla gama de iniciativas e estratégias, a Sociedade Mont Pélerin buscou desde seu princípio fomentar a criação de redes de institutos afiliados, tendo em vista sua pretensão em difundir as bases do pensamento neoliberal sob o maior número de indivíduos de forma a impactar de imediato a opinião pública. Esse esforço se refletiu ao longo dos anos na própria composição de seus membros que, em sua maioria, figuram ou já figuraram em outros *think tanks* neoliberais, conforme expresso na tabela abaixo.

Tabela 1 - Número de indivíduos de outros think tanks neoliberais com filiação à Sociedade Mont Pelèrin

Organização	País	Nº de indivíduos filiados à SMP
Cato Institute	EUA	55
The Hoover Institution	EUA	24
The Independent Institute	EUA	23
Institute of Economic Affairs	Inglaterra	22
Heritage Foundation	EUA	18
Reason Foundation	EUA	18
Foundation for Economic Education	EUA	17

⁶¹ Discurso proferido por Hayek na Sociedade Mont Pèlerin. Disponível em <<https://www.margaretthatcher.org/document/117193>> Acesso realizado em 08/01/2021.

American Enterprise Institute	EUA	16
Atlas Network	EUA	16
Centre for the New Europe	Bélgica	14
Fraser Institute	Canadá	13
Mercatus Center	EUA	12
Heartland Institute	EUA	12
Institute of Public Affairs	Austrália	12
Acton Institute	EUA	9

Fonte: Elaboração própria do autor com base em Desmog (2021a)

Dentre os afiliados mais proeminentes e com resultados mais significativos, observa-se o *Institute of Economic Affairs* (IEA) estabelecido no ano de 1955 na Inglaterra sob o comando de Antony Fisher (um ex-piloto da Força Aérea Real Britânica e frequentador da Sociedade Mont Pèlerin), que subsequentemente contaria com a ajuda e subsídio de uma elite econômica local que almejava ter os seus interesses representados na política britânica. A inspiração original para a criação do IEA se deu com os primeiros encontros sediados na *London School of Economics* entre Fisher e Hayek na década de 1940 (DJELIC, 2014). Sob influência de sua leitura acerca do livro de Hayek, “O caminho da servidão” (1944), Fisher decidiu colocar os seus serviços em prol da causa do livre mercado e de sua difusão na sociedade. Fisher, ao sugerir entrar na política como forma de disseminar as ideias de livre mercado, foi logo rebatido com veemência por Hayek que lhe asseverou que a melhor maneira seria por intermédio de uma batalha travada no campo das ideias e na apresentação de seu caso aos intelectuais:

“Devo entrar na política?”, pergunta ele. Com o histórico de guerra de Fisher, boa aparência, dom para falar e excelente educação, não é uma questão inútil. “Não,” responde Hayek. “O curso da sociedade será alterado apenas por uma mudança nas ideias. Primeiro você deve atingir os intelectuais, professores e escritores, com argumentos fundamentados. Será sua influência na sociedade que prevalecerá, e os políticos seguirão” (BLUNDELL, 2015, p. 01).

Outro momento decisivo na conformação do IEA se deu a partir da visita de Fisher à *Foundation for Economic Education* (FEE) nos Estados Unidos. Sob convite de Floyd Arthur Harper, co-diretor do FEE e membro da Sociedade Mont Pelèrin (GROS, 2003), Fisher pôde ver de perto todo o trabalho desenvolvido por este instituto servindo como um exemplo a ser emulado para a própria construção da estrutura e estratégias a serem posteriormente aplicadas no âmbito do IEA.

A respeito de sua composição, Antony Fisher optou por convidar um seletivo grupo de indivíduos atrelados a defesa do livre mercado e que haviam sido anteriormente renegados pelos partidos da Inglaterra. Inicialmente, sob a direção do intelectual do

Partido Conservador Ralph Harris e atuação do economista Arthur Sheldon enquanto diretor editorial, o IEA concentrou seus esforços na “publicação de artigos e panfletos para um público intelectual, obras cuja única preocupação - nas palavras da primeira brochura da IEA - seria ‘verdade econômica’ não influenciada pelas atuais ‘considerações políticas’” (BLUNDELL, 2015, p. 06). De acordo com John Blundell,

O objetivo desses esforços, disse o IEA, era uma sociedade em que as pessoas entendessem a economia de livre mercado “juntamente com uma compreensão dos fundamentos morais que governam a aquisição e posse de propriedade, o direito do indivíduo de ter acesso a mercados competitivos e a necessidade de um sistema monetário seguro e honesto” (BLUNDELL, 2015, p. 06).

Por meio deste conjunto de iniciativas e de um crescente ativismo intelectual, pretendia-se atingir o maior número de pessoas possíveis, principalmente a partir da proliferação das obras de autores com renome no espectro neoliberal e que uma vez vinculados a sua linha editorial detinham um alcance considerável. Como menciona Denise Gros (2003),

A lista de autores das publicações do IEA incluía professores de Economia reconhecidos na Inglaterra, muitos formados pela London School of Economics; membros da Sociedade Mont Pelerin; e também economistas liberais de renome internacional, como Hayek, James Buchanan e Milton Friedman (GROS, 2003, p. 101).

Ao longo da década de 1970, o IEA conseguiu atingir um nível cada vez maior de institucionalização de suas atividades e iniciativas, aumentando progressivamente o seu número de colaboradores, refletindo-se diretamente no grau de legitimidade na academia e na opinião pública nacional. Ao promover seus quadros técnicos e intelectuais no âmbito político, o IEA assistiria com o passar dos anos seus membros compondo a equipe econômica da Thatcher e, por conseguinte, impactando na proposição de medidas e disposições ancoradas nas premissas do livre mercado (ROCHA, 2015)⁶². Ademais, os seus militantes do livre mercado ainda desfrutavam de um amplo acesso aos debates desenvolvidos na Sociedade Mont Pelerin e conseqüentemente em outros *think tanks* neoliberais espalhados pelo mundo.

Desse modo, o ativismo de Antony Fisher e sua cristalização através do IEA cumpriria um papel singular na difusão da ideologia neoliberal na política e na opinião

⁶² Para Bourdieu, “o Thatcherismo não nasceu com a Sra. Thatcher. Ele foi longamente preparado por grupos de intelectuais que dispunham, em sua maioria, de espaço em grandes jornais” (BOURDIEU, 1998a, p. 43).

pública britânica, fazendo do neoliberalismo uma visão de mundo cada vez mais dominante (DJELIC, 2014). Para além dos resultados alcançados no Reino Unido na década de 1970, Fisher veio a ser convidado para participar e apoiar a criação de uma série de outros *think tanks* neoliberais sediados na América do Norte e na Austrália. Dentre estes, destacam-se: *Fisher Institute* (Canadá, 1975); *Center for Independent Studies* (Australia, 1976); *Manhattan Institute for Policy Research* (EUA, 1977); *Center for Economic Policy Studies* (EUA, 1977) e o *Pacific Institute for Public Policy* (EUA, 1979)⁶³.

Diante da contínua proliferação de institutos neoliberais pelo globo, tornou-se latente a necessidade de conformar uma organização que fosse capaz de coordenar e promover a institucionalização desse processo em nível transnacional. Em vista da crescente influência e repercussão dos resultados alcançados pelo IEA na Inglaterra, Hayek acreditava ter chegado o momento de Antony Fisher reproduzir e espalhar o modelo aplicado para a criação de outros *think tanks* nos mesmos moldes, agora em outros países. De acordo com Marie-Laure Djelic, “Hayek estava convencido de que Antony Fisher era o homem certo para o projeto, então ele deu-lhe todo o seu apoio” (DJELIC, 2014, p. 20). Assim,

Estou mais convencido do que nunca de que o método praticado pelo IEA é o único que promete resultados reais [...] Isso deveria ser usado para criar institutos semelhantes em todo o mundo e agora você adquiriu a habilidade especial de fazer (HAYEK, 1980).

Em 1981, Antony Fisher decide criar em Washington a *Atlas Economic Research Foundation* (Atlas Network). Logo após a sua criação, em 1987, a Atlas se associaria ao *Institute for Humane Studies* (IHS, 1961), fundado por F.A. Harper e antigo conhecido de Fisher. Para John Blundell, presidente da Atlas e do IHS de 1987 a 1990, o objetivo era de “abarrotar o mundo com *think tanks* que defendam o livre mercado” (COCKETT, 1995, p. 307)⁶⁴. Desse modo, a Atlas iria ser a principal responsável por criar, apoiar financeiramente e até mesmo auxiliar a maior parte dos institutos neoliberais daquele período. De acordo com Djelic, a “Atlas serviria como *business angel* ou *venture capitalist* para grupos de reflexão neoliberais individuais em todo o mundo” (DJELIC,

⁶³ A criação do *Pacific Institute for Public Policy* (1979) nos Estados Unidos, coincidiu com o ano em que Fisher se mudou para a vizinhança de Milton Friedman, na cidade de São Francisco (ROCHA, 2015).

⁶⁴ Blundell era presidente das Fundações de Caridade Charles G. Koch e Claude R. Lambe, auxiliando na sua evolução em algumas das filantropias mais ativas para o avanço das ideias libertárias. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/page/a-tribute-to-john-blundell>> Acesso realizado em 17/07/2019.

2014, p. 03), ajudando estes grupos na construção e desenvolvimento de seus mecanismos de influência, adequando-os aos seus contextos particulares.

2.2 Tornando o neoliberalismo uma “legislação possível”: Atlas Network e sua projeção para América Latina

O surgimento da Atlas no decorrer da década de 1980 foi um marco simbólico em termos de transnacionalização das redes de *think tanks* neoliberais. Através da atuação de seus institutos congêneres, buscar-se-ia criar condições suficientes para alterar a realidade política de diversos países, desenvolvendo, desse modo, um conjunto de iniciativas capazes de serem convertidas em um ambiente favorável para a implementação de reformas econômicas ancoradas nos preceitos neoliberais. A ideia era simples: consistia no entendimento de que os *think tanks* “influenciariam o sentimento público” em todo o mundo e que isso, por sua vez, “tornaria a legislação possível” (FISHER, 1985). Buscando influenciar a hierarquia de conhecimento e informação em qualquer sociedade, as forças neoliberais precisam de organizações dedicadas a exercer influência nos debates e discursos públicos.

De fato, a Atlas não era similar a outros *think tanks* de livre mercado da época, uma vez que não “dirigia ou controlava qualquer instituto”, mas “usava a experiência do IEA para aconselhar uma família cada vez maior de institutos independentes” (Atlas, 1987). Desse modo, a Atlas se configurou enquanto um *cluster* de *think tanks*, estruturando e unindo uma constelação de outros *think tanks* promotores do ideário neoliberal. A partir disso, a Atlas se voltou para coordenar e orientar a criação de novos institutos neoliberais parceiros pelo mundo, contribuindo para a institucionalização e a uniformização desse processo (FISCHER; PLEHWE, 2013).

De acordo com informações contidas em seu site, a Atlas busca “fortalecer uma rede global de organizações independentes da sociedade civil, que promovam a liberdade individual e removem as barreiras ao florescimento humano” (Atlas, 2021). Através de sua atuação, promove valores e postulados neoliberais como a defesa da iniciativa privada, do livre mercado, da responsabilidade individual, da propriedade privada, da meritocracia e do governo mínimo.

O principal ponto de contato entre a Atlas e seus institutos parceiros concentra-se na destinação de suporte financeiro e logístico, assim como no fornecimento de consultoria “com base na experiência acumulada ao longo da década de 1970 com a

primeira geração de *think tanks* neoliberais” (DJELIC, 2014, p. 23). A partir disso, tornou-se factível a consolidação de uma rede interligando os seus institutos congêneres e, conseqüentemente, seus quadros de dirigentes e membros, convergindo suas experiências em estratégias passíveis de serem aplicadas em seus contextos nacionais. Como argumenta Karin Fischer,

A Atlas opera como organização guarda-chuva. Por um lado, fornece a empreendedores de *think tanks* quantias significativas de dinheiro para início de projetos e conselhos, ao mesmo tempo em que os conecta com os doadores. Por outro lado, a rede integra os seus membros por intermédio de eventos conjuntos, como os Fóruns Regionais da Liberdade, bolsas de viagem e prêmios. Ao desenvolver uma academia de primeira e um curso de MBA para executivos, aumenta o caráter profissional das atividades do *think tank* e de seu pessoal em todo o mundo (FISCHER, 2018, p. 11).

Como observa Camila Rocha, “em menos de dez anos é possível dizer que a Atlas já desfrutava de um grau de sucesso considerável em relação aos objetivos propostos por seu fundador” (ROCHA, 2015, p. 269)⁶⁵. De modo que, no decorrer dos anos 1980 se assistiu a uma crescente participação de grupos de interesse nacionais e internacionais voltados para a defesa do livre mercado e de outras pautas pertencentes à ideologia neoliberal, paralelamente a Atlas se consolidava enquanto um centro de uma rede transnacional em formação. Assim, a Atlas trouxe o “coletivo de pensamento neoliberal”⁶⁶ transnacional cristalizado a partir da Sociedade Mont Pèlerin (PLEHWE; MIROWSKI, 2009), para diversas outras organizações emergentes, integrando as elites locais ao núcleo internacional do neoliberalismo.

De acordo com Djelic,

Uma vez que essas organizações estavam ancoradas na esfera de influência da Atlas, seus líderes eram frequentemente convidados para o núcleo do coletivo de pensamento transnacional - fosse para participar de uma reunião da Sociedade Mont Pèlerin ou mesmo para se tornarem membros plenos (DJELIC, 2014, p. 26).

O impacto gerado pela Atlas nos aponta para uma infraestrutura com capacidade cada vez maior em promover quadros técnicos e intelectuais, interligando a própria elite econômica neoliberal em perspectiva transnacional. Por meio deste movimento, articula-

⁶⁵ O conjunto de iniciativas desenvolvidas por Antony Fisher lhe proporcionaram, no ano de 1988, o recebimento da rainha Elizabeth II o título de Sir por sua dedicação à defesa da “liberdade”.

⁶⁶ Para Plehwe e Mirowski, “o neoliberalismo deve ser abordado principalmente como um *coletivo de pensamento* histórico de proporções cada vez mais globais [...] Consideraremos qualquer pessoa ou grupo que tenha qualquer vínculo com a Sociedade Mont Pèlerin (MPS) desde 1947 como pertencente ao coletivo de pensamento neoliberal (PLEHWE; MIROWSKI, 2009, p. 04).

se uma ampla gama de interesses, indo desde ligações sistemáticas entre interesses econômicos (elementos de classe capitalista), acadêmicos e outros especialistas (elementos de classe intelectual), mídia e outros profissionais de transferência (elementos de classe cultural) e a própria classe política (FISCHER, PLEHWE, 2013). O espaço propiciado pela Atlas fornece um artifício fundamental para o recrutamento e treinamento de novos funcionários e pessoas práticas, mais especificamente aqueles que executam as ideias neoliberais, tendo em vista a pretensão de converter seus conhecimentos, experiências e lealdades para a transformação das mais diversas realidades incidindo com maior frequência nos assuntos políticos.

Ao longo dos anos, a Atlas tornou-se um ator central no envio de fundos, no recrutamento, na transferência de técnicas e de outros mecanismos inseridos na difusão transnacional de ideias e políticas ancoradas no neoliberalismo. Por meio de um circuito que promove habilidades e experiências, conformou-se um engenhoso processo de constituição de uma organização cuja atuação fornece a seus parceiros a base necessária para administrar suas organizações sob o prisma de uma rede global de alianças. De acordo com Karin Fischer e Dieter Plehwe,

A próxima geração de gerentes de think tank formados pela Atlas, portanto, compartilha experiência formativa de educação com conexões sociais adquiridas em reuniões de rede de think tank organizadas regularmente pela Atlas e think tanks regionais (FISCHER, PLEHWE, 2013, p. 06).

O discurso neoliberal ainda se daria de forma mais contundente na América Latina, especialmente por conta do momento em que os países latino-americanos passavam na época (DOS SANTOS, 2019; BORÓN *et al.*, 2020). No âmbito doméstico, vivenciava-se um processo de transição democrática após um longo período ditatorial. Por outro lado, no âmbito internacional assistia-se à conformação de um sistema econômico-financeiro ancorado nos interesses hegemônicos estadunidenses e pautados nas premissas neoliberais, sendo estes representados a partir da atuação do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial, em um contexto de crescente aumento da dívida externa em que convivia a maior parte dos países na América Latina.

Ao observar esse ambiente e interpretá-lo como favorável para uma guinada neoliberal, a Atlas buscou exercer um papel difusor dessa ideologia, convertendo todo seu instrumental em estratégias capazes de impactar a realidade latino-americana. Tal postura mais assertiva por parte da Atlas em relação à América Latina se materializou a partir da chegada do argentino radicado nos Estados Unidos e membro da Sociedade Mont

Pelèrin, Alejandro Chafuen à sua presidência (1991-2017)⁶⁷. Como resultado de seus esforços, a Atlas encontra-se conectada desde os anos 1990 a diversas redes neoliberais latino-americanas, dentre as quais se destacam pelo seu protagonismo político: o *Hispanic American Center For Economic Research* – HACER (Chafuen é seu fundador e presidente), a *Fundación Internacional para la Libertad* – FIL e a *Red Liberal de América Latina* – RELIAL (FARIA, CHAIA, 2020). Assim,

A Rede Atlas e a FIL agora estão trabalhando em conjunto com a *Red Liberal de América Latina* (RELIAL) em um esforço conjunto na política e nas respostas intelectuais necessárias para enfrentar a recente turbulência e revolta na região, particularmente no Chile, Argentina, Bolívia e México (*Atlas Network's Center for Latin America*, 2019).

Desse modo, a Atlas vem operando dentro de um processo de abrangência e difusão cada vez maior de suas atividades na América Latina e Caribe, tendo em vista que, em 2021 conta com 104 institutos ocupando a terceira posição em termos de região com maior número de organizações parceiras e, ficando atrás apenas dos Estados Unidos e da Europa e Ásia Central (Atlas, 2021). Além disso, a América Latina conta com o primeiro centro regional: o *Atlas Network's Center for Latin America*.

O centro da Atlas para a América Latina, criado em 2018, busca desenvolver na região uma frente em defesa da promoção do neoliberalismo, destinando, para isso, recursos financeiros, treinamento e suporte necessário para aproximar institutos e indivíduos comprometidos em converter os rumos políticos em prol de reformas econômicas e políticas ancoradas nos preceitos neoliberais. Só em 2019, a Atlas enviou US\$ 1.277.859,00 em recursos financeiros para seus parceiros na região (Atlas, 2019). Dentre as atividades e ações promovidas por este centro, destacam-se:

Subsídios – apoio geral para o financiamento de projetos especiais em uma base competitiva;

Prêmios – reconhecimento através de premiação para indivíduos de sua rede na região (exemplo Prêmio Templeton de Liberdade anual);

⁶⁷ “Quando me mudei para os Estados Unidos, visitei outros membros da Sociedade Mont Pèlerin, uma organização internacional de intelectuais fundada em 1947. Entre vários membros notáveis e influentes, encontrei vários líderes de think tanks. Um desses líderes foi Antony Fisher, que iniciou um think tank na Inglaterra para ajudar a mover o país em direção a políticas orientadas para o mercado” (CHAFUEN, 2017). Entrevista disponível em: <https://onthinktanks.org/articles/interview-with-alejandro-chafuen-president-of-the-atlas-network/> Acesso realizado em 23/03/2021.

Treinamento – tanto digital como presencial para contribuir com a liderança do movimento latino-americano de liberdade (Atlas Network’s Center for Latin America, 2021)⁶⁸.

Dirigido por Roberto Salinas León, Presidente do Fórum Empresarial do México e da Alamos Alliance⁶⁹, o centro ainda conta com uma equipe repleta de nomes influentes dentro do movimento liberal, na mídia e no cenário político da região (Tabela 2)⁷⁰. Dentre estes destacam-se nomes como os de: Antonella Marty, Assessora de Políticas Públicas no parlamento argentino (2015-2017) e Diretora do Centro de Estudos Latino-Americanos da Fundación Libertad (parceira da Atlas); Axel Kaiser, colunista do Diário Financeiro e do El Mercurio no Chile, membro da Sociedade Mont Pélerin e Diretor-Executivo da Fundación Para el Progreso (parceira da Atlas); Marcel Granier, ex-Diretor Geral da Radio Caracas Televisión (RCTV), rede de televisão acusada de ter apoiado a tentativa de golpe de 2002 contra Chávez na Venezuela; Juan José Daboub, Ministro das Finanças de El Salvador e Chefe de Gabinete do Presidente entre 1999 e 2004, tendo atuado no processo de dolarização da economia e conclusão do acordo de livre comércio com os Estados Unidos, além de ter participado enquanto Presidente da ANTEL, empresa estatal de telecomunicações, em seu processo de reestruturação e privatização; e, por fim, Manuel Hinds, Ministro da Fazenda de El Salvador nos anos de 1994 a 1999 e considerado o idealizador da dolarização no país, além disso, recebeu no ano de 2010 o Prêmio Hayek, concedido pelo *Manhattan Institute*.

Tabela 2 - Membros do Atlas Network’s Center for Latin America (2021)

Nome	Posição	País
Roberto Salinas	Diretor Executivo	México
Antonella Marty	Diretora Associada	Argentina
Gonzalo Schwarz	Gerente Geral	Uruguai
Juan José Daboub	Membro Distinto Sênior	El Salvador
Axel Kaiser	Membro Sênior	Chile
Martín Aguirre	Conselho Consultivo	Uruguai
Marcel Granier	Conselho Consultivo	Venezuela

⁶⁸ “Smith Fellow **Candelaria de Elizalde**, da Libertad y Progreso da Argentina, passou três semanas se conectando com os campeões da liberdade dos EUA na sede da Atlas Network em Arlington, Virgínia” (Atlas Network annual report, 2019, p. 13).

⁶⁹ Alamos Alliance – Foi descrita por Chafuen (2013) como: "um dos retiros favoritos do ganhador do Prêmio Nobel Milton Friedman". Para mais informações: <<https://www.forbes.com/sites/alejandrochafuen/2013/12/18/its-snowing-in-mexico-think-tanks-promoting-a-free-economy/?sh=172c31543cba>> Acesso realizado em 08/04/2021.

⁷⁰ Roberto Salinas testemunhou em diversas ocasiões no congresso dos EUA, questões relativas ao Nafta e livre comércio, reforma estrutural no México e política monetária e cambial. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/about/people/dr.-roberto-salinas-leon>> Acesso realizado em 08/04/2021.

Guillermo Cabieses	Conselho Consultivo	Peru
Manuel Hinds	Conselho Consultivo	El Salvador

Fonte: Elaboração própria do autor

A Atlas não desempenha um papel desinteressado acerca da conjuntura econômica e política na região. Busca influenciar na implementação de agendas econômicas e no curso das mudanças políticas na América Latina. A exemplo disso, Chafuen destaca que “a Fundación Pensar na Argentina e o Instituto Libertad y Desarrollo no Chile tiveram forte influência política e alocaram muitos de seus recursos humanos nos governos dos presidentes Macri e Piñera” (CHAFUEN, 2017). A Fundación Pensar, ainda desempenhou importante papel no anti-kirshnerismo e foi incorporada posteriormente ao partido do então presidente Mauricio Macri.

Através do seu centro para a América Latina, e mais especialmente em seu relatório anual e página de notícias, a Atlas elenca um conjunto de projetos tidos como sinônimo de sucesso na região. No México, após a vitória de Andrés Manuel López Obrador, considerado um presidente de esquerda, a Atlas, em conjunto com o Instituto de Pensamiento Estratégico Ágora, criou uma campanha educacional cujo objetivo consiste em demonstrar “que a liberdade, o estado de direito, a propriedade privada e a livre iniciativa são componentes essenciais para alcançar o desenvolvimento econômico” (Atlas Network’s Center for Latin America, 2019). Em Honduras, o destaque foi para os esforços da Fundación Eléutera que recebeu da Atlas o Prêmio *Latin America Liberty* (2019) por seu trabalho de reformar o código tributário do país. De acordo o relatório da Atlas, “os direitos de mais de 2 milhões de empresários em Honduras agora estão protegidos por lei, graças ao trabalho da Fundación Eléutera” (Ibidem).

Outro país com destaque na atuação da Atlas é a Venezuela, onde o Cedice-Libertad vem trabalhando em prol da abertura do petróleo ao investimento privado. Nesse sentido, “a participação de indivíduos e empresas privadas aumenta a eficiência e a eficácia e a indústria do petróleo em particular é a chave para libertar o resto da economia do controle estatal” (Atlas, 2020)⁷¹. Um dos projetos do Cedice, sob o nome de “Citizen Oil”, foi incluído no “Plano País” pelo Presidente da Assembleia Nacional da Venezuela e proclamado presidente interino, Juan Guaidó, a quem a Atlas destaca que “a maior parte do mundo se juntou aos EUA para afirmar a legitimidade” (Ibidem). De acordo com

⁷¹ “Abordagem baseada na abertura do Cedice para a privatização de petróleo na Venezuela”. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/news/article/cedices-openness-based-approach-to-oil-privatization-in-venezuela>> Acesso realizado em 08/05/2021

Rocío Guijarro, Presidenta e fundadora do Cedice, “o trabalho que o Cedice-Libertad faz na Venezuela não vai parar porque a batalha de ideias se ganha com ideias, e as ideias de liberdade são as melhores para se alcançar o bem-estar e a prosperidade” (Atlas, 2020)⁷².

No Brasil, para além do crescimento no número de institutos liberais durante os governos do Partido dos Trabalhadores (PT) e da atuação do Movimento Brasil Livre (MBL) em apoio ao impeachment da então presidenta Dilma Rousseff, tem sido possível observar um maior número de medidas e de reformas impulsionadas pelos parceiros da Atlas no país. A Atlas argumenta em seu relatório que a chegada de Jair Bolsonaro à presidência representa uma “surpresa agradável”, direcionando elogios para a sua equipe econômica e destacando que sua atuação “tem sido excelente no avanço da reforma previdenciária, desencadeando o crescimento econômico por meio da desregulamentação e privatizando a Eletrobras, a maior concessionária da América Latina” (Ibidem).

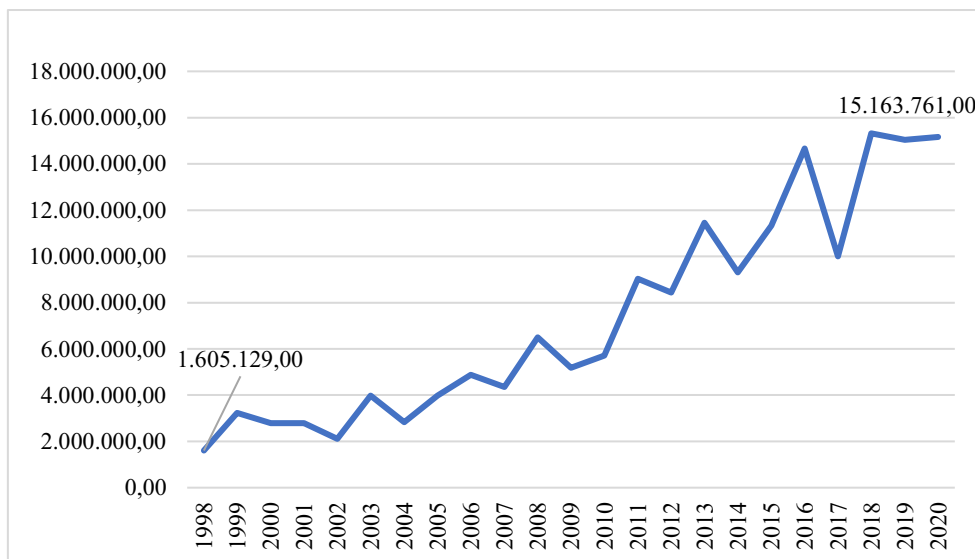
Desse modo, a Rede Atlas vem atuando de forma cada vez mais ampla e articulada com indivíduos e institutos neoliberais na região a partir de uma estratégia baseada tanto na destinação de recursos financeiros como no suporte necessário para que estes institutos promovam ações em seus países aos moldes neoliberais.

2.3 Entendendo o circuito financeiro por trás da Atlas Network

Ao longo dos anos, a Atlas tornou-se um nó central em termos de recepção e repasse de fundos. Mediante um fluxo contínuo de dinheiro, tanto público como privado, provindos em sua maior parte do governo federal, corporações, fundações filantrópicas e de outros *think tanks*, a Atlas fornece recursos para que seus institutos congêneres desenvolvam inúmeras atividades em seus respectivos contextos. Em um período de 22 anos (1998-2019), a Atlas canalizou aproximadamente um total de US\$ 170 milhões, conforme segue no gráfico abaixo.

Gráfico 1 - Recursos recebidos pela Atlas (1998-2020)

⁷² “Liberty Roadshow leva mensagem de mercados abertos para o interior da Venezuela”. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/news/article/liberty-roadshow-takes-the-message-of-open-markets-to-venezuelas-interior>> Acesso realizado em 08/05/2021.



Fonte: Elaboração própria do autor com base em (Form 990)⁷³

Por trás deste circuito financeiro cristalizado a partir da Atlas, existe um conjunto de ideias e mecanismos que visam favorecer e defender os interesses do mercado e dos negócios privados (DJELIC, 2014). Através do repasse financeiro advindo do setor privado, estreita-se o elo de influência corporativa sobre às elites políticas que encontram, em mecanismos indiretos como a Atlas, o artifício necessário para estimular e alavancar suas demandas particulares no campo político. Para Fisher,

Uma das dificuldades para montar um instituto é levantar o dinheiro antes de mais nada, porque normalmente os empresários não sabem do que se trata. Eles precisam ver as publicações produzindo resultados, vendendo nas universidades e atraindo cobertura da mídia. Sem o produto, a arrecadação de fundos é sempre lenta (FISHER, 1981)⁷⁴.

Desde o início de suas atividades, a Atlas tem canalizado a atenção do setor privado, destacando-se a participação e financiamento advindo de corporações como a Philip Morris (indústria do tabaco) e a ExxonMobil (indústria do petróleo e gás). Referente à indústria do tabaco, a Atlas demonstrou ser uma “aliada estratégica” em sua defesa. Só no ano de 1990, financiou a publicação de dois livros de um professor da George Mason University⁷⁵ que visava criticar o controle do tabagismo promovido pelo governo federal (SMITH *et al.*, 2017)⁷⁶. Ainda nesse sentido, José René Scull, membro

⁷³ Dados retirados dos “Form 990” da Atlas Network (1998-2020). Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/financials>> Acesso realizado em 08/05/2021.

⁷⁴ Trecho retirado de uma carta de Fisher a um empresário na Jamaica em 1981. Disponível em: <<http://www.chafuen.com/fisherquotes/fisher-on-think-tanks>> Acesso realizado em 11/03/2021

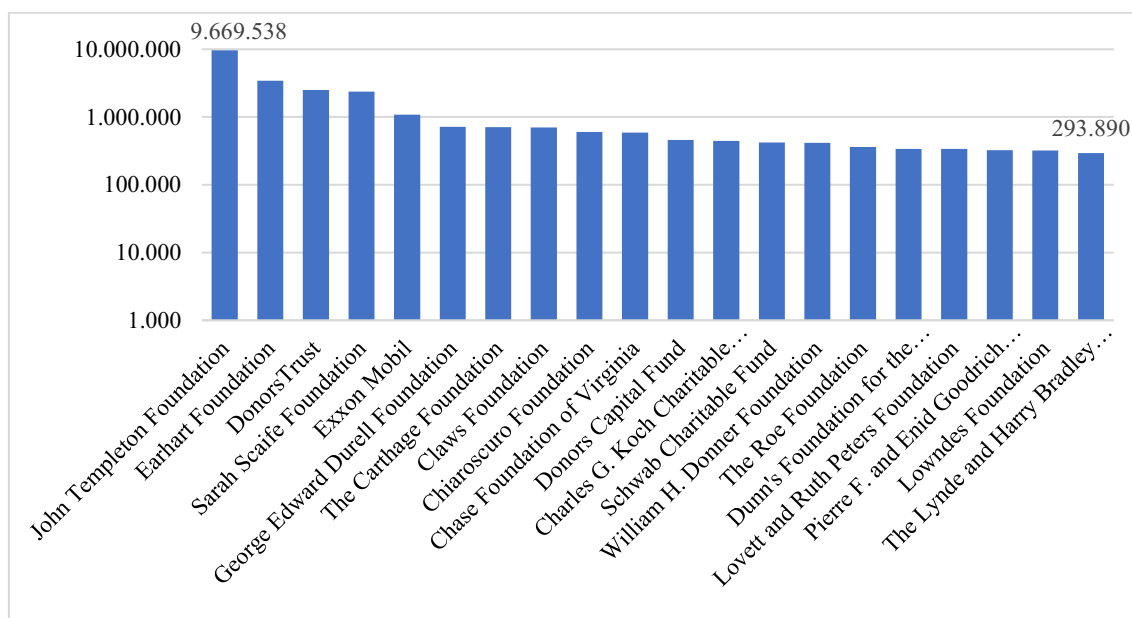
⁷⁵ De 1987 a 2017 a George Mason University recebeu da Atlas um total de US\$ 235.960 mil.

⁷⁶ “Em 1999, um documento interno do Philip Morris International mostra que a empresa pretendia doar US \$ 150.000 à Atlas Network. O memorando afirma que o Philip Morris International esperava que a

do conselho da Atlas (2001-2018), trabalhou anteriormente a frente da Philip Morris na América do Sul e na Ásia. Por meio deste exemplo, destaca-se a relevância em se elucidar não apenas o conjunto de doadores e doações da Atlas, mas também o perfil de seus membros em consonância com a origem e destino de seus recursos.

Desse modo, em termos de financiamento, optou-se por analisar o conjunto de doadores e doações da Atlas (Anexo 1)⁷⁷ que vão desde 1987 a 2017 (30 anos). Referente aos seus doadores, a Atlas recebeu nesse período um total de US\$ 28.912,566 milhões provindos em sua maioria de corporações privadas, fundações filantrópicas e outros demais *think tanks* de livre mercado.

Gráfico 2 - Os vinte principais doadores da Atlas Network (1987-2017)



Fonte: Elaboração própria do autor com base em (Desmog, 2021b)

Dentre seus doadores, destacam-se a John Templeton Foundation, a Earhart Foundation e o DonorsTrust que desenvolvem uma série de projetos e iniciativas que destinam recursos e verbas para diferentes grupos dentro do movimento liberal. A exemplo da John Templeton Foundation, sua atuação se dá mediante a concessão de bolsas a serem executadas em programas da Atlas, dentre os quais observa-se o financiamento para a expansão do *Students for Liberty* e a destinação do prêmio *Templeton Freedom Award* para ideias e contribuições inovadores acerca da defesa do

Atlas usasse os fundos para ‘impactar positivamente o ambiente regulatório, particularmente na América Latina’” (website, tobaccotactics). Para mais informações <<https://tobaccotactics.org/wiki/atlas-network/>> Acesso realizado em 11/12/2021.

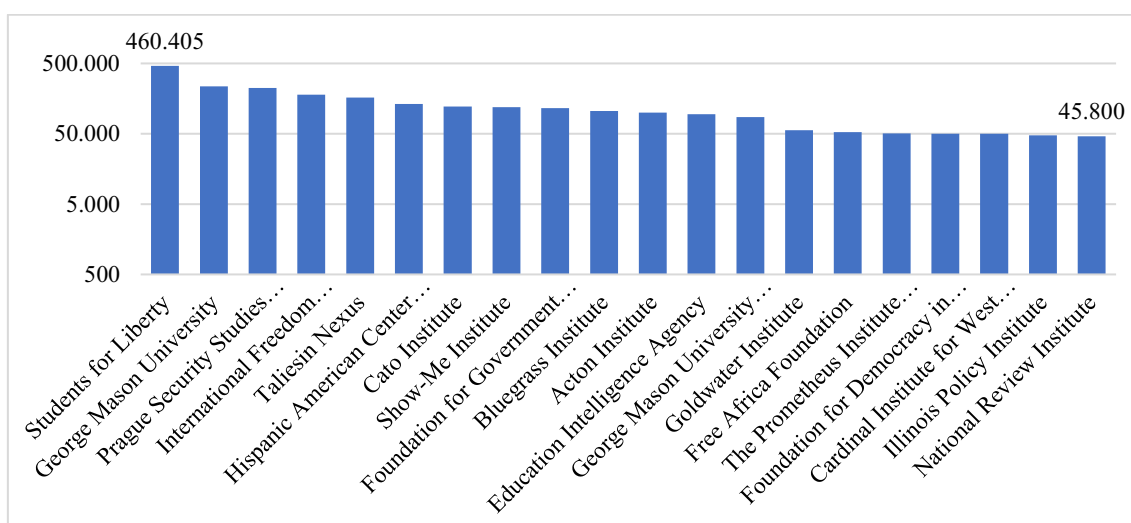
⁷⁷ No anexo 1 consta a lista completa dos doadores e doações da Atlas (1987-2017).

livre mercado (Atlas, 2021). Em relação a Earhart Foundation, desde suas origens ela tem buscado fortalecer os vínculos entre uma elite corporativa com a camada intelectual, destinando apoio a figuras como Friedrich Hayek, Milton Friedman e James M. Buchanan. Por fim, o DonorsTrust atua enquanto um fundo voltado para financiar organizações e instituições ao redor do mundo que defendam as premissas do governo limitado e do livre mercado.

Embora a Atlas se apresente formalmente como uma organização privada, na prática observa-se que boa parte de seus recursos advém do Departamento de Estado dos Estados Unidos, mais especificamente de organismos como o *National Endowment for Democracy* (NED) e o *Center for International Private Enterprise* (CIPE). Tais organizações, mesmo sendo apresentadas enquanto não-governamentais, foram criadas pelo governo dos Estados Unidos e constam como um dos principais mecanismos de repasse de recursos públicos para a Atlas e seus institutos parceiros, partindo da premissa que se o dinheiro público for filtrado por um número suficiente de camadas burocráticas, transforma-se em financiamento “privado” (CONRY, 1993 apud GUILHOT, 2003).

Em relação às doações, a Atlas contribuiu ao longo do período de 1987 à 2017 com um total de 101 institutos, vinculados a um espectro neoliberal, libertário ou até mesmo conservador (Gráfico 3). Através deste conjunto de doações, se viabiliza que estes institutos desenvolvam atividades de fomento a reformas políticas e econômicas ancoradas sob o prisma neoliberal, cuja materialização se dá mediante a elaboração de projetos de lei que são distribuídos entre líderes empresariais e políticos (DJELIC, 2014).

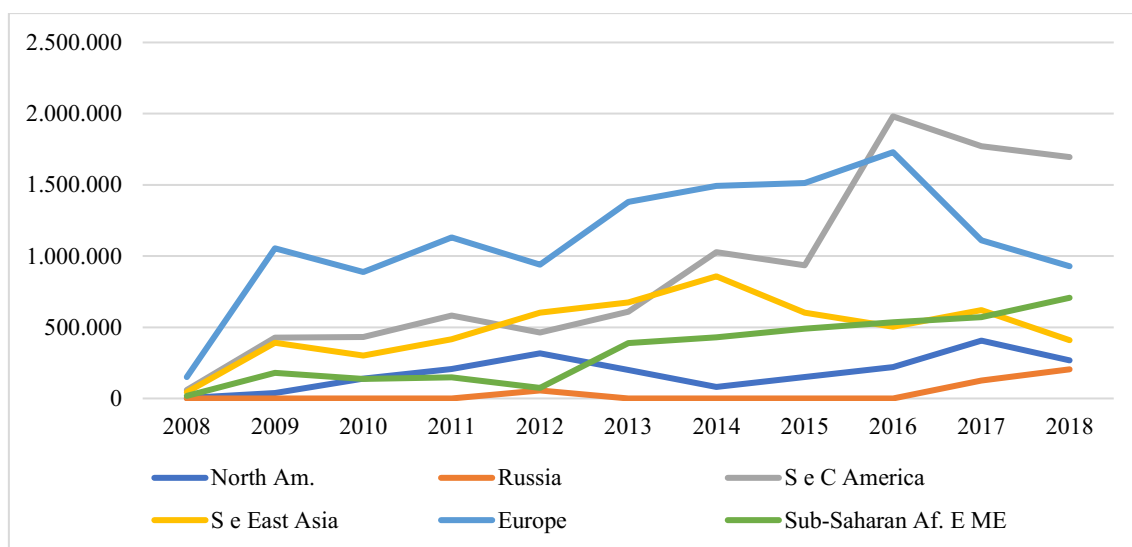
Gráfico 3 - As vinte principais doações realizadas pela Atlas Network (1987-2017)



Fonte: Elaboração própria do autor com base em (Desmog, 2021b)

No que tange à distribuição das doações em termos de regiões (2008-2018), observou-se que a Europa recebeu o maior montante de recursos advindos da Atlas, contabilizando um total de US\$ 12.314,777 milhões, sendo seguido da América do Sul e América Central que receberam ao todo US\$ 9.983,532 milhões (Gráfico 4). A respeito do número de entidades receptoras dos recursos por região, a América do Sul e a América Central ocuparam a primeira posição com um total de 384 institutos beneficiados, enquanto a Europa apresentou ao todo 266 institutos (Gráfico 5).

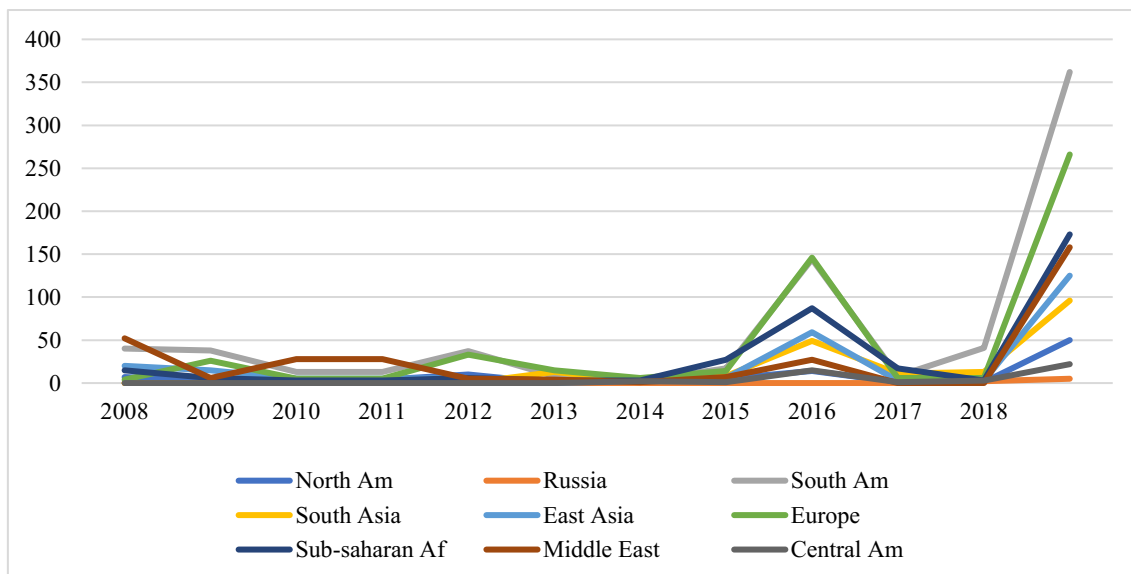
Gráfico 4 - Doações da Atlas por região (2008-2018)



Fonte: Elaboração própria do autor com base em (Form 990)⁷⁸

Gráfico 5 - Entidades beneficiadas pela Atlas por região (2008-2018)

⁷⁸ Dados retirados dos “Form 990” da Atlas Network (1998-2020). Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/financials>> Acesso realizado em 08/05/2021.



Fonte: Elaboração própria do autor com base em (Form 990)⁷⁹

Mediante um fluxo transnacional de recursos que articula doadores e doações, ideias e experiências, a Atlas vem fomentando e atingindo um aumento significativo em termos de influência percebida tanto no campo intelectual, cultural e político, convertendo suas estratégias e financiamento em legislações atreladas as defesas neoliberais. Por meio deste conjunto de iniciativas de financiamento, torna-se latente a crescente penetração do neoliberalismo e dos dirigentes da Atlas nos mais diversos espaços da sociedade e da opinião pública, de modo que, lançar luz acerca das formas de financiamento da Atlas (doações/doadores) nos permite evitar uma história que aborde a transmissão e fluxo de ideias de uma forma neutra ou apolítica.

2.4 Perfil dos membros do conselho executivo (2021)

A criação da Atlas e sua expansão ao longo dos anos viabilizou a construção de uma rede interpessoal entre os seus diretores e membros que, uma vez interligados, ocupam espaços e conselhos comuns. Por meio deste mecanismo, é assegurado e sustentado a própria coesão de uma classe econômica que, uma vez alicerçada em uma visão de mundo e interesses compartilhados, apresenta o projeto neoliberal como se este fosse imune a quaisquer contradições. Assim, o ímpeto em direção ao fortalecimento e promoção das reformas neoliberais sob a luz da atuação dos *think tanks* pode ser melhor apreendido se as trajetórias e se o perfil de seus membros for rastreado ao longo do tempo.

⁷⁹ Dados retirados dos “Form 990” da Atlas Network (1998-2020). Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/financials>> Acesso realizado em 08/05/2021.

A partir deste esforço, optou-se por analisar o perfil dos membros do conselho executivo da Atlas Network (2021) composto por um total de 14 pessoas (Tabela 3) dos quais apenas 4 não nasceram nos Estados Unidos (Venezuela e Inglaterra). Entre seus membros, como será visto, constam aqueles pertencentes a uma elite corporativa e outras personalidades já recorrentes dentro do movimento liberal. Em linhas gerais, entende-se que a análise acerca das redes neoliberais nos permite assimilar o conjunto de vínculos mantidos por uma elite corporativa com aqueles indivíduos constituintes da vida intelectual.

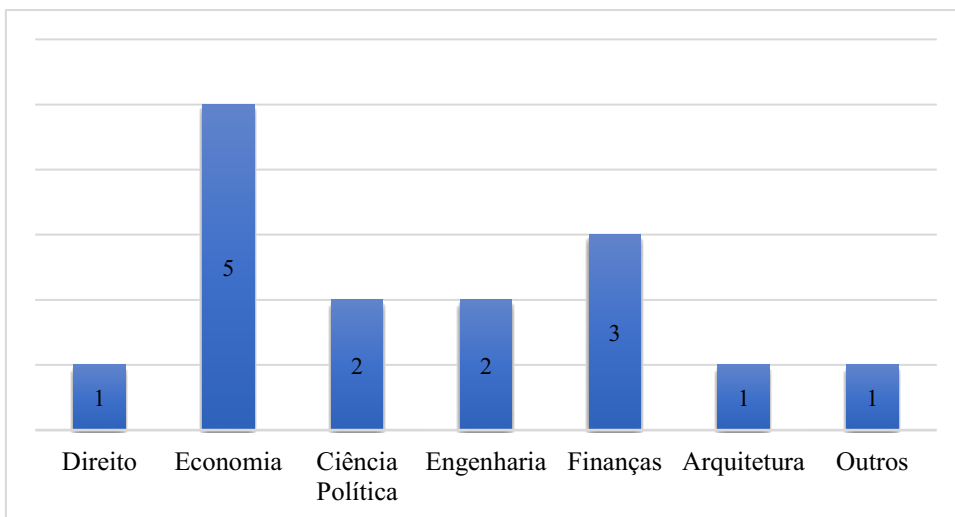
Tabela 3 - Membros do conselho executivo da Atlas Network (2021)

Nome	Ocupação	País
Lawson Bader	Membro do conselho	EUA
Luis Henrique Ball	Membro do conselho	Venezuela
Scott Barbee	Membro do conselho	EUA
Robert Boyd	Membro do conselho	Inglaterra
Montgomery Brown	Membro do conselho	EUA
Linda Edwards	Membro do conselho	Norte-americana/britânica
Debbi Gibbs	Membro do conselho	EUA
Dan Grossman	Membro do conselho	EUA
Joe Lehman	Membro do conselho	EUA
Nikolaos Monoyios	Membro do conselho	EUA
Gerry Ohrstrom	Membro do conselho	EUA
Kathryn Washburn	Membro do conselho	EUA
Linda Whetstone	Membro do conselho	Reino Unido
William Sumner	Membro do conselho	EUA

Fonte: Elaboração própria do autor

Em termos de trajetória acadêmica, se evidenciou que a maior parte de seus membros possui formação em Economia e Finanças (Gráfico 6), convergindo com os esforços sedimentados em torno da criação da Atlas, que contou desde suas origens com a participação de uma camada de intelectuais majoritariamente formada por economistas defensores do livre mercado e por uma elite corporativa que se utiliza deste espaço para alavancar seus interesses na forma de políticas públicas. Incluso na análise, constatou-se que apenas 3 dos 14 membros apresentaram formação ou algum vínculo com universidades estrangeiras. Sendo que, destes, apenas um é estadunidense enquanto o venezuelano Luis Henrique Ball cursou tanto o ensino médio como seu bacharelado nos Estados Unidos.

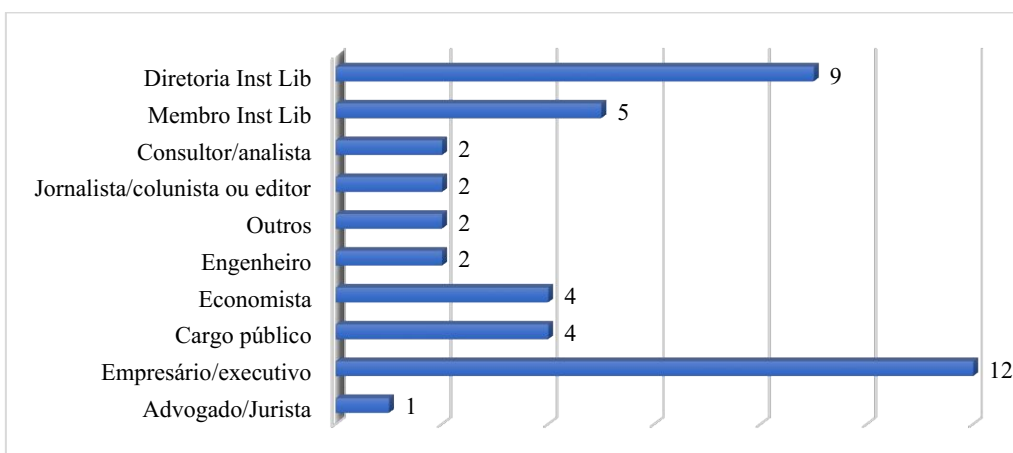
Gráfico 6 - Formação acadêmica



Fonte: Elaboração própria do autor

No que diz respeito à atuação profissional, e levando em consideração as sobreposições daqueles que apresentaram mais de uma ocupação, observou-se que em sua maioria figuram como empresários/executivos, economistas ou até mesmo aqueles que atuam em cargos públicos, aproximando-se tanto da formação acadêmica como com a hipótese de que os *think tanks* podem ser utilizados como ferramentas de autopromoção de indivíduos ao âmbito político. A exemplo disso, tem-se o caso de Lawson Bader que chegou a Washington na posição de Assistente Especial do Comitê de Assuntos de Veteranos do Senado dos EUA ocupando posteriormente a posição de Analista Legislativo, enquanto Kathryn Washburn foi Diretora de Assuntos Internacionais do Departamento do Interior dos EUA. Por fim, a maior parte de seus membros atua ou já atuou como diretor ou membro de outro *think tank* neoliberal.

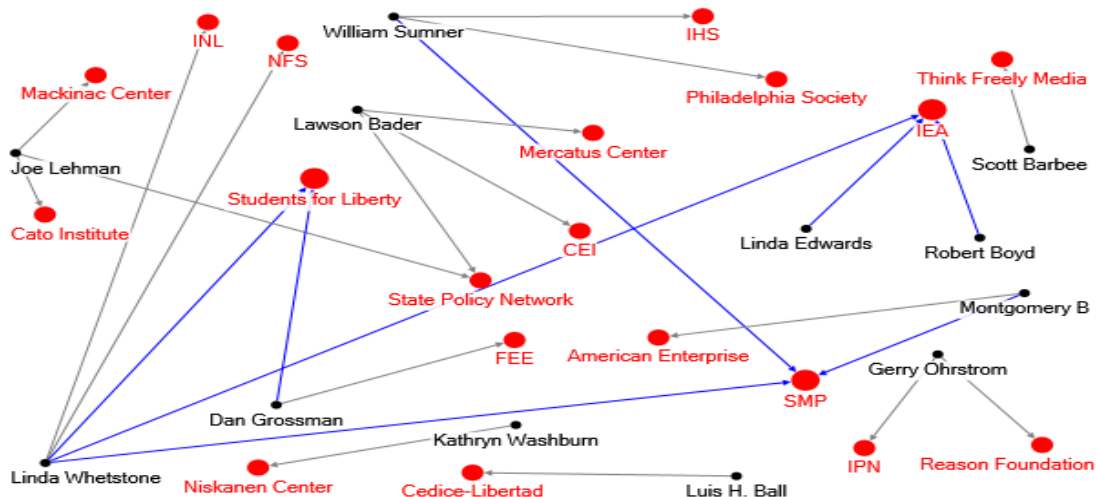
Gráfico 7 - Atuação profissional



Fonte: Elaboração própria do autor

Ademais, verificou-se que 86% dos membros do conselho apresentam vínculos com o movimento liberal, evidenciados com a Sociedade Mont Pèlerin, outros *think tanks* neoliberais ou até mesmo aqueles indivíduos agraciados por premiações destinadas para defensores do livre mercado (Figura 1). Dentre estes, destacam-se os exemplos de: Linda Whetstone, filha de Antony Fisher (fundador do IEA e da Atlas), orientadora do Students for Liberty, membro do conselho do IEA e Presidenta da Network for a Free Society (NFS); Luis Henrique Ball, membro do Cedice-Libertad (Venezuela); Robert Boyd, curador do IEA; Montgomery Brown, membro da Sociedade Mont Pelerin; Linda Edwards, membro do conselho consultivo do IEA; e Dan Grossman, ex-Presidente e atual Tesoureiro da Foundation for Economic Education (FEE) e membro do conselho do Students for Liberty.

Figura 1 - Vínculos com o movimento liberal

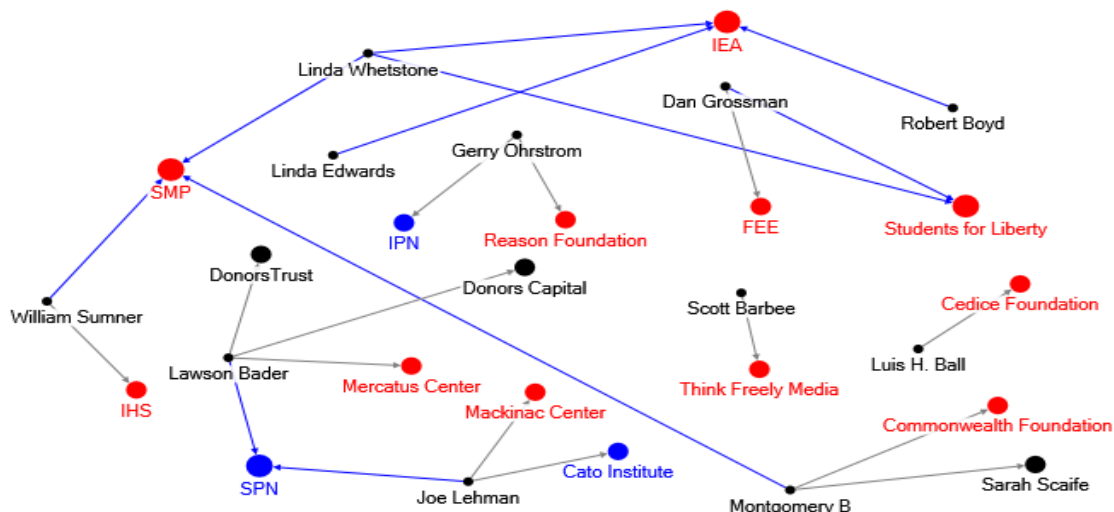


Fonte: Elaboração própria do autor

Legendas - Vermelho: Think tanks liberais. **Preto:** Membros do Conselho. **Traçado azul:** Vínculos evidenciados.

Além disso, constatou-se que a maior parte destes vínculos se refere a *think tanks* que constam na lista de doadores ou de doações da Atlas (Figura 2). Tal fato aponta para uma convergência e para uma proximidade em termos de trajetórias entre os indivíduos e, por outro lado, elucida o amplo suporte destinado entre as organizações partes desse movimento neoliberal, destacando os casos do IEA e da Sociedade Mont Pèlerin - dois epicentros fundamentais para a proliferação e consolidação dos *think tanks* de livre mercado ao redor do mundo.

Figura 2 - Membros do conselho vinculados a doadores/doações da Atlas



Fonte: Elaboração própria do autor

Legendas - Vermelho: Organizações que recebem doações da Atlas. **Preto:** Membros do Conselho e Organizações doadoras da Atlas. **Azul:** Organizações que constam como doadores/doações da Atlas. **Traçado azul:** Vínculos evidenciados.

Por meio de um compromisso compartilhado entre este conjunto de membros e suas respectivas proximidades em termos de trajetória social, estes diretores se utilizam do artifício da Atlas e do uso de suas redes de relações como um veículo para converter suas lealdades na forma de disposições sociais capazes de impactar na promoção de políticas neoliberais. Apropriam-se, portanto, de uma certa credibilidade intelectual intrínseca das estratégias que visam acessar a política para transmitir suas ideias e interesses de forma descolada de seus objetivos reais e particulares. Em síntese, trata-se da construção de uma rede interpessoal entre uma elite econômica cada vez mais transnacional que se utiliza dos espaços sedimentados pela Atlas para construir laços duradouros com grupos econômicos dominantes no âmbito da periferia, tendo em vista converter as ideias e proposições neoliberais em verdadeiros projetos políticos.

Capítulo 3 – Rastreamento a Rede Atlas no processo de terceirização da ingerência estadunidense na América Latina

Em um mundo de comunicação avançada e conhecimento explosivo, não é mais possível contar apenas com a força para promover a estabilidade e defender a segurança nacional. A persuasão é cada vez mais importante e os Estados Unidos devem aumentar sua capacidade de persuadir, desenvolvendo técnicas para alcançar pessoas em muitos níveis diferentes

(Carl Gershman – presidente do NED, 1986)⁸⁰.

Se no decorrer de boa parte do século XX os Estados Unidos faziam uso de práticas mais repressivas e coercitivas sob a égide da CIA e do Pentágono, ao final da Guerra Fria o quadro foi sendo alterado e, conseqüentemente, posto em prática através de um processo de readaptação de suas ferramentas e justificativas para intervir nos assuntos domésticos de outros países (ROBINSON, 1996; PETRAS, VELTMEYER, 2011). Por mais que o processo de ingerência estadunidense ainda seja contínuo e vigente, ancora-se agora sob uma lógica mais indireta, se comparado ao período anterior, articulando um conjunto de organizações e grupos da sociedade civil para a manutenção de um consentimento que favoreça a defesa e reprodução de seus interesses hegemônicos.

O esforço em torno de uma readaptação da estratégia estadunidense em intervir nos assuntos domésticos de outros países foi fortalecida quando da eclosão na década de 1970, de uma série de revelações que apontavam o papel desempenhado pela CIA na manutenção de regimes militares, em especial na América Latina. Como resultado deste momento, tem-se na década de 80 a criação do *National Endowment for Democracy* (NED), organismo criado para funcionar como uma ferramenta capaz de canalizar recursos públicos e encobri-los na forma de financiamento privado em apoio a organizações civis em outros países, obscurecendo dessa forma, a ligação direta entre as atividades de ingerência dos EUA e seus reais interesses.

Por meio de um processo de terceirização de suas atividades de ingerência, os EUA têm sido capazes de desviar a atenção do aparato estatal e governamental, ao destinar apoio para grupos do setor privado, indo desde ONGs, sindicatos, jornais, centros universitários e *think tanks*, os quais funcionam como lócus-chave de poder e controle social. Incluso a esse movimento, e contando com o apoio financeiro do *Center for*

⁸⁰ "Fostering democracy abroad: the role of the National Endowment for Democracy", discurso proferido por Carl Gershman na Convenção da American Political Science Foundation, 29 de agosto de 1986.

International Private Enterprise (CIPE) - braço do NED responsável por apoiar organizações empresariais no exterior, se tem o papel desempenhado pelos institutos parceiros da Atlas na América Latina em sua promoção de reformas neoliberais e combate aqueles governos que não convirjam com a implementação dessa agenda.

Assim, esse capítulo tem como objetivo rastrear os institutos parceiros da Atlas na América Latina, agora sob a luz de suas conexões e funcionalidade frente ao processo de terceirização da ingerência estadunidense na região. No primeiro momento, será focado o papel desempenhado pelo NED e por seus institutos congêneres, visando entender a maneira pela qual o financiamento público é dissimulado de sua própria origem primária e de seus reais objetivos. Por fim, se concentrará esforços em compreender os reflexos desse processo sob a conjuntura dos países na América Latina e atuação dos institutos parceiros da Atlas, de modo a entender como que essa estratégia é convertida e cristalizada na forma da proposição e implementação de reformas neoliberais.

3.1 Terceirização da política externa dos EUA e sua relação com a América Latina

[...] Também consideraremos seriamente a recomendação do comitê “de que o governo deve prontamente desenvolver e estabelecer um mecanismo público-privado para fornecer fundos públicos abertamente para atividades no exterior de organizações que são julgadas merecedoras, no interesse nacional, de apoio público”

(Presidente Lyndon B. Johnson em resposta ao Comitê Katzenbach, 1967)⁸¹.

O trecho acima exposto em uma diretiva do presidente Lyndon B. Johnson, no ano de 1967, deve ser entendido sob a luz das primeiras revelações que apontavam o financiamento secreto destinado pela CIA para um conjunto de organizações e grupos privados em outros países⁸². Por meio deste documento, ficou clara as pretensões do governo estadunidense em criar um mecanismo que fossem capazes de promover, de forma privada, seus interesses no exterior, sem vincular sua imagem diretamente às ações promovidas. Através de um desengajamento de suas ações no exterior, os Estados Unidos

⁸¹ Declaração do presidente Johnson a respeito do Relatório sobre a Relação entre a CIA e as Organizações Voluntárias Privadas. 29 de março de 1967. Tradução nossa. Disponível em: <<https://www.cia.gov/library/readingroom/docs/CIA-RDP79M00467A000200120015-1.pdf>> Acesso realizado em 12/04/2020.

⁸² The Washington Post havia revelado em 1967 como a CIA financiava sindicatos, organizações culturais, mídia e intelectuais proeminentes.

ficariam resguardados das possíveis consequências em desestabilizar e intervir nos assuntos domésticos de outros países.

Uma primeira sinalização em prol da criação desse mecanismo se deu ainda em 1967, quando Dante Fascell, congressista dos EUA na época, encaminhou uma proposta de lei cujo objetivo central consistia na criação de um Instituto de Assuntos Internacionais, preteando junto a essa iniciativa uma autorização que viabilizasse o direcionamento de recursos públicos para programas de promoção da democracia no exterior. Ainda que esse instituto não tenha se materializado, em consequência de uma série de constrangimentos, continuou em andamento discussões entre especialistas e membros do governo dos EUA a respeito da necessidade de se formular novos mecanismos para o financiamento de iniciativas em outros países (SCHOULTZ, 2018).

O movimento em torno da criação de um mecanismo público-privado a serviço da hegemonia, ainda que embrionário e gradual, contrastava com o longo histórico de ingerência estadunidense sedimentado no uso da coerção e da promoção de arranjos autoritários no âmbito da América Latina durante o período da Guerra Fria (ROBINSON, 1996; AYERBE, 2002).

Ameaçado pela ascensão de governos não alinhados aos seus interesses, Washington apoiou, sob a égide de operações secretas da CIA, golpes militares em países como Guatemala (1954), Paraguai (1954), Brasil (1964), Chile (1973) e Argentina (1976), os quais foram justificados pela doutrina de segurança nacional e pelo combate à ameaça comunista. De acordo com Philip Agee, ex-agente da CIA, referindo-se ao golpe no Chile: “Para preparar o terreno para os militares, financiamos e canalizamos as forças de organizações líderes da sociedade civil e da mídia. Foi uma versão melhorada do golpe no Brasil (1964)”⁸³.

Contudo, discussões em torno de uma readaptação da estratégia dos Estados Unidos em intervir no exterior e da criação de um mecanismo que pudesse simbolizar esse esforço foram resgatadas e colocadas em prática quando da eclosão, na década de 1970, de uma série de acusações sobre um conjunto de operações secretas levadas a cabo pela CIA em favor da ascensão e da manutenção de regimes militares na região (BLUM, 2001). A partir deste momento, tornou-se notório para grupos de especialistas e membros

⁸³ Para mais informações consultar (OSPINA, 2008) - <<https://www.globalresearch.ca/ned-et-al-the-cia-s-successors-and-collaborators/8694>> Acesso realizado em 15/07/2019.

do governo estadunidense que a CIA poderia ser muito eficiente em desestabilizar, porém, era extremamente ineficiente em promover a estabilidade, e que os arranjos coercitivos e autoritários não eram mais garantidores de controle social na periferia⁸⁴.

Em meados dos anos 1970, sob iniciativa de George Agree, consultor político de Washington, foi apresentada uma proposta visando a concretização de uma organização que pudesse sedimentar a comunicação entre o Partido Republicano e Democrata na forma de um consenso bipartidário, buscando a partir disso estreitar os laços com partidos e organizações de outros demais países. Sob o nome de *American Political Foundation* (1979), e contando com a liderança dos presidentes do Partido Republicano William Brock e do Democrata Charles Manatt, assim como de Allen Weinstein, que mais tarde seria o primeiro presidente do NED, tal organização buscou promover um entendimento acerca de sua política, tanto no âmbito doméstico como no internacional (SCHOULTZ, 2018).

O estabelecimento de um mecanismo capaz de canalizar recursos públicos e direcioná-los na forma de apoio para organizações e grupos privados no exterior seria enfim cristalizada nos anos 1980, quando William Brock e Charles Manatt escreveram ao presidente Ronald Reagan (1981-1989), destacando que: “Os Estados Unidos estão envolvidos em muitas áreas da assistência internacional, mas têm uma capacidade muito escassa quando se trata de apoiar as forças democráticas em outros países” (BROCK e MANATT, 1982)⁸⁵.

Como reflexo deste conjunto de iniciativas, construídas desde a década de 60, no ano de 1982, por meio de um discurso de política externa proferido perante o Parlamento Britânico, o presidente Reagan anunciaria a criação de uma entidade que fomentaria a infraestrutura da democracia aos moldes estadunidenses no âmbito internacional⁸⁶. Tal organização, instituída em 1983 sob o nome de *National Endowment for Democracy* (NED), teria como objetivo central promover ajuda na forma de assistência para a consolidação da democracia em outros países (NED, 2021)⁸⁷. Algo que na perspectiva de

⁸⁴ “Quase quatro décadas depois que a CIA derrubou o governo Arbenz, a Guatemala permaneceu um caldeirão de insurgência guerrilheira, graves violações dos direitos humanos e instabilidade social” (ROBINSON, 1996, p. 87).

⁸⁵ Brock, Manatt, and Richardson to President Reagan, June 4, 1982, Agree Papers, box 2, LC.

⁸⁶ Para acesso do discurso na íntegra – Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1982/06/09/world/text-of-reagan-s-address-to-parliament-on-promoting-democracy.html>> Acesso realizado em 14/07/2019.

⁸⁷ A criação do NED sob consenso de ampla maioria do Partido Democrata e Republicano, simboliza uma restauração do bipartidarismo no processo de formulação da política externa dos Estados Unidos.

seus formuladores, preencheria uma lacuna fundamental em termos de política externa dos EUA, emulando sua noção de democracia mediante uma série de projetos de financiamento⁸⁸.

Conforme a retórica do anticomunismo perdia força enquanto justificativa para a ingerência dos Estados Unidos nos assuntos domésticos de outros países, a promoção da democracia foi adquirindo um significado cada vez maior dentro de sua política externa. Como observa Petras, “o fim da Guerra Fria reforçou, em Washington o impulso para consolidar seu imperialismo informal na América Latina” (PETRAS, 1997, p. 27), que sob a égide da promoção dos valores democráticos, fomentou, mesmo que indiretamente, um conjunto de iniciativas de atores dispostos a converter os rumos políticos da região em prol dos interesses hegemônicos.

Concomitante à criação do NED na década de 1980, tem-se observado um processo cada vez maior e mais intenso de “terceirização” da política externa estadunidense, fazendo uso de práticas que seriam impossíveis em áreas de programas governamentais (SCHOULTZ, 2018) e direcionando montantes significativos para sua implementação. De acordo com o ex-presidente do NED Allen Weinstein, “muito do que fazemos hoje era feito secretamente há 25 anos pela CIA” (WEINSTEIN *apud* GUILHOT, 2003, p.230). Mediante uma atuação mais aberta e calcada no preceito de assistência democrática, torna-se, porém, mais difícil desacreditar as ações empreendidas no âmbito do NED e de seus institutos parceiros.

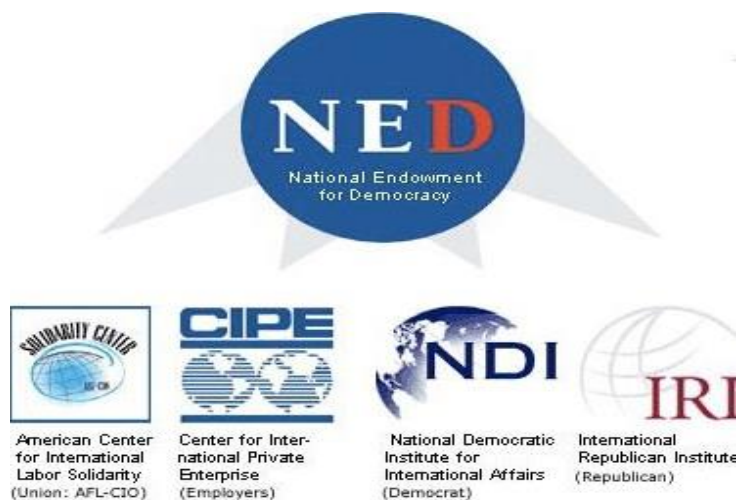
O NED se insere dentro de um esforço maior de Washington, que busca minimizar suas práticas de ingerência em outros países, tornando-as cada vez menos identificáveis, permitindo com que os EUA atinjam um nível de desengajamento, ao “terceirizarem” a implementação de programas no âmbito de organizações da sociedade civil. Para Scott e Walters, “o NED permite desenvolver políticas que normalmente seriam impedidas por princípios de soberania e não-intervenção, e essa *diplomacia informal* é um elemento potencialmente útil para a política externa” (SCOTT; WALTERS, 2000, p. 255). Trata-se de um esforço que visa a sedimentar, com base em organizações da sociedade civil de outros países, estruturas capazes de absorver tensões e manter o controle social, ao orientar estas sociedades em direções que convirjam com os interesses estadunidenses

⁸⁸ A noção de “democracia” emulada pelos EUA é oposta e muitas vezes conflitiva com aqueles movimentos que defendem questões como reforma agrária, redistribuição de renda e serviços sociais abrangentes (PETRAS, VELTMEYER, 2001).

(ROBINSON, 1996). Por meio desta estratégia, tem-se desviado a atenção do aparato estatal e governamental de outros países para grupos do setor privado, indo desde ONGs, sindicatos e jornais, até centros universitários e *think tanks*, os quais funcionam como lócus-chave de poder e controle social.

Sob a presidência de Carl Gershman, representante dos direitos humanos nas Nações Unidas durante o mandato da embaixadora dos EUA Jeane Kirkpatrick, e símbolo maior do consenso bipartidário (GUILHOT, 2003), o NED fomentaria ainda o surgimento de outras organizações congêneres que atuariam em setores considerados pilares estratégicos dos interesses estadunidenses no exterior. As partes constituintes da estrutura do NED e os principais destinatários de fundos são, seguindo a ordem de seus campos de atuação: *Center for International Private Enterprise* – CIPE (empresarial); *American Center for International Labor Solidarity* – ACILS (sindicatos); *Democratic Institute for International Affairs* – NDI (Partido Democrata) e *International Republican Institute* – IRI (Partido Republicano).

Figura 3 - Estrutura-organizacional do NED

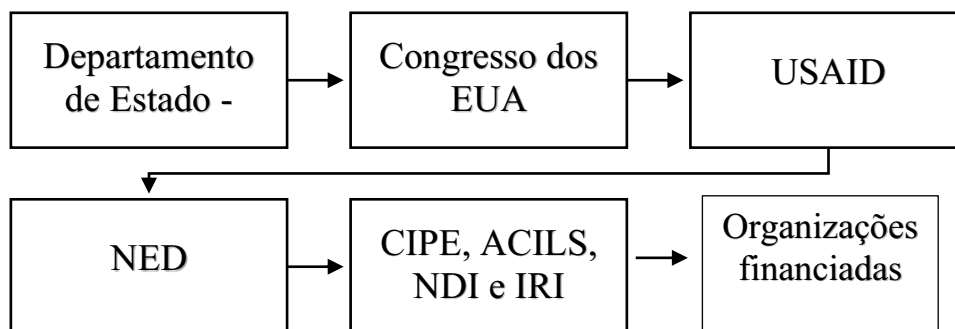


Fonte: Elaboração própria do autor

Como destaca Blum (2001), “o NED gosta de se referir a si mesmo como uma ONG (organização não-governamental), pois isso ajuda a manter uma certa credibilidade no exterior que uma agência oficial do governo dos EUA pode não ter” (BLUM, 2001, p. 149). Por meio deste esforço, consegue ofuscar o simples fato de que o maior montante recebido pelo NED, para além de seus recursos procedentes de doadores privados, que vão desde os mais recorrentes como Facebook, Microsoft, Google, Coca-Cola e Goldman

Sachs⁸⁹, advém do Congresso dos EUA (aprovado anualmente), e que sua alocação é realizada pela *United States Agency for International Development* – USAID (agência governamental). Posteriormente, estes valores são redistribuídos para as organizações pertencentes à estrutura do NED (CIPE, ACILS, NDI e IRI), as quais são responsáveis por difundir o dinheiro para financiar projetos em parceria com instituições privadas no exterior (Figura 4).

Figura 4 - Alocação de recurso público para o NED



Fonte: Elaboração própria do autor

Mediante um circuito financeiro que se origina nos níveis hierarquicamente mais altos do governo, e que passa por um filtro de redes públicas e “privadas” aparentemente desconectadas de sua origem primária, obscurece-se a ligação entre muitas das atividades de ingerência estadunidense no exterior e seus reais interesses. Trata-se de um esforço que parece ter como premissa a ideia de que o dinheiro público, filtrado por um número suficiente de camadas burocráticas, transforma-se em financiamento “privado” (CONRY, 1993 apud GUILHOT, 2003). De tal forma, a confusão intencional entre “público” e “privado” se tornou, ao longo dos últimos anos, uma característica estrutural da política externa estadunidense. Diversos interesses se fundem e, ao mesmo tempo, dissipam a distinção entre atividade estatal e privada (ROBINSON, 1996).

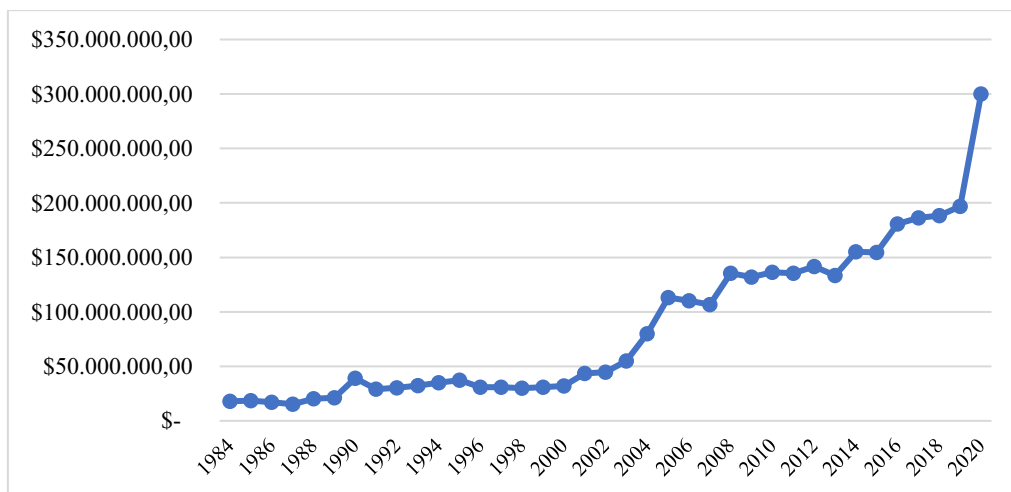
O orçamento do NED ao longo de sua existência e seu constante crescimento (Gráfico 8)⁹⁰ simboliza muito bem o esforço de terceirização da atuação dos Estados Unidos no exterior, tendo em vista que a maior parcela de seus recursos advém do governo estadunidense. O restante doado pelo setor privado representa um valor pouco expressivo, se comparado ao montante canalizado do setor público. Nas duas primeiras décadas de sua atuação, os recursos absorvidos ficaram entre US\$ 15 milhões a US\$ 39

⁸⁹ As ONGs são importantes atores políticos e sociais e estão, frequentemente, vinculadas a seus principais doadores (PETRAS e VELTMEYER, 2001).

⁹⁰ Os dados orçamentários do NED foram extraídos de seus *Annual Report* e dos *Form 990*.

milhões. Nos últimos anos, porém, tem-se observado um aumento exponencial do montante de dinheiro que é canalizado pelo NED. Somente na última década o valor passou de US\$ 136 milhões (2010) para US\$ 300 milhões (2020)⁹¹.

Gráfico 8 - Orçamento do National Endowment for Democracy (1984-2020)



Fonte: Elaboração própria do autor

Desde a década de 1980, o NED vem atuando em conformidade e, com maior intensidade, naqueles países considerados de interesse estratégico e vitais na agenda estadunidense para a América Latina. Para isso, utiliza de um conjunto de valores comuns, que vão desde a promoção da democracia, livre mercado e direitos humanos, como uma cortina de fumaça para os seus reais interesses na região (BLUM, 2001). Através deste conjunto de valores e camadas de repasse financeiro, o NED tem sido capaz de direcionar apoio e recursos para a consolidação de uma oposição de direita, que tenha capacidade de deslegitimar aqueles governos e líderes de esquerda não alinhados aos seus interesses⁹².

Somente no período entre 2016 e 2019, o NED distribuiu diretamente, mediante seus organismos congêneres (CIPE, NDI, IRI e ACILS), um total de US\$ 99 milhões para entidades privadas na América Latina, canalizados em programas que visam a expandir e defender os interesses dos EUA, sob a forma da promoção de reformas políticas,

⁹¹ Por não ter acesso aos relatórios anuais e formulários 990 referentes aos seguintes anos (1998,1999, 2000 e 2020), os valores limitam-se aos montantes canalizados a partir do governo dos EUA, os quais foram retirados de seus anos fiscais.

⁹² Sob apoio destinado pelo NED, na Nicarágua se fez possível construir uma oposição unificada, e que sob a liderança da candidata Violeta Chamorro (representante da aristocracia tradicional), foi capaz de derrotar o candidato Daniel Ortega da Frente Sandinista de Libertação Nacional (FSLN) nas eleições de 1990 (ROBINSON, 1996).

econômicas e até mesmo educacionais. Trata-se de um ator, que ao longo dos anos, se tornou especializado em desestabilizar aqueles movimentos e grupos que se apresentem como uma ameaça aos interesses e objetivos dos Estados Unidos, e que ao mesmo passo cria vínculos e filiações com uma elite nacional que visa pela manutenção de sua posição de classe, uma vez que os importadores sempre têm algo a ganhar.

3.2 Center for International Private Enterprise: Transmitindo recursos para os institutos parceiros da Atlas na América Latina

O apoio à democracia e à criação de economias de mercado por parte de instituições como o CIPE e o National Endowment for Democracy é crucial e relevante [...] obrigado por tudo que você [CIPE] fez pela Argentina

(Domingo Cavallo, Ex-Ministro da Economia da Argentina, 1991-1996)⁹³.

Com vínculo mais direto com os institutos parceiros da Atlas na região e, conseqüentemente, com os interesses de sua classe empresarial, se tem o papel desempenhado pelo CIPE⁹⁴ na emulação de técnicas e repasse de recursos financeiros em prol da promoção de reformas ancoradas na defesa do livre mercado. Como destacou John Sullivan, ex-diretor executivo do CIPE: “No início nosso trabalho focou em ajudar a capacitar associações empresariais, emprestando técnicas da *U.S. Chamber*, [...] Não exportamos soluções; nós exportamos técnicas” (SULLIVAN apud POE, 2014).

No início de suas atividades em meados de 1980, o CIPE adotou um conjunto de programas de “Assessoria Legislativa” na América Latina, idealizadas anteriormente pelo embaixador da República Dominicana nos Estados Unidos, Carlos Despradel (1982-1985). Como destacou Despradel, “o CIPE me pediu para avaliar o desempenho desses projetos na América Latina e explorar possibilidades de buscar objetivos semelhantes no futuro” (DESPRADEL apud MASHEK, 1993, p. 04). O Centro de Orientación Económica⁹⁵, dirigido por Despradel na República Dominicana, foi o primeiro serviço de

⁹³ “CIPE atualização mundial” – Disponível em: <<https://web.archive.org/web/19970103225041/http://www.cipe.org/success/>>. Acesso em: 09 out. 2020.

⁹⁴ Nos anos de 2010 e 2011 o Center for International Private Enterprise consta como organização parceira no site da Atlas.

⁹⁵ No ano de 1991 a USAID concedeu ao Centro de Orientación Económica o valor de US\$ 17 mil, com a finalidade de financiar às despesas de programas incorridos na produção de três filmes de vídeo para promover iniciativas “democráticas” na República Dominicana. Para mais informações consultar o documento: https://pdf.usaid.gov/pdf_docs/PDABD382.pdf Acesso realizado em 06/08/2021.

assessoria legislativa a ser organizado e apoiado pelo CIPE, sendo replicado, posteriormente, em outros países da América Latina. De acordo com Robert W. Mashek (1993)⁹⁶, autor do relatório de resultados do projeto de assessoria legislativa do CIPE para América Latina:

Ele [Carlos Despradel] organizou um programa, surpreendentemente simples e direto em seu contorno, que se tornou o modelo para todos os serviços de assessoramento legislativo subsequentes: Uma entidade capaz de realizar pesquisas econômicas privadas locais, periodicamente seleciona um projeto de lei de importância econômica nacional que está sob deliberação do Congresso (ou um tópico que deva ser considerado pelos legisladores nacionais). Analisa o projeto de lei e apresenta seu ponto de vista do problema, conclusões e ações recomendadas a todos os membros do Congresso em um relatório [...] O relatório é distribuído ao mesmo tempo aos setores de tomada de decisão como funcionários e dirigentes de instituições influentes e a interessados - do Poder Executivo, aos dirigentes de partidos políticos fora do Legislativo, às organizações de meios de comunicação empresariais e trabalhistas, aos institutos de investigação e universidades, às Missões estrangeiras, entre outros. O grupo defende os pontos de vista apresentados no relatório, por exemplo, em conferências de imprensa, reuniões de revisão especial com os legisladores, debates ou seminários, mesa redonda com líderes de opinião de vários propósitos, aparições em audiências do Comitê do Congresso, etc. O relatório inteiro ou trechos dele são muitas vezes reimpressos nos jornais diários, semanais, em suplementos econômicos, revistas acadêmicas, ou de outras publicações do donatário ou organizações associadas (MASHEK, 1993, p. 14).

No período entre 1986 a 1994, os programas de assessoria legislativa nos países da América Latina, 11 aplicados no âmbito nacional e um deles regional para a América Central (Tabela 4), canalizaram cerca de US\$ 4,3 milhões em recursos, provindos tanto de investimento direto do CIPE como de outras fontes de financiamento não divulgadas no relatório. Dentre as organizações latino-americanas associadas ao programa do CIPE, destaca-se o Instituto Liberal do Rio de Janeiro – IL-RJ (Brasil) e o Centro de Estudios de la Realidad Económica y Social – CERES (Uruguai), ambos parceiros da Rede Atlas.

Tabela 4 - Organizações latino-americanas associadas ao programa de Assessoria Legislativa na América Latina (1986-1994)

Nome	País	Valor do CIPE (US\$)	Outras fontes (US\$)	Período
------	------	----------------------	----------------------	---------

⁹⁶ Robert W. Mashek trabalhou como vice-presidente executivo da Inter-American Foundation, agência independente do governo dos Estados Unidos responsável por destinar subsídios a organizações não governamentais na América Latina e no Caribe para iniciativas de desenvolvimento. Depois de se aposentar em 1988, ele foi consultor de desenvolvimento internacional para organizações privadas e governamentais, caso do próprio CIPE.

Federación de Entidades Privadas de Centroamérica y Panamá	América Central	210 mil	95 mil	1991-1994
Instituto de Estudios sobre la Realidad Argentina y Latinoamericana / Fundación Mediterránea	Argentina	416.100 mil	578.200 mil	1988-1993
Confederación de Empresarios Privados de Bolivia	Bolivia	102.470 mil	_____	1992-1993
Instituto Liberal do Rio de Janeiro	Brasil	325.900 mil	_____	1990-1993
Instituto Latinoamericano de Doctrina y Estudios Sociales / Universidad Alberto Hurtado	Chile	229.200 mil	_____	1990-1992
Asociación Nacional de la Empresa Privada	El Salvador	240 mil	112.800 mil	1990-1993
Asociación Nacional de Empresarios	Equador	193.260 mil	107.850 mil	1990-1993
Consejo Superior de la Empresa Privada	Nicarágua	282.000 mil	46 mil	1990-1993
Fundación para la Cooperación y el Desarrollo	Paraguay	286.260 mil	357 mil	1990-1993
Instituto APOYO	Peru	150 mil	143 mil	1990-1992
Centro de Orientación Económica	República Dominicana	268 mil	_____	1986-1993
Centro de Estudios de la Realidad Económica y Social	Uruguai	163.500 mil	_____	1989-1993
TOTAL		2.866.690,00	1.439.850,00	De 1986 até 1994

Fonte: Elaboração própria com base em (MASHEK, 1993)

A iniciativa de assessoria legislativa do CIPE no Brasil foi conduzida sob o título de “Série Notas” pelo IL-RJ, sugestão feita pelo fundador da Atlas Antony Fisher, em reunião realizada em Londres, em 1987. Tal iniciativa contou com a coordenação do engenheiro e empresário Arthur Chagas Diniz a convite de Og Francisco Leme, economista formado na Universidade de Chicago e um dos fundadores do instituto⁹⁷. Por meio de relatórios cobrindo propostas de políticas públicas, emendas constitucionais e

⁹⁷ Como destaca Casimiro, ambos “se conheciam do período em que juntos trabalharam no Ministério do Planejamento, nos anos 1970” (CASIMIRO, 2016, p. 260).

leis econômicas, buscou-se fomentar uma reconfiguração do papel do Estado brasileiro em benefício da economia de mercado e dos interesses de fração do empresariado nacional. Para Mashek, os relatórios “fornecem uma imagem clara dos problemas e dos objetivos gerais da economia de mercado de natureza libertária decidida que devem ser buscados para resolvê-los” (MASHEK, 1993, p. 67). Em texto publicado no site do CIPE em 1998, sob o título de “Campeões do setor privado no Brasil”, Og Francisco Leme se referiu ao projeto “Série Notas” como um dos mais bem-sucedidos do Instituto Liberal:

Um projeto especialmente bem-sucedido iniciado pelo Instituto Liberal do Rio - com financiamento do CIPE e outras fontes - é seu boletim mensal, Notas, que analisa propostas legislativas antes do congresso brasileiro. Cerca de 5.000 CÓPIAS são distribuídas a membros do congresso, funcionários do governo, acadêmicos, jornalistas e líderes empresariais. O boletim informativo teve um impacto marcante na legislação e na opinião pública (LEME, 1998).

Já no Uruguai a iniciativa conduzida pelo CERES consistia em um “Relatório trimestral sobre um projeto de lei pendente e uma proposta trimestral para consideração do governo sobre um assunto que ainda não está na agenda legislativa” (MASHEK, 1993, p. 103). Apontado como um centro “excepcionalmente claro sobre suas prioridades - reduzir o tamanho e a influência do governo e promover a iniciativa privada”, o CERES destacou-se em campanhas em defesa da privatização de serviços como os de “telecomunicações, seguro automóvel, serviços municipais, fabricação de bebidas alcoólicas, transporte ferroviário, habitação, etc.” (Ibidem, p. 104).

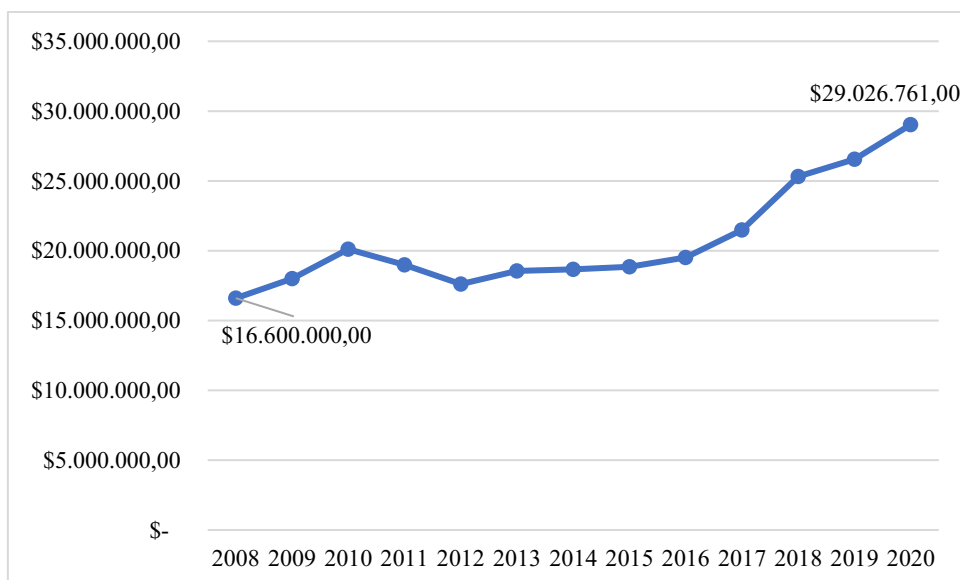
Somando-se aos programas de assessoria legislativa, ao longo dos anos 90 o CIPE criou “uma rede de organizações que trabalham para promover a causa da liberdade econômica” (CIPE, 1997). Intitulada de “Rede de Liberdade Econômica”, essa iniciativa incluiu grupos de reflexão, associações empresariais, instituições educacionais e programas de treinamento de mídia, entendidos pelo CIPE enquanto “os blocos de construção da sociedade democrática” (Ibidem). Das vinte organizações latino-americanas pertencentes a rede no período entre 1997 e 1999, sete delas apresentam ou já apresentaram filiação com a Rede Atlas, sendo elas: Instituto Atlântico e o Instituto Liberal – RJ (Brasil); Fundación Libertad y Desarrollo (Chile); Centro de Investigaciones Económicas Nacionales (Guatemala); Instituto Libertad y Democracia (Peru); Centro de Estudios da Realidad Económica e Social (Uruguai) e, por fim; Cedice-Libertad (Venezuela).

O Instituto Atlântico (IA), parceiro da Atlas nos anos de 2010 e 2011, contou por quatro anos com o suporte financeiro do CIPE para implementação do seu programa “Ação para Mudança”, iniciativa vista como fundamental na promoção de reformas de livre mercado no Brasil. As pesquisas e análises pertencentes ao programa são apresentadas pelo CIPE como tão fortes “que os deputados do Congresso vêm diretamente ao IA para solicitar sua opinião especializada sobre diversos atos legislativos” (CIPE, 1997). Suas propostas de reforma da agenda legislativa abrangem temas como impostos, educação, privatização, seguridade social, serviços sociais, integração comercial e questões monetárias. De acordo com o Diretor do IA e economista pela Universidade de Chicago, Paulo Rabello de Castro⁹⁸,

O instituto assessorou os principais partidos políticos do Brasil em reformas de políticas que regem o mercado e desenvolveu análises e recomendações aprofundadas para a equipe de formulação de políticas em nível nacional em uma ampla variedade de questões, incluindo reformas nos governos locais e mudanças nos impostos e leis trabalhistas (CASTRO, 1994).

Do mesmo modo como foi observado em relação ao NED, o crescente aumento do orçamento do CIPE ao longo dos últimos anos (2008-2020) também simboliza muito bem o empenho dos Estados Unidos em terceirizar suas formas de atuação em outros países, o que é manifestado nesse caso mediante a promoção de reformas neoliberais.

Gráfico 9 - Orçamento do CIPE (2008-2020)

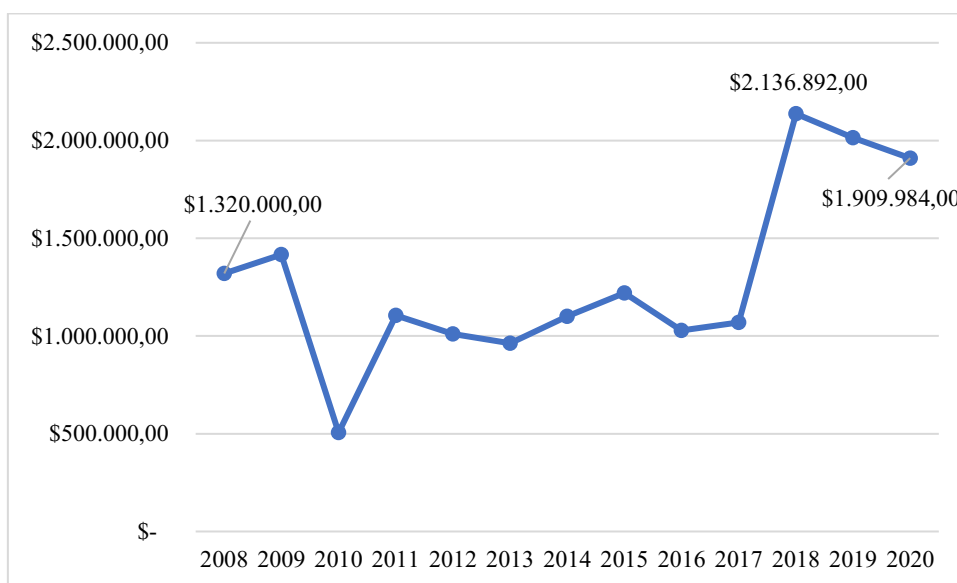


⁹⁸ Entrevista concedida por Paulo Rabello ao CIPE no ano de 1994 – “Para um novo estágio de desenvolvimento”. Disponível em: <http://web.archive.org/web/19980111085132/http://www.cipe.org/s13/brazS13.html> Acesso realizado em 29/07/2021.

Fonte: Elaboração própria do autor

Nos últimos 13 anos de sua atuação (2008-2020), o CIPE destinou um total de 16 milhões de dólares para organizações privadas no âmbito da América Latina e Caribe, com maior destaque para aqueles institutos que figuram como parceiros da Atlas em seu esforço de promover o livre mercado (Gráfico 10).

Gráfico 10 - Recursos destinados para a América Latina e Caribe (2008-2020)



Fonte: Elaboração própria do autor

A partir dos recursos distribuídos pelo CIPE no âmbito da América Latina, é possível rastrear um conjunto de institutos vinculados a Rede Atlas, que aproximam mediante seus projetos atores dispostos a converter os rumos políticos e econômicos da região em benefício de um esvaziamento do estado em setores considerados estratégicos pela iniciativa privada. Partindo de informações contidas nos relatórios anuais do CIPE, referente aos anos de 2008 a 2017, foi possível identificar um total de dez institutos parceiros da Atlas agraciados por seus recursos. Dentre estes institutos, destacam-se o Instituto Libertad e Democracia (Peru), Instituto Invertir (Peru), Fundación Paraguaya (Paraguai), Fundación Libertad (Argentina) e Centro de Difusión del Conocimiento Económico (Venezuela).

Tabela 5 - Organizações parceiras da Atlas que receberam financiamento do CIPE (em número de vezes que foram agraciadas) entre 2008 e 2017

Nome	País	Número
Centro de Investigaciones Económicas Nacionales	Guatemala	7
Instituto Ecuatoriano de Economía Política	Equador	6

Instituto Invertir	Peru	10
Liderazgo y Visión	Venezuela	1
Instituto de Ciencia Política	Colômbia	7
Centro de Investigación de Estudios Económicos y Sociales	Bolívia	1
Instituto Libertad y Democracia	Peru	2
Centro de Difusión del Conocimiento Económico (Cedice-Libertad)	Venezuela	7
Fundación Paraguaya	Paraguai	4
Fundación Libertad	Argentina	4

Fonte: Elaboração própria do autor

O Instituto Libertad e Democracia (ILD) desenvolve desde a década de 80 um conjunto de iniciativas em vista de promover reformas econômicas ancoradas na defesa do livre mercado, com reflexos de sua atuação para além do âmbito nacional: “Nas últimas três décadas, o ILD prestou serviços a dezenas de governos e implementou projetos em todas as regiões do mundo” (CIPE, 2013). De acordo com Hernando de Soto, presidente e fundador do ILD, “o CIPE e o NED estão conosco há 20 anos e seu apoio contínuo hoje nos permite compartilhar nossos sucessos com outros países em transição” (CIPE, 2008)⁹⁹. Ainda no Peru, o Instituto Invertir mediante o seu programa intitulado de “LíderAcción”, e contando com a parceria da Universidade Peruana de Ciências Aplicadas, tem buscado atuar – “como uma resposta a esta falta de confiança na democracia e no livre mercado” (CIPE, 2008). O próprio presidente do instituto, Daniel Córdova, figurou como reitor da Universidade do Peru, e atuou ao longo de sua carreira em cargos no Banco Mundial, Banco Interamericano de Desenvolvimento, Agência para o Desenvolvimento e na Corporação Andina de Desenvolvimento, com maior destaque para a sua atuação como membro do CIPE e ministro de produção do Peru (2018).

No Paraguai, a Fundación Paraguaya promoveu mediante um papel educacional, um programa cujo resultado foi o fortalecimento do “conhecimento e as competências empresariais de cerca de 900 professores de escolas públicas” (CIPE, 2011). Martin Burt, fundador deste instituto, atuou diretamente como presidente da Cámara de Comercio Paraguayo Americana e membro do conselho de diretores da Fundação Schwab para Empreendedorismo Social no Fórum Econômico Mundial, além de ter sido vice-ministro de Comércio do Paraguai (1991-1993), dentre outros cargos públicos. Já na Argentina, a

⁹⁹ Hernando de Soto é sobrinho do ex vice-presidente e senador peruano Mario Polar Ugarteche e primo distante do escritor e presidente da Fundación Internacional para la Libertad (FIL) Mario Vargas Llosa. Além disso, Soto foi economista do Acordo Geral de Tarifas e Comércio (GATT) e conselheiro do ex-presidente Alberto Fujimori.

Fundación Libertad, que conta com o membro da Atlas e da Sociedade Mont Pèlerin Gerardo Bongiovanni em sua presidência, construiu através dos recursos destinados pelo CIPE, a Red Federal de Políticas Públicas (RFPP), cujo objetivo consiste em atrair lideranças empresariais que possam fomentar o retorno da Argentina a uma “economia de mercado mais vibrante” (CIPE, 2016).

Um exemplo emblemático acerca do relacionamento do CIPE com institutos parceiros da Atlas na América Latina é o caso do Centro de Difusión del Conocimiento Económico (Cedice-Libertad) na Venezuela. Esse instituto desempenhou um papel singular em termos de oposição ao governo de Hugo Chávez, avançando um conjunto de iniciativas destinadas a desestabilizar o ambiente político na Venezuela, e desse modo promover uma transição para um projeto alinhado com a agenda neoliberal. O período que antecedeu a tentativa de golpe à Chávez, no ano de 2002, foi marcado por um conjunto de atividades promovidas pelo Cedice com o financiamento advindo do CIPE (272 mil dólares) que visava sedimentar a derrocada de Chávez do poder (GOLINGER, 2005). Sob o nome de “Plano Consenso”, a oposição-chavista buscou oferecer uma reconstrução na Venezuela concentrando os seus esforços na construção de um ambiente que fosse favorável para a aprovação do referendo que propunha uma alteração de governo. Contudo, esses esforços cristalizados na oposição venezuelana, estavam ancorados em um conjunto de recursos advindos do NED e do CIPE, ao mesmo tempo que representavam os interesses estadunidenses que enxergavam o governo de Chávez e seu discurso anti-imperialista como uma ameaça para os seus objetivos na região.

Com o intuito de promover reformas favoráveis para a implementação do livre mercado, o Cedice-Libertad ainda contaria com recursos do CIPE para a execução de um programa intitulado de “Reestructurando la Libertad: Reforma Institucional”. Por meio deste programa, o Cedice pretendia fomentar junto a sociedade civil debates em favor da reforma econômica, incluindo para isso, propostas concretas que estimulassem a iniciativa individual e as empresas privadas (GOLINGER, 2005).

A conexão entre a Rede Atlas e o NED seria potencializada e tornada pública quando da chegada de Judy Shelton, membro da Atlas¹⁰⁰, a sua presidência no ano de 2017. Após a vitória de Donald Trump nas eleições, Shelton, então assessora de sua campanha e do período de transição, foi indicada para assumir a presidência do NED,

¹⁰⁰ Judy Shelton foi Senior Fellow da Atlas no Sound Money Project (2011-2013).

organismo ao qual já tinha atuado como vice-presidenta do conselho (2010-2014). A chegada de Shelton a frente do NED foi comemorada com entusiasmo por Chafuen, ao destacar que “agora tem gente da Atlas na presidência do *National Endowment for Democracy* (CHAFUEN apud FANG, 2017). Além disso, o contato entre essas duas instituições ainda foi fortalecido com a indicação de Matt Warner, ex-bolsista do NED, para a atual presidência da Atlas.

De fato, a Atlas canaliza os fundos que recebe do NED e do CIPE transformando o dinheiro do contribuinte estadunidense em uma importante fonte de financiamento para uma rede cada vez maior (FANG, 2017). O que se camufla na forma da promoção de reformas ancoradas no livre mercado, é na verdade um mecanismo pelo qual se objetiva obscurecer o repasse de recursos públicos para a finalidade de desestabilizar e deslegitimar todo e qualquer movimento que se apresente como uma ameaça a hegemonia dos Estados Unidos na região. Se filiando com uma elite nacional empresarial, os Estados Unidos têm transferido boa parte de sua atuação direta, para mecanismos mais indiretos e sutis de ingerência, que são camuflados sob a defesa de promover o interesse geral.

Capítulo 4 – Ofensiva neoliberal e a criação dos institutos liberais parceiros da Rede Atlas no Brasil

[...] se voltarmos a recuperar a crença no poder das ideias, que foi a marca do liberalismo no seu melhor momento, a batalha não está perdida. O reavivamento intelectual do liberalismo já está a caminho em muitas partes do mundo
(HAYEK, 1949, p. 433).

No Brasil, o recrudescimento do ideário pró-mercado coincidiu com o combate contra o comunismo no decorrer da década de 1960, coordenado especialmente por uma direita conservadora essencialmente católica sob a justificativa de buscar conter o avanço de uma esquerda também católica¹⁰¹. Insatisfeitos com às profundas transformações propostas pelo Papa João XXIII no Concílio Vaticano II no ano de 1961¹⁰², a ala conservadora da Igreja católica passou denunciar uma suposta infiltração comunista por parte de lideranças do movimento católico juvenil¹⁰³, como Hebert José de Souza (Betinho), Frei Mateus Rocha e Frei Betto (ala progressista da Igreja católica).

Como destacou Camila Rocha (2018), os grupos conservadores na época utilizaram do ideário pró-mercado “como uma *arma* a mais para derrotar o que percebia como sendo uma ameaça a seus interesses” (ROCHA, 2018, p. 59). Para isso, somou-se o apoio destinado anteriormente por empresários como Adolpho Lindenberg e seu primo Plínio Corrêa de Oliveira¹⁰⁴, na tradução das obras de intelectuais orgânicos vinculados a Sociedade Mont Pèlerin, com destaque para a tradução dos textos de Mises, Hayek e Friedman. Nas palavras de Lindenberg:

Quando eu vi a esquerda católica avançar muito eu procurei algum movimento que batia na esquerda, e eu conheci o Hayek, então peguei um livro dele, me entusiasmei e disse: ‘eu vou publicar isso aqui para dar um peso na coisa,

¹⁰¹ O conservadorismo enquanto pensamento político, busca sustentar a defesa pela manutenção das instituições sociais tradicionais como a família, religião e os costumes, de modo que, seus defensores visam combater toda mudança e movimento mais progressista na sociedade.

¹⁰² Algumas das recomendações colocadas em prática a partir do Concílio Vaticano II foram: As missas deixaram de ser rezadas em latim, possibilidade do uso de trajes civis visando promover uma maior aproximação com o povo e por fim, os sacerdotes passaram a debater a realidade social à luz do Evangelho.

¹⁰³ Juventude Agrária Católica (JAC), formada por jovens do meio rural; Juventude Estudantil Católica (JEC), composta por estudantes secundaristas; Juventude Independente Católica (JIC), formada por moças solteiras que haviam completado o ciclo escolar; Juventude Operária Católica (JOC, fundada na Bélgica em 1930, e que dera origem às demais) e Juventude Universitária Católica (JUC) (BETTO, 2009, p. 25).

¹⁰⁴ Plínio Corrêa de Oliveira, foi um dos principais fundadores da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade (TFP) em 1960, e defensor da tese de que a propriedade privada é um direito natural do homem, e por conseguinte uma extensão da família. Como destaca Moacir Pereira Alencar Júnior, “a TFP abraçou a defesa do anticomunismo até suas últimas consequências, defendendo a ruptura democrática e a instalação de ditaduras no Brasil (1964), Chile (1973), Uruguai (1973) e Argentina (1976)” (JÚNIOR, 2020, p. 145).

alguém respeitado’. Então escrevi para ele, para o Hayek, e ele me autorizou a publicar o livro, e foi bom, viu, porque o Hayek dá uma sustentação científica comprovada, deu uma base (científica) para a defesa que a gente fazia. Aí apareceu depois o Mises também, e um americano, o Friedman, essa trinca é o principal (LINDENBERG, 2015 apud ROCHA, 2018, p. 61).

Entre as décadas de 1950 e 1960, o ideário neoliberal começou a tomar forma e circular entre frações do empresariado nacional e intelectuais orgânicos, reunidos sobretudo em torno da promoção do anticomunismo, principal justificativa mobilizada na época para conter o avanço de reformas e políticas progressistas. Esse foi o caso do economista Eugênio Gudin¹⁰⁵ e do empresário Paulo Ayres Filho. Ambos convencidos pelos argumentos sustentados nas obras destes intelectuais, buscaram se unir na promoção do neoliberalismo no âmbito nacional, sendo incorporados conseqüentemente por redes transnacionais, caso da Sociedade Mont Pèlerin.

Após trabalhar como Ministro da Fazenda (1954-1955) durante o governo Café Filho, Gudin participou no ano de 1958 da 9ª reunião promovida pela Sociedade Mont Pèlerin na cidade de Princeton, Estados Unidos (BOIANOVSKY, 2020). Já Ayres Filho, além de ter atuado ao lado de Gudin como um dos principais apoiadores do golpe militar de 1964, principalmente por meio de sua posição como fundador do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES)¹⁰⁶, havia sido incorporado, anteriormente, como membro da Sociedade Mont Pèlerin, sendo “o segundo brasileiro, depois de Eugênio Gudin, a integrá-la” (ONOFRE, 2018, p. 284)¹⁰⁷.

Mediante a aliança com os conservadores católicos na época, ficou incumbida aos intelectuais entusiastas do ideário pró-mercado a tarefa de difundir publicações de cunho anticomunista, atrelando valores morais e tradicionais diretamente com os pressupostos neoliberais, fornecendo, assim, um conjunto de justificativas que viabilizassem a intervenção militar para a derrubada de João Goulart do poder em 1964. Como destaca Rocha, “nessa época o ideário pró-mercado era defendido por poucas pessoas que

¹⁰⁵ Para Gudin, a derrubada de João Goulart do poder foi uma “reação do povo brasileiro e de suas forças armadas contra a tentativa perpetrada por um conjunto comuno-anarquista que visava levar o país ao caos e atrelá-lo ao grupo de países comandados pelo marxismo”. Disponível em: <<http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/eugenio-gudin-filho>> Acesso realizado em 16/09/2021.

¹⁰⁶ O IPES foi um dos principais núcleos de articulação entre importantes políticos, militares e empresários nacionais e estadunidenses, os quais se organizaram em prol da derrubada do então presidente João Goulart em 1964, sendo extinto logo nos primeiros anos do regime militar.

¹⁰⁷ Em retribuição aos esforços envidados na derrubada de João Goulart, em 1966 o IPES obteve o status do governo Castelo Branco de “órgão de utilidade pública” (ROCHA, 2018).

transitavam em circuitos de elite no Brasil e que depois vieram a apoiar e/ou participar diretamente do governo do general Humberto Castelo Branco” (ROCHA, 2017, p. 65).

Logo após a execução do golpe militar no Brasil em 1964, foi criada a Associação Nacional de Programação Econômica e Social (ANPES), na cidade de São Paulo. Fundada pelo Ministro de Planejamento do governo de Castelo Branco, Roberto Campos, a ANPES foi responsável pela vinda de economistas estrangeiros para o Brasil, com destaque para a visita de Milton Friedman no ano de 1973 (BOIANOVSKY, 2020). Além de atuar na produção de pesquisas econômicas, a ANPES serviu como um veículo de promoção de seus membros no governo de Castelo Branco.

Com a saída de Castelo Branco no ano de 1967, considerado pelos liberais da época como o presidente do regime mais atrelado ao liberalismo econômico (ROCHA, 2018), os intelectuais pró-mercado começaram a perder o espaço político anteriormente conquistado, principalmente se comparado com os conservadores que ainda se mantinham, por meio de seu discurso anticomunista, irrestritamente alinhados ao regime militar. Como menciona Rocha, “os militares que sucederam a Castelo Branco passaram a adotar um programa econômico nacionalista e desenvolvimentista, justamente oposto do que pregavam os defensores do livre-mercado” (ROCHA, 2018, p. 66). Diante disso, houve uma desarticulação do pacto anteriormente firmado entre parte do empresariado nacional com o regime militar.

Tal cenário foi acompanhado pelo fechamento dos principais aparelhos privados de hegemonia atrelados à defesa do livre-mercado, tornando assim mais árdua a tarefa por parte do empresariado nacional e dos seus intelectuais orgânicos de reivindicar uma nova orientação econômica dos militares. Esse quadro somente seria alterado a partir da década de 1970, mediante o realinhamento político-ideológico por parte dos grupos empresariais e, por conseguinte, posto em prática nos anos 1980 com a criação dos primeiros institutos liberais parceiros da Rede Atlas no Brasil: o Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ) e o Instituto de Estudos Empresariais (IEE). Enfim, tomou forma uma verdadeira batalha das ideias lideradas pelos institutos liberais e seus dirigentes no Brasil visando tornar possível a conversão do neoliberalismo enquanto um projeto político nacional, com capacidade de salvaguardar os interesses de sua classe econômica dominante.

4.1 Surgimento dos primeiros institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil: IL-RJ e o IEE

Ao longo da década de 1970, em meio ao período ditatorial vivenciado no Brasil (1964-1985), observou-se a conformação de um cenário político nacional de crescente luta e politização por parte da sociedade civil. Através de um quadro marcado pelo descontentamento dos diferentes estratos da sociedade, transcorreu-se uma série de transformações de cunho político-econômico e social, com destaque para o surgimento de dois projetos distintos para o país naquele momento: novo sindicalismo x neoliberalismo.

De um lado, a classe trabalhadora reivindicava por seu espaço no jogo político, surgindo desse modo uma espécie de novo sindicalismo¹⁰⁸, enquanto a elite empresarial nacional demonstrava sua insatisfação e distanciamento da política econômica implementada pelo regime militar, mais especificamente aquela contida no II Plano Nacional de Desenvolvimento (PND) durante o governo de Ernesto Geisel (1974-1979)¹⁰⁹. Durante esse período, ocorreram alterações cruciais no relacionamento da classe empresarial com o regime militar, passando essa a manifestar contrariedade acerca da política econômica e refletindo na “desarticulação do pacto empresarial-militar e o declínio do projeto desenvolvimentista” (FARIA, 2017, p. 107)¹¹⁰. Como destaca Ana Lúcia Faria,

A partir de 1977 houve alterações significativas na forma de atuação da classe empresarial, que passou a expressar sua insatisfação com as orientações da política econômica. Os setores do empresariado industrial iniciaram um processo de ruptura com a pauta tradicional, criticaram o poder público pelo atraso na adoção da pauta liberalizante e assumiram uma postura explicitamente favorável à desestatização (Ibidem, p. 109).

O processo de abertura, iniciado em meados de 1970, acompanhado da “questão sindical” e suas greves contra a superexploração do trabalho (BIANCHI, 2001), fizeram

¹⁰⁸ As greves dos metalúrgicos do ABC paulista em 1978, afetaram significativamente o sistema de representação dos interesses empresariais.

¹⁰⁹ A proposta de política econômica do Governo Geisel, que pretendia gerar uma industrialização autônoma a partir da criação de um setor de bens de capital, provocou a descoberta da democracia pelo empresariado (CARDOSO, 1983).

¹¹⁰ O período desenvolvimentista no Brasil alcançou seu predomínio entre as décadas de 1930 e 1960. Suas principais metas podem ser resumidas da seguinte forma: a) Proteção da indústria nacional; b) modernização agrícola; c) valorização das cooperativas; d) substituição de importações; e) atuação do Estado na modernização da economia, etc. (FARIA, 2017).

com que oito líderes empresariais¹¹¹, dentre estes Jorge Gerdau Johannpeter (Grupo Gerdau), Antonio Ermírio de Moraes (Votorantim) e José Mindlin (FIESP) se reunissem para divulgar um documento político contra a estatização. Intitulado de “Primeiro Documento dos Empresários” (1978), os empresários elencaram as seguintes exigências: aceleração do processo de democratização; abertura dos mercados e, por fim; retraimento do Estado na economia. Ainda de acordo com o documento, os empresários apontam que, “estamos convencidos de que o sistema de livre iniciativa no Brasil e a economia de mercado são viáveis e podem ser duradouros, se formos capazes de construir instituições que protejam os direitos dos cidadãos e garantam a liberdade¹¹²” (Documento dos Oito, 1978)¹¹³.

Desse modo, em resposta ao renascimento do movimento operário¹¹⁴ e de sua organização em torno de um novo sindicalismo, diferentes frações do empresariado brasileiro decidiram renovar e ampliar suas formas de atuação e relacionamento com o Estado. A partir do final da década de 1970, a palavra “democracia” tornou-se recorrente entre uma fração do empresariado, permitindo que houvesse uma maior politização em seu discurso e manifestando-se no contexto de redemocratização sob um processo de recomposição das “direitas” em torno de um novo bloco político, econômico e social – o neoliberalismo (FRIDERICHS, 2016). De acordo com Denise Gros,

Houve uma espécie de aproximação aos pontos de vista da oposição: menos intervenção direta do Estado na economia, maior participação na tomada de decisões e demandas retóricas por democracia. [...] A reivindicação democrática dos empresários pleiteia, fundamentalmente, a liberdade econômica e a liberdade de influenciar a definição da política econômica (GROS, 2003, p. 56, 281).

Se por um lado estes movimentos apontam para uma crescente politização vivenciada naquele período, por outro demonstram uma crise de legitimidade por parte do governo militar, isto é, um “contraste entre ética e política, entre exigências da liberdade e exigências da força” (GRAMSCI, 1999, p. 371)¹¹⁵. Tal cenário estimulou

¹¹¹ De acordo com Alvaro Bianchi, “os signatários do documento haviam sido eleitos em consulta a 5 mil empresários de todo o país, realizada pelo jornal Gazeta Mercantil” (BIANCHI, 2001, p. 127).

¹¹² Por “liberdade” leia-se liberdade econômica tão somente, pois de fato é essa que os empresários apresentam preocupação ao longo do documento.

¹¹³ Documento pode ser acessado na íntegra. Disponível em: <https://www.votorantim100.com/noticia/a-integra-do-documento-dos-oito> Acesso realizado em 19/09/2021.

¹¹⁴ As lutas dos trabalhadores evidenciaram a importância crescente do movimento sindical e de suas organizações de cúpula, em especial a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Partido dos Trabalhadores (PT).

¹¹⁵ [...] “Ética se refere às atividades da sociedade civil, à hegemonia; a política se refere à iniciativa e à coerção estatal-governamental” (GRAMSCI, 1999, p. 371).

ainda mais a abertura política vivenciada na época, reflexo de uma maior organização por parte das forças sociais em vista de implementar seus respectivos projetos de sociedade. Com isso, a aparição de novos antagonistas (trabalhadores organizados), ao final da ditadura, contribuiu para determinar o próprio discurso ideológico e prático por parte dos empresários, assim como a dinâmica de atuação desse grupo frente a liberalização política no país (GROS, 2003).

No contexto dos anos 1980, com o processo de redemocratização, o empresariado nacional, ou pelo menos uma fração deste, decidiu se reorganizar em torno de novos mecanismos de participação política e de legitimação de seu domínio e direção na sociedade, tendo em vista a sua “necessidade de criar condições mais favoráveis à expansão da própria classe” (GRAMSCI, 1989, p. 04). Influenciada pela abertura da arena política, a camada empresarial defensora do projeto neoliberal conscientizou-se acerca da relevância de se construir novas bases de consenso para a manutenção dos seus interesses junto às distintas frações do capital. Esse esforço seria, então, materializado através da elaboração de organizações ideológicas com objetivos de longo prazo e que fossem capazes de promover uma reorganização e redefinição das bases de poder das frações econômicas dominantes. Como destaca Flávio Casimiro,

A classe burguesa moderna, na visão de Gramsci, se perpetua através de operações de hegemonia – isto é, através das atividades e iniciativas de uma ampla rede de organizações culturais, movimentos políticos e instituições educacionais (eu acrescentaria a essa lista os meios midiáticos) que difundem sua concepção do mundo e seus valores capilarmente pela sociedade (CASIMIRO, 2011, p. 22).

Em paralelo ao contexto de redemocratização e das discussões a respeito da nova Constituição, emergiu por parte do empresariado nacional um clima de insegurança no que tange aos rumos que a economia e a política poderiam tomar, principalmente relacionados com a possibilidade de perderem espaço frente a projetos ligados a grupos de esquerda. É diante disso que surge, no decorrer dos anos 1980, um quadro marcado por lutas sociais e simbólicas no âmbito da sociedade civil. Análogo à lógica de um “espaço de jogo”, os diferentes grupos em disputa objetivam o poder sobre o “capital estatal”, buscando assegurar o controle sobre os diferentes tipos de capital e, conseqüentemente, sua reprodução no espaço social (BOURDIEU, 1996) ¹¹⁶. Desse

¹¹⁶ “Nas nossas sociedades, o Estado contribui de maneira determinante na produção e reprodução dos instrumentos de construção da realidade social” (BOURDIEU, 1996, p. 116).

modo, a classe econômica dominante objetivou a construção e efetivação de um novo projeto hegemônico de sociedade ancorado nos princípios neoliberais.

Para isso, se utilizou da criação de aparelhos privados de hegemonia, mais especificamente de institutos liberais, como instrumentos político-ideológicos para que os grupos econômicos dominantes construíssem um consenso e, desse modo, o seu projeto hegemônico neoliberal no Brasil. Tendo em vista que “a hegemonia pressupõe a luta constante por sua afirmação” (CASIMIRO, 2011, p. 14), esses institutos, ao difundirem os valores e princípios pertencentes à classe econômica dominante nacional, contribuiriam para a manutenção de sua direção e domínio sobre o restante da sociedade.

Para isso, fez-se singular o papel desempenhado por figuras como Hayek e Fisher para a construção de relações com membros de uma elite empresarial nacional como Henry Maksoud (Hidroservice), Nahum Manela (DeMillus) e Donald Stewart (Ecisa)¹¹⁷, além de alguns intelectuais como Og Francisco Leme¹¹⁸, aluno de Friedman e doutor em Economia pela Universidade de Chicago e, por fim, José Stelle, principal tradutor brasileiro das obras de Hayek. O contato estabelecido entre Fisher com os brasileiros só foi possível a partir da visita de Hayek ao Brasil no final de 1970 e início dos anos 1980. Havia chegado o momento de buscar representantes no Brasil e aproximá-los do modelo estabelecido a partir do *Institute of Economic Affairs*, no Reino Unido. Com isso, Fisher conectou-se com os empresários brasileiros, aconselhando-os de que a melhor forma de promover às ideias neoliberais seria por intermédio da criação de institutos liberais.

Como destaca Onofre, “à exceção dos Estados Unidos, o Brasil foi a nação, fora da Europa, mais visitada por Hayek na última década de sua vida [...] o economista viajou três vezes para o país” (ONOFRE, 2018, p. 267). Patrocinadas pela Revista Visão¹¹⁹ do empresário Henry Maksoud¹²⁰, tais viagens tinham como objetivo central divulgar as ideias de Hayek no Brasil, aproximando-as principalmente do meio acadêmico e de um

¹¹⁷ Ecisa foi uma das maiores empreiteiras no período da ditadura militar, tendo se associado durante esse período à construtora estadunidense Leo A. Daly para construir escolas no Nordeste para a Sudene sob o financiamento da Agência de Desenvolvimento Americana (USAID) que funcionava como braço da CIA durante as ditaduras na América Latina (CAMPOS, 2012).

¹¹⁸ Além de ter sido integrante do IPES na década de 1960 e membro da Comissão Econômica para América Latina (CEPAL) quando residiu no Chile, Og Leme foi convidado em 1964 por Roberto Campos para trabalhar no Ministério de Planejamento do governo Castelo Branco.

¹¹⁹ Na revista Visão eram publicados entrevistas e ensaios inéditos de intelectuais neoliberais como Friederich Hayek, Milton Friedman e Murray Rothbard (FONSECA, 1994).

¹²⁰ Maksoud foi autor de uma série de livros em defesa do capitalismo de livre-mercado, e patrocinador da primeira tradução para o português do livro de Hayek, “Fundamentos da Liberdade” (ROCHA, 2018).

grupo de empresários insatisfeitos com os rumos da política econômica implementadas pelo regime militar¹²¹.

Em relação a Maksoud, “o empresário brasileiro era um grande admirador de Hayek e acabou amigo do famoso economista, quando ingressou na Sociedade Mont Pelerin” (Ibidem, p. 268). Percebe-se, assim, que as tomadas de posição que reúnem esses indivíduos em grupos com as mesmas disposições relacionam-se com o fato de que seu capital e suas trajetórias convergem (BIGO, 2011). Desse modo, a aproximação dos empresários e intelectuais brasileiros com Hayek consistia nos seus objetivos de conseguir orientação e sugestões para o desenvolvimento de iniciativas que contribuíssem para a disseminação das teses liberais no cenário brasileiro.

Em vista disso, Hayek indicaria como seu principal interlocutor - agora não mais na posição de ouvinte - nesse relacionamento com frações do empresariado e intelectuais brasileiros a figura de Antony Fisher que, a partir de sua trajetória a frente da Atlas e anteriormente do IEA, se credenciava para essa tarefa.¹²² Fisher, então, se comprometeu em procurar pessoas que pudessem contribuir para a construção de um instituto liberal no país, assunto este que foi tratado e discutido no âmbito da própria Atlas. Os primeiros nomes a procurarem por Fisher foram os de Nahum Manela, empresário do setor de roupas, e José Stelle, que buscavam “conselhos, contatos, expertise e apoio financeiro para sua tentativa de fundar um instituto em São Paulo” (ONOFRE, 2018, p. 283).

Fisher faz um passo a passo das iniciativas necessárias para criar um think tank. Segundo ele, para a organização de um instituto desse tipo, seria necessário, a priori, buscar o apoio de empresários e intelectuais. Os primeiros constituiriam um grupo de mantenedores, capazes de dar apoio financeiro e prover a estrutura legal e administrativa da organização. Já os intelectuais, integrariam o que ele chamou de *Academic Advisory Board* (Ibidem).

Para Gramsci, “uma das mais marcantes características de todo grupo social que se desenvolve no sentido do domínio é sua luta pela assimilação e pela conquista ideológica dos intelectuais tradicionais” (GRAMSCI, 1989, p. 09). Dessa forma, obter o

¹²¹ De acordo com Isaac Jardarnovski, diretor de redação (1975-1990) e diretor-geral do grupo Visão (1978-1990), “a compra de Visão por Henry Maksoud foi um divisor de águas ideológico: antes de Maksoud, tendência para a esquerda, liberdade para redatores e editores; na fase Maksoud tendência para o chamado liberalismo, tendo em Hayek seu principal mentor intelectual, e orientação centralizada da linha editorial, com marcante presença de temas políticos-filosóficos [...]”. Disponível em <<http://www.fgv.br/cpd/doc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/visao>> Acesso realizado em 22/08/2019.

¹²² Do mesmo modo que Fisher foi aconselhado por Hayek, agora foi a vez de Fisher aconselhar e orientar empresários para além do Reino Unido acerca da importância de disseminar as ideias neoliberais mediante a criação de institutos liberais.

apoio desse grupo seria, para Fisher, a principal dificuldade para a formação do instituto. Partindo dos conselhos de Fisher, Manela tentou fundar o Instituto Brasileiro de Estudos Econômicos e Sociais (IBEPES)¹²³, contudo, acabou desistindo do projeto ao não conseguir recursos suficientes para sua criação. Durante esse período, como aponta Lidiane Friderichs,

Fisher trocou várias correspondências com Stelle incentivando-o a não desistir do projeto, afirmando que São Paulo e Rio de Janeiro precisavam de instituições no formato do IEA que fomentassem publicações sobre a estrutura econômica e social do país, as quais deveriam ser escritas por intelectuais especializados no assunto (FRIDERICHS, 2019, p. 131).

Ademais, Fisher, mesmo tendo sucesso para a obtenção de recursos para a Atlas, não possuía recursos para investir na criação de um instituto liberal no Brasil naquele momento. Entretanto, se comprometeu em procurar pessoas que pudessem contribuir para a construção de um instituto no país. De acordo com Onofre (2018), “os problemas enfrentados pelos brasileiros eram discutidos internamente na rede Atlas” (ONOFRE, 2018, p. 285), sendo elaborado em 1982 um relatório que atestava uma visão pessimista por parte da Atlas em relação a tentativa frustrada de conformar o IBEPES.

No início do ano de 1983, Fisher viajou ao Brasil para se encontrar com Manella, Og Leme e com outros grupos de empresários e estudantes que ansiavam divulgar o ideário neoliberal nos seus respectivos espaços. Através destes encontros, pretendia-se angariar apoio necessário para materializar o projeto de criação de um instituto liberal parceiro da Atlas no Brasil, contudo, inicialmente tais esforços foram insuficientes. Foi a partir da disposição do empresário Donald Stewart, ainda nos anos 1980, com trajetória na Sociedade Mont Pelèrin, IEA e na Atlas que se deu a criação de um instituto liberal aos moldes do que era aconselhado e imaginado por Hayek e Fisher (FRIDERICHS, 2019). Stewart recebeu apoio nos EUA e Grã-Bretanha, e em especial de Fisher, na arquitetura desse novo instituto: o Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ).

4.1.1 Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ)

A criação do Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ) marcou o início de um processo de consolidação e posterior conformação de uma série de aparelhos privados de hegemonia difusores do neoliberalismo no país. Fundado em 1983 na cidade do Rio de Janeiro por Donald Stewart Jr., Diretor-presidente da Ecisa Engenharia, o instituto contou

¹²³ A princípio, Nahum Manela escolheu Paulo Ayres para dirigir o IBEPES, porém, após frustradas tentativas de captação de recursos, Ayres veio a abandonar o projeto (ONOFRE, 2018).

com o auxílio de um grupo de empresários e intelectuais de orientação ideológica liberal, os quais compartilhavam o objetivo de “difundir o pensamento liberal entre as elites formadoras de opinião no Brasil” (CASIMIRO, 2016, p. 238).

A estratégia adotada pelo Instituto Liberal, anteriormente consolidada por outros *think tanks* nos Estados Unidos e Reino Unido (caso do IEA de Fisher), assumia o seguinte arranjo: De um lado, contava com aqueles indivíduos pertencentes à elite econômica, dispostos a financiar e apoiar a difusão das ideias liberais entre os diferentes estratos da burguesia nacional e, de outro lado, com a absorção de intelectuais orgânicos, camada responsável pela ação pedagógica de persuasão e elaboração de consenso nos diversos estratos da sociedade. Para essa construção, foi fundamental o papel desempenhado por Donald Stewart ao aproximar ambos os grupos em torno da difusão neoliberal. Como destaca o Ex-Diretor do IL-RJ Arthur Chagas Diniz:

O Donald era corpo e alma do IL. Corpo por quê? Porque ele bancava, ele foi o alavancador. O Donald montou isso, me chamou pra trabalhar e pediu que eu fosse presidente porque ele tinha contatos com políticos e ele não queria misturar as duas atividades (DINIZ, 2015 apud ROCHA, 2018, p. 98).

Dentre os empresários que contribuíram com o projeto de criação do IL-RJ, tem-se os nomes de Jorge Gerdau Johannpeter (Grupo Gerdau), Jorge Simeira Jacob (Grupo Fenícia), Roberto Konder Bornhausen (Unibanco) e Winston Ling (Olivebra). Incluso nessa lista, aparecem os nomes de alguns intelectuais que contribuíram para a própria articulação ideológica da instituição como José Luiz Carvalho (Membro da Sociedade Mont Pélerin, Doutor em Economia pela Universidade de Chicago, onde foi aluno de Milton Friedman, e professor na Escola de Pós-Graduação em Economia da Fundação Getúlio Vargas - FGV), Antônio Porto Gonçalves (Mestre e Doutor em Economia pela Universidade de Chicago e professor na Escola de Pós-Graduação em Economia da FGV) e Og Francisco Leme (Doutor em Economia pela Universidade de Chicago e aluno de Milton Friedman). Assim,

Convidados a fazer parte do projeto de fundação do Instituto Liberal por Og Francisco Leme, os professores José Luiz Carvalho e Antônio Carlos Porto Gonçalves representaram, assim como o próprio Og Leme, o núcleo de desenvolvimento e construção ideológica do IL, todos com formação atrelada à Escola de Economia da Universidade de Chicago. Nesse sentido, podemos perceber a forte influência da instituição acadêmica estadunidense como direção intelectual e referencial teórico fundamental para a organização da ação ideológica promovida pelos intelectuais orgânicos do IL (CASIMIRO, 2016, p. 243).

Diferentemente do que ocorreu na maior parte daqueles *think tanks* originados no Reino Unido e nos Estados Unidos, o IL-RJ nasce como uma iniciativa de um grupo de empresários que só posteriormente receberiam o auxílio de certos intelectuais¹²⁴. Desse modo, a participação da camada intelectual, formada majoritariamente na escola neoliberal de Chicago, contribuiu para a articulação ideológica do instituto e, conseqüentemente, para uma maior “homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas também no social e no político” (GRAMSCI, 1989, p. 03)¹²⁵. De acordo Donald Stewart,

Em outros países, os institutos de caráter similar ao nosso eram invariavelmente coordenados e dirigidos por professores universitários, economistas, intelectuais e não por empresários. No Brasil foi diferente. Nós achamos que se não havia, nas universidades, quem estivesse disposto a criar um instituto, nós, empresários, deveríamos fazê-lo (Ideia Liberal, n. 18, 1989 (Ideia Liberal, n. 18, 1989).

Inicialmente, a atuação do Instituto Liberal concentrou-se em três eixos específicos de ação, sendo eles: a pesquisa, produção e divulgação ideológica. Na visão de Donald Stewart, a literatura sobre o liberalismo era muito escassa no Brasil, por isso mesmo havia a necessidade de uma organização se ocupar da produção e da circulação dessas ideias (IL-RJ, 2021). Diante disso, o IL-RJ foi construído na forma de uma proposta de difusão do neoliberalismo no Brasil, seja ela por intermédio da cultura ou da própria proposição de políticas públicas, visando sempre a reconfiguração do papel do Estado (CASIMIRO, 2016).

De acordo com informações contidas em seu site:

O trabalho inicial do Instituto se concentrou por algum tempo na tradução, edição e publicação de livros e panfletos, já que eram muito poucos os textos sobre liberalismo existentes no Brasil. O Instituto publicou pela primeira vez no Brasil obras de diversos autores internacionais, como os ícones da Escola Austríaca de Economia Ludwig von Mises e Friedrich Hayek, o francês Frédéric Bastiat e a russo-americana Ayn Rand, entre muitos outros. Também publicou pensadores nacionais, como Alberto Oliva e Ricardo Vélez-Rodríguez. Simultaneamente, o IL passou a promover palestras, colóquios e seminários. Professores, especialistas e intelectuais de diversas áreas do pensamento tomaram parte nas fileiras que vêm contribuindo para a realização desse trabalho (IL-RJ, 2021).

¹²⁴ O Instituto Liberal não pode ser definido enquanto uma associação de empresários, pois não há uma defesa de interesses classistas ou até mesmo corporativos e, sim, uma concepção de sociedade ancorada nos preceitos de liberdade individual e na supremacia do mercado (GROS, 2003).

¹²⁵ Os intelectuais não são um estrato social distinto e relativamente sem classes. Gramsci os via como organicamente conectados a uma classe social (COX, 1993, p. 57).

Ao longo dos primeiros anos de sua criação, mais especificamente em 1986, constatou-se a necessidade de regionalizar as suas atividades mediante a construção de uma rede de institutos liberais integrados em todo país (CASIMIRO, 2011). Tal propósito encontrou-se amparado na própria carta de princípios do Instituto Liberal a qual fazia alusão a possibilidade não somente que indivíduos aderissem ao instituto, como de criar outras organizações similares em outros estados¹²⁶. Como destaca Friderichs,

Nos anos seguintes, o instituto se expandiu para diversos Estados, com sedes em: São Paulo, Porto Alegre, Curitiba, Belo Horizonte, Brasília, Salvador e Recife, os quais desenvolviam atividades autônomas, mas mantinham o mesmo propósito e visão de mundo do IL-RJ (FRIDERICHS, 2019, p. 58)¹²⁷.

Para que os institutos regionais mantivessem os princípios de seu mantenedor, no caso o IL-RJ, foi criado o Conselho Nacional dos Institutos Liberais (CONIL) pelo qual definiu-se que todas as instituições estaduais deveriam manter o mesmo nome e ser geridas pelo mesmo estatuto¹²⁸. Por meio de tal iniciativa, ampliou-se o número de mantenedores e as formas de captação de recursos, permitindo que ocorresse uma maior diversificação das formas de atuação do Instituto Liberal. Como resultado destas ações, tem-se no decorrer da década de 1990 o auge de expansão da rede de institutos liberais e a conseqüente incorporação destes como afiliados da Rede Atlas, sendo acompanhado por uma crescente participação de grupos econômicos nacionais e transnacionais financiadores das atividades desenvolvidas por tais institutos (Anexo 2)¹²⁹. De acordo com Casimiro (2016),

O Instituto Liberal representa grandes grupos econômicos nacionais e transnacionais e suas atividades foram financiadas, nos seus primeiros dez anos, por importantes grupos como: Votorantim, Sharp, Gradiente, Nestlé, Banco de Boston, Philco, Banco Itaú, Unibanco. Conta também com financiamentos por meio doações e patrocínios de pessoas físicas e jurídicas. A venda de suas publicações também representa uma das formas de captação de recursos (CASIMIRO, 2016, p. 239).

¹²⁶ Os Institutos Liberais pretendem contribuir para a divulgação das vantagens do liberalismo através da publicação de livros e textos, da realização de seminários, cursos e palestras, e da proposição de políticas alternativas a serem adotadas pelos eventuais ocupantes do poder (IL-RJ, 2021). Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/declaracao-de-principios/>> Acesso realizado em 17/09/2019.

¹²⁷ Desses, os mais ativos foram os institutos de São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul (FRIDERICHS, 2019).

¹²⁸ Foram presidentes do Conselho Nacional dos Institutos Liberais desde sua criação: Jorge Gerdau Johannpeter (1990-1992); Donald Stewart Jr. (1992-1994); Roberto Konder Bornhausen (1994-1996) e Jorge Wilson Simeira Jacob (1996-1998) (GROS, 2003).

¹²⁹ No anexo 2 desse trabalho consta a listagem completa dos grupos econômicos mantenedores dos Institutos Liberais ao longo dos seus primeiros 10 anos.

Ao olhar para o perfil da diretoria do IL-RJ durante os seus primeiros 15 anos (1983-1998), constatou-se uma ampla gama de indivíduos pertencentes tanto ao setor empresarial, como ao meio acadêmico - sendo em sua maioria vinculados à Escola de Chicago. Assim, em termos de atuação profissional, considerando as sobreposições daqueles que apresentaram mais de uma ocupação, evidenciou-se que a maior parcela de um total de 10 membros da sua diretoria figura ou já figurou como empresários/executivos (9x), economistas (3x) e professores (3x), com formação econômica principalmente em economia (5x) e direito (3x).

Apesar da diretoria nesses primeiros anos ser composta majoritariamente por empresários, a maior parcela destes “tiveram uma formação intelectual e uma trajetória muito específica que define suas escolhas, concepções e sua ação [...] Ou seja, são intelectuais orgânicos, na concepção gramsciana” (CASIMIRO, 2016, p. 269). Esse é o caso do próprio Donald Stewart, engenheiro civil e empresário que, logo tornar-se-ia membro afiliado de organizações como a Sociedade Mont Pèlerin, Cato Institute, Liberty Fund, Institute of Economic Affairs e da própria Atlas Network.

Por fim, a metade de seus diretores (5/5) nesse período apresentou alguma espécie de vínculo com o movimento liberal (Tabela 6), indo desde a participação em algum outro instituto liberal como membro ou diretor, participação em partidos políticos liberais, assim como formação acadêmica atrelada a escolas de tradição liberal como é o caso da própria Universidade de Chicago, onde lá lecionaram alguns dos principais expoentes desse pensamento (Milton Friedman, Frank Knight, Gregg Lewis, George Stigler).

Tabela 6 - Vínculos com o movimento liberal

Nome	Vínculos
Donald Stewart Jr.	Tradutor de várias obras de Mises; foi sócio e afiliado da Sociedade Mont Pèlerin, CATO Institute, Heritage Foundation, Atlas Foundation, Fraser Institute, Liberty Fund e Institute of Economic Affairs; foi autor do Instituto Rothbard; possui artigo publicado no Instituto Mises Brasil.
Odemiro Fonseca	Consta na lista de mantenedores e fundadores do Instituto Millenium.
Og Francisco Leme	Foi aluno de Milton Friedman na Universidade de Chicago.

Arthur Chagas Diniz	Consta na lista de especialistas e convidados do Instituto Millenium.
Roberto Fendt Júnior	Formado em economia pela Universidade de Chicago.

Fonte: Elaboração própria do autor

Os vínculos com o movimento liberal evidenciados apontam para uma certa circulação homogênea entre os respectivos agentes, já que muitos destes frequentaram os mesmos espaços e as mesmas escolas. Nesse sentido, a reunião desses indivíduos em grupos pode ser justificada pela convergência de suas disposições em termos de preferência ou até mesmo de capitais e trajetórias. Uma outra categoria que nos diz muito sobre a posição desses indivíduos, e em especial sobre a reprodução de certos privilégios com o tempo, é a origem familiar. Como destaca Bourdieu,

As famílias são corpos (*corporate bodies*) animados por uma espécie de *conatos*, no sentido de Spinoza, isto é, uma tendência a perpetuar seu ser social, com todos seus poderes e privilégios, que é a base das *estratégias de reprodução*, estratégias de fecundidade, estratégias matrimoniais, estratégias de herança, estratégias econômicas e, por fim, estratégias educativas (BOURDIEU, 1996, p. 35-36).

A transmissão de certos privilégios hereditários é perceptível com relação a membros diretores do IL-RJ, como João Pedro Gouveia (empresário e advogado), cujos filhos (João e Eduardo) seguiram carreiras como advogado e como empresário; André de Botton (empresário), tanto seu avô (Louis La Saigne) como seu pai (Henrique) foram empresários; e Heitor Bastos Tigre (advogado) e suas duas netas (Maria Rita e Maria Pia) também advogadas. Além disso, as famílias acabam tendo um papel fundamental na reprodução do capital cultural. A exemplo, Ana Stewart, filha de Donald Stewart fundador do IL-RJ, formou-se em jornalismo na França.

Como destaca Casimiro, “um aspecto fundamental para a constituição de um projeto de poder é conseguir compatibilizar interesses difusos, fazer transbordar a sua visão de mundo até outros grupos sociais subalternos” (CASIMIRO, 2016, p. 247). Essa tarefa parece ter sido capturada pelo IL-RJ, assumindo a forma de uma espécie de intelectual coletivo, articulou os interesses de diferentes frações da classe dominante econômica nacional, convertendo-os em ações voltadas a reconfigurar o papel do Estado sob o prisma neoliberal. Dessa forma, o IL-RJ se configura como um aparelho privado de hegemonia com acentuada capacidade de representação que, a partir de uma série de atividades pedagógicas, corrobora para formar e educar quadros de intelectuais que

disseminam princípios e premissas condizentes com os interesses da elite econômica no Brasil e auxilia na construção de um consenso intra-classe.

4.1.2 Instituto de Estudos Empresariais (IEE)

Fundado em 1984 na cidade de Porto Alegre, o Instituto de Estudos Empresariais (IEE)¹³⁰ surge enquanto uma estratégia de ação do empresariado local, voltada principalmente para “incentivar e preparar novas lideranças, com base nos conceitos de economia de mercado e livre iniciativa” (IEE, 2021). Inicialmente liderado pelos empresários William Ling¹³¹ (Presidente, 1984-1986)¹³² e Roberto Rachewsky (Vice-Presidente, 1984-1986), o IEE reuniu um grupo de 30 jovens empresários rio-grandenses, dos quais 20 participaram ativamente na formação e estruturação do instituto. Alguns dos empresários que estavam presentes desde a primeira reunião foram: William Ling (Presidente, 1984-1986); Roberto Rachewsky (Presidente, 1986-1987); Renato Malcon (Vice-Presidente, 1987-1988), Daniel Tevah (Presidente, 1991-1992), todos representantes do empresariado local. Como relatam Ling e Rachewsky no livro comemorativo dos 30 anos da entidade (2014):

O IEE foi a experiência mais determinante na minha vida. Nele formei a base conceitual que me possibilitou, anos mais tarde, assumir a liderança dos negócios de minha família e transformá-los numa organização que prospera nos mercados mais competitivos do planeta, e tem como principal força uma cultura que reúne os valores que gostaria de ver adotados no Brasil (LING, 2014, p. 25). [...]

Se há algo na minha vida de que eu tenho orgulho de ter participado, foi da idealização, criação e fundação do IEE. Não foi por acaso que, junto com amigos meus, criamos o que hoje é um dos mais significativos centros do pensamento liberal existentes no Brasil e no mundo (RACHEWSKY, 2014, p. 26).

Diante de um contexto nacional marcado pela abertura democrática e por uma nova dinâmica no relacionamento entre o empresariado e o Estado, acentuou-se por parte da elite empresarial rio-grandense a necessidade de imposição de seus interesses e de sua representação na sociedade. Nesse sentido, recrutou-se empresários pertencentes ao comércio, serviços, indústria e agricultura tendo como objetivo central a construção de uma instituição voltada a formar e capacitar “líderes virtuosos que conduzirão empresas,

¹³⁰ O IEE foi classificado no ano de 2013 pelo ranking da *Global Go to Think Tanks*, como uma das 150 organizações que mais influenciam transformações políticas, sociais e econômicas do mundo.

¹³¹ William Ling é irmão de Winston Ling, fundador do Instituto Liberal do Rio Grande do Sul (1986).

¹³² De acordo com o livro comemorativo dos 30 anos do IEE (2014, p. 12) - “O autor da carta-convite que convocou o grupo de jovens para aquela reunião de 1984 foi o empresário William Ling. Então com 27 anos, ele se tornou o primeiro presidente do IEE”.

entidades e governos melhores” (IEE, 2014, p. 12)¹³³. Logo após a primeira reunião, no dia 3 de dezembro de 1984, o IEE já possuía seu estatuto próprio atestando e registrando no cartório a sua fundação.

Para o empresário William Ling, representante do Grupo Évora - empresa familiar fundada pelo seu pai Sheun Ling, “o Brasil e o mundo estavam mudando [...] e o empresariado brasileiro estava despreparado para competir na nova ordem, cujos mantras eram abertura comercial e globalização” (LING, 2014, p. 22). Na sua visão, era necessário unir e articular algumas das principais ideias do capitalismo de livre mercado com os valores democráticos e republicanos no campo político e social (Ibidem). Dessa forma, o grupo de empresários pertencentes ao IEE acreditava que as ações empreendidas pela iniciativa privada demonstravam resultados mais satisfatórios do que aquelas levadas a cabo pelo Estado, sendo necessário fazer deste instituto uma ferramenta para a formação de lideranças liberais. Essas lideranças, por sua vez, se comprometiam com os seguintes ideais:

[...] ideal democrático de liberdades individuais subordinadas ao estado de direito [...] defendendo, de forma honesta e convicta, a liberdade de empreender e trabalhar, o lucro como prêmio pelos sacrifícios da poupança e do risco e a propriedade privada ou o direito de usufruir o fruto do trabalho (IEE, 2021).

Para esse propósito, o empresário Jorge Gerdau Johannpeter (Grupo Gerdau)¹³⁴, uma das figuras atuantes na criação do IL-RJ, contribuiu diretamente por meio da doação de livros (traduzidos pelo IL-RJ) para os jovens empresários fundadores do IEE. De acordo com informações contidas no livro comemorativo dos 30 anos do IEE (2014):

O material que chegou às suas mãos nos anos 80 encheu seus corações e suas mentes. Ali estava a essência do pensamento da Escola Austríaca, muito influente desde o início do século XX, baseada no conceito do individualismo e responsável por várias gerações de economistas brilhantes como Frédéric Bastiat, Ludwig von Mises, Friedrich Hayek (Nobel de Economia em 1974) e Murray Rothbard, e também as primeiras discussões dos novos economistas clássicos americanos, como Milton Friedman (Prêmio Nobel de Economia em 1976), Arthur Laffer e George Gilder, convocados pelo presidente dos Estados Unidos, Ronald Reagan, para conceber e implementar uma estratégia para tirar a economia americana da “estagflação” no início dos anos 80 (IEE, 2014, p. 18).

¹³³ Como destaca Roberto Rachewsky (2014, p. 13), “minha rede de relacionamentos era mais voltada para o comércio e serviços. A do William, mais para a indústria e para o agronegócio”.

¹³⁴ Grupo Gerdau juntamente com o Grupo Ipiranga é um dos principais patrocinadores ao longo da história do IEE.

Um dos objetivos centrais traçados pelo IEE, considerado essencial para o alcance de seus propósitos, consistia em convencer num primeiro momento os seus pares, ou seja, os próprios empresários acerca da necessidade das reformas liberais no país: “A primeira barreira, portanto, eram os próprios empresários. Como convencer sindicalistas, professores, políticos, jornalistas, se não convenciam nem a seus pares?” (IEE, 2014, p. 16). Nesse sentido, num primeiro momento era fundamental a obtenção do apoio do empresariado para que, posteriormente, estes mesmos empresários contribuíssem para atingir outros grupos no seio da sociedade.

De acordo com Gros (2010), “definido como uma associação civil sem vinculações partidárias, o IEE é mantido por contribuições de seus associados e pelo apoio financeiro de grandes empresas” (GROS, 2010, p. 189). No quadro atual, constam como investidores e apoiadores do IEE os grupos: CMPC (Empresa gaúcha presente no mercado internacional de celulose), Grupo Ipiranga (Distribuidora de combustíveis no Brasil), AGIBANK (Banco com sede no Rio Grande do Sul), Belmondo (Empresa de investimentos imobiliários), Carrion advogados (Escritório de advocacia), DANA (fornecedora de peças automobilística), Dallasanta (Empresa de locação de imóveis comerciais), Faculdade Getúlio Vargas – FGV (Rede de universidades), Évora (Fabricantes de têxteis), Irani (Indústria dos segmentos de papel e embalagens), Lojas Lebes (Rede varejista), Tomasetto Engenharia (Empresa da área de construção) e Vokin Investimentos (Alocação e gestão de recursos)¹³⁵.

Desde sua fundação o IEE manteve uma proximidade com o Instituto Liberal do Rio Grande do Sul (IL-RS) - posteriormente nomeado de Instituto Liberdade, 2004¹³⁶, compartilhando inicialmente da mesma sede, defendendo os mesmos valores, promovendo eventos em conjunto e, sobretudo, comportando por muitas vezes em seu quadro de membros o mesmo grupo de jovens empresários. Essa proximidade se mantém ainda hoje, tendo em vista que boa parte de seus membros e dirigentes ainda atuam no IL-RS.

¹³⁵ Para mais informações: Disponível em <<https://iee.com.br/patrocinadores/>> Acesso realizado em 10/09/2021.

¹³⁶ O Instituto Liberal do Rio Grande do Sul — atual Instituto Liberdade do Rio Grande do Sul — foi fundado, em 1986, por um grupo de jovens empresários, com o apoio dos membros do IEE e do empresário gaúcho Jorge Gerdau Johannpeter, Presidente do Conselho Nacional dos Institutos Liberais à época (IL, n. 19, 1989).

No entanto, o IEE acaba por apresentar uma estrutura organizacional distinta de seu congênere (IL-RS), especialmente no que diz respeito aos seus mecanismos de atuação e formas de filiação institucional. Com relação ao processo de ingresso no IEE, “é preciso ter a indicação de um Associado, ter entre 20 e 32 anos e estar envolvido com o risco inerente ao capital, isto é, estar à frente ou na linha de sucessão de empresa de qualquer ramo de atividade” (IEE, 2021). Após serem selecionados, os respectivos indicados são entrevistados pela diretoria do instituto e, por conseguinte, seu nome encaminhado para a análise feita pelo Conselho Deliberativo - formado pelo presidente em exercício, o anterior e mais cinco associados honorários eleitos a cada dois anos, necessitando ainda que o candidato passe por um período de experiência, podendo variar de seis meses a um ano (FRIDERICHS, 2019). Após o período de experiência, caso se decida pela sua aprovação, o novo membro do IEE poderá participar de todas as atividades de formação oferecidas pelo instituto, até os seus 35 anos, desde que mantenha frequência nas reuniões e efetue determinadas leituras indicadas.

Para Casimiro, o IEE ao se configurar como uma “entidade empresarial de caráter eminentemente classista, organiza-se no sentido de formar/educar seus quadros de intelectuais orgânicos, como um “clube” fechado dos “escolhidos” (CASIMIRO, 2016, p. 282). Com relação as suas diretorias, é estabelecido que sua renovação ocorra a cada ano, ficando vedada ao presidente que se candidate por mais de um ano de modo que, ao encerrarem os seus mandatos, os presidentes se tornam associados honorários do IEE. No final de cada ciclo das diretorias, sob aval dos membros honorários, tem-se a organização do Fórum da Liberdade (FRIDERICHS, 2019). De acordo com Casimiro,

O que qualifica o Instituto de Estudos Empresariais como um verdadeiro intelectual coletivo de ação político-ideológica estratégica e que caracteriza a sua proposta de formação de quadros de intelectuais orgânicos do projeto neoliberal no Brasil, é a organização do chamado Fórum da Liberdade (CASIMIRO, 2016, p. 285).

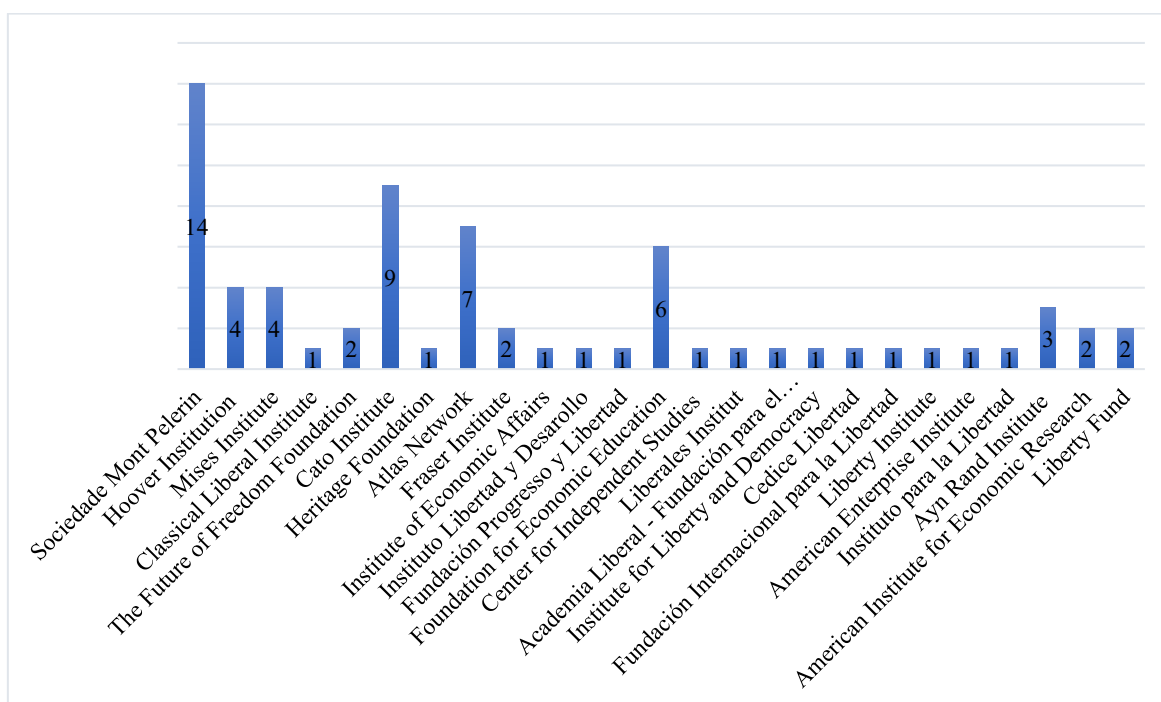
O Fórum da Liberdade, realizado desde 1988 em Porto Alegre¹³⁷, consiste em um dos principais eventos da agenda liberal. A exemplo disso, no ano de 2013 o Fórum da Liberdade foi apontado pela revista Forbes como o “maior evento de discussão de ideias da América Latina” (IEE, 2021). Nele reúnem-se uma série de nomes nacionais e internacionais do empresariado, da cultura, da economia e da política, articulando ao mesmo tempo uma ampla rede de indivíduos vinculados aos mais diversos *think tanks*

¹³⁷ Com exceção de 2006 em que o Fórum da Liberdade foi realizado na cidade de Curitiba.

liberais estrangeiros (VIDAL et al., 2020). Dentre estes, pode-se mencionar a presença de Alejandro Chafuen (2x) ex-Presidente da Atlas Network, assim como de seu Vice-Presidente Executivo para Programas Internacionais Tom Palmer (4x).

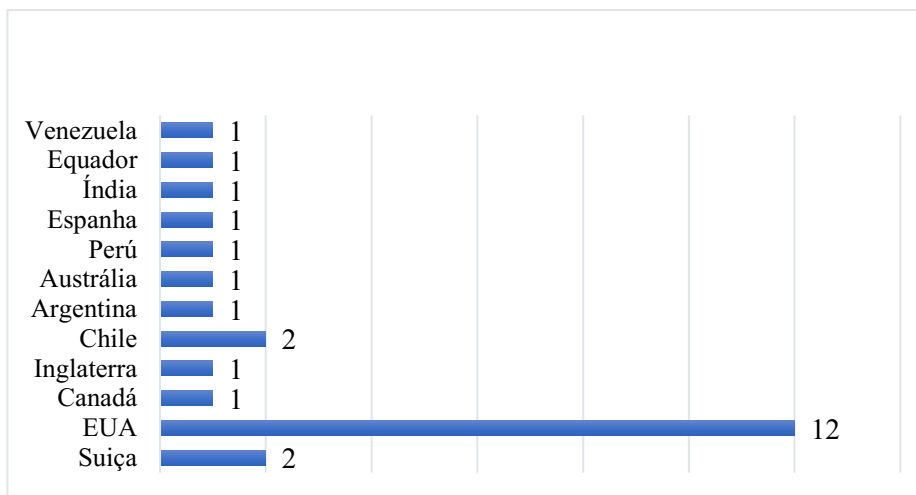
Os participantes internacionais nas edições do Fórum da Liberdade, representam em sua maioria importantes *think tanks* liberais estrangeiros, com destaque para alguns nomes já recorrentes dentro do movimento liberal, como a Sociedade Mont Pelerin (14x), Cato Foundation (9x), Atlas Network (7x), Foundation for Economic Education (6x), entre outros conforme se observa no gráfico 11. Ademais, a maior parte destes *think tanks* liberais representados encontram-se nos Estados Unidos (Gráfico 12).

Gráfico 11 - Relação de think tanks liberais estrangeiros representados em cada edição do Fórum da Liberdade (1988-2018)



Fonte: Elaboração própria do autor

Gráfico 12 - Relação de países dos think tanks liberais representados



Fonte: Elaboração própria do autor

O Fórum da Liberdade se apresenta como um espaço que busca tratar de “questões sociais, políticas e econômicas através do amplo debate de opiniões, bem como da proposição de caminhos alternativos em direção a uma sociedade mais livre e próspera” (Fórum da Liberdade, 2021)¹³⁸. Entretanto, se por um lado a organização do fórum busca assumir para si o mérito de prover um debate aberto e plural, por outro a maior parte de seus conferencistas e palestras vinculam-se aos fundamentos e postulados neoliberais, contribuindo diretamente para a difusão dessa concepção de mundo.

Ao longo de suas edições, o fórum ainda se apresentou como um veículo para a divulgação de certos candidatos, sendo em sua maioria vinculados a ideologia neoliberal, como foram os casos de Fernando Collor de Mello (1988), Fernando Henrique Cardoso (2004, 2007 e 2010), Aécio Neves (2014), João Dória (2017) e Henrique Meirelles (2001, 2008 e 2010). Nota-se que o momento de maior inflexão se deu no ano de 1989, com a participação de candidatos vinculados à esquerda, sendo o caso dos candidatos à presidência Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva. Contudo, nos últimos anos tem-se observado uma tendência cada vez menos pluralista e mais omissa para com aqueles candidatos oriundos da esquerda ou até mesmo de uma ideologia mais progressista (VIDAL et al., 2020).

Ademais, o fórum recebe apoio financeiro de importantes grupos empresariais do Rio Grande do Sul e do Brasil. Dentre os principais apoiadores/financiadores do Fórum da Liberdade, pode-se mencionar os grupos Gerdau, Ipiranga, Nestlé, Claro Digital,

¹³⁸ Para mais informações < <http://forumdaliberdade.com.br/home/sobre-o-forum/> > Acesso realizado em 10/10/2021.

Vonpar, Bank of Boston, Sebrae, Copesul, Sicepot, Ativa, Habitasul, Varig e Évora. Conseqüentemente, os interesses corporativos e individuais se interconectam, por vezes sendo difícil definir se o apoio é institucional ou individual. Como destaca Cássio Felipe Pires (2011),

Nas primeiras edições do Fórum, a metalúrgica Gerdau, o banco Bamerindus e a distribuidora de derivados do petróleo Petropar, entre outras, foram algumas das patrocinadoras do encontro. Contudo, o interesse corporativo nas ações do instituto não se esgotou nas empresas patrocinadoras. O IEE sempre funcionou por meio de investidores e do apoio de associados. Conforme a lista que consta atualmente no sítio do IEE, cada um dos membros está vinculado a uma empresa, o que demonstra que apesar de serem pessoas físicas, não são apenas interesses individuais em jogo, mas também relações institucionais (PIRES, 2011, p.92).

A criação do Fórum da Liberdade insere-se dentro do esforço de instrumentalização do ideário neoliberal organizado e fomentado pelo IEE¹³⁹, que objetiva alcançar outros espaços para além do meio empresarial. Incluso a isso, em meados dos anos 1990 o IEE iniciou uma série de atividades voltadas ao público externo, atuando, em especial, por intermédio de iniciativas junto ao meio acadêmico. Com isso, passou a desenvolver uma estratégia de difusão de suas principais ideias e valores por meio de publicações e da promoção de debates nas universidades, de modo a ampliar as suas bases de consenso e, conseqüentemente, incorporar novos apoiadores ao seu quadro de membros.

Diante disso, o IEE organiza desde 1999 na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS) - mesmo local de sede do Fórum da Liberdade, o Fórum Universidade-Empresa no qual são convidados líderes empresariais para palestrar e discutir acerca dos principais temas referentes ao empreendedorismo, à liberdade de empresa, à competitividade, dentre outros assuntos (CASIMIRO, 2016). Outras iniciativas, concentram-se na produção de artigos de opinião de seus associados que, logo após serem publicados em sua página online são replicados em veículos de notícias locais, são os casos dos jornais Zero Hora, Jornal do Comércio, O Sul, entre outros. Além disso, entre os anos de 1990 e 1992 o IEE contou com um programa de entrevistas na TV Guaíba – “O Rio Grande Questiona”, coordenado pelo diretor do instituto, Carlos Biedermann¹⁴⁰.

¹³⁹ O Fórum da Liberdade serviu de plataforma para lançar outros institutos liberais, casos do IMIL (2006), Mises Brasil (2010) e do Estudantes pela Liberdade (2012).

¹⁴⁰ Trecho da fala de Donald Stewart no programa “Rio Grande Questiona” defendendo o sistema de previdência individual e capitalizada adotada no Chile de Pinochet. Disponível em:

Para além destas iniciativas, merece destaque, por seu impacto na opinião pública rio-grandense, a organização da série de livros “Pensamentos Liberais”, publicados desde 1994 e lançados sempre junto ao Fórum da Liberdade. Tais livros, já na 24ª edição, são compostos por artigos escritos pelos associados do IEE e representam a principal produção intelectual do instituto, sendo posteriormente doados para escolas, bibliotecas, entidades de classe, empresas e diversos formadores de opinião. No ano de 2020, o IEE foi finalista do prêmio *Latin America Liberty Award*, concedido pela Atlas Network, tendo em vista o papel desempenhado por sua 23ª edição do livro Pensamentos Liberais em “orientar o novo governador do Rio Grande do Sul a um conjunto estruturado de políticas públicas factíveis de implementação” (Atlas, 2020)¹⁴¹.

Cada área do livro inclui um diagnóstico, uma proposição de soluções para os problemas encontrados e exemplos práticos, transformando este conjunto em uma pesquisa completa de soluções de políticas públicas, com a preservação dos direitos individuais em primeiro lugar (Ibidem).

Ademais, existem algumas premiações concedidas pelo IEE para aqueles membros considerados “destaques”. A esses premiados, são disponibilizadas viagens ao exterior e/ou bolsas de estudos em *think tanks* neoliberais estadunidenses, como é o caso da Foundation for Economic Education e do Cato Institute (FRIDERICHS, 2019). Ao longo dos anos, o IEE também criou outras formas de premiações como é o caso do Prêmio Libertas, “troféu entregue desde 1997 pelos associados do IEE e empreendedores que se destacam no trabalho pela valorização dos princípios da economia de mercado e pelo respeito ao Estado de Direito democrático” (IEE, 2014, p. 52), e do Prêmio Liberdade de Imprensa, que busca homenagear aqueles indivíduos dedicados à defesa e valorização da liberdade de imprensa.

Em meados dos anos 2000, de modo similar como ocorreu com o IL-RJ na década de 1990, o Instituto de Estudos Empresariais passou a investir na estratégia da abertura de filiais em outras partes do país¹⁴². Inicialmente sob o mesmo nome da sede, foi criado em Minas Gerais sob a coordenação do empresário Salim Mattar (Dono da Localiza)¹⁴³

<<https://www.facebook.com/roberto.rachewsky/videos/10206229293807061/?t=15>> Acesso realizado em 20/09/2021.

¹⁴¹ Para mais informações acessar: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/think-tanks-in-mexico-costa-rica-and-brazil-named-finalists-for-2020-latin> Acesso realizado em 08/05/2021.

¹⁴² Estratégia iniciada primeiramente na década de 1990 por William Ling, mas sem obter muito sucesso (FRIDERICHS, 2019).

¹⁴³ Salim Mattar é um dos responsáveis por financiar a tradução da obra liberal – “Revolta de Atlas”, de Ayn Rand, para o português, além de ser apoiador histórico do IL-RJ e do Instituto Millenium. Além disso, a convite de Paulo Guedes foi o Secretário de Privatizações do Governo de Jair Bolsonaro. Ele doou mais

e, posteriormente, em São Paulo sob a direção do empresário David Feffer (Presidente da Suzano Holding – Empresa familiar)¹⁴⁴. Entretanto, com o passar dos anos, esses institutos filiados ao IEE começaram a ganhar maior notoriedade e autonomia, se desvinculando do instituto sede e passando a adotar um novo nome: Instituto de Formação de Líderes, (IFL MG e IFL SP)¹⁴⁵. Ainda assim, optaram por manter a parceria e o compartilhamento dos mesmos valores e princípios do IEE (FRIDERICHS, 2019). Outros institutos também se inspirariam na estrutura organizacional do IEE, como é o caso do instituto Líderes do Amanhã, criado em 2011 na cidade de Vitória, Espírito Santo¹⁴⁶.

Em linhas gerais, o IEE funciona como um espaço de reprodução de privilégios entre a elite empresarial local, fornecendo aos seus membros os meios necessários para consolidar suas respectivas lideranças e se conectar com o restante da rede liberal, tanto em nível nacional como internacional. Assim, esse instituto busca essencialmente capacitar seus dirigentes e membros para que tenham uma atuação coesa e alinhada à defesa de seus interesses de classe, como verdadeiros promotores do ideário neoliberal. Como destacou Carlos Smith (2014, p. 19), presidente do IEE entre 1987 e 1988, “a meta é sempre sair dali como apóstolos e ir colocando as ideias em outras entidades”.

4.2 A chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder (2003-2016): Do declínio à contra-ofensiva dos institutos liberais

O ambiente de redemocratização vivenciado ao longo dos anos de 1980, seguido da rearticulação de parte empresariado nacional em torno da criação dos institutos liberais, contribuiu com a ascensão do neoliberalismo, enquanto projeto político, na década seguinte. No primeiro momento, a vitória de Fernando Collor de Mello (1990-1992)¹⁴⁷ representou o início de um programa de governo pautado em massivas privatizações, não se limitando tão somente à venda de empresas estatais, mas de igual

de R\$ 2,9 milhões, distribuídos a 28 candidatos, incluindo o ministro da Casa Civil Onyx Lorenzoni e Rodrigo Maia. Ele apoiou também o governador eleito de Minas Gerais Romeu Zema, do partido Novo. Informações disponíveis em: <<https://www.sunoresearch.com.br/tudo-sobre/salim-mattar/>> Acesso realizado em 19/10/2019.

¹⁴⁴ David Feffer criou o IFL-SP após dar uma palestra no IEE.

¹⁴⁵ Instituto de Formação de Líderes - O IFL Brasil é uma associação que acredita nos valores da liberdade para formação de lideranças. Congrega os institutos de todas as localidades. Atualmente os associados são IFL/Belo Horizonte, IFL/Florianópolis, IFL Dialogues/Rio de Janeiro, IFL/São Paulo e IFL/Brasília. Disponível em: <<https://iflbrasil.com.br/>> Acesso realizado em 12/10/2019.

¹⁴⁶ Os três institutos liberais acima mencionados (Instituto de Formação de Líderes, MG e SP e o Líderes do Amanhã) também constam como parceiros da Atlas.

¹⁴⁷“A vitória de Carlos Salinas no México e de Menem na Argentina, em 1988, seguida da eleição de Fernando Collor no Brasil e de Alberto Fujimori no Peru, em 1989, evidenciaram a virada neoliberal no continente” (ONOFRE, 2014, p. 2-3).

modo, a concessões ao setor privado da exploração de serviços públicos (PICCOLO, 2013). De acordo com Christiane Laidler,

Parte de um projeto de reestruturação do Estado, ou da revisão de suas atribuições, o programa de privatizações anunciava benefícios como o saneamento das contas públicas e o aumento do investimento produtivo. O pressuposto, portanto, era o de que empresas estatais eram onerosas ao Estado e não ativos lucrativos com potencial de geração de renda (LAIDLER, 2018, p. 113).

Contudo, foi a partir da chegada de Fernando Henrique Cardoso à presidência (1995-2003) e da implementação de seu programa de reformas estruturantes¹⁴⁸ que o discurso neoliberal se tornou hegemônico no Brasil. Como destaca Emir Sader, “Cardoso reunificou a direita brasileira e renovou seu discurso, dando-lhe um verniz de modernização liberal como cobertura para as velhas práticas de privatização do Estado” (SADER, 2005, p. 127). Além de unificar e rearticular todos os setores da direita, inclusive os grupos conservadores, Cardoso ainda concorreu em uma eleição marcada pela ausência de um candidato tradicional de direita, colocando-se, desse modo, como principal força opositora ao projeto de Luís Inácio Lula da Silva, candidato da esquerda pelo Partido dos Trabalhadores (PT)¹⁴⁹.

Nesse período, a política econômica adotada pelo governo assumiu contornos de defesa da primazia do mercado autorregulado ancorado, como aponta Karl Polanyi em seu livro “A Grande Transformação” (1980)¹⁵⁰, na necessária separação entre economia e política. Isto é, “os mecanismos econômicos ganhavam liberdade e vida própria, protegidos das intervenções dos governos, embora essa proteção significasse, ela mesma, uma ação permanente do poder político” (LAIDLER, 2018, p. 95). Assim, o governo de FHC proporcionou a base protetiva necessária para que a lógica de mercado fosse sendo imposta nos setores médios da sociedade que, ao se fortalecer do mito da naturalidade dos preceitos neoliberais, sustentou que os problemas do passado se deviam a ineficiência das políticas econômicas de desenvolvimento implementadas anteriormente. Essa mesma conjuntura ainda foi marcada pelo fortalecimento da tese de que o neoliberalismo garante aos países da periferia uma nova era de prosperidade mediante a utilização de inúmeras

¹⁴⁸ Como destaca Laidler, nesse período “um dos indicadores mais negativos das políticas neoliberais foi o desemprego, que avançou” (LAIDLER, 2018, p. 91).

¹⁴⁹ Esse movimento político não é estranho visto se tratar de um país que, como menciona Sader “teve uma história marcada não por rupturas e afirmações de identidades e antagonismos, mas por pactos de elites” (SADER, 2005, p. 122).

¹⁵⁰ De acordo com Polanyi, “um mercado auto-regulável exige, no mínimo, a separação institucional da sociedade em esferas econômica e política” (POLANYI, 2000, p. 92).

medidas contidas no receituário batizado na América Latina como o “Consenso de Washington”¹⁵¹ (CASIMIRO, 2011).

O auge das atividades dos institutos liberais e o crescimento de sua rede foi característico de boa parte da década de 1990 e sua respectiva ação coordenada refletiu-se na ascensão de governos alinhados ao ideário neoliberal. Entretanto, ao mesmo tempo que o neoliberalismo se consolidava enquanto discurso e prática hegemônicos no Brasil, os institutos liberais experimentariam ao final daquele período o declínio de suas atividades e o fechamento massivo de suas filiais. Entre 1996 e 1998 as atividades empreendidas pelas filiais do IL-RJ foram diminuindo e os institutos foram sendo fechados, começando com as sedes de Minas Gerais e seguindo com as do Paraná, Bahia e Pernambuco - reflexo direto da queda de boa parte de seus financiadores (GROS, 2003).

Com a chegada de FHC ao governo e a implementação da agenda neoliberal, a grande maioria dos empresários que colaboravam financeiramente com os institutos liberais, especialmente com o IL-RJ, assumiram que a “batalha de ideias estava ganha” visto que o neoliberalismo havia enfim penetrado na política. Como assinala Rocha, os empresários entusiasmados com as privatizações sendo levadas a cabo pelo governo assumiram, por conseguinte, que os institutos liberais “havam logrado êxito e não necessitavam mais de um aporte contínuo de recursos” (ROCHA, 2018, p. 96). A retração do financiamento destinado para os institutos liberais foi explicada por Bernardo Santoro, ex-Diretor Executivo do IL-RJ, da seguinte forma:

Mais ou menos quando o Fernando Henrique ganhou, o que aconteceu? Os empresários do Brasil falaram: “se até um presidente de esquerda tá fazendo liberalismo nós ganhamos o debate político. Se um presidente de esquerda tá promovendo privatização, desregulamentando, desburocratizando, abrindo fronteira, ganhamos o debate político”. E aí minguaram os recursos dos Institutos Liberais, foram morrendo um a um. Quando o Fernando Henrique assume, os empresários do Brasil passam a entender que ganharam o discurso político, e aí param de financiar aqueles institutos que efetivamente produziam o discurso político. E aí há uma minguagem e a quebra generalizada dos Institutos no Brasil, ficou só o do Rio de Janeiro que era a matriz (SANTORO, 2015 apud ROCHA, 2018, p. 97).¹⁵²

¹⁵¹ O *Consenso de Washington* é o pacote econômico liberal clássico padrão, que consiste em comércio livre, finanças de Gladston e dinheiro estável promovidos por organismos multilaterais de crédito subordinados aos interesses e ditados por Washington, como o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial e o Banco Interamericano de Desenvolvimento (PUELLO-SOCARRÁS, 2013).

¹⁵² De acordo com Bernardo Santoro, o engano de que “já não havia mais a necessidade de *think tanks* liberais, pois o Brasil já estaria no bom caminho de reformas institucionais liberalizantes” foi tão grande que, posteriormente, seria “cruelmente exposto com a vitória do PT em 2002” (SANTORO, 2014).

A diminuição do interesse e o declínio dos recursos destinados pelos empresários para os institutos liberais e suas atividades de cunho político-pedagógicas seriam ainda agravadas quando do falecimento de Donald Stewart no ano de 1998. Um dos principais nomes e incentivadores da criação dos institutos liberais, com reconhecimento tanto nacional como internacional, Stewart era peça chave no relacionamento com outros empresários para a captação de recursos e suporte ao movimento liberal no Brasil. Afinal, como destaca Rocha “boa parte dos empresários que contribuíam com os institutos o faziam principalmente por conta de um *networking* empresarial” (ROCHA, 2018, p. 98).

Desse modo, em decorrência do falecimento de Stewart, findou ao mesmo tempo um dos principais canais de comunicação, articulação e captação de recursos para as atividades desenvolvidas no âmbito dos institutos liberais no Brasil. Tal acontecimento ainda se refletiu no relacionamento com instituições estrangeiras, principalmente aquelas que Stewart era sócio (ex: Sociedade Mont Pèlerin, Atlas Network, Heritage Foundation, Liberty Fund e o Institute of Economic Affairs), já que como menciona Alex Catharino, ex-Fellow da Atlas Network e frequentador do IL-RJ por mais de dez anos, “o contato se dava de modo muito mais informal”.

O fechamento dos institutos perdurou até o início dos anos 2000, permanecendo na ativa alguns poucos nomes dos quais destacam-se a matriz na cidade do Rio de Janeiro, sua filial no Rio Grande do Sul e o IEE. Além disso, suas atividades ainda eram realizadas de modo bastante precário devido, principalmente, “as magras doações que ainda recebiam de alguns poucos empresários brasileiros e de organizações estrangeiras” (ROCHA, 2018, p. 100). De acordo com Catharino, “o Liberty Fund dava geralmente um cheque anual de cinco a dez mil dólares, no máximo, nunca ultrapassou disso [...] e a Atlas doava anualmente três mil dólares para o IL do Rio” (CATHARINO apud Ibidem).

Entretanto, se em meados da década de 1990 os governos alinhados ao neoliberalismo se sobressaíram em quase todos os países latino-americanos (instalados e apoiados por Washington), com destaque para os governos de Carlos S. Menem na Argentina (1989-1999), Alberto Fujimori no Peru (1990-2000), Fernando Henrique Cardoso no Brasil (1995-2003), Salinas de Gortari (1988-1994) no México e Sánchez Losada na Bolívia (1993-1997) ao final deste período, seus programas deixariam marcas

Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/perspectivas-liberais-com-vitoria-de-aecio-neves/>> Acesso realizado em 24/10/2021.

profundas na região. Com isso, e como reação às consequências causadas pelos programas neoliberais implementados na América Latina, especialmente em termos de desigualdade social, emergem ao final daquela década e início dos anos 2000 um conjunto de governo atrelados à esquerda: Hugo Chávez, na Venezuela (1998); Luiz Inácio Lula da Silva, no Brasil (2002); Néstor Kirchner, na Argentina (2003); Tabaré Vázquez, no Uruguai (2004); Evo Morales, na Bolívia (2005); Rafael Correa, no Equador (2006); e Fernando Lugo, no Paraguai (2008) (DOS SANTOS, 2019; BORÓN et al., 2020)¹⁵³. Nesse sentido,

Além do retorno do Estado e do horizonte pós-neoliberal que encarnaram, estes processos se caracterizaram também pela alta popularidade de suas lideranças, um crescimento econômico baseado no aprofundamento do capitalismo extrativista e na reprimarização exportadora, assim como em uma melhor divisão de renda, com políticas sociais e programas de combate à miséria. Novos atores políticos e até novas formas de fazer política surgiram a partir dessa conjuntura, com posicionamentos diversos, muitas vezes em contraposição ao conservadorismo e ao neoliberalismo (SANTOS et al., 2020, p. 04).

Em vista desse movimento atrelado ao espectro progressista e popular que acometeu grande parte dos países na América Latina, constituíram-se no decorrer dos anos 2000 novos institutos liberais dispostos a fomentar uma contra-ofensiva¹⁵⁴ neoliberal em resposta a essa “virada à esquerda”. Ao se articularem em torno de novas formas de atuação, com destaque para o uso das redes sociais, esses institutos liberais atuaram de maneira mais horizontal e descentralizada, principalmente se comparado aos institutos surgidos nos anos 1980, contando ainda com montantes cada vez maiores de recursos advindos de instituições estrangeiras, caso da Atlas.

Diante dessa conjuntura, a Atlas teve um papel ativo na coordenação e incorporação de novos institutos liberais na América Latina, fomentando ao mesmo tempo aqueles institutos criados anteriormente de modo que estes pudessem estabelecer “conexões com todos os níveis da sociedade e promovam uma melhor compreensão das vantagens negligenciadas do livre mercado - ou seja, como ele beneficia os pobres e

¹⁵³ “O chamado “giro à esquerda” ou “maré rosa” na região incluiu as vitórias de vários partidos e coalizões tradicionalmente de esquerda ou autodenominadas de esquerda” (SANTOS et al., 2020, p. 4).

¹⁵⁴ O uso do termo “contra-ofensiva” foi utilizado por Hayek no contexto de uma série de reuniões realizadas pela Sociedade Mont Pèlerin no continente asiático, no ano de 1978, para descrever a mudança no clima intelectual testemunhada por ele como “uma reversão do domínio das ideias coletivistas” e a “hora de empreender uma forte contra-ofensiva em favor da liberdade”. A fala de Hayek foi narrada por Leonard Liggio, Ex-Vice-Presidente Executivo Acadêmico da Atlas, no texto “Mont Pelerin: 1947–1978, The Road to Libertarianism” (1979). Disponível em <<https://www.libertarianism.org/publications/essays/mont-pelerin-1947-1978-road-libertarianism>> Acesso realizado em 20/05/2021.

ensina virtudes morais” (Atlas, 2004, p. 8). Assim, através de um papel “educativo” junto aos institutos liberais e seus dirigentes na América Latina, a Atlas buscou frear os governos de esquerda na região, apontados por ela mesma como “governos opressores” (Atlas, 2008). Desse modo, se no decorrer da década de 1990 a Atlas não passou de 40 institutos parceiros na América Latina, no ano de 2010 essa organização já contabilizava um total de 82 institutos afiliados (Atlas, 2010). De acordo com relatório anual publicado pela Atlas no ano de 2006:

Nesse contexto, a Atlas continua trabalhando para construir uma forte rede de think tanks na América Latina para divulgar as idéias de liberdade individual, direitos de propriedade privada, estado de direito e ordem de mercado. Atlas trabalhou com dez novos empreendedores intelectuais latino-americanos de países como Argentina, Brasil, Honduras, México e Venezuela. Cada um desses parceiros está explorando oportunidades para iniciar um novo think tank de livre mercado em seu país (Atlas, 2006, p. 6).

No Brasil, o período que abrange o final do primeiro mandato do governo Lula (2003-2011) e o decorrer do governo de Dilma Rousseff (2011-2016) foi marcado pela ascensão e consolidação de novos institutos liberais associados à Atlas, sendo eles: Instituto Millenium (2005), Instituto Mises Brasil (2009), Instituto Líderes do Amanhã (2011), Estudantes pela Liberdade (2012), Instituto Liberal de São Paulo (2014) e os Institutos de Formação de Líderes (MG, 2012; SP, 2014). Conforme esses institutos foram se consolidando e assumindo uma postura mais ativa dentro do movimento liberal, seus dirigentes e membros passaram a se conectar junto às organizações liberais estrangeiras mais antigas, recebendo muitas vezes treinamento dessas organizações, como será visto no caso dos brasileiros que frequentaram a Atlas. Logo, como destaca Karin Fischer, “os combatentes da liberdade, que são afiliados à Rede Atlas, tornaram-se os principais organizadores contra o Partido dos Trabalhadores (PT) e a presidência de Dilma Rousseff (FISCHER, 2018, p. 09).

A ascensão desse movimento durante o governo Lula relacionou-se com a eclosão do escândalo de corrupção envolvendo a compra de votos de parlamentares, no ano de 2005, que ficaria então conhecida como “mensalão”¹⁵⁵. De acordo com Fabio Luis Barbosa dos Santos, nesse momento “a base petista brandiu a ameaça de golpe, apesar de haver um consenso contra o impeachment entre a burguesia naquele momento” (DOS

¹⁵⁵ Esse escândalo se tornou um dos casos de corrupção mais conhecidos da população brasileira (ROCHA, 2018).

SANTOS, 2019, p. 99). É na esteira do impacto do mensalão que vai ser criado no ano de 2006, na cidade de São Paulo, o Movimento Endireita Brasil (MEB).

Formado por jovens advogados, com destaque para a figura de Ricardo Salles (Ministro do Meio Ambiente no governo Bolsonaro, 2019-2021), o objetivo central desse grupo consistiu em difundir uma campanha a favor do impeachment de Lula, sustentando-o a partir do escândalo do mensalão. Além de fazer alusão ao nome de Salles, o relatório anual da Atlas do ano de 2007 enfatiza que “O MEB trabalhou para evitar que o governo do presidente Luiz Inácio “Lula” da Silva alinhasse ainda mais o Brasil com outros governos de esquerda na América do Sul” (Atlas, 2007, p. 05)¹⁵⁶. Contudo, a tarefa de efetivar o impeachment de Lula mostrou-se “difícil em um contexto de crescimento econômico e altas taxas de aprovação do presidente” (TATAGIBA et al., 2015, p. 200). Lula não apenas se reelegeu a partir de um elevado índice de popularidade, como posteriormente sua sucessora Dilma Rousseff foi eleita.

Porém, foi apenas com a reeleição de Dilma Rousseff no ano de 2014, que a “nova direita”¹⁵⁷ começou a se materializar e sustentar ao mesmo tempo a campanha em favor do seu impeachment, contando principalmente com o conjunto de estratégias desenvolvidas por seus institutos liberais e do suporte financeiro advindo de instituições estrangeiras. Com a escalada das mobilizações em favor do impeachment de Dilma em março de 2015, “jovens e militantes até então desconhecidos, oriundos dos contra-públicos digitais, passaram a angariarem influência junto a públicos dominantes e, em nas eleições de 2016 alguns militantes se candidataram a cargos legislativos” (ROCHA, 2018, p. 112).

É nesse cenário que surge o Movimento Brasil Livre (MBL), com atuação desde às mobilizações de 2013¹⁵⁸, que funcionou como uma das principais ferramentas para a organização e convocação dos protestos, atuando de modo a espalhar “suas ideias sobretudo por meio das redes sociais, usando vários canais interconectados ligados a outros centros com raízes neoliberais” (FISCHER, 2018). Em um cenário marcadamente

¹⁵⁶ O Movimento Endireita Brasil, além de ser mencionado no relatório anual da Atlas (2007), consta na lista de institutos parceiros da Atlas no ano de 2012.

¹⁵⁷ A pesquisadora Camila Rocha sustenta que “a formação de uma nova direita no Brasil se originou a partir da organização na internet de grupos de discussão e militância durante o auge do lulismo, entre 2006 e 2010”, encontrando “suporte em redes de contatos e organizações nacionais e estrangeiras construídas décadas atrás por intelectuais e acadêmicos pró-mercado” (ROCHA, 2018, p. 16-17).

¹⁵⁸ Foi a partir das manifestações de junho de 2013 que os discursos que mobilizavam os temas da anticorrupção e do antipetismo tornaram-se centrais.

de crise econômica, o MBL soube direcionar a raiva da população brasileira em relação à esquerda, em especial contra o PT, canalizando desse modo o descontentamento da população em geral e criando um ambiente desestabilizador contra o governo Dilma (FANG, 2017). De acordo com Rafael Rizzo, em texto publicado no site do MBL em dezembro de 2015,

Estamos diante de uma visão torta de mundo, sob a qual se esconde a semente da arbitrariedade revestida de boas intenções. Esse é o mal maior, antidemocrático e de raiz totalitária que cresce por traz desse movimento que visa aparelhar as instituições desativando seus contrapontos, essa é a vã intenção do petismo (RIZZO, 2015)¹⁵⁹.

Para tanto, se fez vital o apoio e suporte destinado pela Atlas para seus institutos afiliados no Brasil, fornecendo, inclusive, treinamento de liderança para alguns de seus membros, com destaque para aqueles indivíduos vinculados ao MBL¹⁶⁰ que “passaram pelo principal programa de treinamento da Atlas Network, a *Atlas Leadership Academy*, e agora estão aplicando o que aprenderam no local onde vivem e trabalham” (Atlas, 2015)¹⁶¹¹⁶². Desse modo, como enfatiza Eric Dixon em texto publicado na Atlas no ano de 2016¹⁶³, “os parceiros da Atlas Network no Brasil passaram anos preparando as bases para que as ideias da liberdade estejam presentes neste momento, para fornecer um farol da razão e da esperança em meio a uma turbulenta tempestade política e econômica” (DIXON, 2016). Assim, explica:

Vários parceiros independentes da Atlas Network no Brasil estão fazendo o trabalho pesado de reformar o clima intelectual e o debate sobre políticas. Juntos, eles têm espalhando as ideias da liberdade de maneiras novas e inovadoras, propondo soluções práticas e politicamente possíveis para as crises atuais (Ibidem).

¹⁵⁹ “Por quê todos devem ir às ruas em março de 2016 para pedir o impeachment?”, Rafael Rizzo. Texto disponível em: <<http://web.archive.org/web/20151224145426/http://mbl.org.br/por-que-todos-devem-ir-as-ruas-em-marco-de-2016-para-pedir-o-impeachment/>> Acesso realizado em 20/07/2021.

¹⁶⁰ Dos membros do MBL com passagem pela *Atlas Leadership Academy* destacam-se os nomes de Fábio Ostermann (Deputado Estadual, Rio Grande do Sul) e Juliano Torres, ambos com passagem também pelo EPL.

¹⁶¹ “Students for Liberty plays strong role in Free Brazil Movement” (Atlas, 2015). Texto disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/articles/students-for-liberty-plays-strong-role-in-free-brazil-movement>> Acesso realizado em 25/08/2019.

¹⁶² “A *Atlas Leadership Academy* oferece diversos treinamentos com foco no desenvolvimento da missão, sabendo como atingir seu público e a importância de atingir o impacto”, disse Cindy Cerquitella, diretora da *Atlas Leadership Academy*. “Tem sido emocionante trabalhar com defensores da liberdade no Brasil e em 90 países em todo o mundo, e ainda mais emocionante vê-los colocando essas lições em prática” (Ibidem).

¹⁶³ “Brazil's Ideological Crossroads: Menos Marx; Mais Mises”, Eric Dixon. Texto disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/articles/brazils-ideological-crossroads-menos-marx-mais-mises>> Acesso realizado em 25/08/2019.

Ademais, é emblemática a ligação do MBL com o Estudantes pela Liberdade (EPL), já que o primeiro se tratou de uma legenda cunhada pelo EPL para viabilizar sua atuação nas manifestações. Para o diretor executivo do Estudantes pela Liberdade, Juliano Torres,

Quando teve os protestos de 2013 pelo Passe Livre, vários membros do Estudantes pela Liberdade queriam participar, só que, como a gente recebe recursos de organizações como a Atlas e a Students for Liberty, por uma questão de imposto de renda lá, eles não podem desenvolver atividades políticas. Então a gente falou: “os membros do EPL podem participar como pessoas físicas, mas não como organização para evitar problemas”. Aí a gente resolveu criar uma marca, não era uma organização, era só uma marca para a gente se vender nas manifestações como Movimento Brasil Livre (TORRES apud AMARAL, 2015).

Desse modo, essa nova roupagem da direita brasileira e o conjunto de atividades desenvolvidas por seus aparelhos privados de hegemonia, sob auxílio logístico e financeiro da Atlas, contribuíram para a mobilização de diversos protestos generalizados pelo país, auxiliando na materialização do impeachment da presidenta Dilma no ano de 2016¹⁶⁴. Para Fischer, “não se tratou de uma mudança espontânea, mas sim do resultado da ação de diversos atores e fatores. Alguns já estavam em campo, enquanto outros surgiram e se consolidaram junto com a própria conjuntura” (FISCHER, 2018, p. 16). Nesse sentido, o afastamento de Dilma foi utilizado como uma cortina de fumaça para a implementação de uma agenda neoliberal, avançando medidas como a reforma da previdência, regressão na legislação trabalhista, sucateamento de serviços públicos mediante privatizações e a entrega do patrimônio público para empresas estrangeiras, caso da Petrobras. Como evidencia Laidler, o empresariado “apoiou o golpe e assimilou a doutrina do Estado mínimo, repetindo que o Estado era o peso em suas costas” (LAIDLER, 2018, p. 173).

Para Casimiro, esse conjunto de aparelhos privados tornou-se com o tempo uma espécie de porta-voz de uma nova direita aberta e dura, “com enorme agressividade, ao lado de posições de uma subordinação impactante a certos padrões ideológicos vigentes nos países centrais, com destaque para os Estados Unidos (CASIMIRO, 2018, p. 47). Dessa forma, tratou-se de um processo histórico originado desde a reorganização do empresariado nacional em meados dos anos 1980, com o ápice deste movimento, se

¹⁶⁴ De acordo com Laidler, houve uma “confluência de fatores que levaram ao impeachment da presidenta eleita do Brasil. Qualquer observador identifica a notória articulação entre a oposição, o Judiciário e a mídia no desencadeamento de uma campanha arrasadora contra o PT e seus governos” (LAIDLER, 2018, p. 166).

situando a partir da derrocada de uma série de manifestações em defesa do impeachment da presidenta Dilma Rousseff.

Já no ano de 2018, na esteira das eleições, parte dos institutos liberais e de seus dirigentes produziram uma série de textos e mensagens voltadas a desestabilizar os governos petistas e a esquerda, enaltecendo ao mesmo tempo a candidatura de Jair Bolsonaro para presidência do Brasil. Essa conjuntura foi marcada pela formação de uma frente ampla ultraliberal-conservadora, similar em certa medida à aliança constituída entre parte do empresariado nacional com o movimento conservador em apoio ao golpe militar de 1964, como descrito no início do capítulo. Se, como Marx menciona logo nas primeiras linhas de “O 18 de Brumário”, a história se repete “a primeira vez como tragédia, a segunda como farsa” (2011, p. 25), vivenciamos com a eleição de Bolsonaro a retomada do pensamento reacionário e autoritário, cristalizado a partir de um projeto da burguesia que acreditou ser esse o caminho da salvação de seus interesses.

Capítulo 5 - Mapeando os institutos liberais e a ascensão dos seus dirigentes no governo Bolsonaro

O Brasil tem uma equipe dos sonhos em questão de livre mercado. [...] Tive o privilégio de colaborar anteriormente com *think tanks* associados a indivíduos talentosos que agora são ministros da economia, da educação e do meio ambiente (Alejandro Chafuen - ex-presidente da Atlas Network, 2019).

O esforço liderado pelos institutos liberais e seus dirigentes ao longo das últimas décadas no Brasil permitiu com que o ideário neoliberal fosse sendo incutido nos principais espaços da sociedade. Dentro disso, a Atlas contribuiu para abrangência de suas atividades ao fornecer suporte financeiro e logístico para seus parceiros no Brasil, corroborando para uma guinada na política do país. A exemplo de seus esforços, a Atlas foi uma das responsáveis por educar novas lideranças brasileiras e, desse modo, preparar o terreno para que estes indivíduos pudessem fazer com que as ideias neoliberais prosperassem no contexto brasileiro.

Entre os anos de 2002 e 2021 passaram pela Rede Atlas aproximadamente 24 brasileiros, destes 17 como funcionários ou bolsistas e 7 como estudantes de curso de liderança. A maior parte dos brasileiros com passagem pela Atlas atuaram principalmente como lideranças dos seus institutos congêneres no Brasil fornecendo, assim, o conhecimento adquirido para criar ou auxiliar novos institutos. Como exemplo, tem-se o caso dos bolsistas Alex Catharino, Marcia Xavier de Brito e Andre Andrade que fundam em 2002 na cidade do Rio de Janeiro, o Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista – CIEEP¹⁶⁵ (parceiro da Atlas entre 2010 e 2014)¹⁶⁶.

O início dessa grande empreitada começou a se viabilizar quando Alex Catharino de Souza conheceu durante um evento sobre problemas econômicos e sociais da América Latina, realizado em abril de 2001 na cidade de Punta Del Este no Uruguai, Nikolai Wenzel, que na época era diretor de programas acadêmicos da Atlas Economic Research Foundation. Desse encontro surgiu uma amizade e a possibilidade de organizar no Brasil em agosto de 2001 o Encontro Nacional de Professores Universitários e Instituições de Ensino, onde foi apresentado ao público brasileiro o The Freedom Project, cujo objetivo era disponibilizar recursos financeiros e técnicas de gerenciamento para cursos e projetos editoriais [...] Em consequência do sucesso do encontro,

¹⁶⁵ “O objetivo do CIEEP é difundir nos meios acadêmico e empresarial a noção de *Economia Personalista* (inspirada na tradição de pensamento cristão sobre os aspectos éticos da vida social, política e econômica), além apresentar os princípios morais, políticos e econômicos que formaram a civilização ocidental, para favorecer o surgimento de uma sociedade livre, próspera, justa e virtuosa”. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20101213054534/https://www.cieep.org.br/>> Acesso realizado em 15/07/2021.

¹⁶⁶ Não foi possível encontrar informações acerca dos anos anteriores.

Nikolai Wenzel convidou Alex Catharino de Souza e Márcia Xavier de Brito para um estágio na Atlas Economic Research Foundation, na cidade de Fairfax, em Virginia, nos Estados Unidos da América [...] Com o apoio de Alejandro A. Chafuen, Leonard P. Liggio, Brad Lips, Jo Kwong, Nikolai Wenzel e Romulo Lopez Cordero da Atlas Network foi montado um esboço do CIEEP (CIEEP, 2010).

A lista de brasileiros com passagem pela Atlas ainda segue com nomes de peso como os de: Fabio Ostermann, Estagiário da Atlas (2009) formado pela Atlas Leadership Academy (2013), membro do EPL (2012-2014) e um dos fundadores do MBL; Magno Karl, Estagiário (2011), Editor (2012) e Gerente de Operações da Atlas (2013-2015), além de ter sido Diretor-Executivo do Livres; Juliano Torres, formado na Atlas Leadership Academy (2014) e um dos fundadores do EPL; e, por fim, Débora Gois Torres (esposa de Juliano Torres), formada na Atlas Leadership Academy e Diretora de Captação de Recursos do EPL (2015-2017).

A partir da formação de novos quadros de líderes e intelectuais orgânicos, comumente denominados pela Atlas como “campeões da liberdade”, e com a chegada do PT ao governo, a Atlas passou de três institutos parceiros no Brasil para um total de dez ao final desse período. Como se observa na figura abaixo, atualmente são 16 institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil.

Figura 5 - Lista de institutos parceiros da Atlas no Brasil (2021)

Instituto de Estudos Empresariais (RS)	Instituto Liberdade (RS)	Instituto Atlantos (RS)	Instituto de Formação de líderes (MG)	Instituto Liberal (RJ)	Instituto Liberal (SP)
Instituto Ludwig Von Mises Brasil (SP)	Instituto Millenium (RJ)	Instituto Líderes do Amanhã (ES)	Livres (RJ)	Mackenzie Center for Economic Freedom (SP)	Students for Liberty Brasil (SP)
	Instituto de Formação de líderes (SP)	Instituto de Formação de líderes (SC)	Observatório do Empreendedor (SC)	Livre para Escolher (PR)	

Fonte: Elaboração própria do autor com base em (Atlas, 2021)

Só no ano de 2020¹⁶⁷, a Atlas direcionou um montante de US\$ 1.200,000 milhões para a região da América Latina e Caribe, sendo o Brasil o país que mais recebeu recursos totalizando US\$ 190 mil que foram distribuídos entre sete de seus parceiros em áreas

¹⁶⁷ “Todos os anos, a Atlas Network concede mais de 5 milhões em concessões aos nossos parceiros em todo o mundo. No ano passado (2020), nossa equipe financiou projetos em mais de 50 países” (Atlas, 2021).

denominadas como “Garantindo a responsabilidade do Governo” e “Promoção de sociedades livres”, conforme segue na tabela abaixo:

Tabela 7 - Investimento da Rede Atlas no Brasil em 2020

Organização	Área do programa	Valor (US\$)
Centro Mackenzie de Liberdade Econômica	Garantindo a Responsabilidade do Governo	20 mil
Instituto Mises Brasil	Promoção de sociedades livres	20 mil
Instituto de Estudos Empresariais	Promoção de sociedades livres	45 mil
Instituto Liberal - RJ	Promoção de sociedades livres	20 mil
Livres	Garantindo a Responsabilidade do Governo	20 mil
Estudantes pela Liberdade	Promoção de sociedades livres	20 mil
Instituto Liberal de São Paulo	Garantindo a Responsabilidade do Governo	45 mil
Total		190 mil

Fonte: Elaboração própria com base em (Atlas, 2021)

Contudo, cabe destacar o fato de que os 16 institutos parceiros da Atlas no Brasil são heterogêneos: cada um apresenta um determinado âmbito, escopo e mecanismo de atuação particulares, aproximando-se mais de uns institutos do que de outros, com alcance maior na política, academia ou até mesmo nos veículos tradicionais de notícias, com enfoque no âmbito nacional ou exclusivamente no regional.

Na lista dos institutos com atuação mais focalizada no âmbito empresarial, se destacam como modelo o IEE e seus institutos congêneres, caso dos Institutos de Formação de Líderes (IFL-MG, SP e SC), Instituto Líderes do Amanhã e o Observatório do Empreendedor, que se organizam no sentido de formar/educar seus empresários a pensarem sob a ótica das proposições neoliberais. Por outro lado, alguns institutos, como o IL-RJ, IMIL e o Mises Brasil focalizam suas atividades no âmbito acadêmico e na circulação de suas ideias e artigos nos veículos tradicionais de notícias com maior circulação nacional. Um terceiro grupo, que inclui o EPL e o Livres busca se conectar e apoiar a formação de jovens líderes que possam, no longo prazo, representar aquilo que eles denominam como a “nova política” atuando, desse modo, junto à libertários de

faculdades e diretórios acadêmicos¹⁶⁸. Por fim, mais recentemente foi criado na cidade de Curitiba o instituto Livre para Escolher, cuja atuação se concentra no âmbito educacional buscando fomentar a agenda de privatização do sistema público de ensino a partir de bandeiras como “Liberdade de escolha educacional”, “engajamento da iniciativa privada” e “implementação de políticas educacionais liberais” (LIVRE PARA ESCOLHER, 2021).

Além disso, enquanto alguns atuam nacionalmente, outros possuem um escopo de atuação mais regionalizado. Os Institutos de Formação de Líderes, ainda que se encontrem em mais de um estado, possuem um escopo de atuação regional. Outro exemplo de instituto com atuação regional é o do Instituto Liberal de São Paulo (ILISP), cuja atuação e abrangência se limitam ao seu respectivo estado. Com abrangência nacional destaca-se o EPL, visto que sua estrutura contempla coordenadores tanto nacionais, regionais e municipais, além de ser representado em sua versão estadunidense *Students for Liberty* por 12 brasileiros, com destaque para a figura de Winston Ling que atua como orientador em seu conselho consultivo.

Em termos ideológicos, à exceção do Livres que diz defender a “liberdade por inteiro” e a “liberdade nos costumes” (LIVRES, 2021), a maioria dos outros 16 institutos apresentam uma ambiguidade em sua defesa pela liberdade, sustentando-a tão somente no âmbito econômico enquanto delegam a dimensão social para a esfera conservadora e muitas vezes ultraconservadora dos “valores tradicionais da família” e dos “bons costumes”¹⁶⁹. Esse contraste fica nítido quando levado em consideração, por exemplo, o fato de o Mises Brasil publicar e traduzir textos de autores como Walter Block, um economista estadunidense que, ao mesmo tempo se autointitula como “libertário”, afirma que: “Sou um conservador cultural. Isso significa que abomino o homossexualismo” (BLOCK, 2010, p. 23). Assim, se por um lado, os institutos sustentam a defesa do livre mercado e da não interferência do Estado, por outro, defende-se a mesma intervenção do estado no âmbito privado em temas relativos ao aborto ou uniões homoafetivas, entre outros.

¹⁶⁸ O libertarianismo e seus defensores buscam sustentar uma ordem capitalista ainda mais radical e sem qualquer tipo de restrições, sendo as funções do Estado não apenas limitadas, mas, acima de tudo, eliminadas. Para essa corrente o liberalismo do século XIX é considerado ingênuo e essencialmente utópico.

¹⁶⁹ Como expressão extremada e radical do conservadorismo político, o ultraconservadorismo se utiliza da defesa das “tradições” de modo a conclamar a sociedade para a defesa da família, da propriedade e dos valores cristãos, promovendo ataques sistemáticos aos direitos de gênero, sexuais e raciais no país (MATTOS *et al.*, 2017).

Por fim, todos os 16 institutos fazem uso de mais de um mecanismo de atuação e buscam impactar a conjuntura nacional a partir de várias frentes na sociedade. O IL-RJ e o IEE, na posição de percussores do movimento liberal, se concentraram na tradução e edição dos livros de clássicos liberais e na organização de colóquios e seminários. Já os institutos criados como resposta a ascensão do PT buscaram ampliar suas plataformas de atuação publicando ou republicando seus textos na mídia tradicional, caso do IMIL e do Mises, e no âmbito digital a partir do uso de redes sociais e da criação de vídeos e podcasts. A atuação junto às universidades e ao público jovem é um ponto em comum entre os institutos, sendo esse o caso do projeto “Imil na sala de aula” mediante o “contato direto com alunos e professores de instituições de ensino superior, públicas e privadas, o Instituto Millenium promove encontros gratuitos entre especialistas de sua rede e alunos dos cursos de graduação” (IMIL, 2021). No âmbito escolar, destaca-se a atuação do Instituto Liberal de São Paulo a partir da publicação de histórias em quadrinhos acerca de autores liberais. Já a organização de seminários e eventos se apresenta como uma prática comum entre os 16 institutos liberais que se utilizam desse espaço para promoverem um networking entre os seus membros.

Para Hélio Beltrão, fundador do Instituto Mises Brasil, a luta pela liberdade se assimila a um time de futebol: Os goleiros seriam os percussores do pensamento neoliberal (Mises, Hayek e Friedman); a defesa representa a academia (professores, acadêmicos e centros de pesquisa); o meio campo é apontado como o espaço da cultura responsável por formar a opinião pública (intelectuais, jornalistas e a mídia); já os políticos são os atacantes que “precisam do restante do time funcionando”; e por fim, se tem o papel desempenhado pelos *think tanks* apontados por Beltrão como os treinadores do time (BELTRÃO, 2017). É diante da capilaridade de suas atividades e da posição ocupada por seus membros e dirigentes na sociedade que os institutos parceiros da Atlas no Brasil vêm obtendo sucesso em alavancar os interesses particulares de uma dada elite econômica no âmbito político.

5.1 Mapeando os institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil

Por meio deste trabalho, analisou-se um total de 784 dirigentes dos 16 institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil (Tabela 8), levando em consideração as particularidades em termos de estrutura e funções evidenciadas em cada instituto. Em alguns casos, por exemplo, certo instituto compreende uma determinada categoria de membros que outro instituto não comporta de igual forma. Se, por um lado, alguns

institutos possuem diretoria e mandatos formalmente estabelecidos - característica encontrada principalmente nos institutos com enfoque empresarial (IEE e IFLs etc.); por outro lado, outros institutos apresentam estruturas mais difusas e menos formalizadas visando, desse modo, impactar o maior número de espectros da sociedade (caso do IL-RJ, IMIL e Mises Brasil, entre outros). Nesse sentido, foram analisadas desde as instâncias hierarquicamente superiores (conselhos, diretorias e presidências), assim como aquelas instâncias inferiores (especialistas, convidados e colunistas).

Para isso, esse estudo contou com uma base de dados própria em relação a cada instituto e categoria analisada, sendo elas: Formação acadêmica; instituições nacionais e internacionais que frequentaram; atuação profissional; vínculos com o movimento liberal; origem familiar e, por fim; gênero, conforme segue nos subtópicos abaixo. Tais categorias nos permitem lançar luz sob um espaço social constituído de relações objetivas entre os indivíduos analisados, escapando, conforme denunciado por Bourdieu de uma “ilusão subjetivista que reduz o espaço social ao espaço conjuntural das interações, ou seja, a uma sucessão descontínua de situações abstratas” (BOURDIEU, 2007, p. 229). Assim, as posições ocupadas pelos indivíduos analisados são na verdade inseparavelmente localizações estratégicas, lugares a defender e conquistar em um campo de lutas marcado pelo esforço de manutenção do consenso neoliberal na sociedade.

Em termos de fontes, utilizou-se de informações e documentos disponíveis nos próprios websites dos institutos e de biografia fornecida por seus dirigentes e membros. Ademais, contou-se ainda com o uso de softwares como NodeXL e Excel para construção de gráficos e tabelas que condensam resultados. Por fim, cabe destacar que as categorias analisadas por instituto foram feitas com base no maior recorte temporal possível, tendo em vista o fato de que muitas vezes não foi possível obter acesso as diretorias e membros anteriores nos seus sítios eletrônicos.

Tabela 8 - Categorias analisadas por institutos liberais

Instituto	Ano de fundação	Nº de pessoas analisadas	Categorias analisadas por instituto
-----------	-----------------	--------------------------	-------------------------------------

Instituto Liberal (RJ)	1983	70	Diretoria (1983-1998, 2019-2021) e colunistas (2019-2021) ¹⁷⁰ .
Instituto de Estudos Empresariais (RS)	1984	72	Presidentes e Vice-presidentes (1984-2021).
Instituto Liberdade (RS)	1986	16	Presidentes (1986-2021) e Diretoria (2020-2021)
Instituto Millenium (RJ)	2005	300	Câmara de fundadores e mantenedores (2005-actual), diretoria (2019-2021), especialistas e convidados ¹⁷¹ (2019)
Instituto Mises Brasil (SP)	2009	35	Especialistas (2020-2021)
Instituto Líderes do Amanhã (ES)	2011	40	Diretoria (2013-2020) e Governança (2021)
Students for Liberty Brasil	2012	37	Conselho, staff e coordenadores regionais (2019-2021)
Instituto de Formação de Líderes (MG)	2012	30	Diretoria (2012-2019)
Instituto de Formação de Líderes (SP)	2014	38	Diretoria (2008-2020)
Instituto de Formação de Líderes (SC)	2016	21	Diretoria (2016-2021)
Instituto Liberal de SP (SP)	2014	5	Equipe (2020)
Centro Mackenzie de Liberdade Econômica (SP)	2016	20	Equipe (2020-2021)
Livres (SP)	2016	70	Bancada da liberdade, colaboradores, Conselho Acadêmico e Direção (2020-2021) ¹⁷²
Instituto Atlantos (RS)	2017	14	Articulistas (2020-2021)

¹⁷⁰ Não foram analisadas diretorias entre 1999 e 2019 por falta de acesso aos dados. Os colunistas se referem aos integrantes que publicam nos veículos do instituto e que são responsáveis pela editoração da comunicação.

¹⁷¹ Os especialistas são pessoas que estão autorizadas a falar oficialmente em nome do Imil. Já os convidados são colaboradores que procuram, mas também são procurados pelo instituto, para divulgar algum tipo de produção própria veiculada anteriormente em outro meio de comunicação.

¹⁷² A bancada da liberdade se refere aos representantes políticos do instituto como deputados e senadores de diversos partidos e estados, mas que são filiados ao Livres.

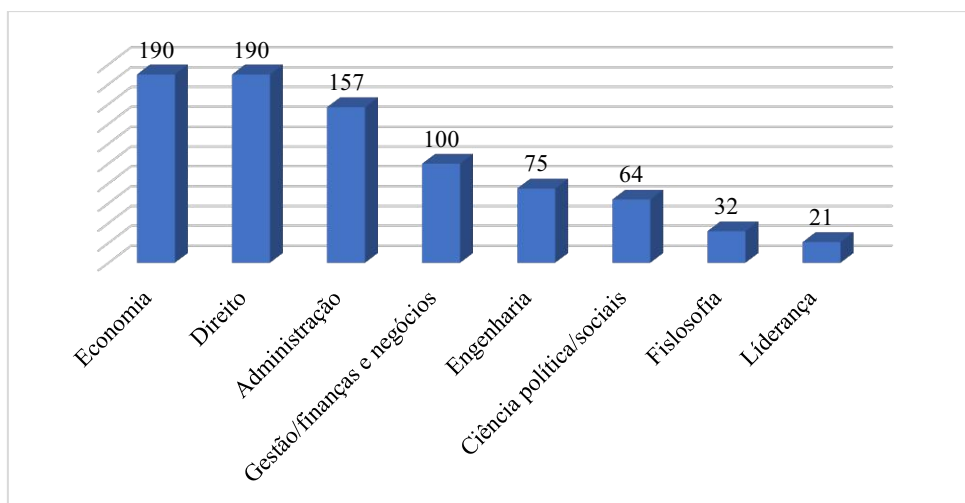
Observatório do Empreendedor (SC)	2020	13	Membros (2020-2021)
Livre para Escolher (PR)	2021	3	Equipe (2021)

Fonte: Elaboração própria com base nos websites dos institutos analisados

Formação acadêmica

Em termos de trajetória acadêmica, foram analisados 694 dirigentes dos 16 institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil, tendo em vista que em relação às outras 90 pessoas não foram encontradas quaisquer informações acadêmicas. Além disso, de modo a evitar o uso de uma lista demasiadamente extensa, optou-se por apresentar aqui as formações acadêmicas mais pontuadas, sendo elas: Economia, Direito, Filosofia, Administração, Liderança, Ciência Política/Sociais, Engenharia e Gestão/Finanças.

Gráfico 13 - Formação acadêmica



Fonte: Elaboração própria do autor

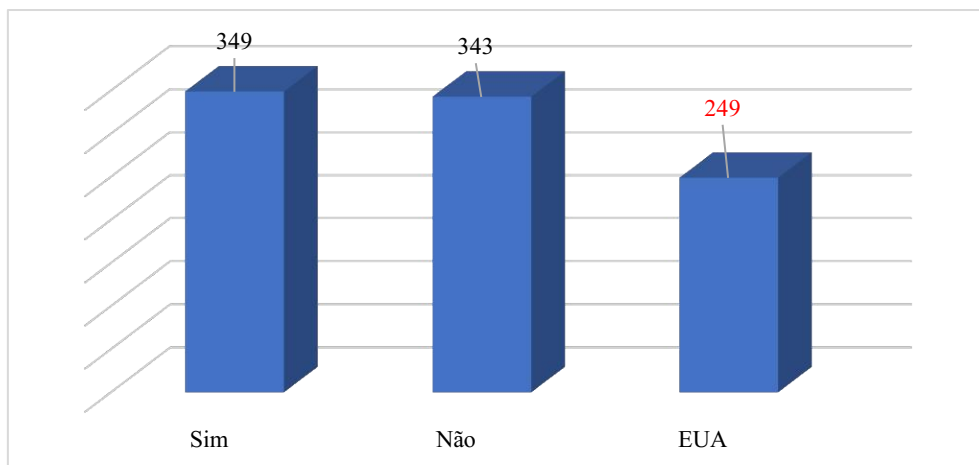
Ao proceder essa análise, observou-se que a maior parcela dos dirigentes possui trajetória acadêmica atrelada a Economia e Direito, 190 pessoas cada, seguida de Administração com 157 pessoas e Gestão/Finanças com um total de 100 pessoas pontuadas. Além disso, merece destaque o fato de os institutos serem compostos majoritariamente por intelectuais formados em Economia, a exemplo daqueles indivíduos com passagem por escolas com tradição na promoção do neoliberalismo, caso da Universidade de Chicago, dentre os quais destacam-se: Og Francisco Leme, Roberto Fendt Jr., Rubem Novaes, Winston Ling, Fernando Veloso, Ricardo Paes de Barros e Paulo Guedes, dentre outros.

Vale destacar ainda o número expressivo de dirigentes dos institutos liberais que apresentaram trajetória acadêmica atrelada ao campo do Direito. Ao evidenciar uma proximidade entre o âmbito jurídico e a promoção do ideário neoliberal, entende-se que o próprio ordenamento jurídico tem o potencial muitas vezes de estabilizar às desigualdades sociais, ao invés de promover sua efetiva superação. Desse modo, o direito, ao incorporar valores, ideologias e principalmente os interesses das elites econômicas, sustenta e regulariza normativamente a desigualdade material na sociedade. Ademais, um número considerável de dirigentes ainda apresentou formação em cursos de Liderança, principalmente na Georgetown e na própria Atlas Network, capacitando-os conseqüentemente a atuarem a frente de seus institutos liberais. Esses foram os casos de Gabriela Lamb e Marcel Van Hattem, ambos com formação em liderança pela Georgetown a partir de bolsas concedidas pelo Instituto Ling¹⁷³.

Ainda foi possível observar que metade de seus dirigentes, mais precisamente 349 deles, apresentaram formação acadêmica ou alguma espécie de vínculo com universidades estrangeiras (pesquisador ou docente), sobretudo, com universidades estadunidenses. Desse modo, 71% dos indivíduos que apresentaram formação em universidades no exterior estudaram em universidades dos Estados Unidos, majoritariamente em cursos de pós-graduação no nível de Doutorado (55x) e de Mestrado (45x). Esse é o caso de Paulo Uebel que, de acordo com Chafuen, “por meio do Instituto Millenium e de seus estudos, assim como de seu antigo papel de CEO de uma organização de liderança e de sua formação pela Universidade de Columbia, Uebel foi exposto a diferentes escolas orientadas para o mercado” (CHAFUEN, 2019a).

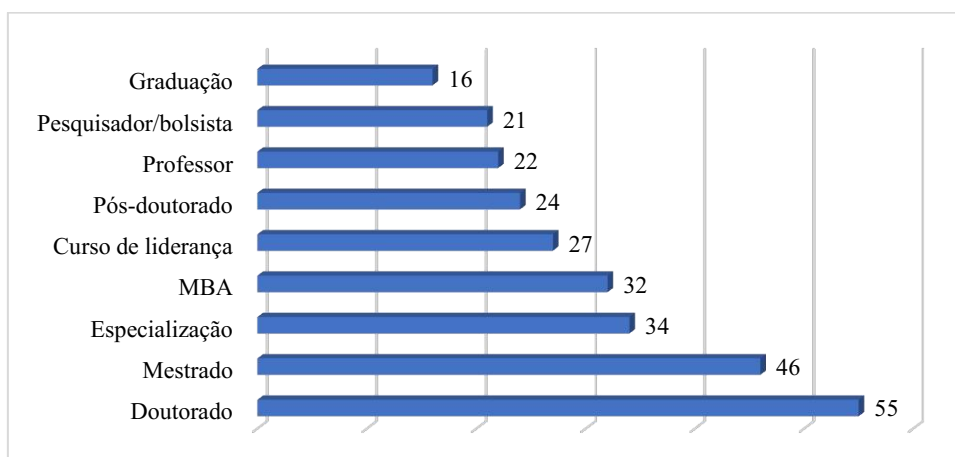
Gráfico 14 - Número de vínculos apresentados com universidades estrangeiras/estadunidenses

¹⁷³ Fundado em 1995 por Sheun Ming Ling e Lydia Wong Ling, pais de Winston e William (nomes conhecidos do movimento liberal no Brasil), o Instituto Ling é responsável pela “concessão de bolsas de estudo a jovens com destacada atuação acadêmica, perfil de liderança e capacidade para atuar em benefício da sociedade” (Instituto Ling, 2021).



Fonte: Elaboração própria do autor

Gráfico 15 - Vínculos com universidades dos EUA



Fonte: Elaboração própria do autor

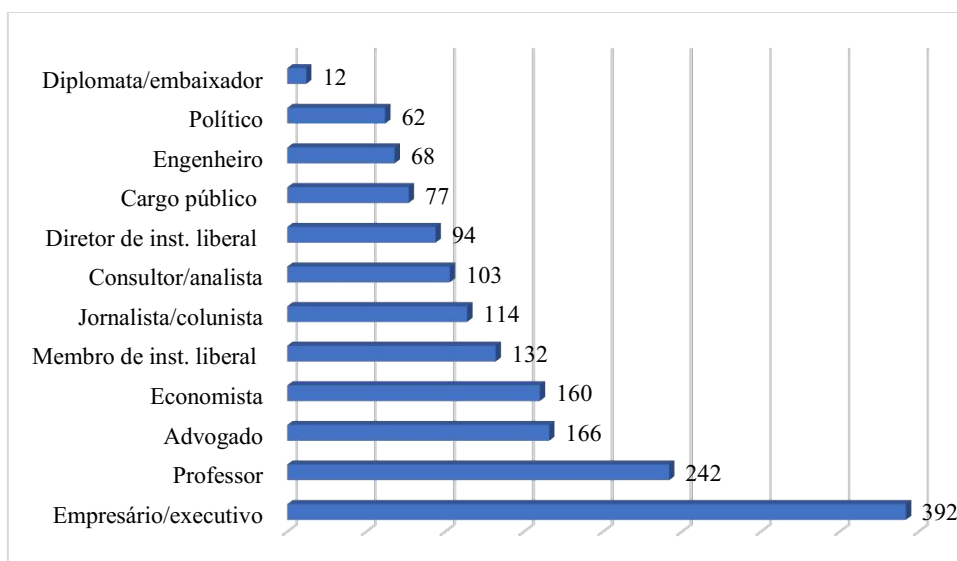
Dessa forma, entende-se que aqueles que obtêm formação especializada nos Estados Unidos são, na maior parte das vezes, os mesmos em que se atribui o direito e a credencial de falarem enquanto porta-vozes do Sul no Norte (DEZALAY, GARTH, 2002). Já na visão de Nicolas Guilhot, as teorias e ideologias “científicas”, quando “exportadas para as universidades estrangeiras ou ensinadas aos futuros dirigentes estrangeiros, que vêm completar sua legitimidade nos câmpus norte-americanos, servem também ao desígnio hegemônico de criar uma teoria internacional das elites esclarecidas” (GUILHOT, 2003, p. 227).

Atuação profissional

Ao mapear a trajetória profissional, foi possível estabelecer o perfil dos 784 dirigentes analisados nesse trabalho, considerando essencialmente aquelas atividades mais pontuadas. Para tanto, optou-se por levar em consideração a multiplicidade das

atuações daqueles indivíduos que apresentaram mais de uma ocupação ao longo de suas trajetórias profissionais.

Gráfico 16 - Atuação profissional



Fonte: Elaboração própria do autor

Em primeiro lugar, os institutos liberais se caracterizam como espaços constituídos majoritariamente por aqueles dirigentes que atuam como empresários ou executivos, somando um total de 391 indivíduos. Não por acaso, estes se configuram como a principal camada financiadora de seus projetos. Dessa forma, o relacionamento e proximidade entre o setor empresarial e os institutos liberais no Brasil se mantém como uma das principais características desse movimento.

Em segundo lugar, ao analisar a trajetória profissional dos dirigentes, fica nítida tamanha capilaridade e abrangência das posições ocupadas por eles na sociedade. Assim, os institutos liberais abarcam um número expressivo de professores (241x), economistas (160x), advogados (166x) e jornalistas/colunistas (101x), tecendo desse modo alianças entre o empresariado, academia, mídia e o âmbito jurídico em prol da difusão e materialização do ideário neoliberal. Como resultado deste conjunto de relacionamentos, os institutos liberais se configuram como espaços de promoção de indivíduos ao âmbito político, como exemplificado no acentuado número de seus dirigentes com atuação na política (62x) ou em cargos públicos (77x).

A afirmação do deputado Marcel van Hattem (Novo) é bastante elucidativa acerca desta promoção: “Se sou deputado hoje, devo também ao Fórum da Liberdade (IEE)” (VAN HATTEM apud AMARAL 2015). Para além deste exemplo, segue ainda uma

extensa lista de nomes que confirmam o papel desempenhado pelos institutos liberais na promoção de seus dirigentes no âmbito político, sendo eles: Antônio Claret Jr.¹⁷⁴, Subsecretário de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais (2019) e atual Diretor-Geral da Agência Reguladora de Água e Esgoto de Minas Gerais; Ricardo Gomes, ex-Secretário de Desenvolvimento Econômico do Rio Grande do Sul (2017) e atual Vice-Prefeito da cidade de Porto Alegre; Giuseppe Riesgo, Deputado Estadual do Rio Grande do Sul pelo Novo (2018-atual) e Rodrigo Saraiva Marinho, candidato a Deputado Federal e a Vereador pelo Novo e, atualmente, Diretor Legislativo na Câmara dos Deputados, dentre outros. Ao se referir a Rodrigo Marinho, Chafuen destaca que “não é só um advogado talentoso: ele foi escolhido diretor legislativo da liderança da bancada do Novo, um partido jovem e totalmente favorável ao livre mercado” (CHAFUEN, 2019a). Por fim, a maior parte dos dirigentes atua ou já atuou como membro (132x) ou diretor (94x) de outro instituto liberal, evidenciando uma circulação homogênea entre estes indivíduos.

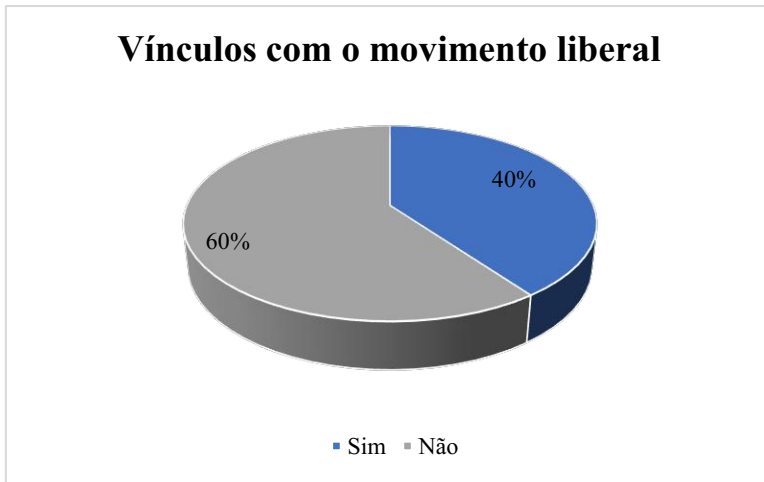
Vínculos com o movimento liberal

Os vínculos apresentados pelos dirigentes dos institutos parceiros da Atlas no Brasil com o movimento liberal apontam para uma circulação homogênea, já que uma parcela significativa destes possuem trajetórias e disposições similares. Nesse sentido, a própria reunião desses indivíduos em grupos que circulam e ocupam os mesmos espaços, pode ser justificada pela convergência de suas disposições em termos de preferência ou até mesmo de capitais e trajetórias.

Aproximadamente 40% dos dirigentes apresentaram alguma espécie de vínculo com o movimento liberal, desde vínculos com outros institutos liberais nacionais ou internacionais, redes liberais na América Latina, Sociedade Mont Pèlerin, escolas de tradição liberal (ex: Universidade de Chicago), fundações de fomento do livre mercado (ex: Liberty Fund) ou até mesmo que tenham sido agraciados por premiações destinadas para defensores do livre mercado. Nessa lista, ganham destaque aqueles dirigentes que apresentaram vínculos com a Sociedade Mont Pèlerin, Universidade de Chicago, Atlas Network e com redes liberais na América Latina, caso da Red Liberal de América Latina (RELIAL) e da Fundación Internacional para la Libertad (FIL).

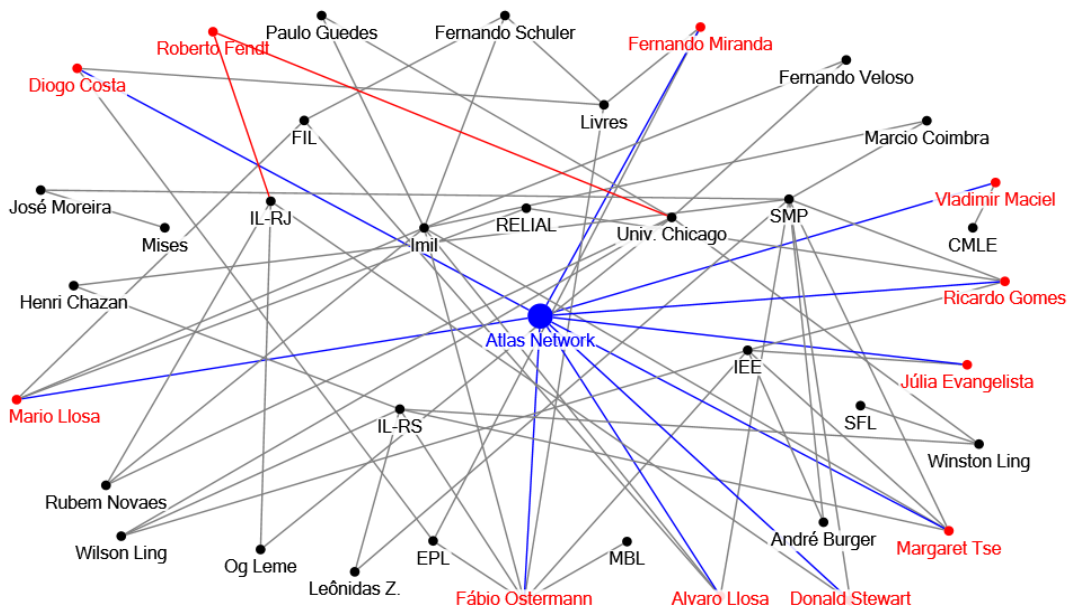
Gráfico 17 - Vínculos com o movimento liberal

¹⁷⁴ Antônio Claret Jr. chegou a ser sondado para o lugar de Ricardo Salles no Ministério do Meio Ambiente.



Fonte: Elaboração própria do autor

Figura 6 - Vínculos apresentados com a SMP, Universidade de Chicago, Atlas e com redes liberais na América Latina



Fonte: Elaboração própria do autor.

LEGENDAS - Vermelho: Dirigentes com vínculos com a Atlas Network. **Preto:** Dirigentes com vínculos com a univ. Chicago, SMP e redes liberais na AL (FIL e RELIAL). **Traçado/nomes em azul:** Vínculos com a Atlas Network.

Em linhas gerais, a radiografia deste movimento aponta para a seguinte composição e funções desempenhadas: a) os empresários, enquanto mantenedores, são os responsáveis por viabilizar financeiramente a implementação dos projetos e atividades desenvolvidas pelos institutos; b) os intelectuais, como aponta Friedman (apud Atlas, 1993), são os fabricantes das ideias; c) os institutos liberais são os responsáveis diretos por revender as ideias; d) os jornalistas e colunistas possuem a função de moldar a opinião

pública, e desse modo, o próprio clima político em favor das ideias neoliberais e, por fim; e) os políticos são aqueles que se utilizam dos mecanismos a sua disposição para tornar as ideias neoliberais factíveis de serem implementadas na política. Partindo das proximidades e dos laços mantidos pelos indivíduos que fazem parte desse movimento, buscou-se, assim como constatado por Bourdieu, “mostrar como a circulação das ideias é lastreada por uma circulação de poder”, de modo que certas “ligações ocultas entre pessoas que habitualmente trabalham isoladas aparecem à luz do dia, mesmo que sejam vistas duas a duas nos falsos debates da televisão” (BOURDIEU, 1998a, p. 45).

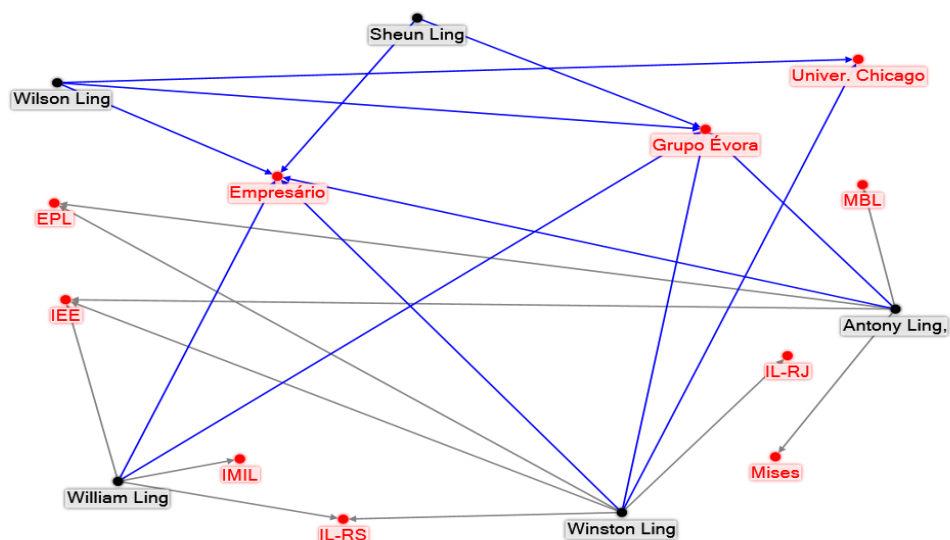
Origem familiar

A família corresponde a uma posição específica na estrutura social, através da qual os indivíduos incorporam um conjunto de disposições relativas as posições estruturais nas quais eles foram socializados. Para Bourdieu, as famílias são a base das estratégias de reprodução e, por conseguinte, “uma tendência a perpetuar seu ser social, com todos seus poderes e privilégios” (BOURDIEU, 1996, p. 35-36). Ainda de acordo com Bourdieu,

Esse privilégio é, no concreto, uma das principais condições de acumulação e de transmissão de privilégios, econômicos, culturais, simbólicos. De fato, a família tem um papel determinante na manutenção da ordem social, na reprodução, não apenas biológica, mas social, isto é, na reprodução da estrutura do espaço social e das relações sociais. Ela é um dos lugares por excelência de acumulação de capital (Ibidem, p. 131).

Desse modo, ao analisar os dirigentes dos institutos liberais sob a ótica da transmissão de privilégios familiares, foi possível evidenciar uma série de convergências em suas trajetórias e posições ocupadas e, conseqüentemente, na efetivação das estratégias de manutenção e reprodução das relações sociais. Esse é, sobretudo, o caso da família Ling, conforme exemplificado a seguir:

Figura 7 - O caso da família Ling



Fonte: Elaboração própria do autor

LEGENDAS - **Vermelho**: Posições sociais. **Preto**: Membro da família. **Traçado azul**: Vínculos evidenciados com Grupo Évora, Empresário e Universidade de Chicago. Sheun Ling (pai); William Ling (irmão); Winston Ling (irmão); Wilson Ling (irmão); Antony Ling (filho de William).

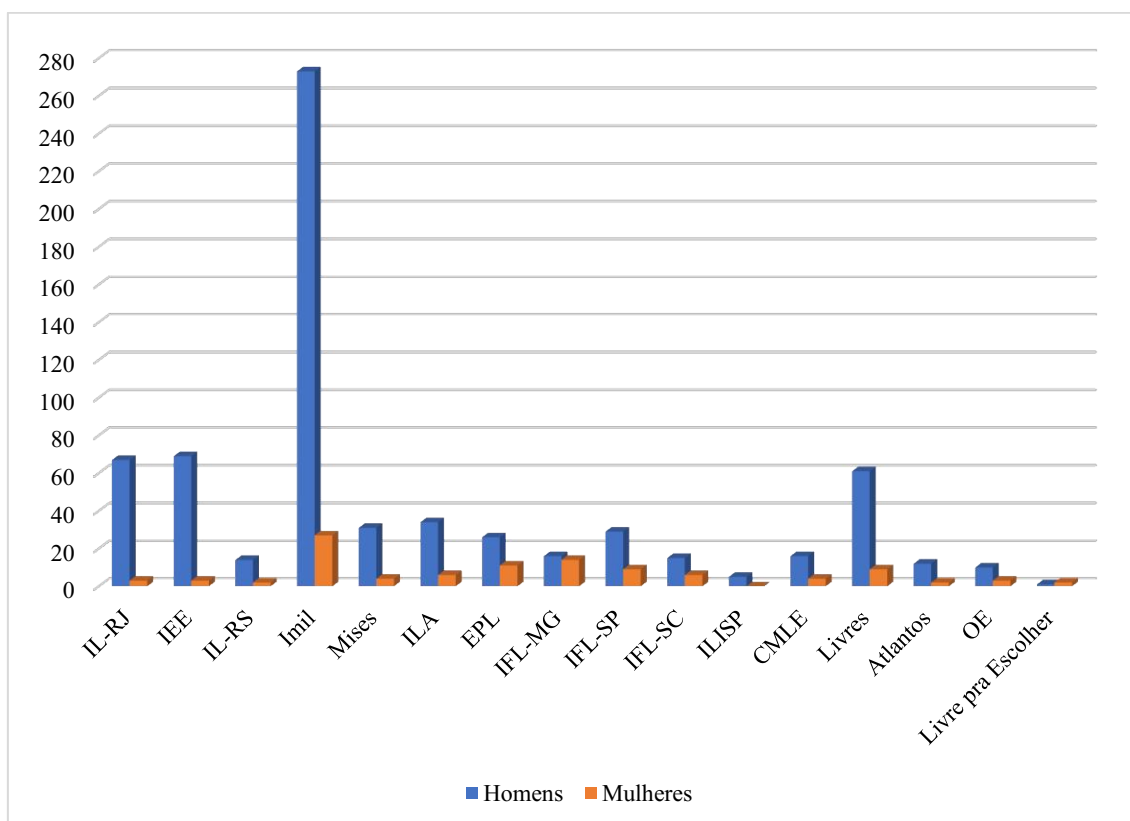
Imigrantes chineses Lydia Ling (mãe) e Sheun Ming Ling (pai), logo construíram sua riqueza no Brasil através do setor agroindustrial da soja (Olvebra)¹⁷⁵. O empresário Sheun Ling foi o fundador da Petropar, atual Évora S.A. (empresa de produtos petroquímicos, entre outros). Seu filho William Ling é empresário e atual presidente do Grupo Évora, além de ter fundado e presidido o IEE ainda atuou no IL-RS e no IMIL. Seus irmãos, Winston Ling e Wilson Ling, e o seu filho Antony Ling também são empresários que desempenham funções na empresa da família, além de atuarem em institutos liberais. No caso de Winston Ling, o empresário atua no conselho consultivo do *Students For Liberty*, e participou da fundação do IL-RJ, IEE e do IL-RS. Além disso, Winston possui formação em economia pela Universidade de Chicago, assim como seu irmão Wilson Ling. Já Antony Ling, além de ser um dos fundadores do EPL, atuou como especialista do IMIL, membro do IFL-SP, associado do IEE e possui artigos publicados no Mises Brasil.

Gênero

¹⁷⁵ “No ano de 1955, Charles Kung Wei Tse e Sheun Ming Ling, imigrantes chineses, iniciaram em Santa Rosa, na região missioneira do RS, um trabalho cujos frutos se transformaram no complexo de empresas que constituiu posteriormente o Grupo Olvebra”. Disponível em: <https://olvebra.com.br/a-olvebra/> Acesso realizado em 27/11/2021.

Ao mapear o perfil dos 784 dirigentes dos institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil, constatou-se que este se trata de um espaço composto majoritariamente por homens, representando um total de 87%, enquanto às mulheres representam apenas 13% dos dirigentes mapeados. Tal relação elucida em especial o caráter masculino dos institutos liberais, assim como sua utilização para legitimar o status profissional, social e o papel político dos homens na sociedade.

Gráfico 18 - Relação homens x mulheres por institutos liberais



Fonte: Elaboração própria do autor

Além disso, os homens ainda se configuram como aqueles que circulam com maior frequência e que ocupam, na maior parte das vezes, mais de uma posição em diferentes institutos liberais parceiros da Atlas. Do total de 226 pessoas com passagens em outros institutos liberais, como membros ou diretores, apenas 10% são mulheres, número pouco significativo se comparado com os 90% de homens com passagens em outros institutos. Assim, os principais interlocutores do movimento neoliberal, quando levado em consideração aqueles indivíduos que apresentaram vínculos com a Sociedade Mont Pèlerin, Universidade de Chicago, Atlas Network e com redes liberais na América Latina (Figura 6), são em sua grande maioria homens com trajetórias similares.

Em termos de participação na política, se evidenciou um quadro no qual a maior parte dos indivíduos que se utilizam dos institutos para ascender ao âmbito político são, também, majoritariamente homens. Conforme constatado, das 62 pessoas pontuadas com atuação na política, 89% são homens e apenas 11% são mulheres.

Ademais, por meio do espaço assegurado pelos institutos liberais, são articulados, tanto por homens como por mulheres, retóricas que buscam ressignificar e deslegitimar as principais lutas do movimento feminista. São textos que, ao promoverem argumentos em prol do obscurecimento dos principais efeitos da estrutura patriarcal na vida das mulheres, justificam às desigualdades sob a defesa da responsabilidade individual. Essa forma de subjetivação, que não apenas age sobre os sujeitos, mas, sobretudo, é constitutivo de sujeitos responsáveis por suas próprias vidas, tem a capacidade de configurar os seres humanos como meros atores do mercado (BROWN, 2015) em todos os domínios e atividades da vida social. Como destaca Judith Butler, a racionalidade neoliberal induz, “até mesmo os mais impotentes a assumir a responsabilidade pela própria vida, sem depender de mais ninguém ou de mais nada” (BUTLER, 2018, p. 49).

Em um dos textos publicados no Mises Brasil, Catarina Rochamonte, crítica às feministas de hoje por atribuírem a prática de estupro a uma cultura machista, e que na visão dela seria de “responsabilidade inteiramente individual” (ROCHAMONTE, 2018)¹⁷⁶. No mesmo texto, Rochamonte ainda defende a inserção das mulheres na política, como uma forma de “elevar à sutileza e à experiência estética e amorosa próprias da mulher”, fazendo perdurar um conjunto de características estigmatizadas que são atribuídas às mulheres pelo discurso e práticas patriarcais, “como se houvesse algo de fundamental, ou da essência de uma pessoa, em ser homem ou mulher” (LINDISFARNE e NEALE, 2016, p. 36).

Em outros textos publicados no âmbito dos institutos liberais se busca justificar até mesmo a desigualdade salarial entre homens e mulheres, embasando os argumentos a partir da lógica de um mercado “racional” e que tende a se “autorregular” para corrigir quaisquer imperfeições. A exemplo disso, Leandro Narloch, especialista do Instituto Millenium, afirma que “se as mulheres de fato ganhassem menos que os homens para realizar as mesmas tarefas, empresas que buscam o lucro só contratariam mulheres”

¹⁷⁶ “Como a cultura progressista está destruindo as legítimas aspirações das mulheres”. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/article/2883/como-a-cultura-progressista-esta-destruindo-as-legitimas-aspiracoes-das-mulheres>> Acesso realizado em 05/06/2021

(NARLOCH, 2018)¹⁷⁷. Trata-se de um argumento, por meio do qual Narloch busca isentar o empregador e o próprio mercado de qualquer responsabilidade frente a um quadro marcado pelo tratamento desigual entre homens e mulheres, e que é refletido na desigualdade salarial entre ambos.

Além disso, alguns textos ainda enfatizam uma espécie de autossuficiência por parte dos indivíduos, atribuindo a liberdade de escolha supostamente “propiciada” pelo neoliberalismo, como significativo de igualdade entre as mulheres. A exemplo disso, Wendy McElroy, que se intitula feminista individualista, afirma em texto publicado no Mises Brasil que “a escolha mais libertadora que um indivíduo pode ter é a capacidade de se sustentar a si próprio” (MCELROY, 2021)¹⁷⁸, condição que é apontada por ela como resultado da Revolução Industrial. Já para Bharbara Pretti, em texto publicado no IL-RJ, “o que diferencia o capitalismo dos demais modelos econômicos é a liberdade de escolha” (PRETTI, 2019)¹⁷⁹. Em suma, se tratam de textos cujo esforço central consiste em equiparar a igualdade de gênero em termos de participação no mercado e que, conseqüentemente, produz uma falsa sensação de igualdade que é constantemente difundida a partir da lógica neoliberal.

5.2 Ascensão dos dirigentes de institutos liberais no governo Bolsonaro

Para Alejandro Chafuen, “podemos dizer que quanto mais desenvolvida a cultura de *think tank* em um país, maior a chance de que um *think tank* acabe desempenhando um papel significativo em ajudar a aconselhar ou colocar pessoas no governo” (CHAFUEN, 2017). No Brasil, esse tem sido um dos principais resultados alcançados pelos institutos parceiros da Atlas ao longo dos últimos anos, principalmente quando levado em consideração o papel desempenhado por estes enquanto veículos de autopromoção de seus dirigentes no governo Bolsonaro. Essa tem sido uma dinâmica comum no que tange o relacionamento entre os *think tanks* liberais e a esfera política, como exemplificado a partir dos conselhos de Michael Walker, fundador do libertário Fraser Institute, em um documento de diretrizes publicados pela Atlas no ano de 1993:

¹⁷⁷ “A diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil”. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2093>> Acesso realizado em 05/06/2021.

¹⁷⁸ “A Revolução Industrial, as mulheres e as minorias: como a ideologia suprimiu a realidade”. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/article/2937/a-revolucao-industrial-as-mulheres-e-as-minorias-como-a-ideologia-suprimiu-a-realidade>> Acesso realizado em 05/06/2021.

¹⁷⁹ “Liberdade de escolha e o capitalismo”. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/liberdade-de-escolha-e-o-capitalismo/>> Acesso realizado em 05/06/2021.

Aconselhamos políticos, dentro e fora do poder, de várias maneiras, mas principalmente numa base individual. Passo cerca de cinco horas do meu dia ao telefone, mantendo contato com pessoas que agora estão, ou logo estará em posição de influenciar resultados políticos. Se você conseguir que outra pessoa saia e represente suas ideias, é muito mais eficiente do que entrar na política você mesmo (WALKER, 1993).

Por intermédio das alianças sedimentadas pelos empresários e intelectuais associados aos institutos liberais, tornou-se factível a ascensão dos seus dirigentes à cargos no governo Bolsonaro, em sua grande maioria na equipe econômica. Para isso, foi singular o papel exercido por Winston Ling ao apresentar seu ex-colega de Universidade de Chicago, o atual ministro da economia, Paulo Guedes ao candidato à presidência na época Jair Bolsonaro. Como relata Chafuen, “há alguns anos, Winston Ling me disse, confidencialmente, que viu potencial no Bolsonaro e que o estava apresentando a economistas notáveis da tradição de Chicago” (CHAFUEN, 2019b). Nas palavras do próprio Winston Ling:

Quando o encontrei pela primeira vez, em 2016, dei dois livros sobre o liberalismo: A Lei, de Frederic Bastiat, e Seis Lições, de Ludwig Von Mises. Eu via a movimentação do Bolsonaro e senti que ele tinha popularidade e que teria chance de ser presidente. Sou do tipo que gosta de se aproximar das pessoas e evangelizar sobre o liberalismo [...] Eu acreditava que, se ele tivesse alguma chance de ser presidente, era hora de começar a pensar no programa econômico e organizar um grupo de conselheiros com empresários e economistas liberais (LING apud FERNANDES, 2018)¹⁸⁰.

Desse modo, é a partir de uma série de circunstâncias que vão desde a eclosão de institutos liberais no Brasil como resposta a ascensão do PT, chegada de Paulo Guedes no governo e o papel desempenhado pela Atlas e seus membros, que se observa a ascensão de uma série de dirigentes vinculados a estes aparelhos no governo Bolsonaro. Uma vez dentro do governo, esses dirigentes buscam alavancar seus interesses particulares sob a égide de reformas econômicas atreladas aos preceitos neoliberais.

Como descrito no relatório da Atlas (2019),

Jair Bolsonaro ganhou a presidência do Brasil usando uma fórmula populista clássica - e com retórica feia que não conquista fãs entre a comunidade liberal clássica. Para seu crédito, no entanto, sua equipe econômica tem sido excelente no avanço da reforma da previdência, desencadeando o crescimento econômico por meio da desregulamentação e privatizando a Eletrobras, a maior empresa de serviços públicos da América Latina. Parte do crédito vai para instituições como o Instituto de Estudos Empresariais (IEE), que

¹⁸⁰ Segundo Ling, “se o plano Paulo Guedes for implementado, vamos estar anos luz à frente dos nossos vizinhos. O Brasil será a nova China e os capitais do mundo vão vir para o Brasil. Os cérebros e investidores virão” (Ibidem, 2018). Disponível em: <<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/com-plano-guedes-brasil-sera-nova-china,70002593661>> Acesso realizado em 06/12/2021.

desenvolveu tantos especialistas no livre mercado que agora desempenham papéis influentes na sociedade brasileira; eles agora são complementados por outros líderes enérgicos de um movimento jovem pela liberdade no Brasil (Atlas Network's Center for Latin America, 2019, p. 04).

De um total de 16 dirigentes de institutos liberais que atuam ou já atuaram no governo Bolsonaro, destacam-se aqueles com passagem no Instituto Millenium, no qual Guedes consta como um de seus fundadores e maiores entusiasta, assim como nomes vinculados ao Estudantes pela Liberdade, no qual o próprio Winston consta como mentor.

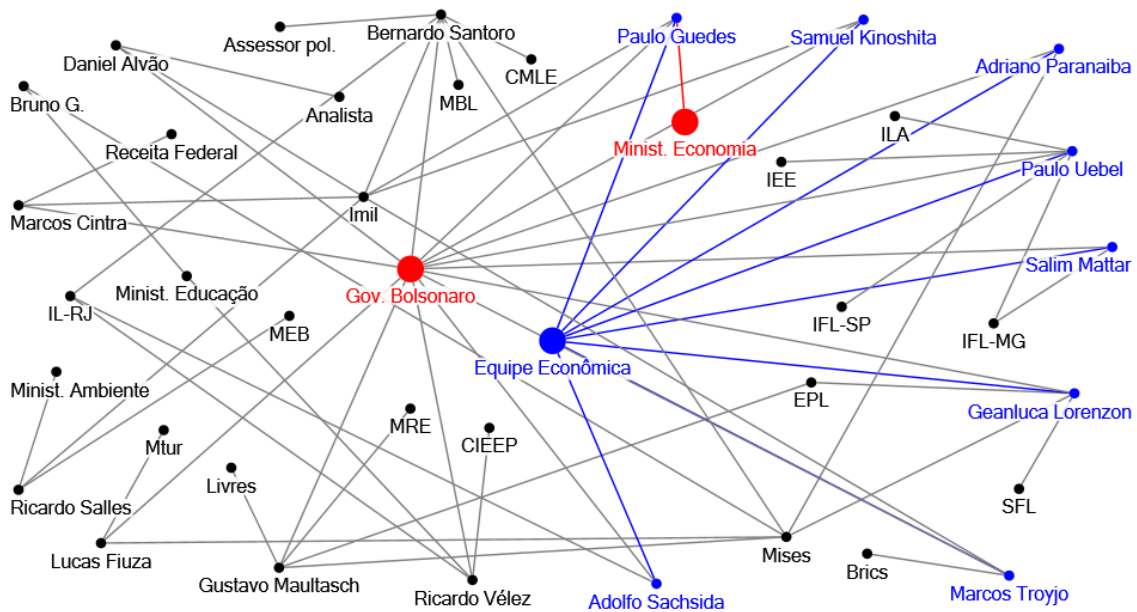
Tabela 9 - Dirigentes e seus vínculos com o governo Bolsonaro

Nome	Instituto(s)	Cargo
Adolfo Sachsida	Instituto Liberal do Rio de Janeiro	Secretário de Política Econômica do governo Bolsonaro (2019-atual)
Bernardo Santoro	Instituto Liberal do Rio de Janeiro, Instituto Millenium, Instituto Mises Brasil, Centro Mackenzie de Liberdade Econômica e Movimento Brasil Livre	Assessor de Bolsonaro (2016-2017)
Ricardo Salles	Movimento Endireita Brasil, Instituto Millenium	Ministro do Meio Ambiente no governo Bolsonaro (2019-2021)
Ricardo Vélez	Instituto Liberal do Rio de Janeiro, Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP)	Ministro da Educação no governo Bolsonaro (janeiro-abril de 2019)
Bruno Garschagen	Instituto Mises Brasil, Atlas Network	Assessor especial de Vélez no Ministério da Educação (2019)
Paulo Uebel	Instituto de Estudos Empresariais, Instituto Líderes do Amanhã e Institutos de Formação de Líderes (SP e MG)	Secretário Especial de Desburocratização, Gestão e Governo Digital do Ministério da Economia (2019-2020)
Marcos Troyjo	Instituto Millenium	Vice-Ministro da Economia para Comércio Exterior e Relações Internacionais do Governo Bolsonaro (2019-2020) e Presidente do New Development Bank - Banco do Brics (nomeado por Bolsonaro)

Daniel Alvão	Instituto Millenium	Analista de Políticas Sociais do governo federal (atual)
Paulo Guedes	Instituto Millenium	Ministro da Economia (atual)
Samuel Kinoshita	Instituto Millenium	Assessor Especial do Ministro da Economia (atual)
Marcos Cintra	Instituto Millenium	Secretário especial da Receita Federal (janeiro-setembro de 2019)
Adriano Paranaíba	Instituto Mises Brasil	Subsecretário de Competitividade e Melhoria Regulatória – Ministério da Economia (2020 - atual)
Geanluca Lorenzon	Estudantes pela Liberdade, Students for Liberty (EUA) e Instituto Mises Brasil	Secretário de Defesa da Concorrência e Competitividade, Ministério da Economia (atual) e Diretor Federal de Desburocratização (2019-2020)
Gustavo Maultasch	Instituto Mises Brasil, Estudantes pela Liberdade e Livres	Ministério de Relações Exteriores do Brasil: Chefe dos Setores de Administração e Vistos – 2018-atual (Consulado Geral do Brasil em Washington, DC); Chefe da Divisão de Tecnologia da Informação (2016-2018)
Lucas Fiuza	Instituto Mises Brasil	Ministério do Turismo - Secretário Nacional de Atração de Investimentos, Parcerias e Concessões (atual) e Coordenador-Geral de Fomento ao Empreendedorismo, Atração de Investimentos e Fugetur (2019-2020)
Salim Mattar	Instituto de Formação de Líderes e Instituto Millenium	Secretário Especial de Privatizações (2019-2020)

Fonte: Elaboração própria do autor

Figura 8 - Dirigentes e seus vínculos com o governo Bolsonaro



Fonte: Elaboração própria do autor.

LEGENDAS - **Azul:** Pessoas pertencentes a equipe econômica. **Preto:** Demais dirigentes de inst. liberais com vínculos com outros setores do governo. **Traçado azul:** Vínculos evidenciados com a equipe econômica. **Vermelho:** Governo Bolsonaro e Ministro da Economia.

Para além dos contatos mantidos por esses dirigentes nos institutos liberais, existe um conjunto de relacionamentos e convergências em termos de trajetória social e participação no movimento liberal que justifica a inserção destes indivíduos no governo Bolsonaro. Bernardo Santoro, por exemplo, foi quem introduziu o economista Adolfo Sachsida ao então presidente da república. Ricardo Vélez¹⁸¹, ao seu turno, participou de diversos simpósios conduzidos pelo *Liberty Fund*, fundação que recebe recursos da Atlas, e que tem atuado de modo a educar e conectar institutos e indivíduos defensores do livre mercado. Já Bruno Garschagen, assessor de Vélez no Ministério da Educação (2019) e seguidor das ideias de Olavo de Carvalho, trabalhou como Gerente de Relações Institucionais da Atlas Network (2009-2011).

Por outro lado, indivíduos como Paulo Uebel e Salim Mattar foram escolhidos diretamente por Guedes para compor a sua equipe econômica, enquanto Marcos Cintra foi sua indicação para cargo na Receita Federal. A respeito de Salim Mattar, ex-secretário de Privatizações do Governo Bolsonaro, foi ele um dos responsáveis por financiar a tradução da obra liberal “Revolta de Atlas”, de Ayn Rand, para o português, além de ter

¹⁸¹ De acordo com informações contidas em seu blog pessoal, Olavo de Carvalho foi uma das “vozes” ligadas a educação e a cultura que lhe indicaram para o cargo de Ministro da Educação.

sido conselheiro do Instituto Millenium é apoiador histórico do IL-RJ¹⁸². Além disso, o próprio Guedes, enquanto Cofundador do Banco Pactual, foi responsável pela abertura de capital da empresa Localiza de Salim Mattar, ocupando posteriormente o conselho de administração da locadora¹⁸³.

Por fim, em relação a Ricardo Salles, consta em sua lista de doadores, quando candidato à Deputado Federal de São Paulo pelo Novo (2018), o nome de alguns dos principais empresários mantenedores dos institutos liberais e com negócios ligados ao setor de agronegócio no Brasil, sendo eles: Jayme Brasil Garfinkel (R\$ 260 mil em doação), mantenedor do IMIL e presidente do conselho de administração da Porto Seguro Seguros; Salo Davi Seibel (25 mil em doação), mantenedor do IMIL e que junto com seu irmão Hélio Seibel atua como acionista do Grupo Ligna (Leo Madeiras, Duratex e a Ligna Florestal), possuindo um total de 60 mil hectares de terra em Minas Gerais e Rio Grande do Sul e, por fim; Salim Mattar (R\$ 200 mil em doação), que de acordo com a ficha no cadastro nacional da pessoa jurídica (CNPJ) da Receita Federal cria gado de corte em sua fazenda (OLIVEIRA, 2018)¹⁸⁴.

A concretização dos esforços empreendidos pelos institutos liberais e seus dirigentes é melhor elucidado a partir da aprovação e implementação no atual governo Bolsonaro da Medida Provisória da Liberdade Econômica (MP de Liberdade Econômica). Essa medida é resultado da articulação e atuação desses institutos liberais e de seus dirigentes na política, visto que sua conformação contou com o respaldo intelectual e logístico proporcionado por esses mesmos institutos e dirigentes. Pelo menos 14 dirigentes de institutos liberais participaram na reunião da MP de Liberdade Econômica, no dia 14 de agosto de 2019 (Tabela 10). Para Chafuen, a respectiva medida é o melhor plano que ele já viu e avaliou durante a maior parte de sua carreira, apontando que Geanluca Lorenzon, então Diretor Federal de Desburocratização e autor da MP de Liberdade Econômica, “tem sido o membro mais ativo da administração na divulgação dessas reformas para o público”, e que “muitos atores da sociedade civil, especialmente

¹⁸² Salim Mattar doou mais de R\$ 2,9 milhões, distribuídos a 28 candidatos, incluindo o ministro da Casa Civil Onyx Lorenzoni e Rodrigo Maia, do mesmo modo, destinou apoiou também ao governador eleito de Minas Gerais Romeu Zema, do partido Novo.

¹⁸³ Eugênio Mattar, irmão de ex-secretário do governo Bolsonaro, foi quem mais recebeu recursos da União em 2020. Para mais informações <<https://piaui.folha.uol.com.br/o-campeao-da-verba-publica/>> Acesso realizado em 31/03/2021.

¹⁸⁴ “Quem são os principais financiadores de Ricardo Salles, ministro do Meio Ambiente” (2018). Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2018/12/18/quem-sao-os-principais-financiadores-de-ricardo-salles-ministro-do-meio-ambiente>> Acesso realizado em 10/09/2021.

especialistas em livre mercado, precisarão se juntar a Lorenzon nessa tarefa” (CHAFUEN, 2019a).

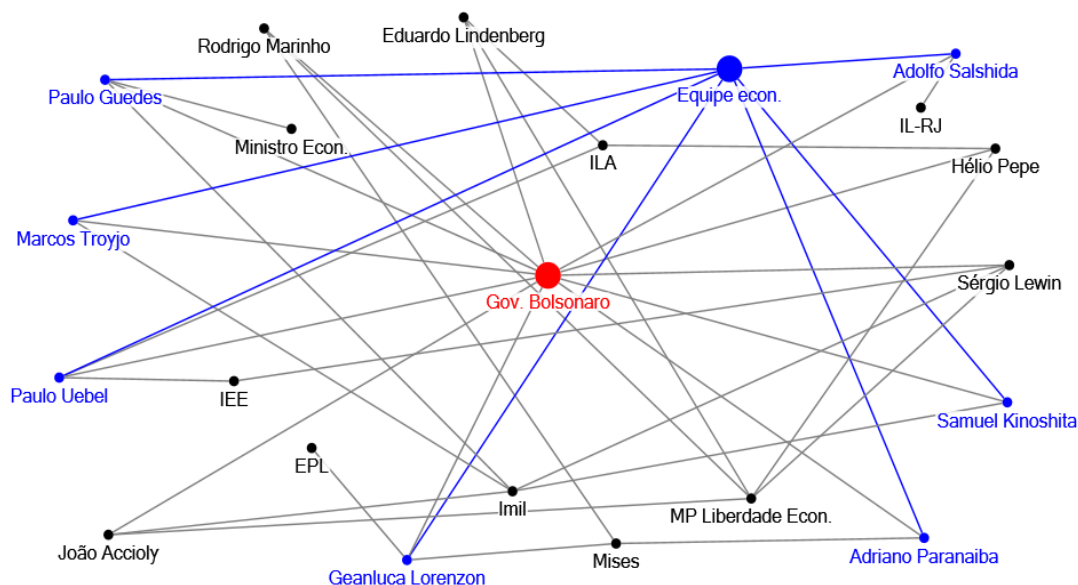
Tabela 10 - Lista de dirigentes de institutos liberais que participaram da reunião da MP da Liberdade Econômica

Nome	Instituto	Função
Lucas Vidigal	Instituto de Formação de Líderes - BH	Diretor Presidente
Theodora Ciocari	Instituto de Estudos Empresariais - IEE	Diretora de Comunicação (2019)
Pedro de Cesaro	Instituto de Estudos Empresariais - IEE	Presidente (2019-2020)
Eduardo Cairoli	Instituto de Estudos Empresariais - IEE	Associado
Marco Antônio Zanella Fortuna	Instituto de Estudos Empresariais - IEE	Associado
Laura Martins	Instituto de Formação de Líderes – Brasília	Presidenta
Eduardo Lindenberg	Instituto Líderes do Amanhã - ILA	Presidente (2018)
Helio Pepe	Instituto Líderes do Amanhã - ILA	Presidente (2019)
Thiago Carreiro	Instituto Líderes do Amanhã - ILA	Associado
George Dalpiero	Instituto Líderes do Amanhã - ILA	Associado
Georges Ebel	Instituto de Formação de Líderes - SP	Membro do conselho e ex-presidente (2018-2019)
Henri Siegert Chazan	Instituto de Estudos Empresariais – IEE; Instituto Liberdade - RS	Associado. Presidente do Instituto Liberdade – RS (2009-2011)
Ricardo Gomes	Instituto de Estudos Empresariais – IEE; Instituto Liberdade; Rede Liberal da América Latina (RELIAL);	Presidente do IEE (2011-2012). Foi Vice-Presidente do IL-RS. Vice-Presidente da RELIAL.

Sergio Lewin	Instituto de Estudos Empresariais – IEE; Instituto Liberdade - RS	Presidente (1999-2000)
--------------	--	------------------------

Fonte: Elaboração própria com base em (BORGES, 2019)

Figura 9 - Dirigentes com atuação na equipe econômica ou vínculos com a MP



Fonte: Elaboração própria do autor

LEGENDAS - **Vermelho:** Governo Bolsonaro. **Preto:** Dirigentes de ILs com participação na reunião a respeito da MP da Liberdade Econômica. **Traçado/nomes em azul:** Dirigentes de ILs pertencentes à equipe econômica.

Ainda em 2019, alguns dirigentes dos institutos liberais¹⁸⁵, sob a intermediação de Winston Ling e Camilo Bornia¹⁸⁶(responsáveis pela entrega do documento), entregaram uma série de propostas de cunho liberal na área da educação, nas mãos dos deputados Marcel van Hattem (NOVO-RS) e Kim Kataguirí (DEM-SP)¹⁸⁷ e, posteriormente, para o então Ministro da Educação na época Ricardo Vélez e para o presidente Bolsonaro¹⁸⁸. Sob o título de “Liberais pela Educação”, o documento

¹⁸⁵ Alguns dos dirigentes de institutos liberais por trás das propostas foram Adriano Gianturco (Mises), Roberto Rachewsky (IEE, IL-RS) e Rodrigo Marinho (Mises).

¹⁸⁶ Camilo Bornia, consta como líder do Livres e foi candidato à prefeito do município de Canoas (RS) nas eleições de 2020.

¹⁸⁷ Vídeo mostra Winston Ling e Camilo Bornia entregando o documento para os deputados Marcel van Hattem e Kim Kataguirí. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=n6fB3UunnzKY>> Acesso realizado em 02/12/2021.

¹⁸⁸ Como destaca Camilo Bornia (2020), “foi o deputado Fabio Ostermann que fez eu me aproximar do Livres durante as eleições”. Disponível em: <<https://www.eusoulivres.org/noticias/camilo-bornia-durou-6-meses-para-construirmos-nosso-plano-de-governo/>> Acesso realizado em 02/12/2021.

contempla um conjunto de propostas no âmbito das fiscalizações e regulamentações conduzidas pelo Ministério da Educação (MEC), indo desde a educação básica ao ensino superior, de modo a viabilizar a privatização do ensino público no Brasil. Algumas das propostas reunidas no documento são: a) Vincular o acesso ao ProUni e Sisu a um exame promovido por organizações privadas; b) Substituir o ENEM por exames privados por adesão; c) Flexibilizar as regras de alocação de recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB) para que Estados, Municípios e o Distrito Federal possam inovar, experimentar modelos de PPP, comprar vagas de escolas privadas, privatizar escolas públicas e permitir que grupo de professores possam assumir a operação das escolas onde trabalham; d) Desregulamentar o mercado de educação básica, permitindo modelos alternativos de prestação de serviços educacionais, desde Micro-escolas, Professor-empresendedor e *Homeschooling*; e) Desregulamentar provas especiais e direitos dos alunos no ensino superior (BORNIA et al., 2019)¹⁸⁹.

Em linhas gerais, no interior do Estado e de suas instituições existe um conjunto de dirigentes que, ao se utilizarem dos institutos liberais, buscam impor os preceitos neoliberais enquanto legítimos e indiscutíveis na sociedade. Desse modo, antes mesmo de ascenderem à política, esses indivíduos fazem uso dos instrumentos proporcionados pelos institutos liberais como, por exemplo, concentração de conhecimento, forte presença na mídia e nas universidades para divulgarem propostas e ideias capazes de viabilizar a introdução de determinados temas na agenda política do país (a exemplo das reformas da previdência e tributária).

¹⁸⁹ “Liberais pela Educação” (2019). Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/educacaoliberal/files/2019/05/propostas-liberais-educacao-Camilo-2019.pdf>> Acesso realizado em 03/12/2021.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou analisar os 16 institutos parceiros da estadunidense Atlas Network no Brasil. Desse modo, focou-se não apenas na articulação dos seus institutos parceiros, mas também na trajetória social de seus dirigentes e na forma como estes se relacionam com a política, principalmente com o governo Jair Bolsonaro. Desse modo, através de uma análise centrada na dimensão das ideias – dimensão essa negligenciada no campo das Relações Internacionais; esse estudo procurou rastrear a rede de relações mantidas e financiadas pela Atlas de modo a assimilar suas consequências na conjuntura nacional. Para isso, contemplou-se, ao longo deste trabalho, o contexto de redemocratização, no qual foram criados os primeiros institutos parceiros da Atlas no Brasil; a chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder (2003-2016), sendo esse o momento de maior proliferação dos institutos liberais; e, por fim, seus reflexos na composição da equipe do governo Bolsonaro.

No primeiro capítulo, foi possível elucidar algumas das limitações por trás de perspectivas marcadamente estadocêntricas e militarizadas por meio das quais se atesta o fim das práticas de ingerência dos Estados Unidos na América Latina no pós-Guerra Fria. Observou-se que, ainda que as práticas de ingerência por parte dos EUA tenham se tornado mais difusas e difíceis de serem evidenciadas, elas não desapareceram ao final desse período. Pelo contrário, apenas revelaram que a “invisibilidade do imperialismo hoje significa que ele se tornou muito mais poderoso, não que tenha desaparecido” (PATNAIK, 2015). Desse modo, a partir das contribuições de Antonio Gramsci e Pierre Bourdieu, verificou-se o papel desempenhado pelas condições ideológicas na implementação do ideário neoliberal que, uma vez mobilizadas pelos *think tanks* liberais e seus intelectuais orgânicos, auxiliam na manutenção dos interesses de uma classe econômica dominante estadunidense no âmbito da periferia.

No segundo capítulo, ao analisar a Atlas Network, concluiu-se que seu surgimento na década de 1980 representou a cristalização de uma comunidade transnacional de *think tanks* neoliberais espalhados ao redor do mundo. Nesse sentido, ao receber recursos oriundos do governo federal (NED e CIPE), corporações e fundações filantrópicas; a Atlas se configurou ao longo dos anos como um ator especializado no envio de fundos, na transferência de técnicas e no apoio logístico para os seus institutos parceiros, conectando e vinculando suas estratégias e agentes em níveis transnacionais através de uma guerra travada no campo das ideias. Além disso, foi possível observar que a América

Latina ocupa uma posição estratégica e de interesse vital por parte da Atlas, tendo em vista o seu conjunto de esforços ao longo dos últimos anos visando desestabilizar governos progressistas em prol da promoção de governos com agendas neoliberais, a exemplo dos governos de Mauricio Macri na Argentina e de Sebastián Piñera no Chile.

Já no terceiro capítulo, o esforço consistiu em situar a posição ocupada pela Atlas e seus institutos parceiros na América Latina sob o prisma do processo de terceirização da ingerência dos Estados Unidos consubstanciado a partir da criação do NED e do CIPE nos anos 1980. Ao financiar grupos do setor privado na região, com destaque para os institutos parceiros da Atlas, evidencia-se o papel dos Estados Unidos, isto é, da classe econômica dominante estadunidense representada por estes organismos, no obscurecimento da origem dos recursos e dos seus reais interesses sob a forma de bandeiras como a promoção de “mercados livres”. Nesse esforço, o CIPE se apresentou como o vínculo mais direto com os institutos parceiros da Atlas na América Latina, o que é exemplificado, sobretudo, a partir do projeto de assessoria legislativa que contou com a participação do Instituto Liberal do Rio de Janeiro.

No quarto capítulo se examinaram dois momentos simbólicos na criação dos institutos liberais parceiros da Atlas no Brasil. Ao analisar o contexto de redemocratização vivenciado no país, ficou expressa a rearticulação de parte do empresariado nacional em torno da construção de aparelhos ideológicos voltados a impactar a conjuntura política do país. Incluso a isso, verificou-se o papel singular desempenhado pelo fundador da Atlas, Antony Fisher, ao aconselhar o empresariado nacional de que a melhor maneira de impactar a política seria por meio de uma batalha travada no campo das ideias, só possível através da criação de um instituto liberal e que seria materializada com a criação do Instituto Liberal do Rio de Janeiro no ano de 1983. Já o segundo momento consistiu na contra-ofensiva dos institutos liberais como resposta à chegada do Partido dos Trabalhadores ao poder e, posteriormente, resultando no impeachment da presidenta Dilma Rousseff fomentado, sobretudo, por jovens com passagens por cursos de liderança da Atlas e com atuação em grupos como o Movimento Brasil Livre (braço informal do EPL) e o Movimento Endireita Brasil (fundado por Ricardo Salles). Não por acaso, na esteira das eleições em 2018, constatou-se que a maior parte dos institutos liberais e seus dirigentes expressaram apoio à candidatura de Bolsonaro.

No quinto e último capítulo do trabalho foi possível explorar de forma mais empírica os objetivos gerais e específicos levantados inicialmente nessa pesquisa. Assim, se evidenciou o papel da Atlas tanto no repasse de recursos para seus parceiros no Brasil (US\$ 190 mil só em 2020), como para educação de lideranças liberais – os “campeões da liberdade” como intitulado pela Atlas – através de seus cursos para que conseqüentemente estes pudessem impactar a conjuntura nacional. Além disso, Alejandro Chafuen, ex-Presidente da Atlas (1991-2017), teve um papel singular ao se aproximar dos líderes dos institutos liberais e, desse modo, fornecer sua “expertise” em troca de acesso irrestrito as suas estratégias políticas.

Já no que tange aos objetivos específicos, ao promover uma radiografia dos 784 dirigentes parte dos 16 institutos liberais em categorias como formação acadêmica, atuação profissional, vínculos com o movimento liberal, origem familiar e gênero; se fez possível assimilar algumas das principais características desse movimento. Assim, (a) são compostos majoritariamente por empresários (camada financiadora) e intelectuais com trajetória acadêmica atrelada a escolas de tradição liberal (camada intelectual); (b) há capilaridade das posições ocupadas por seus dirigentes na sociedade fazendo desses lugares primordiais para construção de alianças entre o empresariado, academia, mídia e o âmbito jurídico em prol da difusão do ideário neoliberal; (c) seus dirigentes circulam e ocupam os mesmos espaços dentro do movimento liberal (circulação homogênea); (d) as direções são masculinas e servem para legitimar o status profissional, social e político dos homens na sociedade; e, por fim, (e) se configuram como veículos de autopromoção de seus dirigentes no governo Bolsonaro, principalmente em sua equipe econômica.

Em suma, constatou-se que os empresários são aqueles que dão sustentação financeira para as atividades promovidas pelos institutos. Os intelectuais (professores e economistas) são os responsáveis por produzir as ideias que vão embasar a prática dos institutos (fabricantes das ideias). Os jornalistas atuam mais diretamente no esforço de moldar a opinião pública em favor do ideário neoliberal. Os advogados possuem a capacidade de incorporar através do ordenamento jurídico valores, ideologias e principalmente os interesses das elites econômicas, dando inclusive, sustentação normativa para a desigualdade material. Já os políticos e aqueles que ocupam cargos públicos são aqueles que se utilizam dos aparatos estatais para defender o mesmo “estado mínimo” que protege os interesses de uma elite econômica nacional, não à toa, por

exemplo, Eugênio Mattar, irmão de Salim Mattar, ex-secretário do governo Bolsonaro, foi quem mais recebeu recursos da União em 2020.

Por fim, ainda que os 16 institutos parceiros da Atlas no Brasil não sejam homogêneos em termos de abrangência e escopo de atuação na sociedade, suas estratégias convergem e se fortalecem mutuamente sob a égide de uma batalha de ideias, fazendo uso de mecanismos como: a) Tradução e edição de livros de autores liberais (prática pedagógica); b) organização de colóquios, seminários e fóruns empresariais (momento de captação de recursos e aproximação dos membros do movimento liberal); c) uso das mídias sociais (ampliação dos públicos); d) artigos e textos publicados ou republicados nos veículos de notícias (influenciar a opinião pública e desse modo o clima político); e) atuação nas universidades por meio, por exemplo, de palestras com seus especialistas (atrair novos membros) e; f) autopromoção de seus membros na política, o que se dá na maior parte das vezes através de indicação (ex: indicações de Paulo Guedes para a equipe econômica).

Em relação a hipótese desse trabalho, concluiu-se que a Atlas, ao atuar como ator central no processo de transnacionalização e construção de alianças entre seus institutos parceiros e dirigentes no Brasil, fornece a base necessária para a fabricação de um consentimento neoliberal, fundamental para a manutenção e conservação da hegemonia da classe econômica dominante estadunidense no âmbito da periferia. Desse modo, ainda que a elite nacional vinculada aos institutos liberais se aproprie da Atlas como forma de internacionalizar suas estratégias e fortalecer suas posições sociais, continua a importar uma razão de mundo neoliberal condizente com os esforços de manutenção do status quo na região. Logo, expandir o neoliberalismo por meio de mecanismos indiretos como a Atlas e seus institutos parceiros no Brasil ajuda a perpetuar a dependência da periferia recrutando para isso uma elite nacional que se beneficia materialmente com sua implementação na forma de políticas públicas, principalmente aquelas que visam privatizar os recursos nacionais.

Em linhas gerais, esse trabalho buscou (re)pensar a dominação sob a luz do poder desempenhado pelas ideias neoliberais, expondo para tanto o conjunto de relações e estratégias mediadas pelos institutos liberais e sustentadas pela Atlas que aproximam indivíduos em prol da efetivação de um discurso fatalista que visa naturalizar a desigualdade na sociedade em nome dos seus interesses particulares. Trata-se da imposição do neoliberalismo sob as aparências da inevitabilidade, sustentando-o através

de um “conjunto de pressupostos que são impostos como óbvios; admite-se que o crescimento máximo, e logo a produtividade e a competitividade, é o fim último e único das ações humanas; ou que não se pode resistir às forças econômicas [...] faz-se um recorte radical entre o econômico e o social” (BOURDIEU, 1998a, p. 28).

REFERÊNCIAS

ACHARYA, Amitav; BUZAN, Barry. **Non-Western International Relations Theory**. Londres: Routledge. 2010. <https://doi.org/10.4324/9780203861431>

ADLER-NISSEN, Rebecca. **Bourdieu in International Relations: Rethinking Key Concepts in IR**. New York, Routledge. 2013. <https://doi.org/10.4324/9780203102282>

AHARONIAN, Aram; RANGEL, Álvaro Verzi. Rede Atlas: A Força-tarefa dos “Libertários de Ultra Direita” por uma Ofensa Capitalista na América Latina. **Carta Maior**, 17 de 2018.

AMARAL, Marina. **A Nova Roupas da Direita**. In: Agência Pública, junho de 2015. Disponível em: <<https://apublica.org/2015/06/a-nova-roupa-da-direita/>> Acesso em: 03 fev. 2016.

ANDERSON, Perry. Balanço do neoliberalismo. In: SADER, Emir & GENTILI, Pablo (orgs) **Pós Neoliberalismo – As Políticas Sociais e o Estado Democrático**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1995.

ARALDI, Lucas. **Na batalha de ideias: objetivos, meios e ações da Atlas Network no Brasil**. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos Internacionais da Faculdade de Economia da UFRGS. Porto Alegre, 2021.

Atlas Network. **Website**. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/>> Acesso em: 19 mar. 2021.

_____. **Annual Reports**. Disponível em:<<https://www.atlasnetwork.org/financials>> Acesso em: 24 out. 2021.

_____. **Atlas Presentation and Promotion Video**. 1985. Disponível no Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=nW8ukG8WdQg>> Acesso em: 19 mar. 2021.

_____. **Atlas Economic Research Foundation – Recent Highlights**. 1987. Disponível em: <http://atlasnetwork.org/blog/2010/11/highlights-archives/>> Acesso em: 19 mar. 2021.

_____. **Students For Liberty Plays Strong Role In Free Brazil Movement**. 2015. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/articles/students-for-liberty-plays-strong-role-in-free-brazil-movement>> Acesso em: 24 out. 2021.

_____. **Think Tanks in Mexico, Costa Rica, and Brazil named finalists for 2020 Latin America Liberty Award.** 2020. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/news/article/think-tanks-in-mexico-costa-rica-and-brazil-named-finalists-for-2020-latin> Acesso em: 13 out. 2020.

Atlas Network's Center for Latin America. Website. 2021. Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/center-for-latin-america> Acesso em: 19 mar. 2021.

_____. **Annual Report 2019.** Disponível em: <https://www.atlasnetwork.org/assets/uploads/misc/CLA-Annual-Report-2019-web.pdf> Acesso em: 08 set. 2019.

AYERBE, Luis Fernando. **Estados Unidos e América Latina: a construção da hegemonia.** São Paulo: Editora Unesp, 2002.

BAGGIO, Kátia Gerab. Conexões ultraliberais nas Américas: O think tank norte-americano Atlas Network e suas vinculações com organizações latino-americanas. In: **XII Encontro Internacional da ANPHLAC.** Campo Grande, 2016.

BELTRÃO, Hélio. **Conferência de Escola Austríaca.** Instituto Mises Brasil. 2017. Disponível no Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=ttLJ9Jg1f7s&t=794s> Acesso em: 15 jul. 2021.

BETTO, Frei. **Diário de Fernando: nos cárceres da ditadura militar brasileira.** São Paulo: Rocco, 2009.

BIANCHI, Álvaro. Crise e representação empresarial: o surgimento do pensamento nacional das bases empresariais. **Revista de Sociologia e Política**, p. 123-142, 2001. <https://doi.org/10.1590/S0104-44782001000100009>

BIELER, Andreas; MORTON, Adam David. A critical theory route to hegemony, world order and historical change: neo-Gramscian perspectives in international relations. **Capital & Class**, vol. 82, p. 85-113, 2004. <https://doi.org/10.1177/030981680408200106>

BIGO, Didier. Pierre Bourdieu and international relations: Power of practices, practices of power. **International Political Sociology.** Oxford, v.5, n.3, p.225-258, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1749-5687.2011.00132.x>

BIGO, Didier; MADSEN, Mikael. Introduction to symposium "A Different Reading of the International": Pierre Bourdieu and international studies. **International Political**

Sociology. Oxford, v.5, n. 3, p.219–224, 2011. <https://doi.org/10.1111/j.1749-5687.2011.00131.x>

BLOCK, Walter. **Defendendo o indefensável**. São Paulo: Instituto Mises Brasil, 2010.

BLUM, William. **Rogue state: a guide to the worlds only superpower**. Zed Books, 2001. <https://doi.org/10.5040/9781350251175>

BLUNDELL, John. Waging the War of Ideas: Why There Are No Shortcuts. **Heritage Foundation**. 1990. Disponível em: <<https://www.heritage.org/political-process/report/waging-the-war-ideas-why-there-are-no-shortcuts>> Acesso em: 22 agost. 2020.

_____. **Waging the War of Ideas**. London: Institute of Economic Affairs. 2015. <https://doi.org/10.2139/ssrn.3903887>

BOIANOVSKY, Mauro. The Brazilian Connection in Milton Friedman’s 1967 Presidential Address and 1976 Nobel Lecture. **History of Political Economy**, v. 52, n. 2, p. 367-396, 2020. <https://doi.org/10.1215/00182702-8173418>

BORGES, Rafael. Confira a agenda do ministro da Economia Paulo Guedes desta quarta-feira. **Money Times**. 2019. Disponível em: <<https://www.moneytimes.com.br/confira-a-agenda-do-ministro-da-economia-paulo-guedes-desta-quarta-feira/>> Acesso em: 05 out. 2020.

BORNIA, Camilo; LING, Winston; GIANTURCO, Adriano; RACHEWSKY, Roberto. **Propostas para uma Educação em uma Perspectiva Liberal**. 2019. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/educacaoliberal/files/2019/05/propostas-liberais-educacao-Camilo-2019.pdf>> Acesso em: 03 dez. 2021.

BORÓN, Atilio, et al. **América Latina na encruzilhada: Lawfare, golpes e luta de classes**. Autonomia Literária, 2020.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas sobre a teoria da ação**. Campinas Papirus, 1996.

_____. **Contrafogos: Táticas para enfrentar a invasão neoliberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998a.

_____. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998b.

_____. Dois imperialismos do universal. In: LINS, Daniel e WACQUANT, Loïc (orgs.). **Repensar os Estados Unidos: Por uma sociologia do superpoder**. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 13-19.

_____. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre; WACQUANT, Loïc. **An Invitation to Reflexive Sociology**. Chicago: The University of Chicago. 1992.

_____. Sobre as Artimanhas da Razão Imperialista. **Estudos Afro-Asiáticos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 1, p. 15-33, 2002. <https://doi.org/10.1590/S0101-546X2002000100002>

BOURDIEU, Pierre; EAGLETON, Terry. A doxa e a vida cotidiana: uma entrevista, in ZIZEK, Slavoj. (eds), **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

BROWN, Wendy. **Undoing the Demos: neoliberalism's stealth revolution**. New York: Zone Books. 2015. <https://doi.org/10.2307/j.ctt17kk9p8>

BURAWOY, Michael. **O marxismo encontra Bourdieu**. São Paulo: Editora da Unicamp. 2010.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: Notas para uma teoria performativa de assembleia**. Civilização Brasileira. 2018.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. **A ditadura das empreiteiras: As empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro 1694-1985**. Tese doutorado História Social da Universidade federal Fluminense. Niterói, 2012.

CARDOSO, Fernando Henrique. O papel dos empresários no processo de transição: o caso brasileiro. **Revista Dados**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 9-27, 1983.

CARROLL, William K. SAPINSKI, J.P. Neoliberalism and the Transnational capitalist class. In: S. Springer, K. Birch and J. MacLeacy, eds. **The Handbook of Neoliberalism**. London: Routledge. 2016. pp.39-49. <https://doi.org/10.31235/osf.io/fkxpn>

CASIMIRO, Flávio Henrique C. **A construção simbólica do neoliberalismo no Brasil (1983 - 1998): a ação pedagógica do Instituto Liberal**. Dissertação de Mestrado. São João Del Rei: UFJS, 2011.

_____. **A Nova Direita no Brasil: Aparelhos de ação político-ideológica e a atualização das estratégias de dominação burguesa.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal Fluminense. Rio de Janeiro, 2016.

_____. **A Nova Direita: Aparelhos de ação política e ideológica no Brasil contemporâneo.** São Paulo: Expressão Popular. 2018.

CASTRO, Paulo Rabello. **Brasil avanza a una nueva etapa de desarrollo.** Entrevista para o CIPE, 1994. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/19980111085132/http://www.cipe.org/s13/brazS13.html>> Acesso em: 29 jul. 2021.

Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista (CIEEP). **Website.** 2010. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20101213054534/https://www.cieep.org.br/>> Acesso em: 15 jul. 2021.

CENTRO MACKENZIE DE LIBERDADE ECONÔMICA. **Website.** Disponível em: <<https://www.mackenzie.br/liberdade-economica>> Acesso em: 20 jun. 2021.

CHAFUEN, Alejandro. In: Atlas Economic Research Foundation (2002). **Manejo gerencial de Fundaciones: Búsqueda de fondos em terrenos difíciles.** Key Biscayne, Flórida. Disponível em: <<http://www.hacer.org/pdf/terrenos.pdf>> Acesso em: 08 set. 2019.

_____. **Atlas origins.** Atlas Network. 2009. Disponível no Youtube: <<https://www.youtube.com/watch?v=gKX1-bmu2a0&t=7s>> Acesso em: 27 nov. 2020.

_____. **Entrevista com Alejandro Chafuen, presidente da Atlas Network – Por Leandro Echt.** On Think Tanks, 2017. Disponível em: <<https://onthinktanks.org/articles/interview-with-alejandro-chafuen-president-of-the-atlas-network/>> Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. **Como MP de Bolsonaro pode impulsionar o livre mercado.** 2019a. Disponível em: <https://forbes.com.br/negocios/2019/05/como-mp-de-bolsonaro-pode-impulsionar-o-livre-mercado/> Acesso em: 24 set. 2020.

_____. **The New Brazil: Philosophical Divisions Should Not Hinder Bolsonaro's Free Society Agenda.** 2019b. Disponível em:

<https://www.forbes.com/sites/alejandrochafuen/2019/02/19/the-new-brazil-philosophical-divisions-should-not-hinder-bolsonaros-agenda/?sh=f0f509c47ec6> Acesso em: 24 set. 2020.

CIPE. **Annual Reports.** Disponível em: <https://www.cipe.org/resources/?search=&resource_type%5B%5D=52&perpage=10&sortorder=DESC> Acesso realizado em 26 jul. 2020.

COCKETT, Richard. **Thinking the unthinkable:** Think-tanks and the economic counter-revolution 1931-1983. Londres: Harpercollins Publishers. 1995.

_____. **The New Right and the 1960s The Dialectics of Liberation.** In: New Left, New Right and Beyond Taking the Sixties Seriously, ed. Geoff Andrews et al. Basingstoke Palgrave-Macmillan, 1999, p. 85–105.

COHEN, Antonin. Pierre Bourdieu and International Relations. In MEDVETZ, Thomas; SALLAZ, Jeffrey (ed). **The Oxford handbook of Pierre Bourdieu.** New York: Oxford University Press, p. 1-58, 2018. <https://doi.org/10.1093/oxfordhb/9780199357192.013.9>

COX, Robert. Social Forces, States and World Orders: Beyond International Relations Theory. **Millenium.** v. 10, n. 2, p. 126-155, 1981. <https://doi.org/10.1177/03058298810100020501>

_____. Gramsci, Hegemony and International Relations: A essay in method. In GILL, Stephen (ed.). **Gramsci, Historical Materialism and International Relations,** Cambridge: Cambridge University Press, 1993, cap. 2, p. 49-66. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511558993.003>

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A Nova Razão do Mundo:** Ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DESMOG (website). **Mont Pelerin Society.** 2021a. Disponível em: <<https://www.desmogblog.com/mont-pelerin-society>> Acesso em: 23 mar. 2021.

_____. **Atlas Network.** 2021b. Disponível em: <<https://www.desmog.com/atlas-economic-research-foundation/>> Acesso em: 23 mar. 2021.

DEZALAY, Yves. Les courtiers de l'international. Héritiers cosmopolites, mercenaires de l'impérialisme et missionnaires de l'universel. In **Actes de la recherche en sciences sociales,** p.151-152, 2004. <https://doi.org/10.3917/arss.151.0004>

DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant G. **La internacionalización de las luchas por el poder: la competencia entre abogados y economistas por transformar los Estados latinoamericanos**. Bogotá: ILSA; Universidad Nacional de Colombia, 2002.

DIXON, Eric D. **Brazil's Ideological Crossroads: Menos Marx; Mais Mises**. 2016. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/news/brazils-ideological-crossroads>> Acesso em: 25 ago. 2019.

DJELIC, Marie Laure. Spreading Ideas to Change the World: Inventing and Institutionalizing the Neoliberal Think Tank. In: GARSTEN, Christina and SÖRBOM, Adrienne. **Bridging Markets and Politics**. Political Affairs. 2014, pp. 1-31. <https://doi.org/10.5465/ambpp.2015.11300abstract>

DOS SANTOS, Fabio Luis Barbosa. **Uma história da onda progressista sul-americana (1998-2016)**. Editora Elefante, 2019.

EAGLETON, Terry. A Ideologia e suas vicissitudes no Marxismo ocidental. In: ZIZEK, Slavoj (org.). **Um Mapa da Ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.

EAGLETON-PIERCE, Matthew. Historicizing the neoliberal spirit of capitalism. In: S. Springer, K. Birch and J. MacLeacy, eds. **The Handbook of Neoliberalism**. London: Routledge. 2016. pp.17-26.

ESTUDANTES PELA LIBERDADE. **Website**. Disponível em: <<https://studentsforliberty.org/brazil/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

FANG, Lee. Esferas de Influência. In **The Intercept**, 11 agosto, 2017. Disponível em: <https://theintercept.com/2017/08/11/esfera-de-influencia-como-os-libertarios-americanos-estao-reinventando-a-politica-latino-americana/> Acesso em: 12 jan. 2018.

FARIA, Ana Lúcia B. **Os laboratórios de ideias liberais e a batalha ideológica**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, 2017.

FARIA, Ana Lúcia B; CHAIA, Vera. Os institutos liberais e a consolidação da hegemonia neoliberal na América Latina e no Brasil. **Cadernos Metrôpole**, São Paulo, v. 22, n. 49, pp. 1059-1080, 2020. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2020-4917>

FERNANDES, Adriana. **Com Plano Guedes, Brasil será uma nova China**. In Estadão, novembro de 2018. Disponível em:

<<https://economia.estadao.com.br/noticias/geral/com-plano-guedes-brasil-sera-nova-china,70002593661>> Acesso em: 05 nov. 2021.

FISCHER, Karin. A Rede Atlas: Espalhando think tanks de livre mercado pelo mundo. In: **Diálogo Global**. v. 8, Agosto de 2018, p. 10-12.

FISCHER, Karin; PLEHWE, Dieter. The ‘Pink Tide’ and neoliberal civil society formation. Think tank networks in Latin America. **State of nature – an online journal of radical ideas**, 2013, pp. 1-14.

FISHER, Antony. **Fisher on Think Tanks**. 1981. Disponível em: <<http://www.chafuen.com/fisherquotes/fisher-on-think-tanks>> Acesso em: 26 mar. 2021.

FONSECA, Eduardo G. Quem tem medo do Neoliberalismo? In: **Idéias Liberais**. São Paulo: Instituto Liberal, ano I; nº13, 1994.

Fórum da Liberdade (2021). **Website**. Disponível em: <<https://forumdaliberdade.com.br/>> Acesso em: 20 mai. 2021.

FRIDERICHS, Lidiane Elizabete. A importância dos Think Tanks para a divulgação do neoliberalismo no Brasil. **Revista Faces de Clio**, v. 2, n. 4. Jul/Dez 2016, p. 109-129.

_____. **A atuação política dos *Think Tanks* neoliberais brasileiros e argentinos: Os casos do Instituto Liberal, do Instituto De Estudos Empresariais e do Instituto para el Desarrollo Empresarial de la Argentina (1983-1998)**. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, 2019.

GILL, Stephen. Gramsci and global politics: towards a post-hegemonic research agenda. In: GILL, Stephen (ed.). **Gramsci, Historical Materialism and International Relations**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993, p. 1-18. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511558993.001>

_____. **Power and Resistance in the New World Order**. New York: Palgrave Macmillan, 2008. <https://doi.org/10.1057/9780230584518>

GILL, Stephen; LAW, David. **The global political economy: perspectives, problems, and policies**. Harvester Wheatsheaf, 1988.

GOLINGER, Eva. **O Código Chavez**. Caracas: Monte Ávila Editores, 2005.

GONZALBO, Fernando E. **Historia mínima del neoliberalismo**. 1ed, México, D.F. el colégio de México, 2015, 320p.

GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira. 1966.

_____. **Selections from the Prison Notebooks**. New York: International Publishers. 1971.

_____. **Intelectuais e a Organização da Cultura**. São Paulo Civilização Brasileira, 1989.

_____. **Further Selections from the Prison Notebooks**. ed. e trad. D. Boothman. London: Lawrence & Wishart. 1995, p. 2-706.

_____. **Cadernos do Cárcere**. v.1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

_____. **Cadernos do Cárcere**. v.3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2007.

GROS, Denise Barbosa. **Institutos Liberais e Neoliberalismo no Brasil da Nova República**. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heureser, 2003. (teses FEE n. 6).

_____. Novas Formas de de Ação Política do Empresariado Gaúcho nas Últimas Décadas. **Revista A evolução social** - Três décadas de economia gaúcha, v.3: 2010.

GUILHOT, Nicolas. 2003. **Os profissionais da democracia em ação**. In: LINS, Daniel e WACQUANT, Loïc (org.). Repensar os Estados Unidos: Por uma sociologia do superpoder. Campinas, SP: Papyrus, 2003. p. 209-38.

HARVEY, David. **O Neoliberalismo: História e Implicações**. Edições Loyola, 2ªed. São Paulo, 2011

HAYEK, Friedrich A. The Intellectuals and Socialism. Chicago: **The University of Chicago Law Review**. volume 16. 1949, p. 417-433. <https://doi.org/10.2307/1597903>

_____. Law, Legislation and Liberty: A New Statement of the Liberal Principles of Justice and Political Economy. volume 1: **Rules and Order**. London: Routledge, 1973.

_____. **Carta para Antony Fisher**. 1 jan. 1980. Arquivos de Margaret Thatcher. Disponível em: <https://www.margaretthatcher.org/document/117149> Acesso em: 26 mar. 2021.

_____. **Os fundamentos da liberdade**. Tradução de Anna Maria Capovilla e José Ítalo Stelle. São Paulo: Visão. 1983.

_____. **Entrevista concedida para James U. Blanchard**. Cato Institute, 1984a. Disponível em: <<https://www.cato.org/policy-report/may/june-1984/exclusive-interview-fa-hayek>> Acesso em: 08 jan. 2021.

_____. **Discurso proferido por Hayek na Sociedade Mont Pèlerin**. 1984b. Disponível em: <<https://www.margaretthatcher.org/document/117193>> Acesso em: 08 jan. 2021.

_____. **The Constitution of Liberty**. Chicago: The University of Chicago Press. 2011.

HOFFMAN, Stanley. An American Social Science: International Relations. **Daedalus**, vol. 3, n. 106, 1977, p. 41-6.

INSTITUTO DE ESTUDOS EMPRESARIAIS (IEE). **Website**. Disponível em: <<https://iee.com.br>> Acesso em: 20 jun. 2021.

_____. **30 anos formando líderes**. Porto Alegre: IEE, 2014. Edição comemorativa de 30 anos da entidade. Disponível em: <https://iee.com.br/wp-content/uploads/2019/06/miolo_iee_final2.pdf> Acesso em: 20 jul. 2019.

Instituto Liberal do Rio de Janeiro (IL-RJ). **Website**. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/>> Acesso em: 20 mai. 2021.

INSTITUTO ATLANTOS. **Website**. Disponível em: <<https://atlantos.com.br>> Acesso em: 20 jun. 2021.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE BELO HORIZONTE. **Website**. Disponível em: <<https://www.iflbh.com.br/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE SANTA CATARINA. **Website**. Disponível em: <<https://iflsc.org.br/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO DE LÍDERES DE SÃO PAULO. **Website**. Disponível em: <<https://iflsp.org/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

INSTITUTO LIBERAL DE SÃO PAULO. **Website**. Disponível em: <<http://www.ilisp.org/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

INSTITUTO LIBERDADE. **Website**. Disponível em: <<https://institutoliberalidade.com.br/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

INSTITUTO LÍDERES DO AMANHÃ. **Website.** Disponível em: <<https://www.lideresdoamanha.org.br/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

Instituto Ling. **Website.** 2021. Disponível em: <<https://institutoling.org.br/>> Acesso em: 10 jul. 2021.

INSTITUTO MILLENIUM. **Website.** Disponível em: <<https://www.institutomillennium.org.br/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

INSTITUTO MISES BRASIL. **Website.** Disponível em: <<https://www.mises.org.br/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

JÚNIOR, Moacir Pereira Alencar. O pensamento conservador de Plínio Corrêa de Oliveira e o governo Bolsonaro no Brasil: Paralelos e alinhamentos. In: COWAN, Benjamin Arthur e ZANOTTO, Gizele (orgs.). **O pensamento de Plinio Correa de Oliveira e a atuação transnacional da TFP.** Passo Fundo, RS: Acervus Editora, 2020. p. 143-179.

KLEIN, Naomi. **A doutrina do choque: a ascensão do capitalismo de desastre.** Trad. Vania Cury. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

KRISTOL, Irving. On Conservatism and Capitalism. **Wall Street Journal**, September 11, 1975.

LAIDLER, Christiane Vieira. **Retórica e farsa: 30 anos de neoliberalismo no Brasil.** Paco Editorial, 2018.

LAVAL, Christian. **Foucault, Bourdieu e a Questão Neoliberal.** Trad: Márcia Pereira Cunha & Nilton Ken Ota. São Paulo: Editora Elefante, 2020. 316 pp.

LEME, Og Francisco. **Brazil's Champions of the Private Sector.** CIPE, 1998. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/19980111054935/http://www.cipe.org/e21/desE21.html#LEME>> Acesso em: 29 jul. 2021.

LIGGIO, Leonard P. **Mont Pelerin: 1947–1978, The Road to Libertarianism.** Libertarianism.org. 1979. <<https://www.libertarianism.org/publications/essays/mont-pelerin-1947-1978-road-libertarianism>> Acesso em: 25 agost. 2019.

LINDISFARNE, Nancy; NEALE, Jonathan. Masculinities and the lived experience of neoliberalism. In: CORNWALL, Andrea; KARIORIS, Frank G.; LINDISFARNE, Nancy (Ed.). **Masculinities under neoliberalism**. Zed Books Ltd., 2016. <https://doi.org/10.5040/9781350221307.ch-002>

LIVRE PARA ESCOLHER. **Website**. Disponível em: <<https://livrepraescolher.org.br/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

LIVRES. **Website**. Disponível em: <<https://www.eusoulivres.org/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo. 2011.

MASHEK, Robert W. **Performance and prospects for legislative advisory programs in Latin America**. A report on 11 national and one regional Legislative Advisory Programs in Latin America, submitted to the Center for International Private Enterprise (CIPE). 1993, pp. 1-106.

MATTOS, Amana Rocha; MAGALDI, Ana; COSTA, Carina Martins; SILVA, Conceição Firmina Seixas; PENNA, Fernando de Araujo; VELLOSO, Luciana; LEONARDI, Paula e ALBERTI, Verena. Educação e liberdade: apontamentos para um bom combate ao Projeto de Lei Escola sem Partido. In: FRIGOTTO, Gaudêncio. (Org.). **Escola “sem” Partido: esfinge que ameaça a educação e a sociedade brasileira**. Rio de Janeiro: UERJ, LPP. 2017, pp. 87-104.

MCELROY, Wendy. A Revolução Industrial, as mulheres e as minorias: como a ideologia suprimiu a realidade. **Instituto Mises Brasil**. 2021. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/article/2937/a-revolucao-industrial-as-mulheres-e-as-minorias-como-a-ideologia-suprimiu-a-realidade>> Acesso em: 05 jul. 2021.

MEDVETZ, Thomas. Think tanks as an emergent field. **The Social Research Council**, Outubro 2008.

MISES, Ludwig Von. **As seis lições**. Trad. Maria Luiza Borges. 7ª ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2009.

MORTON, Adam David. **Unravelling Gramsci: Hegemony and Passive Revolution in the Global Political Economy**. London: Pluto, 2007.

NARLOCH, Leandro. A diferença salarial entre homens e mulheres no Brasil. **Instituto Mises Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2093>> Acesso em: 05 jul. 2021.

National Endowment for Democracy (NED). Disponível em: <<https://www.ned.org>> Acesso realizado em 26 abril, 2021.

NEUBAUER, Robert J. Dialogue, monologue, or something in between? Neoliberal think tanks in the americas? **International Journal of Communication**. pp. 2173–2198, 2012.

NIK-KHAH, Edward; VAN HORN, Robert. The ascendancy of Chicago neoliberalism. In: S. Springer, K. Birch and J. MacLeacy, eds. **The Handbook of Neoliberalism**. London: Routledge. 2016. pp.27-38.

OBSERVATÓRIO DO EMPREENDEDOR. **Website**. Disponível em: <<https://oemp.org.br/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

ONOFRE, Gabriel da Fonseca. Nova Direita no Brasil: o caso dos Institutos Liberais brasileiros. In: XVI Encontro Regional de História da ANPUH-RIO. Rio de Janeiro: **ANPUH-RIO**, 28 de Jul/1 de agosto, 2014, p. 01-10.

_____. **O papel de intelectuais e think tanks na propagação do liberalismo econômico na segunda metade do século XX**. Tese de Doutorado em História. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2018.

PARMAR, Inderjeet. **Think tanks and power in foreign policy**: a comparative study of the role and influence of the Council on Foreign Relations and the Royal Institute of International Affairs, 1939–45. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2004. <https://doi.org/10.1057/9780230000780>

PATNAIK, Utsa; PATNAIK, Prabhat. Imperialism in the Era of Globalization. **Monthly Review**. 2015. Disponível em: <<https://monthlyreview.org/2015/07/01/imperialism-in-the-era-of-globalization/>> Acesso em: 19 mar. 2020.

PETRAS, James. Imperialism and NGOs in Latin America. **Monthly Review**, v.49, n.7, 1997. https://doi.org/10.14452/MR-049-07-1997-11_2

PETRAS, James; VELTMEYER, Henry. **Globalization unmasked: Imperialism in the 21st century**. Zed Books, 2001.

_____. **Social Movements in Latin America: Neoliberalism and Popular Resistance.** New York: Palgrave macmillan, 2011. <https://doi.org/10.1057/9780230117075>

PICCOLO, Monica. A privatização estruturada: o PND no governo Collor (1990-1992). **Outros Tempos**, v. 10, n. 16, p. 65-87, 2013. <https://doi.org/10.18817/ot.v10i16.292>

PIRES, Cassio Felipe de Oliveira. **O signo da liberdade e a execução do Estado: o pensamento neoliberal por meio do Fórum da Liberdade de Porto Alegre (1988-1993).** 2011. 185p. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

PLEHWE, Dieter. The Origins of the Neoliberal Economic Development Discourse. In: Philip Mirowski and Dieter Plehwe (eds), **The Road from Mont Pèlerin. The Making of the Neoliberal Thought Collective.** Harvard: Harvard University Press, 2009, p. 238-279. <https://doi.org/10.4159/9780674054264-008>

_____. Neoliberal hegemony. In: S. Springer, K. Birch and J. MacLeacy, eds. **The Handbook of Neoliberalism.** London: Routledge. 2016. pp.61-72.

_____. Neoliberal Think Tanks and the Crisis. In: Roger E. Backhouse/Bradley W. Bateman/Tamotsu Nishizawa/Dieter Plehwe (eds.). **Liberalism and the Welfare State: Economists and Arguments for the Welfare State.** New York, NY: Oxford University Press, pp. 192-211, 2017.

PLEHWE, Dieter; MIROWSKI, Philip. **The Road from Mont Pèlerin: The Making of the Neoliberal Thought Collective.** Harvard University Press: Cambridge, Massachusetts, 2009. <https://doi.org/10.4159/9780674054264>

POE, Sheryll. 2014. **30 Years Promoting Free Enterprise Abroad.** Disponível em: <https://www.uschamber.com/30-years-promoting-free-enterprise-abroad> Acesso realizado em 26 abril, 2021.

POLANYI, Karl. **A grande transformação.** As origens da nossa época. Tradução Fanny Wrobel. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

PRASHAD, Vijay. (2020), **Balas de Washington: Uma história da CIA, Golpes e Assassinatos.** São Paulo: Expressão Popular.

PRETTI, Bharbara. Liberdade de escolha e o capitalismo. **Instituto Liberal-RJ**. 2019. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/liberdade-de-escolha-e-o-capitalismo/>> Acesso em: 05 jul. 2021.

PUELLO-SOCARRÁS, José Francisco. Ocho tesis sobre el Neoliberalismo (1973-2013). In: RAMÍREZ, Hernán (Org.) **Neoliberalismo sul-americano em clave transnacional: enraizamento, apogeu e crise**. São Leopoldo: Oikos; Editora Unisinos, 2013, p.13-57.

RIZZO, Rafael. **Por quê todos devem ir às ruas em março de 2016 para pedir o impeachment?** Movimento Brasil Livre. 2015. Disponível em: <<http://web.archive.org/web/20151224145426/http://mbl.org.br/por-que-todos-devem-ir-as-ruas-em-marco-de-2016-para-pedir-o-impeachment/>> Acesso em: 20 jul. 2021.

ROBINSON, William I. **Promoting Polyarchy: Globalization, US Intervention, and Hegemony**. Cambridge, Cambridge University Press, 1996. <https://doi.org/10.1017/CBO9780511559129>

_____. **Promoting Capitalist Polyarchy: The Case of Latin America**. In M. Cox, G. J. Ikenberry and T. Inoguchi (eds) *American Democracy Promotion: Impulses, Strategies and Impacts*. Oxford: Oxford University Press. 2000. <https://doi.org/10.1093/0199240973.003.0015>

_____. **Latin America and global capitalism**. Baltimore: Johns Hopkins University Press. 2008.

ROCHA, Camila. Direitas em rede: Think tanks de direita na América Latina. In: CRUZ, S. V; KAYSEL, A.; CODAS, G. (orgs.). **Direita, volver! O retorno da Direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Edição Fundação Perseu Abramo, 2015, pp. 261-278.

_____. O papel dos think tanks pró-mercado na difusão do neoliberalismo no Brasil. **Millcayac-Revista Digital de Ciências Sociais**, v. 4, n. 7, p. 95-120, 2017.

_____. **“Menos Marx, mais Mises”**: Uma gênese da nova direita brasileira (2006-2018). Tese de Doutorado em Ciência Política. São Paulo: USP, 2018.

ROCHAMONTE, Catarina. Como a cultura progressista está destruindo as legítimas aspirações das mulheres. **Instituto Mises Brasil**. 2018. Disponível em: <<https://www.mises.org.br/article/2883/como-a-cultura-progressista-esta-destruindo-as-legitimas-aspiracoes-das-mulheres%3E>> Acesso em: 05 jul. 2021.

SADER, Emir. América Latina y el Mercosur ante la globalización. In: BORÓN, Atilio; GAMBINA, Julio C.; MINSBURG, Naúm. **Tiempos violentos: neoliberalismo, globalización y desigualdad en América Latina**. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

SALAS-PORRAS, Alejandra; MURRAY, Georgina. **Think Tanks and Global Politics: Key spaces in the global structure of power**. (Eds. by Alejandra Salas-Porras and Georgina Murray). Palgrave Macmillan, 2017. <https://doi.org/10.1057/978-1-137-56756-7>

SANTORO, Bernardo. **Perspectivas liberais com a vitória de Aécio Neves**. Instituto Liberal. 2014. Disponível em: <<https://www.institutoliberal.org.br/blog/perspectivas-liberais-com-vitoria-de-aecio-neves/>> Acesso em: 24 out. 2021.

SANTOS, Roberto Santana; PITILLO, João Claudio Platenik; VILLAMAR, María del Carmen Villarreal. Apresentação. In: BORÓN, Atilio, et al. **América Latina na encruzilhada: Lawfare, golpes e luta de classes**. Autonomia Literária, 2020.

SCHOULTZ, Lars. **In Their Own Best Interest: A History of the U.S. Effort to Improve Latin Americans**. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 2018. pp. 392.

SCOTT, James M.; WALTERS, Kelly J. Supporting the wave: western political foundations and the promotion of a global democratic society. **Global Society**, New Jersey, v. 14, n. 2, pp. 237-257, 2000. <https://doi.org/10.1080/13600820050008467>

_____. **The Transnational Capitalist Class**. Oxford, UK: Blackwell, 2000.

SKLAIR, Leslie. The transnacional capitalista class: Theory and Empirical Research. In: Sattler, Friederike and Boyer, Christoph, (eds.) **European Economic Elites: Between a New Spirit of Capitalism and the Erosion of State Socialism**. Duncker & Humblot, Berlin, Germany, pp. 497-522, 2009.

SMITH, George H. Website Atlas Network. **Antony Fisher and the influence of intellectuals on modern society**. 2015. Disponível em: <<https://www.atlasnetwork.org/news/article/antony-fisher-and-the-influence-of-intellectuals-on-modern-society>> Acesso em: 19 mar. 2021.

SMITH, Julia; THOMPSON, Sheryl; LEE, Kelley. The Atlas Network: A “strategic ally” of the tobacco industry. **The International journal of health planning and management**, v. 32, n. 4, 2017, p. 433-448. <https://doi.org/10.1002/hpm.2351>

TATAGIBA, Luciana; TRINDADE, Thiago; TEIXEIRA, Ana Claudia Chaves. Protestos à direita no Brasil (2007 – 2015). In: KAYSEL, André; CODAS, Gustavo (Orgs.). **Direita volver!: O retorno da direita e o ciclo político brasileiro**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2015, pp. 197-212.

TICKNER, Arlene. Seeing IR Differently: Notes from the Third World. **Millenium**. N.32 vol.2, 2003, p. 295-324. <https://doi.org/10.1177/03058298030320020301>

TICKNER, Arlene; INOUE, Cynthia. Many Worlds, Many Theories? **Revista Brasileira de Política Internacional** [online]. Vol.2, n. 59, 2016, pp. 1-4. <https://doi.org/10.1590/0034-7329201600201>

VAN DER PIJL, Kees. Ruling Classes, Hegemony and the State System: Theoretical and Historical Considerations. **International Journal of Political Economy**. v. 19, n. 3. 1989, pp. 7-35. <https://doi.org/10.1080/08911916.1989.11643777>

_____. **Transnational Classes and International Relations**. The RIPE Series in Global Political Economy. London and New York: Routledge, 2005. <https://doi.org/10.4324/9780203982129>

VANAİK, Achin. **Casus belli: cómo los Estados Unidos venden la guerra**. Transnational Institute, 2010.

VIDAL, Camila; BRUM, Luan. Por uma outra forma de (re)pensar as Relações Internacionais: hegemonia e criação de consenso. **Revista Conjuntura Austral**, Porto Alegre, v.11, n.56, out./dez. 2020. <https://doi.org/10.22456/2178-8839.105342>

VIDAL, Camila; BRUM, Luan; LOPEZ, Jahde. The Power of Ideas: The Forum da Liberdade. **Contexto Internacional** [online]. 2020, vol.42, n.1, p.55-79. <https://doi.org/10.1590/s0102-8529.2019420100003>

VILLA, Rafael Duarte; TICKNER, Arlene; SOUZA, Marília; MASMEDA, Yamile. Comunidades de Relações Internacionais na América Latina: Uma Análise das Tendências a partir do TRIP 2014. **Carta Internacional**. v.1, n.12, 2017, p. 224-256. <https://doi.org/10.21530/ci.v12n1.2017.553>

WACQUANT, Loïc. **Sobre a América como profecia auto-realizável**. LINS, Daniel e WACQUANT, Loïc (org.). Repensar os Estados Unidos: Por uma sociologia do superpoder. Campinas, SP: Papirus, 2003. p. 07-11.

WALKER, Michael. **Atlas Economic Research Foundation: Guidelines, Suggestions, and Ideas for Public Policy Institutes**. Atlas Network. 1993. Disponível em: <http://web.archive.org/web/19970722201538fw_/http://www.atlas-fdn.org/manual.htm> Acesso em: 05 nov. 2021.

ANEXOS

Anexo 1 – Doadores e doações da Atlas (1987-2017)

Doadores	Valor (US\$)	Doações	Valor (US\$)
John Templeton Foundation	9.669.538	Students for Liberty	460.405
Earhart Foundation	3.429.240	George Mason University	235.960
DonorsTrust	2.512.690	Prague Security Studies Institute Washington	224.750
Sarah Scaife Foundation	2.365.000	International Freedom Educational Foundation	179.844
Exxon Mobil	1.082.500	Taliesin Nexus	163.009
George Edward Durrell Foundation	715.000	Hispanic American Center for Economic Research	132.198
The Carthage Foundation	710.000	Cato Institute	121.545
Claws Foundation	700.000	Show-Me Institute	120.100
Chiaroscuro Foundation	600.000	Foundation for Government Accountability	115.194
Chase Foundation of Virginia	588.820	Bluegrass Institute	105.000
Donors Capital Fund	459.000	Acton Institute	100.000
Charles G. Koch Charitable Foundation	445.118	Education Intelligence Agency	95.000
Schwab Charitable Fund	419.250	George Mason University School of Law	86.000
William H. Donner Foundation	415.000	Goldwater Institute	56.250
The Roe Foundation	362.500	Free Africa Foundation	53.000
Dunn's Foundation for the Advancement of Right Thinking	340.000	The Prometheus Institute (Irvine CA)	50.850
Lovett and Ruth Peters Foundation	338.000	Foundation for Democracy in Russia	50.000
Pierre F. and Enid Goodrich Foundation	325.000	Cardinal Institute for West Virginia Policy	50.000

Lowndes Foundation	322.000	Illinois Policy Institute	47.300
The Lynde and Harry Bradley Foundation	293.890	National Review Institute	45.800
The Shelby Cullom Davis Foundation	293.000	Foundation for Individual Rights in Education	45.641
John William Pope Foundation	255.000	Acton Institute for the Study of Religion and Liberty	30.000
Searle Freedom Trust	235.000	Mercatus Center	30.000
Ravenel and Elizabeth Curry Foundation	200.000	University of Richmond	27.500
National Philanthropic Trust	189.000	Free To Choose Network	26.350
Smith Richardson Foundation	183.000	Buckeye Institute for Public Policy Solutions	25.800
Reams Foundation	155.000	John K. MacIver Institute for Public Policy	25.800
JM Foundation	150.000	American Slovenian Education Foundation	25.000
Charles and Ann Johnson Foundation	135.000	Libertas Institute	25.000
Center for Independent Thought	94.125	PSSI Washington	25.000
Jaqueline Hume Foundation	93.000	State Policy Network	25.000
Diana Davis Spencer Foundation	92.000	George Mason University Foundation	25.000
The Randolph Foundation	73.700	The Bastiat Society	24.000
The Vernon K. Kriebel Foundation	72.000	The Americas Forum	23.000
The TWS Foundation	60.000	European Students for Liberty	21.480
Charles Koch Institute	57.600	Foundation for Economic Education	21.000
Americans for Tax Reform Foundation	55.400	Intellectual Takeout	20.500

Robert P. Rotella Foundation	55.000	Northwood University (Michigan)	20.500
Paul E. Singer Foundation	50.000	Mackinac Center for Public Policy	20.300
International Policy Network	49.191	Pelican Institute for Public Policy	20.250
Mercatus Center	35.000	Association of Private Enterprise Education	20.000
Aequus Institute	35.000	Archbridge Institute	20.000
Same Line Foundation	33.700	Evergreen Freedom Foundation	20.000
Claude R. Lambe Charitable Foundation	28.500	Reason Foundation	20.000
Thomas W Smith Foundation	24.000	The Independent Institute	19.425
Cato Institute	20.000	Rockford College	18.300
State Policy Network	17.894	North Dakota Policy Council	17.500
Albert and Ethel Herzstein Charitable Foundation	17.000	Public Policy Foundation of West Virginia	16.056
National Christian Charitable Foundation	12.460	The Center for Vision & Values at Grove City College	16.000
Bradley Impact Fund	10.000	Idaho Freedom Foundation	15.500
Philip M. McKenna Foundation	10.000	National Center for Policy Analysis	15.000
The Rodney Fund	8.000	Oklahoma Council of Public Affairs	15.000
Abstraction Fund	7.000	Liberty Foundation	15.000
Armstrong Foundation	5.000	American Principles Project	15.000
William E Simon Foundation	5.000	American Traditional Institute	15.000
The Opportunity Foundation	2.000	Becket Fund for Religious Liberty	14.525
Joyce and Donald Rumsfeld Foundation	1.000	Think Freely Media	13.000
Friedman Foundation for Educational Choice	1.000	The Ryan Foundation	12.000

Heritage Foundation	450	Brown University	10.500
TOTAL	28.912,566	American Center for Civic Character	10.500
		Deep Springs International	10.500
		Ocean State Policy Research Institute	10.450
		Samasource	10.200
		Competitive Governance Institute (Formerly Sam Adams Alliance)	10.200
		Center for Investigative Journalism in the Americas	10.000
		Mises Institute	10.000
		Franklin Center for Government and Public Integrity	10.000
		Advance Arkansas Institute	10.000
		Bastiat Society	10.000
		Center for the Defense of Free Enterprise	10.000
		Institute to Reduce Spending	10.000
		Mercatus	10.000
		Peak Freedom Forum	10.000
		College of Charleston Foundation	10.000
		Alabama Policy Institute	10.000
		Moving Picture Institute	10.000
		Institute for Humane Studies	10.000
		Common Sense Institute of New Jersey	10.000
		Commonwealth Foundation for Public Policy Alternatives	10.000

University of Detroit Mercy	10.000
Beloit College	10.000
Independent Institute	10.000
International Policy Network US	10.000
Manhattan Institute for Policy Research	10.000
Rio Grande Foundation	10.000
Human Rights Foundation	10.000
Institute for Justice	10.000
Texas Public Policy Foundation	9.500
The Fund for American Studies	9.000
James Madison Institute	9.000
Platte Institute for Economic Research	8.197
East Carolina University	8.000
Interamerican Institute for Democracy	8.000
American Friends of the Institute of Economic Affairs	7.500
Pacific Legal Foundation	7.000
Alaska Policy Forum	6.580
Swaniti Initiative	6.500
Washington Policy Center	6.100
Rhodes College	6.000
Saint Vincent College	6.000
American Principles in Action	5.800
Polish-American Foundation for Economic	5.600

	Research and Education	
	Just Facts Inc.	5.500
	Liberty Fund	5.164
	TOTAL	3.708.423

Fonte: Elaboração própria do autor com base em (Desmog, 2021b)

Anexo 2 - Lista de instituições mantenedoras do IL (1983-1993)

ABOLIÇÃO VEÍCULOS S/A	CONSTRUTORA PELOTENSE	NACIONAL TURISMO AGÊNCIA DE VIAGEM
ABRAS ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SUPERMERCADOS	CONSTRUTORA SULTEPA S/A	NUTRICIA S/A PRODUTOS DIETÉTICOS E NUTRICIONAIS
ACUMULADORES MOURA S/A	COOPERS & LYBRAND, BIEDERMANN BORDASH AUDITORES INDEPENDENTES	NUTRIMENTAL S/A
ADMINISTRADORA CENT. COM. RECIFE	COOPERSUCAR	OLSEN VEÍCULOS S/A
AECB ADMINISTRADORA DO EDIF. CENTRO CULTURAL DO BRASIL LTDA	CORBETTA S/A IND. E COMÉRCIO	OLVEBRA S/A
ALBARUS S/A	CORUJÃO COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS LTDA	PADILLA INDÚSTRIAS GRÁFICAS S/A
ALCOA ALUMÍNIOS S/A	COSIGUA CIA. SIDERÚRGICA DA GUANABARA	PAES MENDONÇA S/A
ALLIED AUTOMOTIVE LTDA	COTEMINAS CIA. DE FIAÇÃO E TECIDOS NORTE DE MINAS	PARANÁ EQUIPAMENTOS S/A
AMIL ASSISTÊNCIA MÉDICA INTERNACIONAL LTDA	CPL CENTRO DE PROPAGANDA LTDA	PARANAPANEMA S/A
ANCAR EMPREENDIMENTOS COMERCIAIS S/A	C.R. ALMEIDA S/A	PARISA PARTICIPAÇÕES LTDA
ÂNCORA AUTO VEÍCULOS LTDA	D'BORCCATH & CIA LTDA	PETROPAR S/A
ANDRÉ ROBERTO JAKURSKI	DEMETERCO & CIA LTDA	PIERRE ALEXANDER
APICE ENGENHARIA LTDA	DISTRIBUIDORA DE BEBIDAS FAVRETO	PLASTIPAR IND. & COM. LTDA
APRAS ASSOCIAÇÃO PARANAENSE DE SUPERMERCADOS	DISTRIBUIDORA DE PRODUTOS DE PETRÓLEO IPIRANGA	PREDIAL E ADMINISTRADORA DE HOTÉIS PLAZA S/A
ARCA ADMINISTRADORA DE CONSÓRCIOS	DOW QUÍMICA S/A	PREVISE CONSTRUÇÕES E EMPREENDIMENTOS LTDA
ÁREA DE ARQUITETURA E PROMOÇÕES	EBID EDITORA PÁGINAS AMARELAS LTDA	QUAKER ALIMENTOS S/A

ARNO S/A	ECISA ENGENHARIA COMÉRCIO E INDÚSTRIA S/A	REFINAÇÕES DE MILHO BRASIL LTDA
ARTAX S/C LTDA	ELDORADO S/A COM. IND. IMPORTAÇÃO	REFRIGERAÇÃO PARANÁ S/A
ARTEFATOS DE BORRACHA RECORD S/A	ELETROFRIO S/A	RENNER FINANCIADORA S/A
ARTHUR ANDERSEN S/A	EMÍLIO ROMANI S/A	RHODIA S/A
ASTÓRIA PAPÉIS LTDA	ENCOL S/A	RIO DE JANEIRO REFRESCOS S/A
AUTOMATON S/A	ENGEPRD SERVIÇOS DE ENGENHARIA LTDA	R.T. REPRESENTAÇÕES LTDA
AUTO VIAÇÃO NOSSA SENHORA DO CARMO S/A	ESCRITÓRIO LEVI C.V.M. LTDA	S.A. EDUCACIONAL POSITIVO
AVIPAL S/A AVICULTURA E AGROPECUÁRIA	ESTIL MÓVEIS E DECORAÇÕES LTDA	S.A. INDÚSTRIAS VOTORANTIM
BAHEMA S/A	EUCATEX S/A INDÚSTRIA E COMÉRCIO	S.A. MOINHOS RIOGRANDENSES SAMRIG
BANCO BAMERINDUS DO BRASIL S/A	EUREKA LAVANDERIA LTDA	S.A. WHITE MARTINS
BANCO BOZANO, SIMONSEN S/A	EXINVEST DO BRASIL	SAMARCO MINERAÇÃO S/A
BANCO DE CRÉDITO NACIONAL S/A	FININVEST S/A CRÉDITO FINANCIAMENTO E INVESTIMENTOS	SANBRA S/A
BANCO ECONÔMICO S/A	FIUZA CAMPOS REPRESENTAÇÃO DE PAPÉIS	SANDVIK DO BRASIL S/A
BANCO FENÍCIA S/A	FORJAS TAURUS S/A	SANTA LÚCIA PROPAGANDA E EMPREENHIMENTOS LTDA
BANCO NACIONAL S/A	GETHAL S/A -IND. E COM. DE MADEIRA COMPENSADA	SELECTAS S/A
BANCO NOROESTE S/A	HERMES MACEDO S/A	SERFINA S/A ADMINISTRAÇÃO E PARTICIPAÇÕES
BANCO REGIONAL MALCON S/A	HOECHST DO BRASIL S/A	SERVENCO SERVIÇOS DE ENGENHARIA CONTINENTAL S/A
BANCO SOGERAL S/A	HOJE IMÓVEIS LTDA	SERVOPA S/A
BELGA INDÚSTRIAS QUÍMICAS LTDA	HOME ENGENHARIA LTDA	SHARP S/A EQUIPAMENTOS ELETRÔNICOS
BERNECK & CIA	ICO COMERCIAL S/A	SHELL DO BRASIL S/A
BLUE LIFE A.M.S.P.	IMARIBO S/A	SIDERÚRGICA AÇONORTE S/A
BOLSA DE VALORES DOPARANÁ	IMCOSUL S/A	SIDERÚRGICA GUAÍRA S/A
BOMBRILO S/A	IMPRESSORA PARANAENSE S/A	SIDERÚRGICA RIOGRANDENSE S/A
BOSTON AD. EMPR. LTDA	INCEPA IND. CERÂMICA PARANÁ S/A	SIEMENS S/A
BRADESCO S/A	INDETEX PRODUTOS QUÍMICOS LTDA	SIMEIRA COMÉRCIO E INDÚSTRIA LTDA

BRASHOLANDA S/A	INDÚSTRIA PAPÉIS ARTE J.T. S/A –TOGA	SINDI –SISTEMA INTEGRADO DE DISTRIBUIÇÃO
BRASÍLIA GUAÍBA OBRAS PÚBLICAS	INDÚSTRIAS GESSY LEVER LTDA	SINOSCAR S/A
BRASWEY S/A INDÚSTRIA E COMÉRCIO	INDÚSTRIAS GRADIENTE S/A	SLAVIERO HOTÉIS E TURISMO LTDA
BRITÂNIA ELETRODOMÉSTICOS S/A	INEPAR S/A	SODIMEX –SUL LTDA
C & A MODAS LTDA	ITAÚSA INVESTIMENTOS ITAÚ S/A	SOGENALDA LTDA
CAFÉ ALVORADA S/A	IVAÍ ENGENHARIA DE OBRAS S/A	SSC&B LINTAS BRASIL COMUNICAÇÕES LTDA
CARBEL S/A	J.I. CASE DO BRASIL	STANDARD, OGILVY/MATHER LTDA
CARREFOUR S/A	JOÃO DE CARVALHO SÁ	SUL-AMÉRICA –CIA. NACIONAL DE SEGUROS
CASA LYRA COMÉRCIO E REPRESENTAÇÕES S/A	JOHNSON E HIGGINS CORRETORES DE SEGURO LTDA	SUPERPESA CIA. DE TRANSPORTES ESPECIAIS E INTERMODAS
CASH –SOC. DE FOMENTO COMERCIAL LTDA	JOSÉ ALVES S/A IMP. E EXP.	SUSA S/A
CASTEVAL CONSTRUÇÃO E INCORPORAÇÃO LTDA	KAMINSKI PADARIA UNIVERSAL	TECIDOS VICENTE SOARES
CENTER NORTE EMPREENDIMENTOS E PARTICIPAÇÕES S/A	KUSMA & CIA LTDA	TERRAMAR CORRETORA DE CâMBIO E VALORES MOBILIÁRIOS LTDA
CENTROS COMERCIAIS DO SUL	K.V.T. TURISMO	TEXACO DO BRASIL S/A
CENTRO DAS INDÚSTRIAS DO RS	LA VIOLETERA IND. COM. GEN. ALIMENT. LTDA	TRANSESP –TRANSPORTES ESPECIALIZADOS LTDA
CEVEKOL S/A	L.C. BRANCO EMPREENDIMENTOS IMOB.	TREVO INVESTIMENTOS
CHOCOLATE COMÉRCIO DE ROUPAS LTDA	LLOYDS BANK PLC.	TROMBINI S/A
CIA. ANTARCTICA PAULISTA	LOBRÁS –LOJAS BRASILEIRAS S/A	TV GLOBO LTDA
CIA. BRASILEIRA DE PETRÓLEO IPIRANGA	LOCALIZA RENT A CAR	UMUARAMA HOLDING
CIA. DE AUTOMÓVEIS SLAVIERO	LOJAS IPÊ LTDA	UNIBANCO ADM. CORR. DE SEGUROS
CIA. DEFORÇA DE LUZ CATAGAZES-LEOPOLDINA	LONDON MULTIPLIC BANCO DE INVESTIMENTOS S/A	UNION CARBIDE DO BRASIL LTDA
CIA. FIAÇÃO DE TECIDOS CEDRO E CACHOEIRA	LUNDGREN IRMÃOS TECIDOS S/A	UNISYS ELETRÔNICA LTDA
CIA. HABITASUL DE PARTICIPAÇÕES	MANUFACTURERS HANOVER ARRENDAMENTO MERCANTIL S/A	USIBA –USINA SIDERÚRGICA DA BAHIA S/A
CIA. SUZANO DE PAPEL E CELULOSE S/A	MANZOLI S/A IND. E COMÉRCIO	VARIG S/A –VIAÇÃO AÉREA RIO GRANDENSE
CIASUL –INC. INV. E PARTICIPAÇÕES	MARCIA CORRETORA DE SEGUROS LTDA	VASP S/A VIAÇÃO AÉREA DE SÃO PAULO
CIBA GEIGY QUÍMICA S/A	MENPHIS S/A	VEPLAN HOTÉIS E TURISMO S/A
CIMENTO TUPI S/A	MERLIN IND. E COM. DE ÓLEOS VEGETAIS	VEROLME –ESTALEIROS REUNIDOS DO BRASIL S/A

CITIBANK N.A	MESBLA S/A	VIAÇÃO AÉREA SÃO PAULO
CM INVESTIMENTOS LTDA	METAL CORTE E DOBRA S/A	VIAÇÃO NOVA SUÍÇA LTDA
CONFAB INDÚSTRIAL S/A	METALAC S/A INDÚSTRIA E COMÉRCIO	VISAGIS S/A
COMPANHIA NESTLÉ IND. COM. LTDA	M.I. MONTREAL INFORMÁTICA LTDA	VITASUL ALIMENTOS LTDA
CONFAB INDUSTRIAL S/A	MINERAÇÕES BRASILEIRAS REUNIDASS/A –MBR	VONPAR REFRESCOS S/A
CONCERVAS RITTER S/A	MINERVA DIMAX COM. FARMACÊUTICO LTDA	VOUPAR COM. DE AUTOMÓVEIS
CONSHOPPING CONSULTORIA PARTICIPAÇÕES LTDA E	MLM ADMINISTRAÇÃO E PARTICIPAÇÕES LTDA	XEROX DO BRASIL S/A
CONSTRUTORA CIMENTI-COUNSANDIER S/A	MOINHO RECIFE S/A EMP. E PART.	GRUPO EIKE F. BATISTA
CONSTRUTORA INCORPORADORA DOCKHORN LTDA E	MONTESE ADMINISTRAÇÃO PARTICIPAÇÕES LTDA E	MUSA CALÇADOS LTDA
CONSTRUTORA NORBERTO ODEBRECHT	MONTEIRO ARANHA S/A	

Fonte: Elaboração própria com base em (CASIMIRO, 2016).